

CERTIFICADO
AÇORES
PELA NATUREZA

GUIA DE PERCURSOS PEDESTRES

TRILHOS DOS AÇORES

36° 55' 44"N, 25°01'02"W - Açores, PORTUGAL

- 3** Nota do Editor
- 5** Código de Ética e Segurança
- 6** Santa Maria
- 7 PR1 SMA Costa Norte
- 11 PRC2 SMA Pico Alto
- 15 PRC3 SMA Entre a Serra e o Mar
- 19 PR4 SMA Santo Espírito - Maia
- 23 PR5 SMA Costa Sul
- 26 GR SMA Grande Rota de Santa Maria
- 28** São Miguel
- 29 PR1 SMI Vigia de São Pedro
- 33 PRC2 SMI Praia - Lagoa de Fogo
- 37 PR3 SMI Vista do Rei - Sete Cidades
- 41 PR4 SMI Mata do Canário - Sete Cidades
- 45 PRC5 SMI Serra Devassa
- 49 PRC6 SMI Lagoa das Furnas
- 53 PRC7 SMI Pico da Vara
- 55 PRC9 SMI Faial da Terra - Salto do Prego
- 59 PR11 SMI Ribeira do Faial da Terra
- 63 PR12 SMI Agrião
- 65 PRC20 SMI Rocha da Relva
- 69 PR21 SMI Padrão das Alminhas - Salto da Farinha
- 73 PRC22 SMI Grená - Pico do Ferro
- 77 PRC26 SMI Chá Porto Formoso
- 79 PR27 SMI Praia da Viola
- 83 PRC28 SMI Chá Gorreana
- 87 PRC29 SMI Caldeiras da R. Grande - Salto do Cabrito
- 91 PRC31 SMI Lombrada da Fazenda
- 95 PRC33 SMI Atalho dos Vermelhos
- 99 PRC34 SMI Fenais da Ajuda - Lomba de São Pedro
- 103 PRC35 SMI Moinhos da Ribeira Funda
- 107 PRC36 SMI Pedra Queimada - Lajinha - Degredo
- 111 PRC37 SMI Rota da Água - Janela do Inferno
- 115 PRC38 SMI Lomba d'El Rei
- 119 PR39 SMI Quatro Fábricas da Luz
- 122** Terceira
- 123 PRC1 TER Mistérios Negros
- 127 PR2 TER Baías de Aigualva
- 131 PRC3 TER Serreta
- 135 PRC4 TER Monte Brasil
- 139 PR5 TER Fortes de São Sebastião
- 143 PRC6 TER Rocha do Chambre
- 149 PRC8 TER Relheiras de São Brás
- 152** São Jorge
- 153 PR1 SJO Serra do Topo - Caldeira de Sto. Cristo - Fajã dos Cubres
- 159 PR2 SJO Serra do Topo - Fajã dos Vimes
- 163 PR3 SJO Fajã dos Vimes - Lourais - Fajã de São João
- 167 PR4 SJO Pico do Pedro - Pico da Esperança - Fajã do Ouvidor
- 173 PRC5 SJO Fajã do Além
- 177 PRC6 SJO Norte Pequeno
- 181 PR9 SJO Fajã dos Vimes - Fragueira - Portal
- 184 GR SJO Grande Rota de São Jorge
- 186** Pico
- 187 PR1 PIC Caminhos de Santa Luzia
- 191 PR2 PIC Caminho dos Burros
- 195 PR3 PIC Porto Calhau - Manhenha, Ponta da Ilha
- 199 PR5 PIC Vinhas da Criação Velha
- 203 PR7 PIC Caminho das Voltas
- 207 PRC8 PIC Ladeira dos Moinhos
- 211 PRC9 PIC Prainha do Norte
- 215 PR10 PIC Santana - Lajido
- 219 PRC11 PIC Calheta do Nesquim
- 223 PR13 PIC Lagoa do Capitão
- 227 PR15 PIC Mistérios do Sul do Pico
- 233 PR18 PIC Nove Canadas da Ribeirinha
- 237 PR19 PIC Caminho das Lagoas
- 240** Faial
- 241 PRC1 FAI Capelo - Capelinhos
- 245 PRC2 FAI Rocha da Fajã
- 251 PR3 FAI Levada
- 255 PRC4 FAI Caldeira
- 259 PRC5 FAI Rumo ao Morro de Castelo Branco
- 263 PR6 FAI Dez Vulcões
- 269 PR7 FAI Caminhos Velhos
- 273 PRC8 FAI Entre Montes
- 276 GR1 FAI Grande Rota Faial Costa a Costa
- 278** Graciosa
- 279 PR1 GRA Serra Branca - Praia
- 285 PRC2 GRA Volta à Caldeira - Furna do Enxofre
- 289 PR3 GRA Baía da Folga
- 292 GR1 GRA Grande Rota da Graciosa
- 294** Flores
- 295 PR1 FLO Ponta Delgada - Fajã Grande
- 299 PR2 FLO Lajedo - Fajã Grande
- 307 PR3 FLO Miradouro das Lagoas - Poço do Bacalhau
- 313 PRC4 FLO Fajã de Lopo Vaz
- 316 GR1 FLO Grande Rota Flores
- 318** Corvo
- 319 PR1 COR Cara do Índio
- 325 PRC2 COR Caldeirão
- 329** Fauna e Flora dos Açores

Nota do Editor

É com enorme prazer que o Turismo dos Açores procede à reedição do Guia Interpretativo de Percursos Pedestres dos Açores, e isso fazemo-lo com dupla satisfação, não só pelo facto de esta reedição ser sinónimo do enorme sucesso que foram as primeiras edições, mas também pelo facto de se aumentar o leque de oferta abrangendo todos os percursos que fazem parte da rede oficial na Região, incluindo as Grandes Rotas, numa extensão total que ronda os 800 km.

Este livro é destinado a todos os amantes da natureza que gostam de caminhar e desfrutar daquilo que ela tem para nos oferecer. Se for um destes, este guia irá ser uma ferramenta indispensável na sua orientação e nas escolhas dos percursos pedestres que pretende realizar.

Esta nova edição conta com todos os 79 percursos pedestres homologados na Região Autónoma dos Açores. Todos eles terão algo diferente para oferecer aos seus caminhantes, uma paisagem, um aroma, um som ou uma emoção que lhe ficará registado na memória por muitos anos. Quem já caminhou por estes trilhos saberá a que me refiro, e quem pela primeira vez se prepara para trilhar estes percursos, viverá uma experiência que quererá repetir.

Resta acrescentar, que este trabalho só foi possível pelo facto de a Associação Os Montanheiros ter aceite novamente o desafio de perpetuar esta parceria e de contribuir para a divulgação daquilo que os Açores têm de melhor para oferecer. Terminei desejando que esta nova edição tenha um sucesso igual ou maior às anteriores e que quem levar este guia debaixo do braço tenha boas caminhadas na sua companhia, que servirá de intérprete nos locais por onde irá passar, que lhe irá traduzir em palavras aquilo que a natureza lhe transmite em sentimentos.

O Presidente da Turismo dos Açores,
Francisco Coelho



Guia de Percursos Pedestres | Trilhos dos Açores

Ano: 2017

Edição: ATA - Turismo dos Açores

Textos: Mário Mendes - ATA; Paulo Barcelos - Os Montanheiros; Rui Amen - ATA

Conceção e Execução Gráfica: Zona de Ideias

Código de Ética e Segurança

- > Leia com atenção o mapa do percurso e instruções auxiliares (perfil, extensão e grau de dificuldade) e verifique se se adequa à sua condição física.
- > Verifique a previsão meteorológica para melhor avaliar as condições do trilho.
- > Informe alguém do local para onde se dirige e a hora que pretende voltar. Certifique-se que tem o vestuário e acessórios adequados.
- > Em muitos trilhos a rede de telemóvel pode ser intermitente ou até inexistente durante grande parte do percurso. Tenha esta informação em consideração, caso pretenda efetuar alguma chamada.
- > Se deixar o carro no início do trilho, tranque as portas, feche as janelas e não deixe nada de valor à vista.
- > Respeite a sinalização existente. Não utilize atalhos.
- > Não recolha amostras geológicas, plantas, nem apanhe fruta dos pomares. Não perturbe o gado.
- > Ao planear a sua caminhada, consulte o site oficial dos trilhos dos Açores para atualizações e alertas (trilhos.visitazores.com).
- > Não abandone o lixo. Transporte-o até ao local de recolha mais próximo.
- > Respeite a propriedade privada. Feche todas as cancelas de passagem.
- > Alerta o pedestrianista com quem se cruze dos perigos que detetar.

Sinais dos Trilhos



Caminho certo



Caminho errado



Vire à direita



Vire à esquerda

Sinais das Grandes Rotas



Caminho certo



Caminho errado



Vire à direita

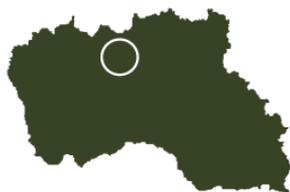


Vire à esquerda



SANTA MARIA

TRILHOS DOS AÇORES



SANTA MARIA

PR1 SMA

Costa Norte

Dificuldade: Médio Extensão: 9 km Duração: 4:00h Forma: Linear



Início do trilho
36° 59' 51.09" N;
25° 6' 30.05" O



Ponto de interesse



Elevação



Geossítio



Zona balnear

Parque Natural de Santa Maria



Paisagem Protegida



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies

— PERCURSO TRILHO
— CAMINHOS PRINCIPAIS DE ACESSO
••• OUTROS PERCURSOS



PR1 SMA *Costa Norte*

O percurso tem início na freguesia de São Pedro, mais concretamente no lugar das Bananeiras e percorre parte da costa norte até ao lugar dos Anjos, onde se instalaram os primeiros povoadores da ilha, no século XV. Ao chegar ao entroncamento com o caminho rural das Feteiras de Baixo, próximo a uma paragem do autocarro, encontra dois painéis informativos, uma vez que a etapa 4 da Grande Rota de Santa Maria também se inicia neste local.



Comece por descer o caminho rural por entre algumas pastagens durante 400 m. Próximo a uma moradia, siga por uma canada de servidão por entre algumas espécies de flora endémica como a *Picconia azorica* e *Erica azorica* e a nativa *Morella faya* até alcançar a costa. Tem à sua frente a Baía do Raposo e, tal como pode observar na placa informativa, pode efetuar o desvio de 1,2 km que desce a encosta através de um atalho muito utilizado para acesso aos pesqueiros da baía. Nesta zona

de paisagem protegida do Parque Natural de ilha, tem a oportunidade de visitar duas antigas azenhas, a levada que as alimentava e as ruínas de um lagar pertencente à cultura vinhateira local. Além disso, aproveite para contemplar esta baía, classificada como geossítio, onde se observam diversas escoadas lávicas com disjunção colunar nas arribas declivosas com alturas até 200 m. A completar a beleza cénica desta paisagem, destaque para a queda de água associada à Ribeira do Engenho, que desagua neste local. Suba a encosta pelo lado oposto, por entre algumas espécies da flora natural como a *Picconia azorica* e a *Pericallis malvifolia*, bem como algumas espécies introduzidas como *Arundo donax* e a *Agave americana*. Quanto à avifauna, tem a oportunidade de observar, por exemplo, o *Buteo buteo rothschildi*, *Erithacus rubecula* e a *Regulus regulus sanctae mariae*.

De volta às placas informativas, siga na direção dos Anjos (6,7 km) por entre uma mata de *Pittosporum undulatum* e *Picconia azorica*, atravessando duas linhas de água e, logo depois, sobe ligeiramente até se abrir uma clareira para uma zona extensa de terreno argiloso, uma das paisagens geológicas mais icónicas da ilha e única nos Açores.

Siga os postes com as marcações, contornando esta impressionante paisagem pela esquerda. De notar que a mata circundante apresenta diversas espécies endémicas como a *Picconia azorica*, a *Erica azorica*, *Hypericum foliosum* e o *Laurus azorica*. Ao chegar ao asfalto, caminhe alguns metros e vire à direita para uma canada de servidão, que desce ao lado do vale da Ribeira do Lemos e onde pode observar ao fundo a zona aplanada típica do lado oeste da ilha. Um pouco mais à frente, próximo a uma casa em ruínas, pode observar a Baía da Cré, que faz parte da Área de Paisagem Protegida do Barreiro da Faneca, onde



BARREIRO DA FANECA

Também conhecido como “Deserto Vermelho dos Açores”, consiste numa zona de terreno árido e argiloso de coloração avermelhada, resultando numa paisagem com características geológicas e morfológicas única nos Açores, de interesse geológico nacional e internacional. Esta formação geológica teve origem na alteração dos piroclastos, resultantes da fase de vulcanismo mais recente da ilha, na denominada “Formação das Feteiras”, sob a ação de um clima quente e húmido que vigorava há cerca de 3-4 Ma. O Barreiro apresenta uma superfície de relevo ondulado com declives muito suaves e reduzida capacidade de drenagem, uma vez que as argilas dificultam o processo. Devido à fraca rede de drenagem predomina a erosão eólica, razão pela qual se observam algumas “dunas”.

PR1 SMA *Costa Norte*

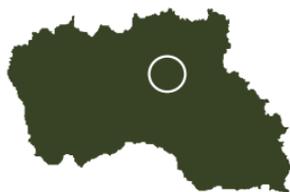
se encontram formações sedimentares com conteúdo fóssilífero bem preservado. De referir que esta Baía é local de nidificação de algumas aves marinhas como o *Calonectris diomedea borealis*, *Sterna hirundo* e *Sterna dougallii*.

Continue o percurso e, logo depois de contornar o Monte Gordo, tem a oportunidade de efetuar um desvio de 300 m até ao cimo deste Monte, onde encontrará uma antiga vigia da baleia e terá a oportunidade de observar a Baía da Cré de outro ângulo. Em seguida siga no atalho em frente e desça em direção à Ribeira do Lemos, mantendo-se o mais próximo possível do muro em pedra, à sua direita. Ao chegar ao leito da ribeira, atravesse com cuidado e prossiga à direita. Atravesse novamente a linha de água e suba a encosta, onde se observa o *Opuntia ficus-indica* e a *Agave americana*. Siga à sinalização à esquerda para um atalho plano bem definido que o leva a entrar numa pastagem. Prossiga em direção ao muro de pedra no lado oposto da pastagem e siga à direita. Nesta fase do percurso irá transpor diversas pastagens em direção à Ponta dos Frades. No entanto mantenha uma marcha lenta, uma vez que o piso das pastagens se encontra pisoteado pelo gado, razão pela qual é muito irregular.

Ao chegar à Ponta dos Frades, pode observar algumas das baías que fazem parte da *Área de Paisagem Protegida da costa norte* da ilha. Em primeiro plano tem a Ponta do Pinheiro e a Baía da Cré. Em segundo plano pode observar a Ponta do Pesqueiro Alto, que tem associada a Baía do Raposo, onde iniciou o percurso. Ao fundo pode ainda observar o Ilhéu das Lagoinhas. Desça junto ao muro e vire à esquerda, com o lugar dos Anjos a marcar a paisagem. Siga na direção do vale que está à sua frente. Cruze o antigo curso de água e desça o atalho talhado na vertente deste vale, algo escorregadio, até à pastagem. Em pouco tempo alcança a costa, onde deverá virar à esquerda. Chega à foz da Ribeira do Lemos, numa zona onde pode observar diversas curraletas de vinhas. Suba o atalho que ladeia a ribeira, atravesse a ponte sobre a ribeira e chega ao asfalto, onde termina este percurso. Caso pretenda, pode prosseguir mais alguns metros até encontrar a zona balnear e a unidade de restauração adjacente.

No largo encontra-se a estátua de Cristóvão Colombo, que celebra o V centenário da sua passagem pela ilha de Santa Maria, onde consta que mandou celebrar missa na Ermida de Nossa Senhora dos Anjos, que está em frente. Em 1493, quando regressava da viagem ao Novo Mundo, abateu-se sobre a pequena frota de Cristóvão Colombo uma tempestade tão grande que uma das caravelas, de seu nome *Pinta*, desapareceu de vista. Confrontados com a possibilidade de naufrágio, Colombo e a sua tripulação prometeram que, caso a caravela se salvasse, iriam celebrar uma missa de Ação de Graças na primeira igreja dedicada a Nossa Senhora que encontrassem no caminho. A 17 de fevereiro do mesmo ano, chegaram a Santa Maria e foram informados pelos marienses da existência da Ermida de Nossa Senhora, podendo então cumprir a promessa.

TRILHOS DOS AÇORES

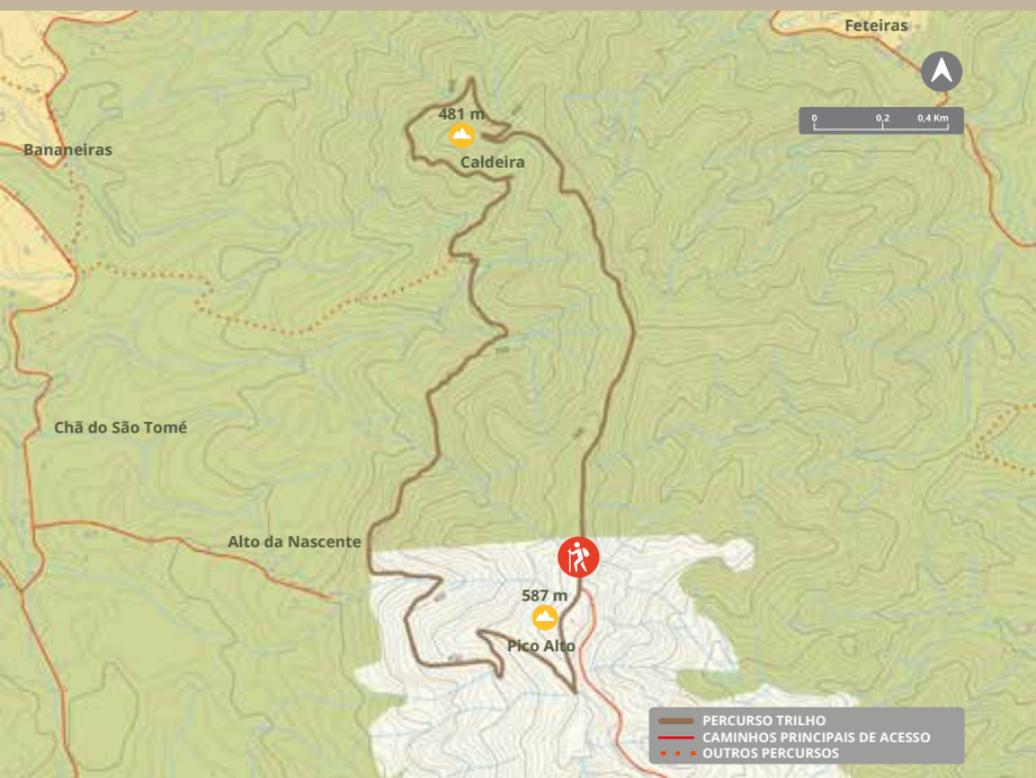


SANTA MARIA

PRC2 SMA

Pico Alto

Dificuldade: Médio Extensão: 6,2 km Duração: 2:00h Forma: Circular



Início do trilho

36° 58' 59.81" N;
25° 5' 27.20" O



Ponto de interesse



Elevação

Parque Natural de Santa Maria



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies

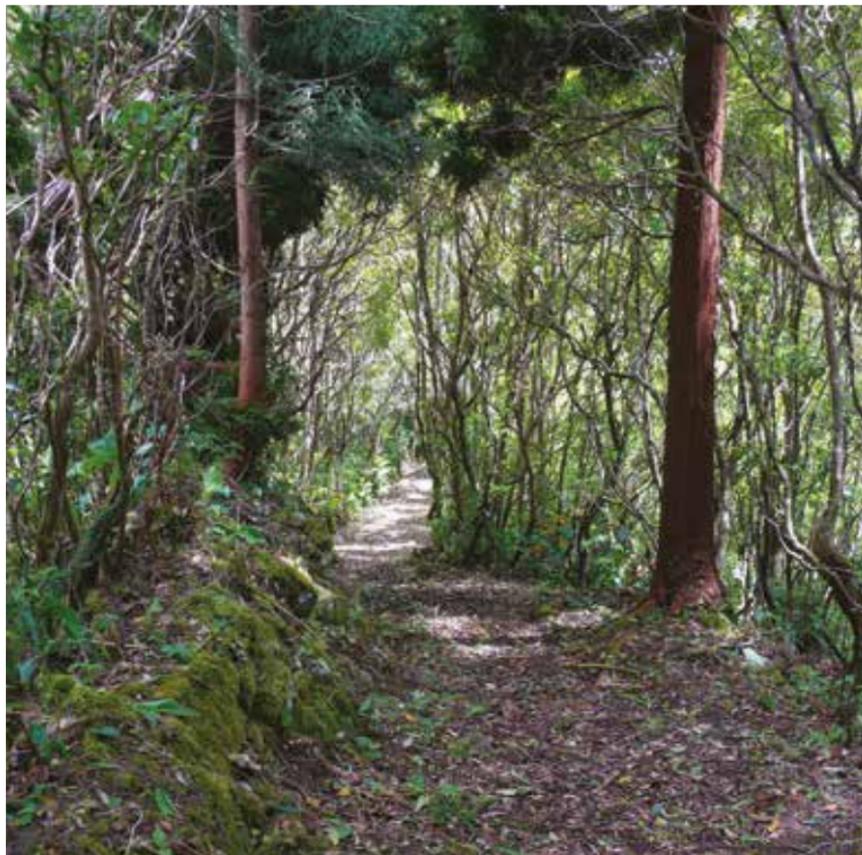


Paisagem Protegida



PRC2 SMA *Pico Alto*

Este trilho pedestre desenvolve-se ao longo da mancha florestal do Pico Alto, na zona central da ilha, onde se encontram diversos picos vulcânicos que formam uma zona montanhosa, o que constitui uma barreira que divide as paisagens das regiões Ocidental e Oriental da ilha. Por ser a principal elevação de Santa Maria, permite intercetar os ventos húmidos e a formação de nuvens orográficas e consequente precipitação oculta, condições que favorecem a formação de uma floresta Laurissilva de média altitude.



Ao chegar ao parque de estacionamento do Pico Alto, encontra o painel informativo desta pequena rota. Antes de dar início ao percurso, suba a escadaria com uma placa indicativa de Pico Alto, que o leva ao vértice geodésico, que marca o ponto mais elevado deste pico vulcânico, aos 587 m.

De volta ao parque de estacionamento, tem dois atalhos possíveis, sendo um deles utilizado para a prática do BTT, tal como pode constatar no painel informativo. Siga pelo atalho da direita, onde estão as placas informativas de Pico Alto e Bananeiras (5 km). Além das criptomérias, rapidamente se apercebe de diversas espécies de flora que fazem parte da floresta Laurissilva de média altitude, como por exemplo o *Laurus*

azorica, o *Ilex perado ssp. azorica*, o *Vaccinium cylindraceum*, a *Picconia azorica* e o *Viburnum treleasei*. Por esta razão, esta zona do Pico Alto está classificada como *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies*. A presença de diversos líquenes folhosos nos troncos das árvores comprova a grande humidade que existe neste local ao longo do ano. Também a avifauna faz sentir a sua presença, sendo possível de identificar neste percurso a *Motacilla cinerea patriciae*, o *Erithacus rubecula*, o *Fringilla coelebs moreletti* e a *Regulus regulus sanctae-mariae*.

Continue no atalho bem definido por entre a vegetação. Algumas vezes abrem-se clareiras que permitem visualizar, à direita a freguesia de Santa Bárbara e, à esquerda a freguesia de São Pedro. Mais à frente tem a possibilidade de efetuar um pequeno desvio para o miradouro da Caldeira, que possui um marco geodésico e permite uma ampla vista sobre grande parte da ilha. Da esquerda para a direita, o olhar alcança a elevação do Facho, a Vila do Porto onde se instala o principal núcleo habitacional da ilha, a zona aplanada do aeroporto e do lugar dos Anjos, o Barreiro da Faneca, o lugar das Lagoinhas, o lugar do Norte e a freguesia de Santa Bárbara. Em dias de bom tempo ainda consegue visualizar no horizonte a ilha vizinha de São Miguel.

De volta ao trilho, irá dar início a uma descida mais acentuada, contornando esta elevação da Caldeira, por entre uma mata de *Pittosporum undulatum*. Irá atravessar uma linha de água e, um pouco depois chega a uma casa abandonada conhecida como a “Casa do Guarda”. Pode ver nas placas informativas que faltam 3 km para o final deste percurso. Vire à esquerda, tal como indicado, e prossiga no atalho florestal por entre *Cryptomeria japonica* e *Pittosporum undulatum* em direção ao lugar do Alto da Nascente, atravessando por vezes algumas linhas de água.

Ao chegar ao lugar do Alto da Nascente, no sopé do Pico Alto, vire à esquerda e suba ao longo da linha de água. Posteriormente atravesse-a e tem pela frente uma subida de cerca de 1 km por entre a mancha florestal,



PAISAGEM DE SANTA MARIA

A partir deste miradouro pode observar grande parte da ilha e comprovar a diferença de paisagens da ilha. A metade Ocidental, baixa e quase plana, seca e pobre em coberto vegetal, ao passo que a região Oriental é mais húmida e arborizada, com relevo mais acidentado e terrenos mais férteis onde se mantém as tradicionais práticas agrícolas. Para se ter uma maior noção da disparidade entre as duas zonas, a precipitação média anual na zona oeste varia entre 700 mm e 1000 mm, enquanto a zona Leste tem valores médios de precipitação anual a variar entre os 1400 mm e 1800 mm.

PRC2 SMA *Pico Alto*



através de um caminho utilizado pelos trabalhadores responsáveis pela arborização desta área.

Ao chegar ao Caminho do Pico Alto vire à esquerda. Irá notar, na beira do caminho, um monumento em homenagem às vítimas do maior desastre aéreo ocorrido em território português. O voo, da *Independent Air*, fazia a ligação entre Itália e a República Dominicana e sofreu o acidente nesta zona do Pico Alto, quando tentava a aterragem no aeroporto local para reabastecimento.

Siga em frente e, próximo ao parque de estacionamento do Pico Alto, pode observar um último ponto de interesse deste percurso – as Casamatas do Pico Alto. Este conjunto de edificações militares foram construídas nos anos seguintes à II Guerra Mundial, no contexto da Guerra Fria, com a finalidade de abrigar uma estação de radar. Atualmente, os edifícios encontram-se desativados e abrigam um centro de transmissões radiofónicas.

TRILHOS DOS AÇORES



SANTA MARIA

PRC3 SMA

Entre a Serra e o Mar

Dificuldade: Médio Extensão: 9,5 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho
36° 59' 5.48" N;
25° 4' 5.98" O



Geossítio



Ponto de interesse



Elevação



Zona balnear

Parque Natural de Santa Maria



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Paisagem Protegida



PRC3 SMA *Entre a Serra e o Mar*

Este é um percurso circular que percorre diversos locais de interesse da freguesia de Santa Bárbara, na zona nordeste da ilha. A topografia acidentada do terreno contribuiu para a distribuição espacial das habitações, a maioria delas com uma construção típica associada à “Casa de Santa Maria”, constituindo uma das localidades mais pitorescas da ilha.



O povoamento desta freguesia de Santa Bárbara remonta ao século XVI, tendo sido a terceira freguesia da ilha a ser criada. Ao longo do último século sofreu uma queda considerável no número de habitantes, tendo atualmente cerca de 400 pessoas.

Dirija-se ao centro da freguesia de Santa Bárbara, onde encontrará o painel informativo deste percurso nas imediações da igreja paroquial. Este templo religioso, que data do século XVIII, foi construído em alvenaria de pedra rebocada e caiada, com elementos ornamentais em cantaria.

O frontão contracurvado com enrolamentos, o elemento decorativo que liga a porta principal à janela superior e a guarda em cantaria, da torre sineira, encimada por pináculos nos quatro cantos constituem algumas das características principais. De notar que, no adro envolvente, se encontra um pequeno edifício com uma porta na fachada principal e

uma janela em cada uma das laterais, encimados por uma cobertura em telha. São denominados por “treatros” e a sua construção tinha como objetivo o culto ao Espírito Santo. Sobre a porta pode ver numa cartela a provável data de construção deste edifício (1900).

De costas voltadas para a igreja, siga à direita na estrada regional por aproximadamente 300 m. Vire à esquerda num caminho em cimento, com uma inclinação acentuada, que segue em direção ao lugar dos Atoleiros, onde estão implantados dois antigos moinhos de vento, no terreno elevado à sua direita. Datados do século XX, foram construídos numa zona elevada, sujeita a ventos com grande intensidade, o que permitia uma maior eficácia no seu uso. Apresentam uma estrutura típica dos vários moinhos da ilha: corpo troncocónico, em alvenaria de pedra rebocada, duas portas opostas no mesmo eixo e uma janela no eixo perpendicular (piso térreo), duas a três janelas no piso superior e cúpula giratória. Depois de apreciar este conjunto de antigos moinhos, siga à esquerda na estrada regional por entre algumas habitações e, 250 m mais à frente, vire à direita num atalho de terra batida, por entre algumas espécies de flora endémica como a *Picconia azorica*, *Laurus azorica*, *Erica azorica* e a *Myrsine africana* até que se abre uma clareira e pode observar o geossítio de grande relevância cénica - Poço da Pedreira.

Prossiga para o lado oposto do Poço da Pedreira até atingir a estrada regional. Encontra algumas placas indicativas e continue no caminho secundário de asfalto em direção à Terra Velha. Na próxima bifurcação, vire à esquerda para o Caminho Rural dos Barreiros e desfrute da paisagem rural. Cruze a estrada regional com precaução e continue em frente numa antiga canada que irá desembocar mais à frente no lugar do Barreiro, mais con-



POÇO DA PEDREIRA

É uma antiga zona de extração de inertes, talhada num cone vulcânico. É constituído por piroclastos basálticos de coloração avermelhada, muito consolidados e alterados, dada a antiguidade do cone de escórias (3 a 4 Ma). A pouca rigidez dos materiais permitiu que grandes blocos de pedra fossem cortados geometricamente, daí a compleição que tem hoje. O material extraído teve uma grande importância na construção das típicas casas marienses. A sua extração secular parou na primeira metade do século XX, aquando da chegada do cimento e ferro à ilha.

Na base da frente de exploração, onde existia uma depressão, formou-se um charco de água, que atrai diversas espécies da avifauna como a *Ardea cinerea*, *Erithacus rubecula*, *Sylvia atricapilla atlantis*, *Motacilla cinerea patriciae* e a *Regulus regulus sanctae-mariae*, subespécie endémica da ilha.

PRC3 SMA *Entre a Serra e o Mar*

cretamente na Eira Alta. Tem a oportunidade de observar junto ao asfalto uma casa típica mariense. Ao longo dos próximos 2 km do percurso terá a oportunidade de observar o vale envolvente onde se encontram diversas casas típicas dispersas pela paisagem, com o Pico Alto ao fundo.

Um pouco mais à frente, tem uma placa indicadora de miradouro. Caso assim o pretenda, percorra cerca de 600 m até chegar ao miradouro do Espigão, com uma vista fabulosa sobre a Baía de São Lourenço. Depois de efetuado o desvio, continue em frente no asfalto e, cerca de 1 km mais à frente, vire à esquerda na placa que indica a Ermida de Nossa Senhora de Lourdes. Ao chegar à ermida, repare no pormenor curioso da fachada principal estar virada para Norte, algo raro nos Açores. Data do século XIX e foi erguida em honra de Nossa Senhora de Lourdes, após as aparições em Lourdes, França, no início do mesmo século.

Desça a escadaria da ermida, transponha o portal e percorra o atalho que o irá conduzir ao vale de Lagos. Na descida, que alterna o piso empedrado com terra batida, pode visualizar ao fundo o Ilhéu das Lagoinhas. Ao chegar ao leito da Ribeira do Amaro, atravesse a pequena ponte em madeira e chega ao asfalto. Está no lugar de Lagos, onde se dispersam algumas habitações e onde dominam os campos de cultivo nas encostas adjacentes. Siga em frente e vire à direita na ladeira em cimento com uma inclinação assinalável, continuando no Caminho Rural das Lagoas até entroncar com a estrada regional. Vire à esquerda e, logo de seguida, suba no atalho à direita que o irá guiar ao lugar do Poço Grande. Este atalho, denominado Caminho Fundo, percorre terrenos argilosos por entre diversas pastagens, tendo como pano de fundo o centro da freguesia de Santa Bárbara e o Pico Alto nas imediações.

Ao chegar ao casario do lugar da Boavista, vire à esquerda, atravesse a ponte sobre a ribeira de Santa Bárbara e chega novamente ao ponto inicial, no largo onde se encontra o centro paroquial da freguesia.



TRILHOS DOS AÇORES



SANTA MARIA

PR4 SMA

Santo Espírito - Maia

Dificuldade: Fácil Extensão: 4 km Duração: 2:00h Forma: Linear



Início do trilho
36° 57' 21.09" N;
25° 2' 29.69" O



Ponto de interesse



Zona balnear



Geossítio



Elevação

Parque Natural de Santa Maria



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Paisagem Protegida



PR4 SMA **Santo Espírito - Maia**

O percurso pedestre tem início no centro da freguesia de Santo Espírito e liga esta localidade ao lugar da Maia. É importante referir que o local onde termina este percurso não tem rede móvel disponível, por isso combine com a sua boleia a melhor hora de recolha antes de partir.



Segundo o historiador Gaspar Frutuoso, foi nesta freguesia que *“se disse a primeira missa do Espírito Santo...dali ficou nomear-se ainda hoje em dia esta freguesia de Espírito Santo”*. Ao longo dos últimos anos tem vindo a perder população, pelo que hoje em dia tem pouco mais de 600 habitantes.

O painel informativo deste trilho encontra-se ao lado da igreja de Nossa Senhora da Purificação, que remonta ao século XVII, embora já tenha sido alvo de obras de restauro e ampliação, durante o século XVIII. Apresenta uma fachada em estilo barroco, decorada com ornamentos de pedra basáltica, o que lhe confere um aspeto robusto. A torre sineira apresenta uma cúpula coberta com azulejaria que, segundo alguns locais, é proveniente da Ermida em honra do Espírito Santo, construída em local próximo.

Desça pela Rua João Freitas Pereira por entre o casario disperso desta freguesia e, 500 m depois, vire à direita para a Canada do Moinho que, tal como o nome indica, o levará até ao antigo moinho da Lapa (início do século XX). Ainda consegue identificar grande parte da estrutura original. Estes moinhos surgiram na época em que a agricultura, nomeadamente o cultivo do milho, significava o sustento da população local e um papel importante no ramo das exportações. Aparecem em zonas onde os recursos hídricos eram escassos e, com a inviabilidade

de se instalarem azenhas, constituía uma alternativa eficaz. Na ilha de Santa Maria definem-se essencialmente por um corpo troncocónico em alvenaria de pedra, com dois pisos e coberto por uma cúpula giratória de madeira, acionada por um rabo exterior de três caibros, fixo a três barrotes salientes. Apresentam duas a três janelas no piso superior e uma ou duas no piso inferior. Além disso, existem normalmente duas portas em lados opostos diametralmente.

Siga à direita no atalho e, logo de seguida, prossiga por entre a mata de *Pittosporum undulatum*. Transponha a cancela e siga na pastagem em frente até ao muro do lado oposto. Continue à direita pelo caminho de terra batida que desce, por entre as pastagens, em direção ao lugar da Lapa de Baixo. Cerca de 700 m depois, o caminho começa a ser ladeado por espécies arbóreas, como a nativa dos Açores *Morella faya*. Ao ver o sinal de viragem à esquerda, prossiga por um pequeno atalho que o conduz a uma zona de nascentes, muito utilizado antigamente para a lavagem das roupas. Suba a pequena escadaria e continue na canada de servidão que o conduz ao leito da Ribeira do Aveiro. Não atravesse já a linha de água. Siga pela esquerda do leito no sentido da foz e, ao chegar próximo da falésia, cruze a linha de água e prossiga no atalho costeiro, ladeado por exemplares de *Agave americana*, *Pittosporum undulatum* e a nativa *Morella faya*.

Faça uma ligeira pausa para contemplar a impressionante queda de água da Cascata do Aveiro, com cerca de 80 m de altura, e o pequeno charco que forma na sua base. Além disso, tem oportunidade de observar as diversas curraletas de vinha que fazem parte da *Área de Paisagem Protegida da Baía da Maia*, a qual irá atravessar.

Continue no atalho em direção à Maia, com uma inclinação que se torna cada vez mais íngreme, pelo que se aconselha um ritmo de caminhada calmo e com atenção redobrada. Desça a escadaria por entre as curraletas



ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DA BAÍA DA MAIA

Enquadrada no extremo sudeste da ilha, ladeada de altas falésias que permitem um resguardo aos ventos dominantes de Sudoeste, aliado às temperaturas médias mais elevadas do arquipélago, faz com que existam as condições ideais para a plantação de vinhas. Por essa razão, neste local, as encostas apresentam-se preenchidas por pequenas curraletas, em pedra basáltica, com plantações de vinha no seu interior. De referir o enorme trabalho e força humana necessária para o transporte das uvas desde algumas zonas mais elevadas da encosta até à baía e, posteriormente até ao centro da freguesia de Santo Espírito.

PR4 SMA *Santo Espírito - Maia*

de vinhas e, pouco tempo depois, chega à estrada da Maia. Em frente tem 4 placas informativas, duas delas respeitantes à pequena rota que está a realizar. Caso pretenda efetuar o desvio à esquerda para a foz da Ribeira do Aveiro, percorra 300 m no asfalto e a parte final através de um pequeno atalho que conduz a uma pequena zona de lazer, na base da Cascata do Aveiro, onde pode observar este Geossítio da ilha com uma importante sequência vulcânica constituída por "pillow lavas".

Atravesse o lugar da Maia, contemplando a paisagem dominada pelas vinhas e o Farol de Gonçalo Velho numa posição dominante no topo da encosta. Irá passar por algumas unidades de restauração e, um pouco depois, alcança a piscina natural da Maia. O percurso oficial termina nesta zona balnear, mas caso seja do seu interesse, aconselhamos a realizar o troço da Grande Rota que até à Fábrica da Baleia. Assim, a o chegar à primeira curva apertada, siga no atalho estreito em frente, por entre as casas e as vinhas, que sobe numa escadaria empedrada até atingir novamente a estrada. Suba à esquerda no asfalto e caminhe em direção ao Farol de Gonçalo Velho. Este farol instalado em posição dominante na Ponta do Castelo, data de 1927 e deve o seu nome ao navegador que descobriu a ilha. Tem uma torre com 14m de altura e uma casa de habitação. De referir que todas as quartas-feiras é possível visitar o Farol e subir à torre, no horário da tarde, das 14h00 às 17h00. Caso realize o percurso em qualquer outro dia da semana, se vir o faroleiro, peça-lhe para subir à torre.

Continue à direita do farol, que desce em "S" em direção às ruínas da antiga Fábrica da Baleia do Castelo. Existem diversas espécies de flora endémica neste local, com destaque para a *Spergularia azorica*, a *Euphorbia azorica*, *Festuca petraea*, *Azorina vidalii* e *Lotus azoricus*. Está em zona protegida do Parque Natural de ilha, denominada *Área Protegida para a Gestão de Habitats* ou Espécies da Ponta do Castelo. De referir que a Ponta do Castelo é uma das mais importantes geopaisagens da ilha, onde é possível observar uma jazida fossilífera de organismos marinhos. Terminado o percurso terá de voltar pelo mesmo atalho até às imediações do Farol de Gonçalo Velho e aguardar a sua boleia.



TRILHOS DOS AÇORES



SANTA MARIA

PR5 SMA

Costa Sul

Dificuldade: Médio Extensão: 7 km Duração: 3:00h Forma: Linear



Início do trilho

36° 56' 47.35" N;
25° 8' 47.40" O



Ponto de interesse



Elevação



Zona balnear

Parque Natural de Santa Maria



Monumento Natural



Geossítio



PR5 SMA *Costa Sul*

O percurso tem início em plena Vila do Porto, mais precisamente no Forte de São Brás, construção de arquitetura militar que remonta ao início do século XVII, com o intuito de proteger a Vila contra os corsários e piratas. É um percurso rico do ponto de vista geológico, que liga a Vila do Porto à Praia Formosa. De referir que neste local existem diversos painéis informativos, uma vez que constitui o ponto inicial/final da Grande Rota de Santa Maria.

Siga à esquerda do painel informativo deste percurso através de um atalho que desce até ao Caminho do Calhau da Roupa. Ao chegar ao asfalto vire à direita por 20 m e, logo depois, siga à esquerda em direção à Ribeira de São Francisco. Importa referir que a foz desta ribeira, onde existe uma confluência de água doce e salgada, constitui um excelente habitat para algumas espécies de aves como a *Gallinula chloropus*, *Numenius phaeopus*, *Arenaria interpres*, *Ardea cinerea*, *Egretta garzetta* e *Sterna hirundo*.

Depois de atravessar a ponte sobre a ribeira irá entrar numa zona protegida do Parque Natural de Santa Maria, que se estende até ao final deste percurso, na Praia Formosa. É denominada por Monumento Natural da Pedreira do Campo, do Figueiral e Prainha. Prossiga no atalho que sobe a encosta, com vista para marina, porto e a Vila do Porto. Siga na canada ampla e, cerca de 1 km mais à frente, chega ao primeiro depósito fossilífero deste percurso, na Pedreira do Campo. Constitui uma antiga frente de exploração, com cerca de 260 m de extensão. Expõe uma sequência submarina, com cerca de 5 milhões de anos, composta por rochas sedimentares marinhas ricas em conteúdo fossilífero na base. Nos tempos de atividade, eram extraídos agregados vulcânicos para a produção de britas.

Ao chegar ao final do passadiço de madeira, prossiga na pastagem e transponha alguns muros. Começa a avistar a Ponta da Malbusca e uma boa parte da costa sul da ilha, que dá o nome a este percurso. Um pouco mais à frente chega a uma formação curiosa, um talude com abertura na base, conhecida como Gruta do Figueiral. Esta é uma gruta artificial de onde se extraía a argila e o calcário para o fabrico de telhas e cal, razão pela qual existe um atalho bem definido, muito utilizado em tempos pela população local. Nesta zona também poderá apreciar o antigo Forno de Cal, onde eram preparados os materiais recolhidos na Gruta do Figueiral, para serem posteriormente utilizados nas típicas casas marienses.

O trilho prossegue por entre alguma vegetação endémica, com destaque para a *Morella faya* e *Pericallis malvifolia*, e vegetação introduzida com exemplares de *Pittosporum undulatum*, *Agave americana*, e *Opuntia ficus-indica*. Quanto à avifauna, poderá visualizar ao longo do trilho o *Buteo buteo rothschildi*, o *Columba palumbus azorica*, *Erithacus rubecula* e a *Regulus regulus sanctae mariae*. Posteriormente abre-se uma clareira e o atalho alarga, tendo pela frente uma pequena subida. Uns metros mais à frente, chega ao lugar do Touril. Siga no caminho de terra batida, com estruturas de apoio à agricultura nas pastagens envolventes e uma edificação com arquitetura moderna, com vista privilegiada sobre a Prainha e grande parte da costa sul da ilha. Um pouco mais à frente vire à direita, para uma canada de terra batida, e prossiga em direção à crista da encosta, de onde começa a avistar a Praia Formosa. Tem agora pela frente uma descida em "S", por entre os arbustos de porte médio, onde

deverá ter o devido cuidado, uma vez que o piso é algo escorregadio.

Chega à primeira praia de areia clara deste percurso, a Prainha, que constitui outro depósito fossilífero de elevado interesse paleontológico do Monumento Natural anteriormente mencionado. Tal como a Praia Formosa, apresenta uma coloração clara das suas areias devido à alimentação sedimentar feita a partir de rochas carbonatadas, ao contrário do que sucede na maior parte das praias dos Açores, que apresentam areias bastante escuras. De referir ainda que, devido à dificuldade de acesso, a Prainha torna-se uma zona balnear perfeita para desfrutar com a maior tranquilidade. Tem pela frente o último quilómetro deste percurso pedestre. Siga no atalho junto ao mar, com cordas colocadas estrategicamente, de modo a que possa caminhar em segurança. Mais à frente atravessa um curioso pequeno pórtico e o atalho bem definido termina. Continue entre as rochas costeiras, prestando redobrada atenção às marcas sinaléticas do trilho. Chega às ruínas do Forte de São João Batista, que ainda mantém intacta grande parte da estrutura. Não se admire de ver alguns surfistas nesta zona, uma vez que a Praia Formosa é o principal spot de surf da ilha, muito procurado pelos amantes desta prática, especialmente no verão, quando as ondulações vindas de Sul chegam às ilhas.

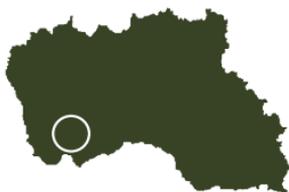
Ao chegar à estrada regional, com uma placa indicadora do percurso pedestre que acabou de realizar, siga à direita onde termina este trilho e pode encontrar algumas unidades de restauração e alojamento, bem como a segunda praia de areia clara deste trilho, a conhecida Praia Formosa. Caso pretenda continuar a caminhada ao longo desta costa sul, pode optar por seguir as marcas referentes à Grande Rota, prosseguindo na Etapa 1, que termina no lugar do Cardal, em Santo Espírito. De referir que neste local, na última quinzena de agosto de cada ano, realiza-se o festival de reputação internacional, dedicado à “world music”, denominado Maré de Agosto. Com um enquadramento particular, em que o recinto se encontra a escassos metros da Praia Formosa, este festival decorre anualmente e ininterruptamente desde 1984. Permite aos visitantes oriundos de diversas paragens presenciar os concertos pela noite dentro e um descanso na praia durante o dia.



MONUMENTO NATURAL DA PEDREIRA DO CAMPO, DO FIGUEIRAL E PRAINHA

Localizado na costa sul da ilha, estende-se desde a Ribeira de São Francisco (Vila do Porto) até à Praia Formosa. Contém rochas vulcânicas submarinas e sedimentos fossilíferos marinhos, únicos no Arquipélago dos Açores. A riqueza fossilífera e a idade destas formações, cerca de 5 milhões de anos, são considerados elementos-chave para a interpretação dos processos marinhos no Atlântico Norte, com destaque para aqueles associados às oscilações do nível do mar.

TRILHOS DOS AÇORES



SANTA MARIA

GR SMA

Grande Rota de Santa Maria

Dificuldade: Médio Extensão: 78 km Duração: 28:30h Forma: Circular



- PERCURSO TRILHO - ETAPA 1
- PERCURSO TRILHO - ETAPA 2
- PERCURSO TRILHO - ETAPA 3
- PERCURSO TRILHO - ETAPA 4
- CAMINHOS PRINCIPAIS DE ACESSO

Início do trilho
36° 56' 47.35" N;
25° 8' 47.40" O

Geossítio

Elevação

Zona balnear

Parque Natural de Santa Maria

Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies

Reserva Natural

Paisagem Protegida

Monumento Natural



GR SMA *Grande Rota de Santa Maria*

A Grande Rota de Santa Maria é um trilho circular, com início na Vila do Porto, mais concretamente no Forte de São Brás. Circunda a ilha mais antiga dos Açores (+/- 8 Ma) num percurso rico do ponto de vista geomorfológico, paleontológico e cultural. Apresenta-se dividida em quatro etapas de aproximadamente 20 km cada, com locais próprios para pernoita entre estações.

O percurso apresenta troços costeiros, onde se observam as arribas rochosas de considerável altura e valor cénico, muitas delas aproveitadas para a cultura da vinha em quartéis ou socalcos com muretes de pedra vulcânica, com destaque para as encostas da Baía da Maia, Ponta do Castelo e Baía de São Lourenço. Estes troços costeiros também permitem a passagem por diversas zonas balneares, evidenciando-se as duas principais praias – São Lourenço e Praia Formosa – de areia clara, devido à alimentação sedimentar ser feita a partir de rochas carbonatadas, ao contrário do que acontece com todas as outras praias do arquipélago. Além disso, este trilho também permite visitar o interior da ilha, nomeadamente o seu ponto mais elevado situado no Pico Alto, aos 587 m.

Do ponto de vista cultural, o percurso oferece a possibilidade de visitar locais que remontam aos primórdios do povoamento dos Açores, tendo sido esta a primeira ilha do Arquipélago a ser descoberta. Locais como a zona histórica de Vila do Porto, o lugar dos Anjos onde se instalaram os primeiros povoadores e está implantada a ermida mais antiga dos Açores são verdadeiras relíquias culturais. Além disso, pode ainda atravessar o núcleo habitacional de Santa Bárbara, onde o relevo acidentado contribuiu para a distribuição espacial do casario, com a maioria das habitações a apresentar uma construção típica da ilha.

Em termos paleontológicos, destacam-se várias jazidas fossilíferas, como por exemplo a Pedreira do Campo, Prainha e “Pedra-que-Pica” – Ponta do Castelo, que contém diversos fósseis e formações muito antigas (cerca de 5 Ma) que são considerados elementos chave para a interpretação dos processos marinhos no Atlântico Norte, com destaque para as oscilações do nível do mar.

Devido ao tempo médio de cada uma das etapas ser superior a 6h00, o percurso deverá ser planeado de acordo com a disponibilidade e a condição física de cada pedestrianista. Os locais de pernoita entre cada etapa incluem unidades de Turismo em Espaço Rural e Albergues, uma vez que o campismo selvagem é proibido na Região.





SÃO MIGUEL

TRILHOS DOS AÇORES

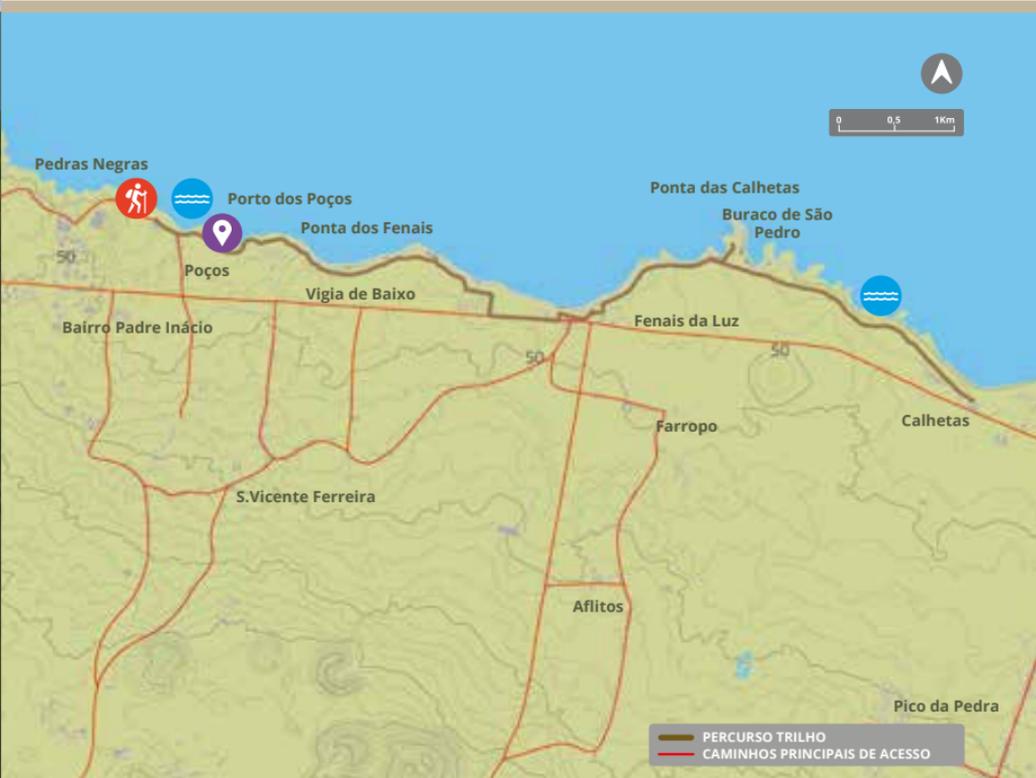


SÃO MIGUEL

PR1 SMI

Vigia de São Pedro

Dificuldade: Fácil Extensão: 6,5 km Duração: 2:00h Forma: Linear



Início do trilho
37° 50' 4.64" N ;
25° 40' 13.11" O



Zona balnear



Ponto de interesse



PR1 SMI *Vigia de São Pedro*

O percurso desenvolve-se ao longo da costa norte da ilha e liga a zona balnear dos Poços, em São Vicente Ferreira, à freguesia das Calhetas. Inclui áreas de interesse geológico e natural, sendo que a orla costeira envolvente é classificada como *Área Protegida de Gestão de Recursos*, pelo Parque Natural de Ilha.



Inicie o percurso no parque de estacionamento utilizado pelos banhistas da zona balnear dos Poços e prossiga pela zona pedonal da Rua do Sertão. Logo nos primeiros metros do percurso encontra informação relativa à antiga Fábrica da Baleia dos Poços, bem como um antigo bote baleeiro. Com o fim da atividade da baleação nos Açores, o edifício foi abandonado, sendo atualmente visível apenas a chaminé principal.

700 m depois, vire à esquerda na Canada do Ferreiro, no sentido da costa. Faça uma pausa e aprecie para Oeste a interessante estrutura geológica do Morro das Capelas, que corresponde a um cone de tufos, formado na sequência de uma erupção freatomagmática muito explosiva. De notar que este Morro constitui um importante local de nidifica-

ção de diversas aves marinhas, nomeadamente o *Calonectris diomedea borealis* e o *Puffinus assimilis*.

Prossiga no atalho costeiro, por entre exemplares de vegetação endémica como a *Festuca petraea*, *Picconia azorica* e outros exemplares de introduzidas como a *Opuntia ficus indica*. 400 m mais à frente, ao chegar ao caminho de terra batida, siga à esquerda no sentido dos Fenais da Luz. À sua direita consegue perceber facilmente um alinhamento de cones vulcânicos, que correspondem à chamada Região dos Picos, que se caracteriza pela existência de uma zona axial de direção aproximada NW-SE, definida pelo alinhamento de cones de escórias, a partir dos quais se desenvolveram escoadas lávicas que determinaram o relevo de inclinação relativamente suave para Norte e Sul, nesta zona da ilha.

Continuando no caminho de terra batida, ao efetuar a curva à direita, observa à sua frente a freguesia dos Fenais da Luz, bem como a Ponta da Calheta e, ao fundo, a Serra de Água de Pau. Um pouco mais à frente chega ao Bairro de Nossa Senhora da Luz. Contorne o casario pela esquerda e vire à direita na Rua 6 de junho até alcançar a estrada regional. Vire à esquerda e continue a caminhada até ao núcleo da freguesia dos Fenais da Luz, onde encontra um largo com a igreja de Nossa Senhora da Luz. A arquitetura exterior desta igreja data de 1756. É considerado um local de romaria dos fiéis como agradecimento à Senhora da Luz pelas graças alcançadas.

Siga à esquerda para a Rua de Baixo e vire à direita. Durante o próximo quilómetro irá atravessar o casario desta freguesia, com algumas casas onde é possível visualizar a alvenaria de pedra basáltica. No cruzamento da Rua Combatentes do Ultramar com a Rua de São Pedro, siga à direita, em direção a uma pequena zona de lazer, com bancos de pedra. O percurso abandona o casario e prossegue novamente num caminho de terra batida, interdito à circulação automóvel, devido à instabilidade das arribas.

300 m à frente, tem a possibilidade de visitar a Ermida de São Pedro, que se ergue num promontório. Uma relíquia do século XVI, guarda uma imagem antiga de São Pedro. A partir deste promontório, consegue-se avistar grande parte da costa noroeste da ilha.



FÁBRICA DA BALEIA

A atividade baleeira na ilha de São Miguel teve o seu início na segunda metade do século XIX, no lugar conhecido por "Calhau Miúdo", nas Capelas, onde se instalaram as primeiras indústrias que laboraram as baleias que ali chegavam a reboque de canoas. Nas imediações deste local, mais precisamente no lugar dos Poços, foi construída uma fábrica que funcionou desde 1945 até ao início da década de 70 do século passado, tendo sido a primeira fábrica nos Açores a produzir óleo e farinha.

PR1 SMI *Vigia de São Pedro*



Logo de seguida, tem a possibilidade de efetuar um desvio à esquerda para o denominado Buraco de São Pedro, uma interessante formação geológica que deve ser observada com o devido cuidado, devido ao perigo de queda. Efetuado o desvio, prossiga junto ao litoral, ladeado de interessantes perfis geológicos de escoadas piroclásticas e paleossolos, que resultam numa mistura de tons mais claros com tons avermelhados. Nesta fase do percurso, as baías são uma constante, constituindo habitats perfeitos para algumas aves marinhas nidificantes já citadas anteriormente.

Um pouco depois chega à zona do hotel e, ao alcançar o asfalto, prossiga em frente percorrendo os últimos 500 m do trilho até ao núcleo da freguesia das Calhetas, pertencente ao concelho da Ribeira Grande. Termine junto à igreja das Calhetas.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PRC2 SMI

Praia - Lagoa do Fogo

Dificuldade: Médio Extensão: 11 km Duração: 4:00h Forma: Circular



Início do trilho

37°43' 39.85" N;
25°28' 17.40" O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural de São Miguel

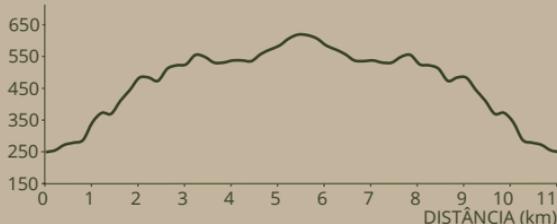


Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural

ALTITUDE (m) PERFIL DO TERRENO



PRC2 SMI *Praia - Lagoa do Fogo*

O percurso está situado na zona central da ilha de S. Miguel, no maciço vulcânico da Serra de Água de Pau. Inserida nesse complexo vulcânico está a Lagoa do Fogo, a segunda maior lagoa da Ilha, com 30 m de profundidade máxima. Este trilho, que passa quase na sua totalidade dentro de uma *Área Protegida* do Parque Natural de São Miguel, além de ter grande valor paisagístico e de biodiversidade, apresenta também um notável património histórico-cultural.



Para encontrar este percurso vá pela estrada Regional 1-1 Sul da ilha, e na área do lugar da Praia verá uma ponte a meio de uma curva, e aí uma estrada em cimento que ascende acentuadamente, conhecida como Rua Caminho do Lugar da Praia. Subindo por essa estrada cerca de 1,3 km encontrará uma bifurcação onde está localizado o painel informativo e o início do trilho.

Principie a caminhada seguindo o trilho de terra da esquerda. Caminhe cerca de 400 m em terreno relativamente plano até encontrar um cruzamento, onde está implantado um tanque de água, aí vire à direita e continue em direção a Norte. Nesta fase notará que está a subir em altitude, pois a inclinação do trilho vai-se acentuando. À sua volta a

vegetação compõem-se de várias espécies, mas destacam-se as árvores exóticas como *Pittosporum undulatum* e *Acacia melanoxylon*, algumas infestantes comuns como *Solanum mauritianum*, *Lantana camara* e *Hedychium gardnerianum*.

Continue sempre a subir, ignorando alguns pequenos desvios que vão surgindo e 1 km à frente encontra, implantadas num pasto do lado direito, umas construções que são reminiscências de uma antiga indústria de desfibração de *Phormium tenax*. Popularmente conhecida como espadana, as folhas desta planta, presente pontualmente ao longo da subida, eram processadas e usadas em cordoaria e na confecção de tecidos grosseiros. Segundo relatos a fábrica laborou entre a década de 1920 e princípios da década de 1960, altura em que a exportação deixou de ser rentável.

Neste momento está a uma altitude que ronda os 300 m, e deste local pode apreciar uma bela panorâmica sobre Vila Franca e o seu ilhéu.

Continue a subir seguindo a sinalética e encontrará mais algumas bifurcações, devendo circular primeiro à esquerda e depois à direita, sem sair do caminho principal. De ambos os lados do trilho vê exemplares de *Tetrapanax papyriferum*, espécie arbustiva do sul da China e, atrás destes, despontam jovens eucaliptos lembrando que, poucos anos antes, parte desta subida era ensombrada por árvores de grande porte desta espécie, que terão sido cortados para fins industriais. A dada altura o trilho é ladeado por árvores de *Cryptomeria japonica* e, para o olhar mais conhecedor, é também possível observar alguns exemplares dispersos de *Platanthera micrantha*, uma orquídea endémica dos Açores.



PESCA DESPORTIVA NA LAGOA DO FOGO

Na ilha de São Miguel, a pesca desportiva em águas interiores é passível de se praticar em algumas ribeiras e, em particular, na Lagoa do Fogo.

A Truta-arco-Iris *Oncorhynchus mykiss*, como espécie alvo preferida dos praticantes, foi introduzida nos Açores há mais de 100 anos, e a sua presença atual na Lagoa do Fogo é mantida através de repovoamentos periódicos, de exemplares criados em viveiros sob a coordenação da Direção Regional dos Recursos Florestais. Esta entidade, responsável pela gestão das espécies piscícolas e regulamentação da prática, coordena a produção anual de cerca de 15 mil trutas arco-íris na ilha de S. Miguel, exclusivamente destinadas ao repovoamento das várias massas de água da ilha.

A época de pesca da *Oncorhynchus mykiss* na Lagoa do Fogo é de maio a outubro. Por forma a garantir as necessidades ecológicas das espécies, e dos seus habitats, existem limitações ao exercício da pesca em águas interiores dos Açores nomeadamente: os locais, épocas de defeso, tamanhos mínimos de captura, números máximos de exemplares a capturar, iscos e artes de pesca.

PRC2 SMI Praia - Lagoa do Fogo



Poucos minutos depois encontra um aqueduto construído em betão, um dos primeiros do seu género nos Açores, cujas águas abastecem a hidroelétrica Central Nova.

Prossiga ao longo desta levada e deslumbre-se com incríveis vistas da costa sul da ilha e do flanco sul do vulcão que vão surgindo por entre os exemplares de endémicas como *Vaccinium cylindraceum*, *Erica azorica*, *Viburnum treleasei*, *Myrsine retusa*, e muitas mais...Dentro do canal é possível ver alguns peixes que nadam freneticamente para a frente e para trás, como que em busca de uma saída. São algumas Truta-arco-Iris *Oncorhynchus mykiss*, espécie piscícola introduzida anualmente na Lagoa do Fogo.

Após caminhar cerca de 2 km pela levada chega a um vale com imponentes vertentes, vigiadas por uma numerosa colónia de gaivotas da espécie *Larus michahellis atlantis* que, por alturas de abril-maio, aqui nidificam.

Prossiga sempre em direção à vertente norte do vulcão, passando por várias pequenas estruturas usadas para captação de aquíferos de água. Irá chegar finalmente à margem da Lagoa do Fogo, pousada na base desta caldeira a quase 600 m acima do nível do mar, e que tem na zona das antenas do pico da Barrosa, à sua esquerda, o seu ponto mais alto acima dos 950 m de altitude.

Este é o momento para descansar e retemperar forças com um mergulho refrescante na lagoa, antes de regressar pelo mesmo caminho.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PR3 SMI

Vista do Rei - Sete Cidades

Dificuldade: Fácil Extensão: 7,7 km Duração: 2:00h Forma: Linear



Início do trilho

37° 50' 21.70" N ;
25° 47' 42.53" O



Geossítio



Elevação



Centro Ambiental

**Parque Natural
de São Miguel**



**Paisagem
Protegida**



PR3 SMI *Vista do Rei - Sete Cidades*

Este percurso desenvolve-se na zona noroeste da ilha de São Miguel e percorre parte da Caldeira das Sete Cidades, classificada como Paisagem Protegida ao abrigo da Rede Natura 2000. Esta caldeira, formada por colapsos sucessivos, é uma das maiores caldeiras de abatimento dos Açores e no seu interior encerra a Lagoa das Sete Cidades, paisagem eleita como uma das 7 Maravilhas Naturais de Portugal na categoria de Zonas Aquáticas não Marinhas.



O trilho tem início no Miradouro da Vista do Rei, um verdadeiro postal da ilha, cuja toponímia deriva da visita dos Reis de Portugal, o Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia, a 6 de julho 1901.

Depois de apreciar a vista verá, à esquerda do miradouro, o painel informativo do trilho, observe o mapa do percurso e avance pela estrada de terra que se apresenta à sua frente. Logo no início verá, do lado direito, um atalho que desce de forma acentuada, não vá por aí, e mantenha-se no caminho que acompanha o bordo da cumeeira Oeste da Caldeira das Sete Cidades.

Ladeado por sebes de *Hydrangea macrophylla*, um arbusto presente em todas as ilhas dos Açores e cuja floração ocorre a partir junho, o caminho oferece bonitas perspetivas da caldeira das Sete Cidades, com a Lagoa Azul e da Lagoa Verde de um lado, e do lado oposto belas panorâmicas da costa ocidental da ilha.



Após cerca de 3,5 km tem um desvio descendente à sua esquerda, ignore-o e mantenha-se no mesmo caminho de terra batida, até chegar à interseção com a estrada regional, que liga a freguesia dos Mosteiros à freguesia das Sete Cidades.

Nessa mesma interseção, poucos metros à esquerda, pode usufruir da vista que o miradouro da Lomba do Vasco lhe oferece sobre a freguesia dos Mosteiros e os seus ilhéus.

Continue para a direita pela estrada regional, descendo em direção à freguesia das Sete Cidades. Prossiga cerca de 600 m e vai encontrar um caminho de terra batida do lado esquerdo. Avance alguns minutos nesse caminho até encontrar o entroncamento onde este trilho se cruza



AS LENDAS DAS SETE CIDADES

São várias as lendas de tradição oral sobre a origem das lagoas da caldeira das Sete Cidades, mas a mais popular fala de um reino mítico onde uma princesa, num dos seus passeios diários pelo campo, conheceu um pastor por quem se apaixonou. Depois de vários encontros fortuitos cresceu, entre ambos, um amor imenso. O Rei quando se inteirou do romance da sua filha proibiu que os dois jovens se encontrassem. Os dois apaixonados encontraram-se uma última vez, e na despedida choraram tanto que as lágrimas que derramaram e formaram 2 Lagoas: uma azul, da cor dos olhos da princesa e outra verde, da cor dos olhos do pastor.

PR3 SMI *Vista do Rei - Sete Cidades*



com o percurso PR4 SMI Mata do Canário - Sete Cidades. Aí vire à direita no atalho dos Arrebetões em direção à freguesia, passando por um pequeno tanque de água, usado para matar a sede do gado que por estes lados abunda. Parte deste caminho descende de forma acentuada, pelo que se recomenda cautela para não resvalar.

O trilho desemboca na margem da Lagoa Azul. Aí, siga no caminho que acompanha a margem da lagoa, até encontrar a loja do Parque da Lagoa das Sete Cidades, espaço interpretativo e de promoção do Parque Natural de São Miguel, que merece uma visita. Depois da visita, vire à direita na próxima rua que encontrar e siga em frente, virando novamente à direita para a Rua de Baixo. Percorra os últimos metros do percurso, até alcançar o centro da freguesia, onde encontrará a Igreja oitocentista de São Nicolau, onde termina este trilho pedestre.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PR4 SMI

Mata do Canário - Sete Cidades

Dificuldade: Fácil Extensão: 11,8 km Duração: 3:00h Forma: Linear



Início do trilho

37°49' 54.28" N;
25°45' 10.68" O



Geossítio



Elevação



Centro Ambiental

**Parque Natural
de São Miguel**



**Paisagem
Protegida**



PR4 SMI *Mata do Canário - Sete Cidades*

A Caldeira das Sete Cidades localiza-se na zona oeste da ilha de São Miguel. A sua estrutura, de forma quase circular, com 5,3 km de diâmetro, resultou da subsidência da parte superior do cone original, com quatro lagoas no seu interior: a Azul, Verde, Santiago e Rasa. Esta Caldeira encerra um dos maiores reservatórios de água lacustre do arquipélago. O trilho faz-se ao longo da linha de cumeeira que percorre essencialmente o rebordo norte da caldeira.



Este percurso tem início junto à estrada, nas imediações da Mata do Canário, onde existe um largo para deixar o carro.

Siga pelo piso alcatroado junto a um antigo aqueduto de pedra, que antigamente, séc. XVII – XVIII - fazia a captação e o transporte de água para abastecer os fontanários públicos da cidade de Ponta Delgada, mas que nos dias de hoje está desativado. Cerca de 300 m adiante chega ao Muro das Nove Janelas, assim chamado pelos nove arcos que compõem a parte superior deste aqueduto. Aí deve seguir 1 km pelo caminho de bagacina, ladeado por árvores de *Cryptomeria japonica*. Na vegetação de menor porte é possível encontrar comunidades de *Equisetum telmateia* e alguns raros exemplares de *Platanthera micrantha*, uma orquídea endémica dos Açores.

PR4 SMI *Mata do Canário - Sete Cidades*

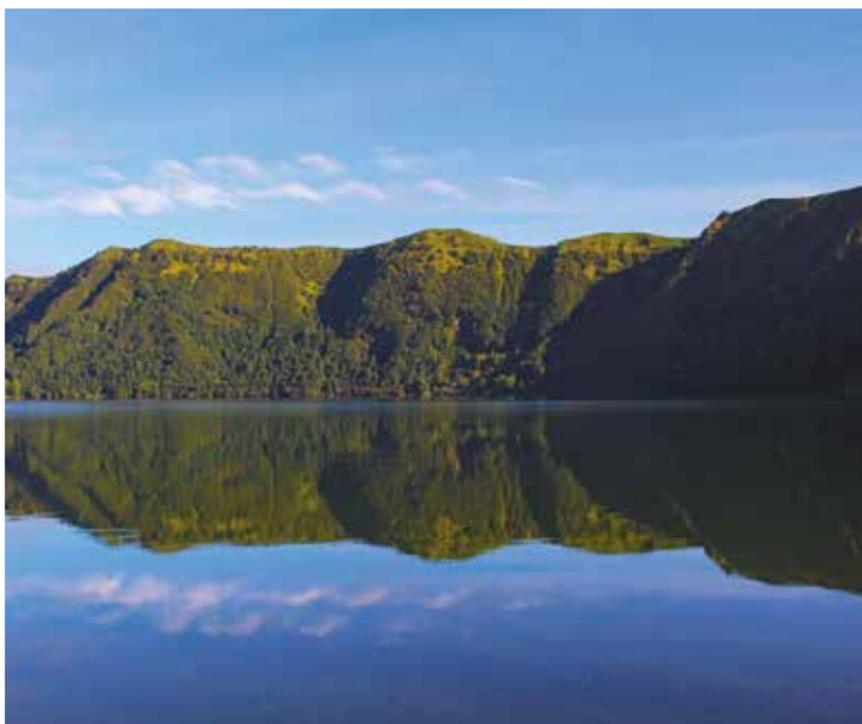
A dada altura vai encontrar uma ladeira em cimento que ascende de forma acentuada. Avance por aí 500 m, até chegar à vertente norte da cumeeira que circunda a lagoa azul.

Ao longo da subida, se olhar para trás poderá ter uma panorâmica da parte central e Leste de São Miguel, bem como as duas linhas de costa, Norte e Sul, em simultâneo. Já perto dos 800 m de altitude, surgem do lado esquerdo do caminho interessantes espécies de flora endémica, como a *Erica azorica*, *Angelica lignescens*, *Hypericum foliosum* e *Leontodon filii*.

Quando encontrar uma estrutura em betão com uma placa a dizer NAV, significa que chegou ao cimo da ladeira. Trata-se de uma estação terrestre VOR (VHF Omni-directional Range), um sistema convencional de rádio navegação para aeronaves, revelando de certa forma a importância geoestratégica destas ilhas nas travessias Atlânticas. A partir deste ponto o piso de cimento dá lugar à terra batida e, poucos metros mais à frente, num desvio à esquerda, um marco geodésico marca o ponto mais alto na área do percurso, o Pico da Cruz, com mais de 850 m de altitude. Daqui tem uma vista deslumbrante da Caldeira das Sete Cidades, com o Oceano Atlântico como pano de fundo.

Regresse ao caminho principal e prossiga sempre a descer. A 200 m encontra um cruzamento, mantenha-se sempre à esquerda.

Vá serpenteando ao longo da cumeeira mantendo sempre a Lagoa Azul à sua esquerda. Após cerca de 4,5 km chega a um cruzamento onde está



PR4 SMI *Mata do Canário - Sete Cidades*



um miradouro. A presença de algumas mesas e bancos de betão são indicativos de que este é o local ideal para um descanso e um repasto. A vista é impressionante! Vê-se a Lagoa verde, a Lagoa Azul, a pitoresca freguesia das Sete Cidades e, bordados por maciços florestais de *Cryptomeria japonica*, estruturas resultantes de erupções secundárias intra-caldeira, nomeadamente a Caldeira Seca e Caldeira do Alferes do lado direito, e os cones onde assentam as lagoas de Santiago e lagoa Rasa do lado esquerdo.

Continue o percurso pelo trilho de terra batida na mesma direção que seguia antes, serpenteando ao longo do caminho e, cerca de 3,5 km adiante, encontra o entroncamento onde este trilho se cruza com o percurso PR3 SMI, Vista do Rei - Sete Cidades. Aí vire à esquerda no atalho dos Arrebetões em direção à freguesia, passando por um pequeno tanque de água, usado para matar a sede do gado que por estes lados abunda. Parte deste caminho descende de forma acentuada, pelo que se recomenda cautela para não resvalar.

O trilho desemboca na margem da Lagoa Azul. Aí, siga no caminho que acompanha a margem da lagoa, até encontrar a Loja do Parque da Lagoa das Sete Cidades, espaço interpretativo e de promoção do Parque Natural de São Miguel, que merece uma visita. Depois da visita, vire à direita na próxima rua que encontrar e siga em frente, virando novamente à direita para a Rua de Baixo. Percorra os últimos metros do percurso, até alcançar o centro da freguesia, onde encontrará a igreja oitocentista de São Nicolau, onde termina este trilho pedestre.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PRC5 SMI

Serra Devassa

Dificuldade: Médio Extensão: 4,9 km Duração: 2:00h Forma: Circular



Início do trilho

37°50' 4.88" N;
25°45' 30.67" O



Geossítio



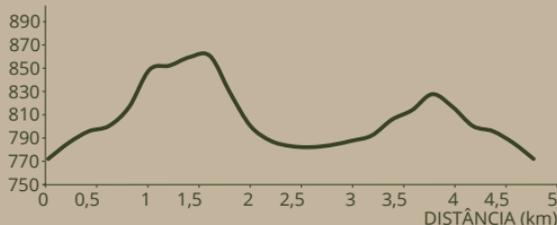
Elevação

Parque Natural
de São Miguel



Paisagem
Protegida

ALTITUDE (m) PERFIL DO TERRENO



PRC5 SMI *Serra Devassa*

Este percurso desenvolve-se no flanco Sudeste do Maciço Vulcânico das Sete Cidades, numa zona montanhosa conhecida como Serra Devassa, com a particularidade de existirem cerca de 15 pequenas lagoas associadas a esta área. Uma vez que o percurso se desenvolve numa zona de altitudes compreendida entre os 750 m e 900 m, é aconselhável percorrer em dias com boa visibilidade, caso contrário não poderá visualizar algumas das lagoas que o trilho contorna.



Dirija-se às imediações da Lagoa do Canário, circundada por uma mata de *Cryptomeria japonica*, onde encontra uma clareira, utilizada como parque de estacionamento quer para quem visita a Lagoa, quer para os pedestrianistas que pretendem realizar este trilho pedestre.

Comece por subir o atalho por entre prados típicos destas altitudes, com vegetação rasteira, destacando-se nos taludes espécies como a *Calluna vulgaris*, *Juncus sp*, *Ranunculus cortusifolius*, as endémicas *Festuca francoi* e *Holcus rigidus* e também grandes manchas de *Sphagnum sp*, de diferentes tonalidades, que testemunham a grande humidade que existe nesta zona ao longo do ano.

PRC5 SMI *Serra Devassa*

Depois de 400 m de caminhada, ao encontrar uma bifurcação, siga pela esquerda, transpondo a cancela “em S” à sua frente. Logo de seguida, numa zona aplanada, contorne o monte que está à sua frente e, antes de continuar a subida, desfrute da paisagem que tem à sua frente, onde se destaca a costa norte e Maciço Vulcânico de Água de Pau, bem como o Muro das Nove Janelas, aqueduto construído em pedra, que tinha como funcionalidade o transporte de água desta região montanhosa até Ponta Delgada.

Continue a subida, ignorando qualquer desvio durante os próximos 300 m, até encontrar uma placa informativa que indica o desvio à direita que deve seguir, no sentido das lagoas. Suba a escadaria improvisada, avistando à sua direita uma das paredes da Caldeira das Sete Cidades e, 150 m mais à frente, faça um pequeno desvio para o miradouro em madeira, que permite avistar a primeira lagoa do percurso. Siga pelo atalho que contorna esta lagoa e, na próxima bifurcação, opte por seguir no atalho do meio que o irá guiar até ao topo da vertente, onde encontra um miradouro construído em madeira, junto ao marco geodésico. A partir daqui, além de avistar a costa noroeste da ilha à sua direita, pode ver lado a lado as Lagoas das Éguas, com outra perspetiva. Neste ponto consegue perceber que esta cordilheira vulcânica da Serra Devassa, de orientação NO-SE, desenvolve-se no bordo SE da caldeira das Sete Cidades e que a maioria das lagoas existentes se encontram em crateras de explosão de cones vulcânicos de escórias basálticas.



PRC5 SMI *Serra Devassa*



Utilize o atalho que desce a vertente da encosta, até encontrar uma pequena escadaria que o guie até a um caminho de terra batida, com taludes de dimensão considerável, onde se observam depósitos de materiais vulcânicos decorrentes de erupções explosivas, como a pedra-pomes, algo atribuído às últimas fases eruptivas do Vulcão das Sete Cidades.

Um pouco mais à frente começam a surgir os exemplares de *Cryptomeria japonica*, que constituem uma barreira para a lagoa que se encontra do lado esquerdo – Lagoa Rasa. Na bifurcação seguinte siga pela esquerda, por entre alguns exemplares de *Calluna vulgaris*. Não se admire de ver algum *Columba palumbus azorica* a levantar voo nas imediações. Depois de passar por uma espécie de abrigo em pedra, que é na realidade a entrada para uma gruta não visitável, tem a possibilidade de efetuar um pequeno desvio de 20 m à esquerda para se aproximar da Lagoa Rasa. Percebe-se perfeitamente que estamos numa depressão entre cones vulcânicos. Volte atrás ao caminho de terra batida e prossiga contornando a lagoa até encontrar uma placa informativa de desvio para as Lagoas Empadadas (350 m). Não deixe de efetuar este desvio, através de um caminho de bagacina (nome comum dado pelos locais ao *lapilli*) à direita.

Depois de efetuado o desvio, entre num estreito atalho à direita, afastando-se da Lagoa Rasa. Irá passar por exemplares de *Cryptomeria japonica* e grandes manchas de *Sphagnum sp.*, que testemunham a grande humidade a que este local é sujeito durante grande parte ano. Mais à frente, ao abrir-se uma clareira na vegetação, apercebe-se que voltou ao ponto inicial onde efetuou o desvio para a Lagoa das Éguas. Assim, continue em frente e repita o percurso inicial, desta vez no sentido contrário, até voltar ao ponto onde começou esta caminhada.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PRC6 SMI

Lagoa das Furnas

Dificuldade: Fácil Extensão: 9,5 km Duração: 3:00h Forma: Circular



Início do trilho
37° 46' 24.07" N;
25° 18' 57.34" O



Geossítio



Ponto de interesse



Centro Ambiental

Parque Natural de São Miguel



Paisagem Protegida



PRC6 SMI *Lagoa das Furnas*

Este percurso desenvolve-se no interior do Vale das Furnas, considerada a *Área de Paisagem Protegida* pelo Parque Natural de ilha. Com início e fim no interior da freguesia das Furnas, o trilho contorna a extensa Lagoa dando a conhecer importantes aspetos culturais e naturais, com destaque para o sistema hidrotermal diversificado que inclui fumarolas, águas termais e minerais.



Dirija-se ao centro da freguesia das Furnas, mais precisamente ao Largo das Três Bicas, onde encontrará o painel informativo. Neste local, além do painel do percurso, pode observar à esquerda um antigo fontanário e, à direita, a casa onde residiu o músico compositor furnense do século XX Benjamim Rodrigues.

Siga em frente pela Rua Padre José Tavares, passando pelo Cine Teatro Vale Formoso e, um pouco mais à frente no entroncamento, caso assim o entenda, tem a possibilidade de efetuar um pequeno desvio à esquerda para visitar o icónico Parque Terra Nostra, local onde se pode vislumbrar uma grande variedade de arbustos e árvores (algumas com mais de 200 anos de existência), bem como a piscina termal.

Continue em frente pela Rua da Igreja, assim denominada devido à presença da Igreja de Sant'Ana, construída no século XVIII. 300 m depois de passar a igreja, no entroncamento, tem a possibilidade de efetuar novo desvio para a Poça da Dona Beija, onde pode visitar as piscinas de águas termais. Em seguida, prossiga pela Rua das Águas Quentes por 300 m até novo entroncamento. Suba a ladeira em cimento à direita, com uma

placa no início - “Areeiro Miradouro do Lombo”. Esta ladeira, com uma grande inclinação, irá guiá-lo até a uma estrada asfaltada. Vire à esquerda no sentido das antenas, para visitar o miradouro do Pico do Milho, onde tem uma vista sobre parte do Vale das Furnas, onde está situado conjunto habitacional da freguesia.

Desça a estrada ladeada por exemplares de *Cryptomeria japonica*. Mais à frente a estrada aplanada, numa zona onde dominam as pastagens, e siga pela direita até encontrar o entroncamento com o caminho de calçada, com a lagoa em frente. Continue à esquerda, através de um pequeno atalho na margem da lagoa. Após 1 km de caminhada, nas imediações de um parque de estacionamento, siga no caminho à direita ladeado por *Araucaria heterophylla*. Ao se aproximar novamente da margem da lagoa, depara-se com a Ermida de Nossa Senhora das Vitórias, uma ermida que foi mandada construir pelo ilustre açoriano José do Canto, com inauguração em 1886. Constitui um raro exemplo do estilo neogótico existente em Portugal, com treze janelas em ogiva com vitrais que representam cenas bíblicas. A mata envolvente a esta ermida também foi criada por José do Canto, sendo esta a maior propriedade existente na Lagoa das Furnas, ocupando a margem sul do plano de água e penetrando para o interior até ao limite da ribeira do Salto do Rosal. De referir a existência nas zonas baixas, junto à margem da lagoa, de uma mata ajardinada, desenhada e plantada nos meados do século XIX, com destaque para as espécies *Quercus robur*, *Fagus sylvatica*, *Sequoias sempervirens* e *Chamaecyparis lawsoniana*.

Prossiga em frente, passando por ruínas de antigos fornos para produção de carvão, alguns empreendimentos turísticos e alcança o Centro de Monitorização e Investigação das Furnas, inaugurado em 2011. Este Centro integra uma intervenção mais alargada que articula, num único projeto, os



FURNAS

O Vulcão das Furnas, que chegou a apresentar uma morfologia idêntica à atual Montanha do Pico, sofreu um cataclismo vulcânico associado a fenómenos vulcânicos explosivos há 30 000 anos, que resultou no abatimento da cratera originando uma extensa lagoa. A singularidade geomorfológica e hidrológica da Caldera das Furnas, onde se destacam as manifestações de vulcanismo secundário, tais como campos fumarólicos e nascentes de água termais valeram o estatuto de *Área de Paisagem Protegida*.

A combinação dos valores naturais com os culturais torna as Furnas um cenário de excelência, com magníficos cenários, diversidade e riqueza de vegetação, variedade de nascentes termais e minerais, fumarolas e gastronomia associada, como o típico cozido das Furnas.

PRC6 SMI *Lagoa das Furnas*

programas e ações do Plano de Ordenamento da Bacia Hidrográfica da Lagoa das Furnas, nomeadamente a requalificação das margens. Exposições interativas e documentários são algumas das ferramentas utilizadas para uma melhor compreensão do ecossistema da lagoa e do Vale das Furnas.

Depois da visita ao Centro Interpretativo, siga contornando a lagoa através de um acessível caminho de terra batida até à margem noroeste da lagoa, onde se encontra a zona das Caldeiras, outro local com manifestações de vulcanismo secundário – fumarolas. Neste local turístico decorre o processo de preparação do prato tradicional Cozido das Furnas. Após a colocação dos ingredientes numa panela ou pote de barro, submerge-se na terra junto às caldeiras por aproximadamente 6h00, onde irá ser cozinhado com a ajuda do calor emanado pela atividade vulcânica. Também neste local, junto à lagoa, pode observar o painel do Parque Natural, com informação sobre as espécies de aves que são possíveis de avistar neste local, com a respetiva designação, por forma a facilitar a identificação. Em caso de ser um amante do *birdwatching*, este é um "hotspot" de visita obrigatória em São Miguel, uma vez que pode avistar a maioria das espécies de passeriformes residentes nos Açores, bem como espécies aquáticas migradoras neárticas e paleárticas, como a *Ardea cinerea* e a *Egretta garzetta*.

Avance mais alguns metros e observe a placa informativa que lhe indica a distância que o separa do ponto final (3,1 km). 200 m depois, no entroncamento, vire à esquerda no asfalto seguindo a indicação das Furnas, deixando a lagoa para trás. Ao chegar próximo de um muro encontra uma marca de viragem à direita, por onde deverá seguir num caminho secundário que desce junto à ribeira. De notar que, junto à linha de água foi construída uma pequena levada, de forma a aproveitar o desnível do terreno e canalizar água para a freguesia. Depois de uma descida de 500 m neste caminho secundário, alcança novamente a Rua das Águas Quentes. Reconhecendo certamente este caminho, caminhe em frente e percorra os últimos 700 m do percurso, de volta ao Largo das Três Bicas.



TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PRC7 SMI

Pico da Vara

Dificuldade: Difícil **Extensão:** 7 km **Duração:** 3:00h **Forma:** Circular



Início do trilho

37°48' 58.06" N;
25° 13' 54.26" O



Elevação

Parque Natural
de São Miguel

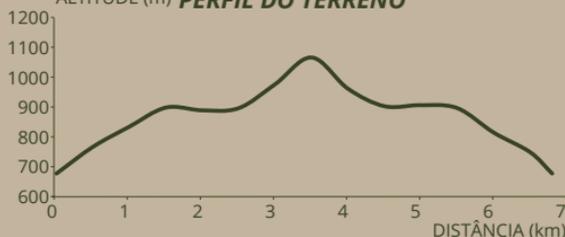


Área Prot. para a Gestão
de Habitats ou Espécies



Reserva
Natural

ALTITUDE (m) PERFIL DO TERRENO



PRC7 SMI *Pico da Vara*

Este percurso desenvolve-se no extremo este da ilha de São Miguel, setor mais antigo da ilha, onde a morfologia é mais acidentada e erodida com ravinas profundamente encaixadas na paisagem, onde correm ribeiras de regime torrencial ou permanente. Tem como principal atração a subida ao ponto mais elevado da ilha, localizado aos 1105 m, no Pico da Vara.

Dirija-se ao ponto de início deste percurso, através de um caminho secundário que liga a freguesia da Algarvia às imediações do Pico da Vara. Além do painel informativo do percurso, encontrará também o painel do Parque Natural de ilha, com informação adicional sobre a Reserva Natural do Pico da Vara.

Depois de observar os vales profundos envolventes, comece por subir o atalho com escadaria improvisada, com recurso a alguns troncos de madeira. Ladeado por vários exemplares de *Cryptomeria japonica*, este atalho irá guiá-lo até ao Planalto dos Graminiais, um dos vários atalhos que existem nesta zona, outrora muito utilizados por alguma população local, na busca por lenha e, em alguns casos, no manejo de gado.

Depois de 1 km de subida por entre a *Cryptomeria japonica*, numa zona mais elevada próximo dos 900 m de altitude, abre-se uma clareira e a vegetação envolvente altera-se substancialmente, com maior destaque para as gramíneas, daí o nome dado à zona envolvente – Planalto dos Graminiais.

Ao chegar a uma bifurcação, antes de optar pela esquerda, observe em frente, junto à costa, a Povoação, primeiro local da ilha a ser povoado, na década de 40 do século XV. À direita tem o Planalto dos Graminiais, onde se destacam as turfeiras florestadas, caracterizadas por ph baixo e encharcamento quase permanente ao longo do ano, condições ideais para o desenvolvimento de espécies da flora endémica dos Açores como a *Festuca francoi* e *Holcus rigidus*, juntamente com o *Sphagnum sp* e *Polytrichum commune*. A componente florestada é representada pelas endémicas *Erica azorica*, *Vaccinium cylindraceum* e *Juniperus brevifolia*. De referir que o Planalto dos Graminiais, em conjunto com a Tronqueira, são uma Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies e tem sido alvo de várias ações de conservação ao longo dos últimos anos, nomeadamente na eliminação de flora invasora, reflorestação de espécies nativas dos Açores, recuperação do fluxo hidrológico normal e restauração ecológica de mais de 250 hectares de floresta Laurissilva, ação muito importante para a *Pyrrhula murina*, passeriforme endémico dos Açores que tem a sua distribuição no arquipélago restrita a esta zona da ilha.

Depois de ter efetuado a curva à esquerda, 500 m mais à frente tem um memorial relativo a um acidente aéreo, ocorrido em 1949, quando um avião da companhia aérea francesa Air France, que fazia a ligação Paris-Nova Iorque embateu nesta zona da ilha. Nesta zona do percurso, em termos de flora, destaca-se a endémica *Deschampsia foliosa*, gramínea que se adapta perfeitamente a estas altitudes.

Durante o último quilómetro de subida até ao ponto mais elevado do Pico da Vara, irá passar por outro marco referente à queda de uma aeronave da Força Aérea Portuguesa, em 1943. Ao chegar ao marco geodésico do Pico da Vara, aos 1105 m, aproveite para desfrutar da paisagem envolvente, que lhe permite um grande alcance visual, destacando-se a Povoação – a Sul, o Nordeste em sentido contrário e, para Oeste, os Maciços Vulcânicos de Água de Pau e das Sete Cidades. Quando pretender, volte pelo mesmo atalho até ao ponto inicial. Boa descida.

TRILHOS DOS AÇORES

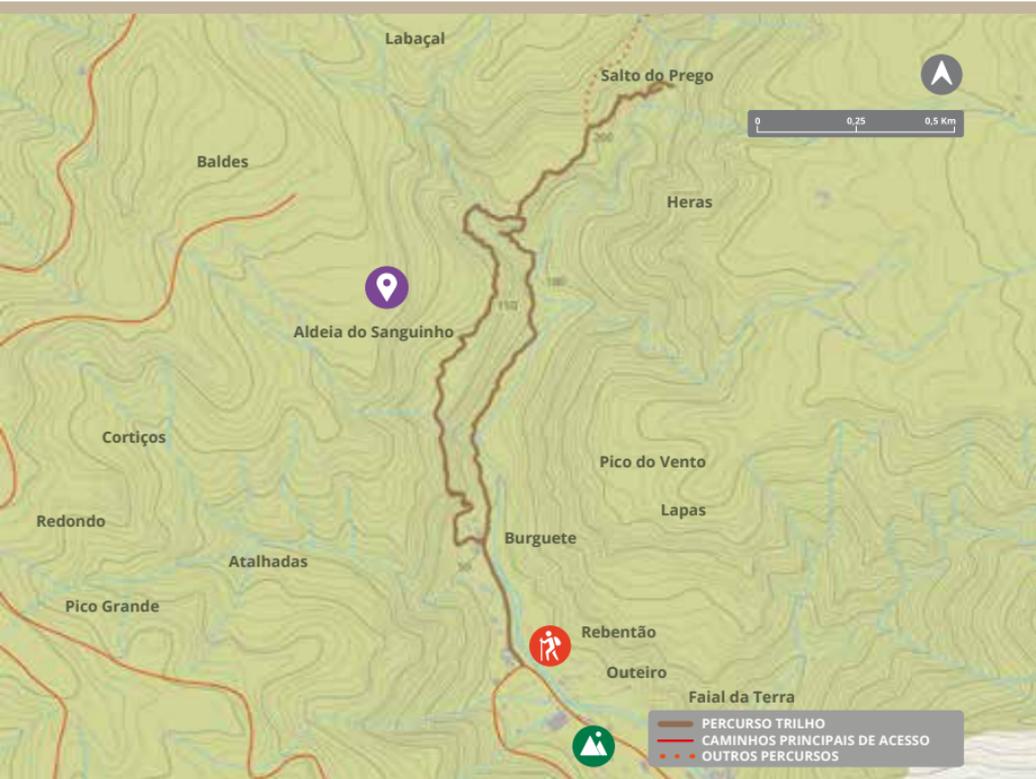


SÃO MIGUEL

PRC9 SMI

Faial da Terra - Salto do Prego

Dificuldade: Médio Extensão: 4,5 km Duração: 2:00h Forma: Circular



Início do trilho

37°44' 49.38" N ;
25° 12' 4.30" O



Geossítio



Ponto de interesse

Parque Natural
de São Miguel



Área Prot. para a Gestão
de Habitats ou Espécies



PRC9 SMI *Faial da Terra - Salto do Prego*

Este percurso desenvolve-se na zona SE da ilha, no concelho da Povoação, mais precisamente no vale onde corre a ribeira do Faial da Terra, que divide esta pequena localidade a meio. O nome desta freguesia, popularmente conhecida como “Presépio da Ilha”, advém da outrora abundante presença de *Morella faya*. Desenvolvendo-se linearmente a partir da linha de costa, o Faial da Terra foi, em tempos, uma profícua zona baleeira da costa sul da ilha de São Miguel. Hoje, com cerca de 350 habitantes, é a agropecuária e o setor de serviços a base económica do local. Das inúmeras tradições festivas é digno de presenciar as celebrações de São João e a monumental fogueira que é montada e queimada na ribeira.



O trilho começa onde está colocado o painel indicativo da rota, junto a uma ponte, ao lado da paragem de autocarros. Neste local chamado Rua do Burguete, e na eventualidade de levar o seu próprio carro, existem vários espaços onde pode estacionar.

Inicie a caminhada para a esquerda na estrada de asfalto, onde irá passar por um dos dois “Treatros” do Espírito Santo existentes na freguesia, que ostenta uma coroa no topo, um dos símbolos do Divino Espírito Santo, e tem inscrita na sua fachada a data de 1908. Cerca de 300 m adiante vai encontrar uma primeira bifurcação com um percurso em pedra de calçada à esquerda e um trilho em frente que acompanha a margem da ribeira. Continue no caminho em frente, que em breve deixa de

PRC9 SMI *Faial da Terra - Salto do Prego*

ser em asfalto e passa a terra batida. Irá passar por um antigo moinho de água e respetivo canal de alimentação, hoje em ruínas. À medida que avança verá, do lado direito, pequenas parcelas de terreno ocupados com culturas diversas, desde folhas de tabaco a milho, pontuadas por algumas laranjeiras, bananeiras e outras árvores de fruto. É importante referir que não deve apanhar frutos nem legumes durante a sua caminhada.

Nesta altura o piso apresenta-se empedrado e coberto com folhagens de *Pittosporum undulatum* e *Acacia melanoxylon*, espécies abundantes na área e que ensombram o trilho. Vêm-se também vários exemplares de *Canna indica*, considerada em algumas ilhas a verdadeira conteira, pois as suas sementes parecem contas.

Continue no trilho, que vai sendo delimitado em algumas zonas por pequenos lances de corda ou madeira, e 800 m adiante vai encontrar uma ponte de madeira que deve atravessar, para continuar à esquerda pela subida íngreme, até encontrar uma segunda bifurcação. Aqui e ali verá pequenas quedas de águas que o caudal da ribeira vai formando.

Chegando a uma intersecção vire à direita, e prossiga pelo carreiro que vai alternando subidas e descidas, por vezes em chão empedrado, outras em piso de terra batida. A determinada altura vai encontrar, do lado esquerdo, o atalho que liga este percurso ao percurso pedestre PR11 SMI - Trilho da Ribeira do Faial da Terra.

Mantenha-se no trilho em que está por mais 300 m e irá chegar à bela cascata do Salto do Prego, cujo som já é audível. Após algumas curvas e após passar uma barreira de *Bambusa sp.*, irá vislumbrar por entre árvores de *Pittosporum undulatum* e *Acacia sp.* uma cascata de água com cerca de 10 m de queda, onde pode aproveitar para descansar e tomar um banho refrescante.



ALDEIA DO SANGUINHO

Localizada na freguesia do Faial da Terra, a sua toponímia advém da antiga presença abundante de *Frangula azorica*, planta endémica dos Açores e da Madeira.

Este povoado erguido no alto do vale, em vez da óbvia localização junto à costa, terá sido uma forma de escapar às frequentes cheias da ribeira e tempestades marítimas da época, permitindo também uma maior proximidade dos agricultores às suas terras. A aldeia foi habitada durante mais de um século, mas os acessos árduos e o impulso da emigração fomentaram a partida dos seus cerca de 200 habitantes, ficando desabitada nos primeiros anos de 1970.

Actualmente, e após um processo de recuperação de alguns dos seus conjuntos arquitectónicos, o aldeamento do Sanguinho já pode acomodar mais de 30 pessoas, e está vocacionado para turismo rural e agroturismo, como o demonstram as pequenas parcelas de produções biológicas certificadas à volta das habitações típicas.

PRC9 SMI *Faial da Terra - Salto do Prego*



O regresso faz-se em parte pelo mesmo caminho, mas antes tem a possibilidade de fazer um desvio, à direita, para ver a parte superior da cascata. Regresse ao caminho principal e volte ao cruzamento que faz a ligação com o trilho PR11 SMI, até à segunda bifurcação. Neste local verá, do lado esquerdo, o caminho por onde subiu e, à direita, o trilho por onde deve seguir em direcção à aldeia do Sanguinho.

Vai encontrar uma nova passagem em madeira, atravesse-a e, menos de 1 km depois, chega ao aldeamento do Sanguinho, um antigo aglomerado que deve o seu nome aos vários exemplares de *Frangula azorica*, que outrora eram muito abundantes na zona.

Depois de apreciar a arquitectura típica do aldeamento, desça pelo caminho serpenteante em pedra de calçada e declive acentuado, e aproveite para desfrutar de vistas deslumbrantes do vale do Faial da Terra. Nesta secção final do caminho preste atenção, pois em dias de chuva pode ser escorregadio. O trilho termina no mesmo ponto onde iniciou o percurso. Depois da caminhada, aproveite para explorar o centro da freguesia do Faial da Terra

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PR11 SMI

Ribeira do Faial da Terra

Dificuldade: Médio Extensão: 6 km Duração: 2:00h Forma: Linear



Início do trilho
37°46'27.74"N ;
25°11'2.71"O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural de São Miguel

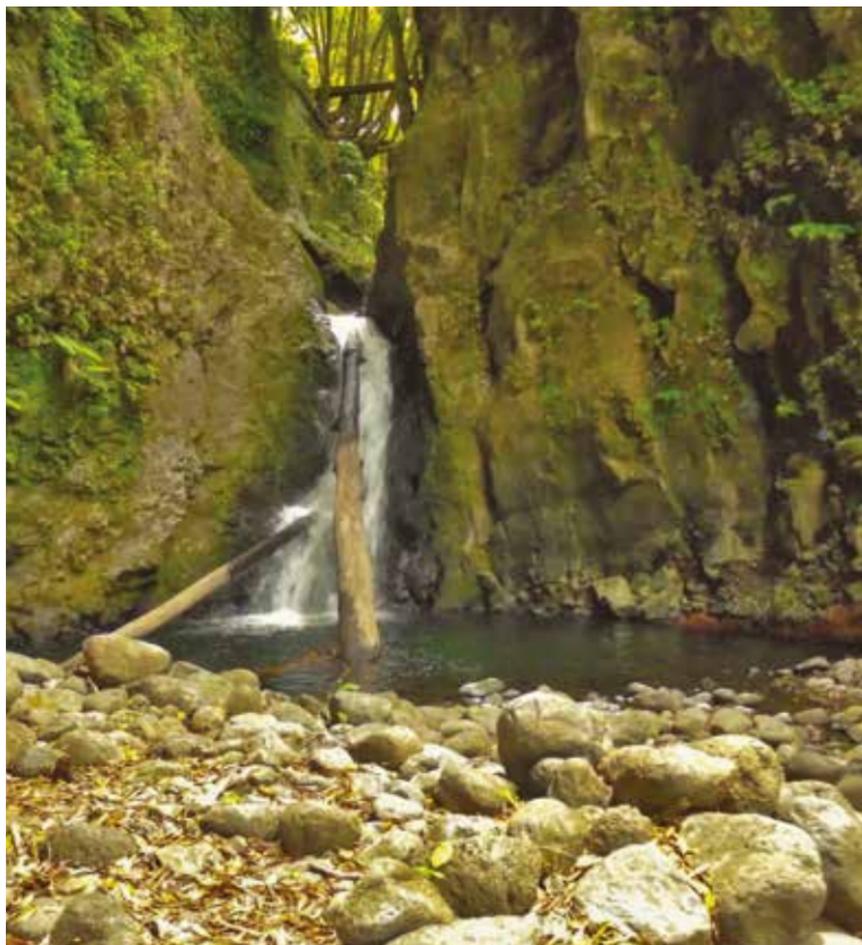


Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PR11 SMI *Ribeira do Faial da Terra*

Este percurso desenvolve-se na zona sudeste da ilha de São Miguel, mais precisamente no concelho da Povoação. É um trilho linear que percorre o vale onde corre a Ribeira do Faial da Terra, desde o sopé da Serra da Tronqueira até ao núcleo habitacional da freguesia do Faial da Terra.



O percurso tem início na estrada regional que liga a Povoação a Água Retorta, no lugar conhecido como Paupique. O painel informativo encontra-se na berma da estrada rodeado por plátanos, pelo que não terá dificuldade em o encontrar. Embora seja descrito como um percurso linear com cerca de 3 km, tem a possibilidade de efetuar o troço final de aproximadamente 3,5 km do percurso PRC9 SMI Faial da Terra – Salto do Prego até ao Faial da Terra, daí encontrar a placa informativa de 6,5 km para o Faial da Terra.

Siga pelo atalho que se encontra atrás do painel, por entre exemplares de flora infestante como a *Rubus ulmifolius* e *Hedychium gardnerarum*, bem como a protegida e nativa *Woodwardia radicans*. Começa a escutar



a ribeira e, logo depois, o atalho desce em escadaria improvisada com um maior grau de inclinação. Tenha atenção ao piso que se pode encontrar algo escorregadio. Atravesse um dos vários afluentes que conduzem ao troço principal da ribeira e, logo em seguida, passe a ponte em madeira, continuando no atalho que se torna mais plano.

Cerca de 1 km após ter iniciado a caminhada, abre-se uma clareira e tem a oportunidade de visitar um antigo moinho de água. Neste local também se destaca a ponte centenária sobre a ribeira, que pode ser observada efetuando um pequeno desvio até ao leito. Depois da pequena pausa, continue o trilho por entre exemplares de fetos arbóreos e da endémica *Picconia azorica*, que posteriormente dão lugar à *Cryptomeria japonica*. Afasta-se um pouco do leito da ribeira, subindo a vertente, de onde tem uma perspetiva num plano superior sobre a linha de água. Em



FAIAL DA TERRA

Localizada no extremo sudeste da ilha de São Miguel, num pequeno vale rodeado por altas vertentes, esta freguesia do concelho da Povoação conta com 359 habitantes e foi considerada pelo historiador Gaspar Frutuoso como o “presépio da ilha”. O seu nome advém da abundância de *Morella faya* no local.

No início do século XVI, os primeiros povoadores foram atraídos pela beleza do vale, bem como das suas terras férteis. Para além disso, o mar também constituiu um importante recurso para as gentes deste local, uma vez que outrora foi uma das principais zonas baleeiras da ilha. Hoje em dia, a principal atividade económica é a agropecuária.

PR11 SMI *Ribeira do Faial da Terra*



seguida, encontra uma placa informativa que sinaliza o Salto do Cagarão. Não deixe de efetuar este pequeno desvio de 200 m, que o conduz à primeira cascata de água do percurso.

Depois de efetuado o desvio, vire à esquerda e prossiga em subida até atingir o ponto mais elevado do percurso, próximo de uma pastagem, de onde tem uma perspetiva sobre o vale do Faial da Terra. Logo depois, dará início à descida em direção ao Faial da Terra, onde irá atravessar algumas pequenas pontes em madeira, que deverá atravessar com cuidado, devido à possibilidade de se encontrarem escorregadias. O atalho encontra-se ensombrado por espécies arbóreas como o *Pittosporum undulatum* e *Cryptomeria japonica*. Depois de atravessar um afluente da ribeira principal, chega ao ponto onde coincidem os dois percursos oficiais existentes ao longo deste vale, com a respetiva sinalização de desvio para o Salto do Prego (esquerda) e continuação para o Faial da Terra (direita). O desvio de 300 m irá encaminhá-lo a uma cascata de água, com um pequeno charco na base, local ideal para efetuar uma pausa na caminhada, enquanto contempla uma das paisagens mais emblemáticas do percurso.

Após o desvio prossiga até nova bifurcação, onde deverá seguir pela esquerda. Desça pelo piso empedrado que o irá guiar até uma ponte que atravessa a ribeira, numa zona onde se nota um maior caudal da mesma. Segue-se uma zona de alguns pomares e o atalho alarga-se até se transformar numa canada de terra batida que o guia até à estrada, já em pleno Faial da Terra. Enquanto aprecia o casario, desça o asfalto ao longo da ribeira, percorrendo os últimos 400 m do percurso até chegar à ponte, onde encontra o painel informativo do outro percurso pedestre, que se desenvolve nesta zona, PRC9 SMI Faial da Terra – Salto do Prego.

TRILHOS DOS AÇORES

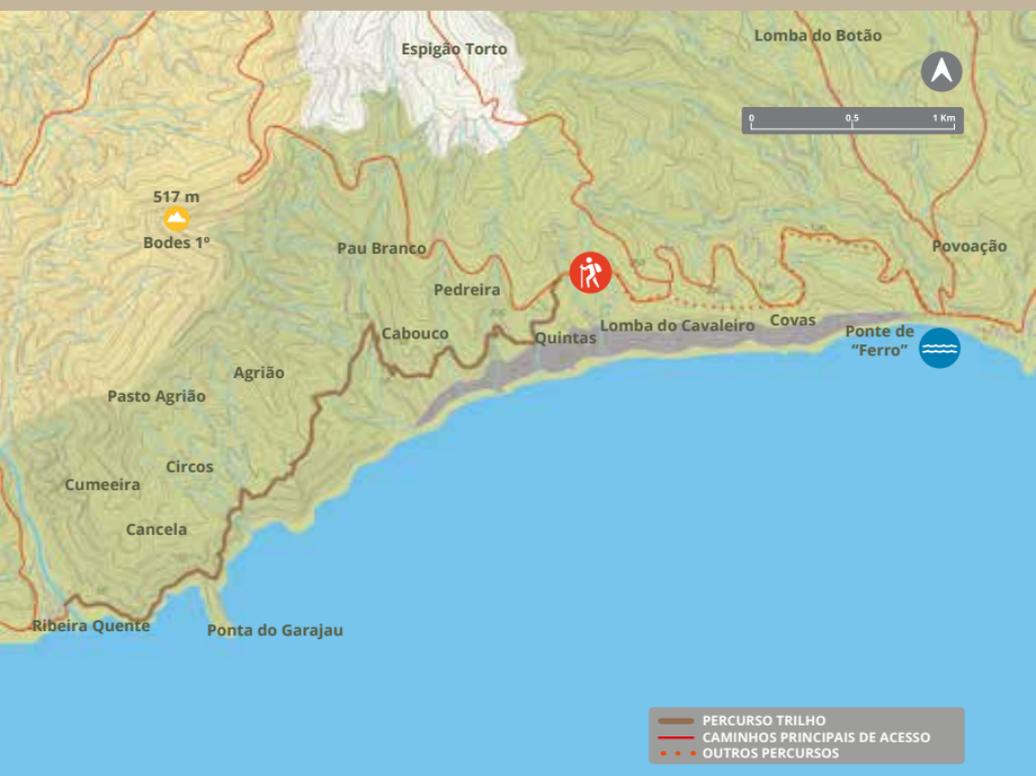


SÃO MIGUEL

PR12 SMI

Agrião

Dificuldade: Fácil Extensão: 5 km Duração: 2:00h Forma: Linear



Início do trilho

37° 44' 58.82" N;
25° 16' 14.76" O



Elevação



Zona balnear

Parque Natural de São Miguel



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Paisagem Protegida



PR12 SMI *Agrião*

O concelho da Povoação é o local onde se desenvolve este percurso, que foi oficialmente sinalizado numa extensão de 8 km, ligando a sede do Município à Ribeira Quente. No entanto, optamos por reduzi-lo em 3 km, correspondentes ao troço inicial entre a Povoação e a Lomba do Cavaleiro, que apresentam menor interesse devido a uma elevada percentagem de piso asfaltado.

Inicie o percurso no lugar da Lomba do Cavaleiro, junto a um caminho secundário em terra batida com alguns exemplares de *Platanus acerifolia*, onde encontra um pequeno painel informativo com o mapa do percurso. Este é o ponto mais elevado do trilho. Desça este caminho por entre algumas pastagens e terrenos agrícolas, de onde tem uma vista sobre parte da costa sudeste da ilha, com destaque para a Ponta do Faial da Terra à sua esquerda e a Ponta do Garajau à sua direita.

Numa primeira fase da descida encontra alguns exemplares de endémicas como a *Erica azorica* e nativa *Morella faya*. Posteriormente, o percurso entra numa fase onde é possível observar alguns pomares típicos da Costa da Povoação, onde os terrenos férteis e o microclima favorável constituem condições ideais para a plantação de diversas árvores de fruto.

Depois, siga em frente no entroncamento, com algumas casas do seu lado direito. Ao alcançar a última casa, vire à esquerda e desça no atalho estreito, onde surgem alguns exemplares de *Hydrangea macrophylla*, *Cryptomeria japonica*, *Osmunda regalis* e endémicas como a *Erica azorica*, *Laurus azorica* e *Viburnum treleasei*. Ao chegar à ribeira, atravesse-a com cuidado, devido às rochas escorregadias, e prossiga por uma pequena ponte que o encaminha a um atalho que sobe a vertente oposta do vale, por entre exemplares de *Acacia melanoxylon* e *Pittosporum undulatum*.

Ao chegar a um caminho de terra batida, que liga à zona costeira do Cabouco, siga em frente cruzando o mesmo e prossiga no atalho ladeado por *Cryptomeria japonica*. 200 m depois, começa a visualizar perfis geológicos que incluem materiais resultantes de fluxos piroclásticos, pedrapomes e ignimbritos, resultantes de episódios vulcânicos explosivos associados aos Vulcões das Furnas e da Povoação. Depois, atravesse uma pequena ponte sobre a linha de água e vire à esquerda no caminho costeiro de terra batida.

Um pouco depois, tem o miradouro para a Ponta do Garajau e, logo adiante surge a Ermida de Santa Rita. Na freguesia da Ribeira Quente terá existido uma ermida com a invocação a Santa Rita e que terá sido derrubada por um sismo. Atualmente, no local da antiga ermida foi levantado um altar com a imagem original da Santa.

Logo após a Ermida, o caminho curva à direita e começa a observar a Ribeira Quente, onde se distinguem perfeitamente as duas zonas da freguesia: em primeiro plano a Ribeira, onde se as habitações se concentram à volta do porto, e em segundo plano o Fogo, onde se localiza uma aprazível zona balnear. Siga por 500 m até chegar às primeiras habitações. Atravesse a ponte sobre a ribeira e aproveite para explorar um pouco da freguesia piscatória da Ribeira Quente.

TRILHOS DOS AÇORES

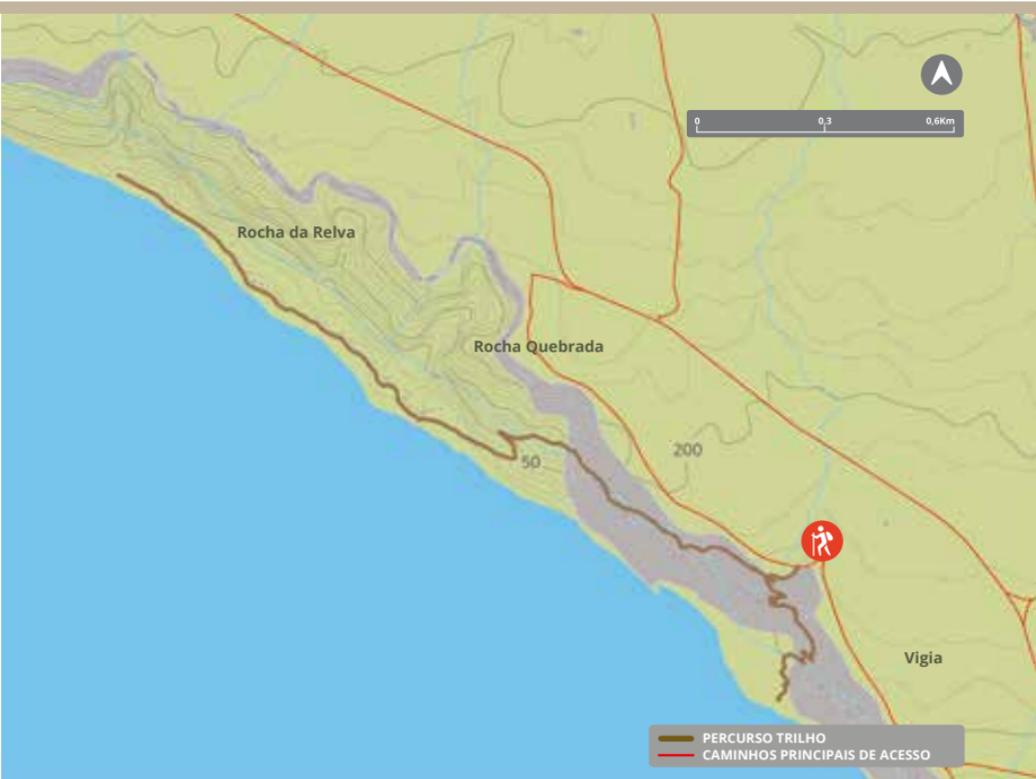


SÃO MIGUEL

PRC20 SMI

Rocha da Relva

Dificuldade: Médio Extensão: 5,5 km Duração: 3:00h Forma: Circular



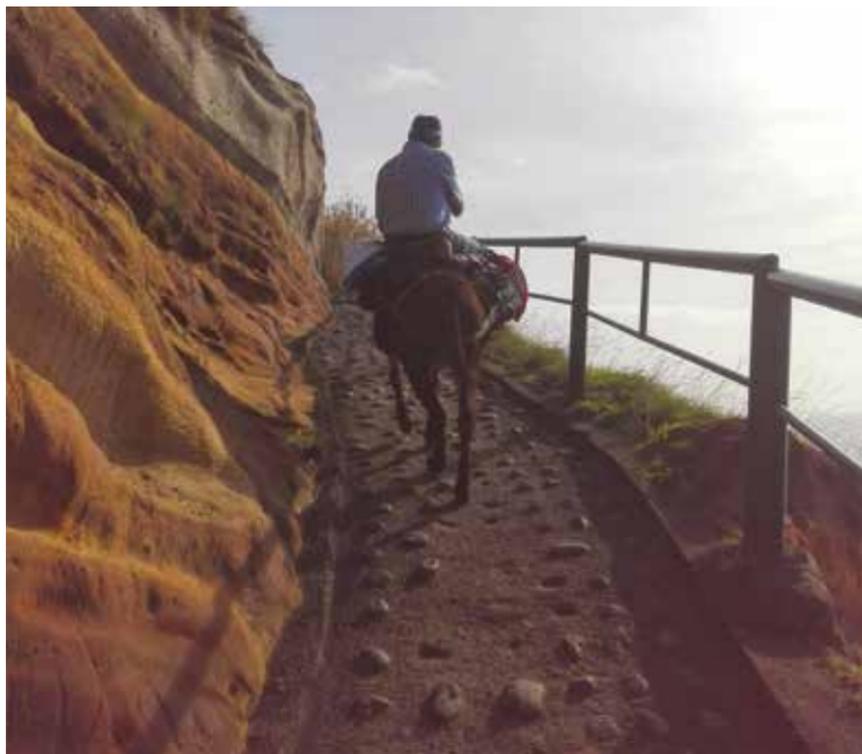
Início do trilho

37° 45' 50.60" N;
25° 44' 4.80" O



PR20 SMI *Rocha da Relva*

Este trilho pedestre tem como objetivo visitar o lugar da Rocha da Relva, uma pequena fajã detrítica localizada na costa sudoeste da ilha. Uma vez que apenas existe um acesso à fajã, terá de percorrer o mesmo atalho de volta.



A partir da estrada regional, junto ao Miradouro do Caminho Novo, encontra as primeiras indicações de acesso à Rocha da Relva. Utilize o caminho secundário em terra batida que faz a ligação ao parque de estacionamento, criado recentemente para servir de apoio aos visitantes da Rocha da Relva. Logo à entrada do parque de estacionamento, tem a oportunidade de consultar o painel informativo com toda a informação que necessita, antes de iniciar o trilho pedestre.

No início do atalho, que desce à fajã, tem um pequeno santuário que pretende marcar uma antiga tradição do século XVI e XVII, onde os caminhantes que por aqui passavam tinham o hábito de rezar e deixar uma doação. À esquerda, avista a falésia da Rocha do Cascalho, com uma pequena zona aplanada junto ao mar, que pode aceder através de um desvio que irá encontrar mais à frente.

50 m após ter iniciado a descida, o piso torna-se empedrado, resultado dos trabalhos efetuados pelo município para melhorar a segurança do percurso de acesso à fajã. Após algumas curvas “em S”, encontra o desvio para a Rocha do Cascalho (1,2 km ida e volta), tal como foi anterior-

mente mencionado. Este desvio passa por algumas adegas, casas típicas, mas maioritariamente vinhas circunscritas nos tradicionais currais de pedra basáltica, até uma pequena zona de lazer junto ao mar. Volte até ao atalho principal e siga à esquerda, onde a vegetação é dominada pela *Morella faya*, *Opuntia ficus-indica* e *Arundo donax*. Também a avifauna faz sentir a sua presença, com destaque para as endémicas dos Açores *Turdus merula azorensis* e *Motacilla cinerea patriciae*.

Ao chegar a uma placa denominada “Jogo da Bola”, tem a primeira vista sobre a fajã da Rocha da Relva. Nesta fase do trilho destaca-se a sequência geológica, com diferentes materiais que contam uma história geológica com diversas fases eruptivas dos vulcões circundantes. Assim, a falésia que acompanha o atalho apresenta um padrão que varia desde as escoadas lávicas basálticas, correspondentes a episódios efusivos, até aos materiais pomíticos, correspondentes a episódios explosivos. Pelo meio, alguns paleossolos com uma cor avermelhada característica, marcam aquilo que correspondeu a uma fase de acalmia entre períodos eruptivos.

Passa por uma placa que indica a “Ladeira do Cardoso”, onde o atalho apresenta uma maior inclinação. Adiante encontra as primeiras casas rurais, que servem de apoio aos terrenos de cultivo, onde é possível distinguir o milho, batata, tomateiros e vinhas. Passa por um pequeno fontanário, com uma pequena mensagem de boas vindas escrita num painel de azulejos, e após algumas curvas “em S” chega à fajã. De origem detrítica, este tipo de fajãs é muito comum em São Jorge, onde são classificadas como Reserva da Biosfera. No entanto, aqui em São Miguel, esta é uma das poucas que existem.



PR20 SMI *Rocha da Relva*



Siga na direção da pequena ermida, com a data assinalada de 15-8-1981. Embora não existam moradores residentes na fajã, uma vez que não existe rede elétrica, há um número considerável de adegas e pequenas moradias usadas por alguns locais para ali desfrutarem de um fim de semana ou férias. Não se admire caso se cruze com algum burro ou cavalo, uma vez que estes animais são uma ajuda fundamental no transporte de alguns materiais ao longo do atalho.

Contorne a ermida pela esquerda e prossiga no atalho junto ao mar. Atravesse a ponte sobre a ribeira, onde observa à direita uma reentrância na falésia, denominado por Rocha Quebrada. Depois da vivenda Baltazar e Lousada, passa por novo fontanário e observa à direita os vários terrenos utilizados para a produção de vinhas, em socalcos, utilizando a pedra basáltica para a construção de pequenas curraletas. Depois de alcançar a *Araucaria heterophylla*, observa em frente as últimas casas da Rocha da Fajã, no extremo mais ocidente da fajã. Uma vez que o atalho termina junto a essas edificações, terá de voltar pelo mesmo percurso até ao parque de estacionamento. Boa subida.

TRILHOS DOS AÇORES

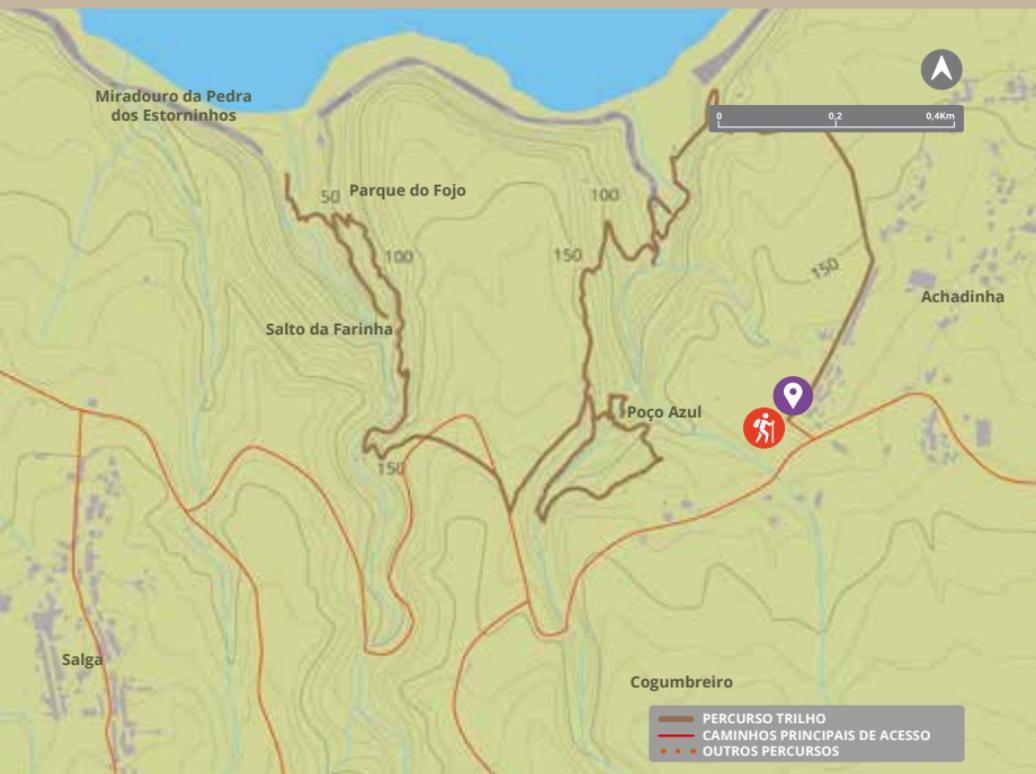


SÃO MIGUEL

PR21 SMI

Padrão das Alminhas - Salto da Farinha

Dificuldade: Médio **Extensão:** 5 km **Duração:** 2:00h **Forma:** Linear

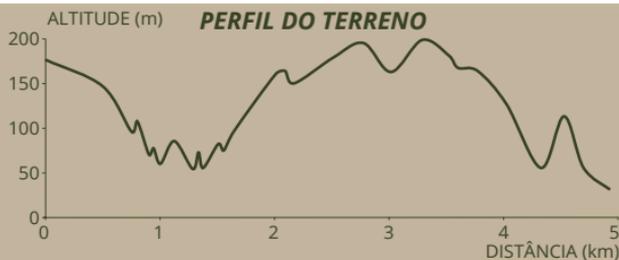


Início do trilho

37° 51' 0.04" N;
25° 17' 11.81" O



Ponto de interesse



PR21 SMI *Padrão das Alminhas - Salto da Farinha*

Este percurso desenvolve-se entre as freguesias da Achadinha e da Salga, numa zona da ilha onde são características as grotas, formadas pela erosão hídrica, deixando a descoberto o manto de lava basáltica solidificada que se transforma em leitos de cursos de água torrenciais. Assim, a presença do elemento da água é uma constante ao longo deste trilho.



Ao chegar à freguesia da Achadinha, no entroncamento da estrada regional com a Rua Direita, irá encontrar o painel informativo junto à pequena zona de lazer com bancos de madeira, num espaço circular. Logo no início do percurso estão localizados dois importantes marcos invocativos ao desembarque das tropas liberais, acontecimento marcante que ocorreu nesta freguesia no século XIX, com o objetivo de derrotar o último reduto absolutista nos Açores. O primeiro monumento diz respeito a um Obelisco em rocha basáltica, em honra das lutas liberais, enquanto o segundo monumento – Padrão das Alminhas – representa uma homenagem às vítimas deste episódio histórico. De referir que este padrão apresenta um azulejo da antiga ermida dedicada a São Bento que estaria localizada onde foi construída a atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

PR21 SMI *Padrão das Alminhas - Salto da Farinha*

Desça a rua Direita, por entre o casario da freguesia, onde surgem algumas habitações que datam do século XIX. Irá notar que muitas casas apresentam placas invocativas a santos populares, como o São João e São Pedro. 200 m depois de ter iniciado a caminhada, encontra à esquerda a Casa da Cultura João de Melo, antiga casa dos pais do escritor, que foi convertida em centro de atividade cultural pela Câmara Municipal do Nordeste. Além dos saraus culturais com intercâmbio de escritores que aqui decorrem, também podem ser visualizadas algumas memórias da freguesia, bem como alguns artefactos tradicionais.

Continue a descida e, 150 m mais à frente, encontra uma placa que indica o desvio que deve efetuar à esquerda, para acesso ao Pesqueiro onde desembarcaram as tropas liberais, comandadas pelo Conde Vila Flor, em 1 de agosto de 1831. Prossiga por entre as pastagens e algumas plantações de milho, onde se destaca a Oeste a igreja da Salga, bem como a Ponta da Ajuda. Um pouco depois, a descida torna-se mais íngreme, na direção do Pesqueiro anteriormente mencionado. Ao chegar à terceira curva “em S”, abandone o asfalto e prossiga por um pequeno atalho à esquerda que acompanha uma levada, que em tempos teve como funcionalidade o abastecimento de uma azenha. Este atalho, que se desenvolve junto aos afloramentos basálticos onde crescem as endémicas *Erica azorica* e *Festuca petraea*, irá guiá-lo até ao lugar do Risco, onde se observa uma pequena queda de água, decorrente do desnível que se forma na zona jusante do curso de água torrencial.

Ao alcançar a linha de água atravessa-a e, logo depois, observa duas placas informativas que correspondem a dois pequenos desvios que pode efetuar, antes de continuar o percurso. Assim, pode optar por visualizar a queda de água a partir de outro ângulo e visitar um pequeno poço à



ACHADINHA

No contexto da Guerra Civil Portuguesa do século XIX (1828-1834), foi nesta freguesia que desembarcaram as tropas liberais sob o comando do Conde de Vila Flor, futuro Duque da Terceira, no assalto contra o último reduto Miguelista nos Açores. Em honra deste acontecimento existe um Obelisco em rocha basáltica, bem como um monumento denominado Padrão das Almas, em homenagem às vítimas deste episódio.

São naturais desta freguesia alguns nomes ilustres das letras, como João de Melo e Adelaide Freitas. Em homenagem ao romancista João de Melo, o município recuperou a antiga casa da família do escritor, adaptando-a como Casa da Cultura.

PR21 SMI *Padrão das Alminhas - Salto da Farinha*



esquerda. Posteriormente, suba a vertente oposta deste vale, por entre exemplares de *Arundo donax* e *Pittosporum undulatum*, não deixando de observar o vale com outra perspetiva.

Após 500 m de subida, chega a uma bifurcação com três placas informativas. De forma a continuar o percurso, deverá seguir a placa que indica Salto da Farinha, no entanto pode optar por efetuar o desvio que indica o Poço Azul (170 m). Caso se decida por efetuar o desvio, veja bem o local onde se encontra (chamemos-lhe de ponto A). Desça a escadaria improvisada e na bifurcação seguinte, desça pela esquerda e rapidamente alcança o Poço Azul, onde pode aproveitar para se refrescar. A explicação para a tonalidade azulada deste Poço é geológica, nomeadamente devido à elevada presença de cobre nas rochas envolventes, originadas por erupções vulcânicas explosivas. Volte à última bifurcação antes do Poço e siga à esquerda na direção da “Ponte de Nosso Senhor”, onde tem uma perspetiva diferente do Poço Azul. Prossiga no atalho que dá uma volta e o irá guiar de volta ao ponto A. Aí siga à esquerda, continuando o percurso no sentido do Salto da Farinha.

Siga por um atalho ladeado por alguns exemplares de *Cryptomeria japonica* até alcançar a estrada regional. Vire à direita por 15 m e siga à esquerda por um pequeno atalho. De volta ao asfalto, atravesse a estrada e prossiga no atalho em frente, que desce por entre a vegetação até uma zona de merendas. Nesta zona, tem a possibilidade de efetuar um pequeno desvio à esquerda para a base do Salto da Farinha, uma queda de água com cerca de 40 m. Depois de efetuado o desvio, prossiga na direção da zona balnear, onde termina este percurso.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PRC22 SMI

Grená - Pico do Ferro

Dificuldade: Fácil Extensão: 6,2 km Duração: 3:00h Forma: Circular



Início do trilho
37° 46' 18.03" N;
25° 20' 3.48" O



Geossítio



Ponto de interesse



Centro Ambiental

Parque Natural de São Miguel



Paisagem Protegida



PRC22 SMI Grená - Pico do Ferro

Este percurso desenvolve-se na Área de Paisagem Protegida das Furnas, com a possibilidade de visitar a caldeira onde se encontra a Lagoa, bem como alguns terrenos envolventes que fazem parte da bacia hidrográfica, onde foi implementado o Plano de Ordenamento da Bacia Hidrográfica das Furnas, com destaque para o Laboratório da Paisagem.



O percurso começa no miradouro do Pico do Ferro, um dos miradouros de referência da ilha, que permite observar o Vale das Furnas, com o povoado à sua esquerda, a Lagoa em frente e, nas margens a zona das Caldeiras onde é confeccionado o famoso cozido. Em dias com boa visibilidade é possível observar ao fundo a ilha de Santa Maria.

Comece por descer no asfalto com o Vale à sua direita, deixando para trás o painel informativo e a *Cryptomeria japonica*. 100 m mais à frente, na curva com exemplares de *Platanus acerifolia*, encontra o atalho à direita por onde deve seguir. Através de uma escadaria improvisada, irá descer por entre a mata que reveste esta vertente do Vale das Furnas, com destaque para alguns exemplares da flora endémica como a *Hedera azorica*, *Dryopteris azorica*, *Laurus azorica*, *Picconia azorica* e *Ilex azorica* e a nativa *Osmunda regalis*.

Um pouco depois, abre-se uma clareira junto a uma pastagem, que permite visualizar a lagoa. Continue em terreno pouco desnivelado e, 100 m mais à frente, irá dar início à descida na linha de água, um pouco mais íngreme, em direção à Lagoa. Tenha atenção ao piso que se pode encontrar escorregadio. À medida que diminui a altitude, a vegetação aumenta o seu porte e há um maior destaque para a flora introduzida, como por exemplo a *Cryptomeria japonica* e o *Hedychium gardnerarum*.

PRC22 SMI Grená - Pico do Ferro

Ao chegar próximo da lagoa, apercebe-se à esquerda das primeiras fumarolas, sinal da atividade vulcânica que se faz sentir neste local. Ao chegar ao caminho em pedra calçada, com a lagoa em frente, observa algumas placas indicadoras referentes ao percurso PRC6 SMI Furnas, uma vez que durante os próximos 800 m os dois percursos coincidem no seu traçado. Vire à direita e, depois de passar o parque de estacionamento, chega às Caldeiras, local turístico onde decorre o processo de preparação do prato tradicional Cozido das Furnas. Após a colocação dos ingredientes numa panela ou pote de barro, submerge-se na terra junto às caldeiras por aproximadamente 6h00, onde irá ser cozinhado com a ajuda do calor emanado pela atividade vulcânica.

Mais alguns metros e tem a possibilidade de se aproximar da lagoa, onde está colocado um painel do Parque Natural, com informação sobre as espécies de aves que são possíveis de avistar neste local, com a respetiva designação, por forma a facilitar a identificação. Em caso de ser um amante do *birdwatching*, este é um "hotspot" de visita obrigatória em São Miguel, uma vez que pode avistar a maioria das espécies de passeriformes residentes nos Açores, bem como espécies aquáticas migradoras neárticas e paleárticas, como a *Ardea cinerea* e a *Egretta garzetta*.

Avance junto à lagoa, passe por uma zona de lazer e ao chegar a uma linha de água, atravesse-a com recurso a alguns pequenos blocos colocados estrategicamente de modo a facilitar a travessia. Com o caminho em terra batida ladeado de *Cryptomeria japonica* siga por aproximadamente 200 m até encontrar novas placas informativas, que lhe indicam a distância que o separa do Laboratório da Paisagem (1,1 km) e do ponto final (4,4 km). Neste ponto pode também observar uma pequena



FURNAS

O Vulcão das Furnas, que chegou a apresentar uma morfologia idêntica à atual Montanha do Pico, sofreu um cataclismo vulcânico associado a fenómenos vulcânicos explosivos há 30 000 anos, que resultou no abatimento da cratera originando uma extensa lagoa. A singularidade geomorfológica e hidrológica da Caldeira das Furnas, onde se destacam as manifestações de vulcanismo secundário, tais como campos fumarólicos e nascentes de água termais valeram o estatuto de Área de Paisagem Protegida.

A combinação dos valores naturais com os culturais torna as Furnas um cenário de excelência, com magníficos cenários, diversidade e riqueza de vegetação, variedade de nascentes termais e minerais, fumarolas e gastronomia associada, como o típico cozido das Furnas.

PRC22 SMI Grená - Pico do Ferro



escultura em madeira, representativa dos vários pedestrianistas que caminham nesta zona da ilha.

Suba no atalho à direita e, 400 m depois, chega à Casa da Grená, antiga casa senhorial construída no início do século XIX. Ainda nos anos 80 do século XX era utilizada como casa de férias de algumas figuras do Estado. Hoje em dia, está ao abandono e até o antigo miradouro para a Lagoa está coberto pela *Cryptomeria japonica*. Suba a escadaria da casa, contorne-a pela direita e continue até topo da vertente.

Ao alcançar o topo da vertente, caso se sinta cansado e pretenda atalhar o percurso, siga à direita na indicação de Pico do Ferro, utilizando um atalho que liga ao caminho de terra batida de acesso ao ponto inicial. Caso pretenda continuar e conhecer o Laboratório da Paisagem, siga à esquerda prestando atenção às marcas do percurso. Terá certamente a companhia da ave endémica *Buteo buteo rothschildi*. Após 500 m, tem um banco em madeira, localizado estrategicamente, de modo a que possa repousar por alguns instantes, com uma vista privilegiada sobre a Lagoa das Furnas. A partir daqui o percurso percorre o Laboratório da Paisagem, uma área de antigas pastagens agrícolas onde estão a ser desenvolvidos projetos de investigação, proteção e de recuperação ecológica e paisagística da bacia hidrográfica envolvente. Quanto à recuperação da flora endémica, destaca-se a presença de espécies como o *Viburnum treleasei*, *Laurus azorica*, *Ilex perado ssp. azorica*, *Erica azorica* e *Vaccinium cylindraceum*, entre outras.

Depois de percorrer cerca de 1 km em terrenos de antigas pastagens agrícolas, segue à direita por um atalho entre um mosaico florestal denominado por “Floresta Encantada”. Em seguida, atravesse a ponte em madeira sobre a linha de água e, no caminho de terra batida, siga à esquerda. Atravessa nova ponte sobre a ribeira e restam-lhe cumprir os últimos 700 m de percurso, de volta ao Pico do Ferro.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PRC26 SMI

Chá Porto Formoso

Dificuldade: Médio Extensão: 4,8 km Duração: 2:00h Forma: Circular



Início do trilho

37° 49' 20.07" N;
25° 25' 34.90" O



PRC26 SMI **Chá Porto Formoso**

Este percurso desenvolve-se na área de plantação do chá Porto Formoso, localizada na freguesia da Porto Formoso, concelho da Ribeira Grande. Com início e fim no miradouro da Vista dos Barcos, junto ao porto, dá a conhecer uma das duas plantações de chá existentes na ilha.

Dirija-se ao centro da freguesia de Porto Formoso, onde encontra o painel informativo junto ao Miradouro da Vista dos Barcos, nome que assenta na perfeição, uma vez que pode ver a baía em frente com o porto, que dá o nome a esta freguesia. Siga para Leste no interior da freguesia e, cerca de 400 m mais à frente, vire à direita numa estreita ladeira em cimento. Este atalho leva-o a subir por entre os campos de cultivo, onde poderá observar os abrigos típicos que protegem as árvores de fruto dos temporais sazonais. Ao chegar a um caminho rural, vire à esquerda e prossiga até encontrar a estrada regional. Vire à esquerda por 20 m, atravesse a estrada com todo o cuidado e vire à direita na ladeira em cimento, com uma inclinação elevada, ensombrado por algumas espécies da flora introduzida, de grande porte, como o *Pittosporum undulatum*, a *Acacia melanoxylon* e o *Eucalyptus globulus*.

Depois de atravessar a linha de água conhecida como Grota das Lajes, continue a subir a colina até encontrar as plantações de chá que cobrem a encosta. Vire à direita no próximo caminho rural e atinge o ponto mais elevado do percurso, aos 282 m de altitude, onde consegue avistar a Ponta Formosa e a Ponta do Cintrão e algumas das plantações de chá. Siga à direita no asfalto e desça até alcançar a Fábrica de Chá Porto Formoso, localizada junto à estrada regional. Esta Fábrica tem à disposição dos seus visitantes jardins panorâmicos, um espaço museológico, uma sala de chá e uma loja. Por muito tempo o chá foi visto apenas como uma planta ornamental, mas no ano de 1878, por iniciativa da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense, chegaram a São Miguel dois especialistas chineses para ensinar a transformação industrial do chá. Assim, o interesse pelo chá aumentou, tendo este atingido grande expressão durante o século XIX e início do século XX. Com a primeira guerra mundial e as posteriores proteções aduaneiras ao chá de Moçambique, desencadeou-se uma crise, onde o número de fábricas de chá foi baixando de 14 para 6, em 1966, e atualmente apenas duas sobrevivem. De forma a preservar os usos e costumes da época da colheita manual, é organizada anualmente (1º sábado do mês de maio) uma atividade intitulada “O Início da Colheita”, onde toda a cultura do chá é reconstituída, apresentando os visitantes com um passado de grande importância sociocultural e de riqueza etnográfica.

Depois de visitar as instalações da Fábrica, siga a sinalização que o leva a descer a pastagem, com as plantações de chá à sua direita. 150 m depois, vire à esquerda e siga em frente na pastagem até alcançar uma quinta de cultivo com produtos locais como o inhame, a laranja e a banana. Continue em direção a Sul, no caminho agrícola ladeado por uma pastagem do seu lado esquerdo, que o irá guiar até à estrada regional. Vire à direita e caminhe os últimos metros até voltar novamente ao Miradouro da Vista dos Barcos.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PR27 SMI

Praia da Viola

Dificuldade: Fácil Extensão: 5 km Duração: 2:00h Forma: Linear



Início do trilho
37° 49' 49.56" N ;
25° 21' 9.66" O



Zona balnear



Ponto de interesse



Elevação



PR27 SMI *Praia da Viola*

Este percurso linear, marcado nos dois sentidos, faz uma ligação entre as freguesias da Lomba da Maia e Maia através de um atalho costeiro. Uma vez que atravessa diversas linhas de água, irá encontrar ao longo do trilho diversas estruturas associadas ao aproveitamento dos recursos hídricos, tais como azenhas e tanques.



Dirija-se ao centro da freguesia da Lomba da Maia, mais precisamente às imediações da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde irá encontrar o painel informativo do percurso, localizado no Largo Dr. Manuel Sá Couto. Após o povoamento inicial (final do século XV) na Maia, onde o desembarque era relativamente fácil, a população começou a estender-se para Leste, com as habitações a localizarem-se sobre as lombas sobranceiras às principais ribeiras, a partir das quais era fácil o acesso à água. Em consequência, o território da freguesia da Maia, onde se incluía a Lomba da Maia, ocupava inicialmente toda a faixa costeira desde a ponta onde foi fundada até à Ribeira da Salga. A partir do início do século XX, a Lomba da Maia foi elevada a freguesia. Ao longo dos tempos teve um papel importante na produção de linho, telha cerâmica e tabaco, mas hoje em dia a principal atividade económica é a agropecuária.

Após apreciar o mural com pinturas de alguns locais de interesse da freguesia, prossiga no sentido da Igreja, passando pelo coreto. Depois da escola, surge um pequeno monumento em honra de um ator natural desta freguesia – João Soares Brandão, que aos onze anos de idade rumou ao Brasil, onde se tornou um popular ator de comédia, conhecido como *Brandão, o Popularíssimo*.

Siga na estrada, na pequena ponte que atravessa a Ribeira do Preto, e prossiga por 400 m até encontrar uma marca de desvio à direita, junto de um antigo fontanário, para a Rua Forno da Telha. Depois de terminarem as habitações, o caminho prossegue por entre terrenos de cultivo, nomeadamente de milho, e tem oportunidade de avistar a paisagem envolvente, com destaque para a Ponta do Cintrão e costa noroeste da ilha.

Depois de uma curva à direita e outra curva à esquerda, o caminho termina e irá prosseguir numa pastagem até alcançar o topo da encosta do vale. Conseguir avistar no leito do vale, junto ao mar as primeiras ruínas das Azenhas da Viola, local para onde se vai encaminhar. Na bifurcação, prossiga no atalho superior da direita, com uma casa rural de apoio a uma propriedade privada à esquerda, num plano inferior. Após uma pequena descida chega ao asfalto. Tem as indicações da distância até à Praia da Viola (0,8 km) e Maia (3,2 km). Caso pretenda efetuar o desvio de ligação ao percurso que se desenvolve no lugar da Ribeira Funda – PRC35 SMI Moinhos da Ribeira Funda, tem duas hipóteses: ou segue neste ponto à direita, através da estrada ou desce à esquerda até encontrar a placa informativa do PRC35 SMI, e segue à direita através de um atalho que faz a ligação ao percurso desejado.

Para continuar no percurso que termina na Maia, siga à esquerda e desça a ladeira em cimento que o irá guiar até ao leito da Ribeira do Salto. Atravesse-a com o devido cuidado e encontra o primeiro conjunto de moinhos de água – Azenhas da Viola. À medida que desce a escadaria em pedra, apercebe-se de uma pequena queda de água que corre ao lado dos antigos moinhos de água.

Chega à Praia da Viola, uma pequena praia de areia grossa, onde predomina a tranquilidade. Caminhe na praia por 200 m e vire à esquerda, para uma escadaria em pedra que o leva a visitar o segundo conjunto de moinhos de água desta zona – Azenhas do Nateiro. Siga à direita no atalho e, mais à frente, consegue visualizar à sua direita a foz onde a Ribeira dos Miguéis se encontra com a Grota dos Vimes, com destaque para a disjunção prismática ou colunar que se observa na falésia envol-



MOINHOS DE ÁGUA

Os moinhos alinhados e próximos uns dos outros eram alimentados por uma levada de água única que os interligava. Tinham como objetivo a moagem dos cereais, de forma a obter a farinha usada na confeção do pão, alimento base de inúmeras famílias. Cada um está implantado num patamar nivelado e de tal forma que a torre de descarga ficava num ponto elevado. Eram construídos em alvenaria de pedra à vista, tinham telhados de duas águas e uma janela virada para o mar.

Localizados nas imediações da Praia da Viola encontram-se dois conjuntos de antigas azenhas – Azenhas da Viola e Azenhas do Nateiro.

PR27 SMI *Praia da Viola*



vente. Depois de atravessar a ponte sobre a Ribeira dos Miguéis, suba o atalho por entre *Pittosporum undulatum*, *Arundo donax* e a nativa *Morella faya*. Neste segmento do percurso poderá ter a companhia do *Buteo buteo rothschildi*. Após uma curva à direita, o atalho suaviza e começa a ver a freguesia da Maia no seu horizonte.

Ao chegar a uma pequena zona de abrigo, com alguns bancos em madeira para contemplação da paisagem, prossiga no atalho à direita que desce a falésia. A meio da descida observe a nascente conhecida como *Água da Fonte Santa*. 250 m mais à frente encontra um tanque de água de dimensões consideráveis, com vários níveis, junto ao mar, que em tempos foi muito utilizado pela população local para a lavagem de roupas, tal como pode ser visto na imagem ilustrativa, que se encontra ao lado do tanque.

Suba a escadaria à esquerda do tanque e vire à direita no atalho de pé posto, percorrendo os últimos metros do trilho pedestre até ao Porto da Maia. Durante este último segmento do percurso, irá encontrar diversas imagens ilustrativas de antigos costumes rurais, típicos de uma freguesia rural como a Maia.

TRILHOS DOS AÇORES

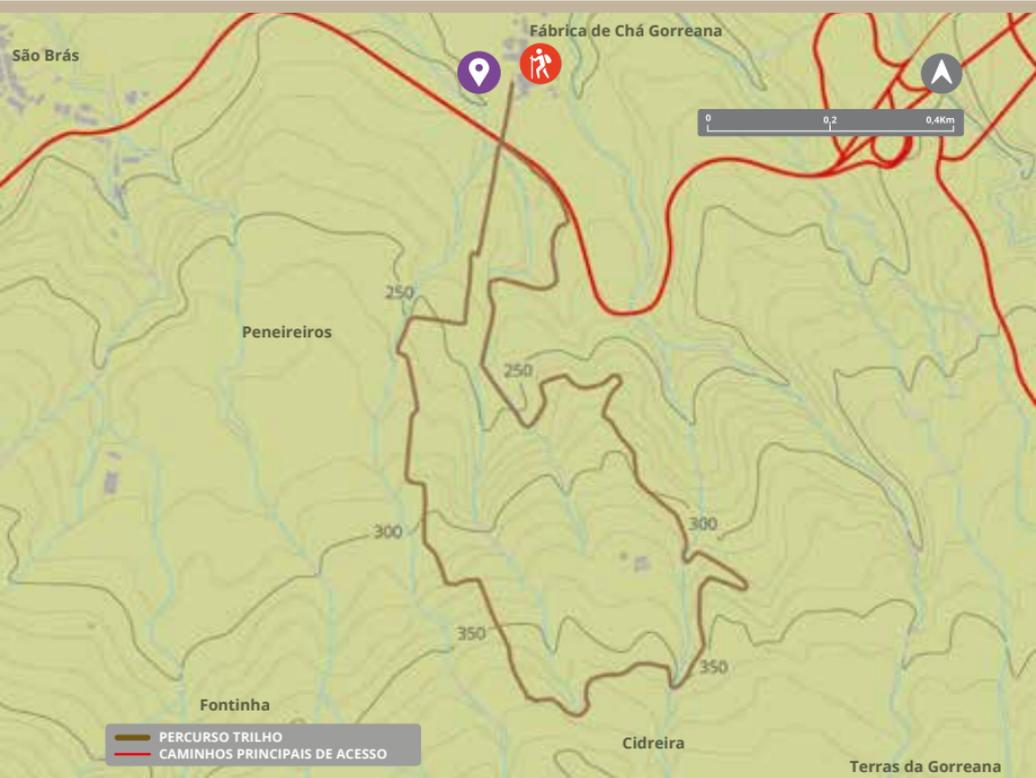


SÃO MIGUEL

PRC28 SMI

Chá Gorreana

Dificuldade: Fácil Extensão: 3,4 km Duração: 1:30h Forma: Circular



Início do trilho

37° 49' 4.16" N;
25° 24' 8.89" O



Ponto de interesse



PRC28 SMI *Chá Gorreana*

Este percurso desenvolve-se na área de plantação de chá Gorreana, localizada na zona montante da freguesia da Maia, concelho da Ribeira Grande. Com início e fim na Fábrica de Chá Gorreana, o percurso dá a conhecer a mais antiga plantação de chá na Europa.



Dirija-se à Fábrica de Chá Gorreana, onde encontra o painel informativo deste percurso junto ao parque de estacionamento. No século XIX, com o desaparecimento da produção da laranja, que marcou um ciclo económico importante para os Açores, começou a procura por alternativas rentáveis. Assim, depois da cultura do chá ter sido introduzida no Arquipélago, por volta de 1820, com sementes trazidas do Brasil por Jacinto do Leite, os membros da Sociedade Promotora Micaelense impulsionaram o cultivo do chá, tendo este atingido grande expressão durante o século XIX e início do século XX. Com a primeira guerra mundial e as posteriores proteções aduaneiras ao chá de Moçambique, desencadeou-se uma crise, onde o número de fábricas de chá foi baixando de

14 para 6, em 1966, e atualmente apenas sobrevivem duas. Esta fábrica tem como particularidade o facto de utilizar energia elétrica aproveitando um curso de água existente nas imediações.

De costas voltadas para a fábrica, siga em frente no troço de asfalto que passa por um painel informativo de um trilho municipal. Em seu redor e em frente a paisagem é dominada pelas plantações de chá da Gorreana, cobrindo uma área de 32 hectares de onde se produzem cerca de 33 toneladas de chá por ano. Uma pequena parte é destinada ao mercado açoriano e o restante é exportado para o continente português e regiões como a América do Norte, Europa Central e Brasil, Angola e Japão, entre outras.

Ao chegar à estrada regional, atravesse com cuidado e vire à esquerda no atalho que contorna as plantações de chá pela esquerda, junto à vedação. 350 m mais à frente, no caminho de terra batida, vire à direita. Nas bifurcações seguintes opte por seguir à esquerda e, cerca de 600 m após ter subido no caminho de terra batida, chega a um ponto elevado onde consegue avistar grande parte das plantações de chá e os curiosos desenhos que formam nos terrenos.

A partir daqui, irá subir no caminho que se desenvolve numa das encostas do vale da Ribeira da Gorreana, sendo que durante os próximos metros, as plantações de chá dão lugar a uma mata constituída por exemplares de *Acacia melanoxylon*, *Pittosporum undulatum*, *Morella faya* e *Hydrangea macrophylla*. Depois de cruzar a linha de água, começa a ganhar predominância a *Cryptomeria japonica* e, ao alcançar a zona de pastagens, surgem novamente algumas plantações de chá, com a espécie de avifauna endémica dos Açores *Buteo buteo rothschildi* a marcar presença.

Cerca de 250 m mais à frente, chega ao ponto mais elevado do percurso, aos 370 m de altitude, onde encontra novas plantações de chá e algumas pastagens, com as criptomérias a servirem de sebes naturais contra os ventos mais fortes. Vire à direita no atalho que segue na pastagem, ladeado por uma vedação em madeira e por um conjunto



CHÁ GORREANA

Desde 1883 que a Gorreana produz exclusivamente chá preto e chá verde. Todo o chá deriva da planta *Camellia sinensis*, que é uma pequena árvore da família das teáceas. O clima húmido e ameno dos Açores impossibilita o aparecimento das pragas normais do chá, razão pela qual não é utilizado qualquer inseticida ou pesticida nas plantações, favorecendo-se assim a produção 100% biológica, com recursos a fertilizantes naturais, como o estrume vegetal. Aliado às condições climáticas, os solos argilosos com pH ácido e ricos em minerais, a brisa marítima rica em nutrientes e os métodos de cultivo artesanais constituem as razões pelas quais a Gorreana ser uma das únicas plantações de chá, com fins comerciais, na Europa.

PRC28 SMI *Chá Gorreana*



de *Cryptomeria japonica*. Posteriormente, ao iniciar a descida para a Fábrica de Chá Gorreana, observa à sua frente as plantações de chá que cobrem a encosta, com a freguesia de São Brás e a Ponta Formosa no seu horizonte.

Através de um caminho de terra batida, siga por entre as plantações de chá, optando pela esquerda nas próximas duas bifurcações até se aproximar da mata de *Cryptomeria japonica* que cobre uma linha de água que corre do seu lado esquerdo. Aí, vire à direita e desfrute de uma última panorâmica sobre as plantações de chá que cobrem toda esta área.

Por fim, desça os últimos metros do percurso até voltar novamente à Fábrica de Chá, onde poderá efetuar uma visita, para provar um dos chás produzidos nas plantações que acabou de visitar e/ou conhecer mais sobre o processo de fabrico e diferentes fases da produção de chá. De referir que a Fábrica de Chá está aberta para visitaçao durante a semana das 8h00 às 19h00 e, aos fins de semana, das 9h00 às 19h00.

TRILHOS DOS AÇORES

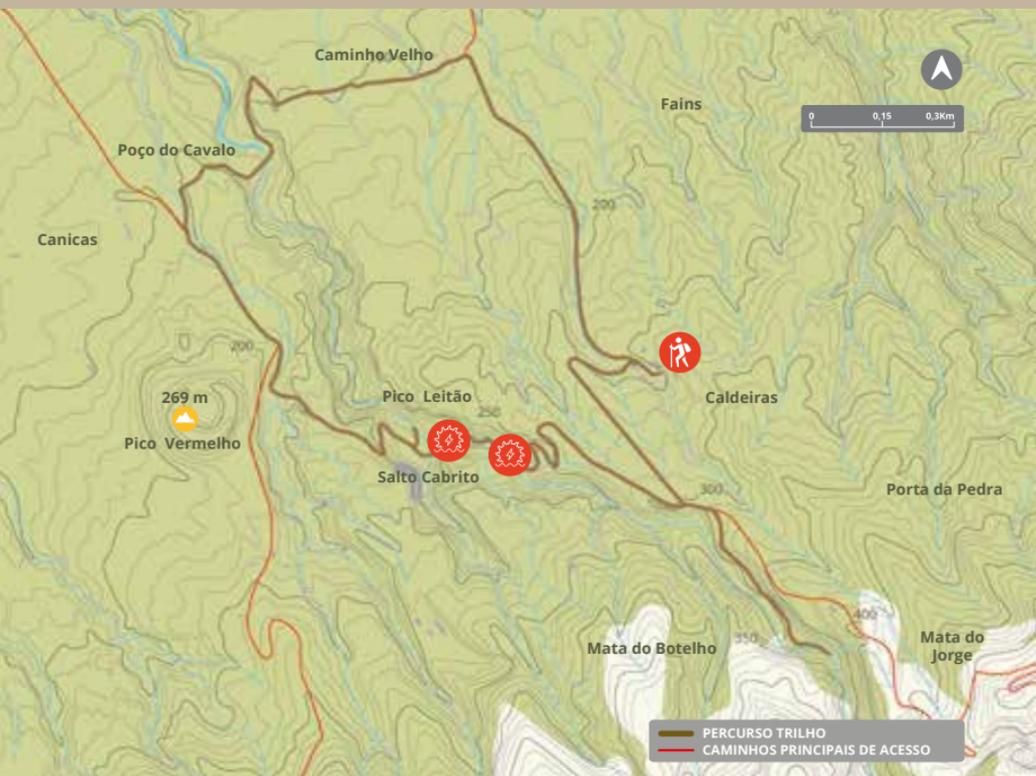


SÃO MIGUEL

PRC29 SMI

Caldeiras da Ribeira Grande - Salto do Cabrito

Dificuldade: Fácil Extensão: 7,5 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho
37° 47' 52.20" N;
25° 29' 14.49" O



Elevação



Ponto de interesse



Central Hidroelétrica

Parque Natural de São Miguel

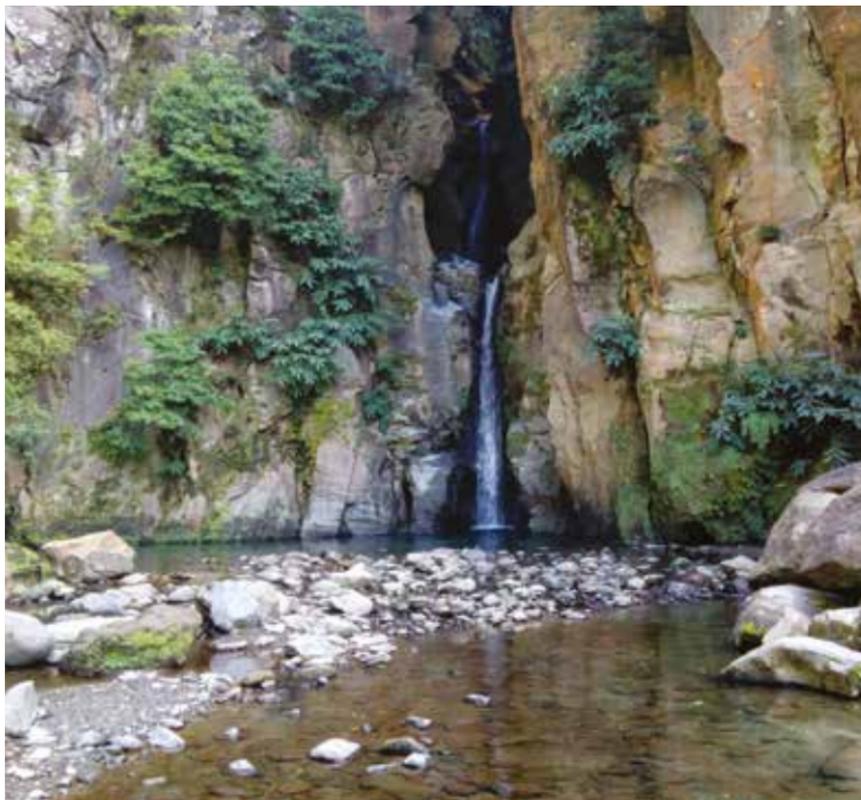


Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PRC29 SMI *Caldeiras da Ribeira Grande - Salto do Cabrito*

Este percurso circular desenvolve-se na zona montante da Ribeira Grande, com início e fim na zona das Caldeiras, importante campo fumarólico e zona de desgaseificação que testemunha a presente atividade vulcânica associada ao Vulcão do Fogo.



Dirija-se à zona das Caldeiras da Ribeira Grande, onde encontra o painel informativo deste percurso, localizado junto ao parque de estacionamento que serve de apoio às termas, o primeiro dos três tipos diferentes de aproveitamento da energia geotérmica que irá encontrar ao longo do percurso. Ao lado da caldeira com águas em tons de azul claro, em contínua ebulição, encontra o edifício oitocentista das Termas das Caldeiras da Ribeira Grande, o mais antigo da ilha ao nível do termalismo. Aqui, a água de uma nascente é aquecida pelo vapor geotérmico e utilizada para fins de balneoterapia, historicamente apelidados de “Banhos da Coroa”.

Depois de apreciado o conjunto arquitetónico das Termas, desça a rua, passando por um grande exemplar da flora vascular endémica – *Prunus azorica*. Ao chegar às placas informativas, siga no sentido do Monte Escuro e Lombadas. Alguns metros mais à frente, à sua esquerda, encontra a zona dos cozidos, o segundo tipo de aproveitamento geotérmico. A Câmara Municipal da Ribeira Grande e a EDA Renováveis promoveram

PRC29 SMI *Caldeiras da Ribeira Grande - Salto do Cabrito*

a construção de 9 caves geotérmicas, que ficam à disposição da população, para o tradicional Cozido das Caldeiras. Estas estruturas captam o vapor que circula a 4-5 m de profundidade, através das fraturas associadas às formações de lava traquítica. Por convecção, o vapor é encaminhado para a superfície, permitindo a cozedura dos alimentos que compõe o Cozido, a uma temperatura estável de 90° - 95°, durante 6 horas.

Volte ao asfalto e prossiga à esquerda, subindo o caminho por entre pastagens, onde se encontram diversos sinais que o alertam para o facto de estar a atravessar uma área de desgaseificação, razão pela qual se deve evitar a permanência nesta zona por períodos prolongados. Com a companhia da ave endémica – *Buteo buteo rothschildi*, e o Vulcão do Fogo à sua frente, chega a uma bifurcação, onde pode efetuar um desvio à esquerda para visitar a Barragem Dam, uma construção do início do século XX, que tinha como funcionalidade conceber um lago artificial com capacidade de armazenar água durante a noite para ser turbinada durante o dia. A levada que observa diz respeito ao canal que conduz a água até à conduta forçada que por sua vez, a dirige até à turbina da Central Hidroelétrica, localizada num patamar inferior, onde a energia potencial da água é transformada em energia elétrica. Assim, esta barragem constitui a primeira etapa do circuito hidráulico que alimenta a Central Hidroelétrica da Fajã Redonda, que irá visitar mais à frente no percurso.

Volte atrás ao ponto onde efetuou o desvio para a barragem e continue no caminho de terra batida à esquerda. 50 m mais à frente, entre no atalho à esquerda que acompanha a conduta de água, ladeado por uma vegetação onde se destacam as espécies introduzidas como o *Pit-tosporum undulatum*, *Hedychium gardnerianum* e *Acacia melanoxylon*. Irá passar por duas escadarias em madeira improvisadas, que o ajudam a transpor a conduta de um lado para o outro. Ao chegar a uma zona com um aglomerado de *Cryptomeria japonica*, siga no atalho à direita,



ENERGIA HÍDRICA NOS AÇORES

Nos Açores, todos os aproveitamentos hidroelétricos são explorados a fio de água, ou seja, toda a água que flui na ribeira é imediatamente aproveitada. Dependendo das características dos aproveitamentos, como a pressão e caudal da água à entrada da central, existem diferentes tipos de turbinas, designadamente as *Pelton*, as *Francis* e as *Kaplan* (semelhantes à hélice de um barco). Enquanto a Central Hidroelétrica da Fajã Redonda funcionava com recurso a três turbinas do tipo *Francis*, a Central Hidroelétrica do Salto do Cabrito utiliza turbinas do tipo *Pelton*. De referir que a energia elétrica produzida por via hídrica, nos Açores, ronda os 30 GW/ano, o que equivale aproximadamente à produção de energia elétrica da ilha de São Jorge.

PRC29 SMI *Caldeiras da Ribeira Grande - Salto do Cabrito*

deixando para trás a conduta, até alcançar uma cancela, próximo de um caminho rural. Vire à esquerda e desça o caminho de terra batida, “em S”, que corresponde a uma das vertentes do vale da Ribeira Grande. Enquanto desce, note nas fumarolas que vão aparecendo aqui e ali nos taludes de pedra pomes, reveladoras do vulcanismo secundário associado ao Vulcão do Fogo. Ao chegar próximo da linha de água, revela-se à sua frente a Central Hídrica da Fajã Redonda, a última etapa do circuito hidráulico anteriormente mencionado, que encerrou a sua atividade em 2004, para dar lugar à Central Hídrica do Salto do Cabrito, que irá visitar mais à frente. Hoje em dia, este espaço foi convertido em Núcleo Museológico, onde se pode verificar como era produzida a energia hidroelétrica no início do século XX, onde todo o equipamento era acionado e vigiado manualmente.

Atravesse a ribeira, com recurso à ponte metálica, e siga pelo atalho da margem contrária, junto à conduta de água. Um pouco mais à frente, o leito da ribeira estreita sofre um desnível e, subitamente, encontra-se a uma altitude maior relativamente à linha de água. Pode observar o talude constituído por tufo vulcânico. Em seguida, desça com cuidado a escadaria em pedra, que pode encontrar-se escorregadia, em direção à Central Hidroelétrica do Salto do Cabrito, junto da linha de água. Construída em 2006, esta Central aproveitou uma localização já utilizada anteriormente para fins hidroelétricos e, ao contrário do que sucedia na Central da Fajã Redonda, a produção elétrica é efetuada com recurso a automatismos e controlo à distância. Nesta zona pode encontrar alguns exemplares da avifauna endémica, como o *Columba palumbus azorica*, *Buteo buteo rothschildi* e o morcego *Nyctalus azoreum*.

Tal como pode ver na placa informativa, a 50 m pode visitar o Salto do Cabrito. Não perca a oportunidade de apreciar esta queda de água, com cerca de 40 m, que diz respeito ao repentino desnível acentuado do leito da ribeira, que tinha constatado antes de descer a escadaria em pedra.

Posteriormente, de costas voltadas para a Central Hidroelétrica do Salto do Cabrito, suba o caminho de asfalto, ladeado por *Pittosporum undulatum*, *Acacia melanoxylon* e *Cryptomeria japonica*, e vire à esquerda. Um pouco depois, passa por um depósito de água e desça no caminho da direita que o irá guiar até à estrada regional, onde deverá seguir à direita.

Nesta fase, encontra um exemplo de outro tipo de aproveitamento da energia geotérmica, nas Centrais Geotérmicas, que contribuem com 44% da energia produzida em São Miguel. Cerca de 300 m mais à frente, encontra um caminho de terra batida à direita, por onde deve continuar a caminhada. Depois de cruzar a linha de água, que corre no vale da Ribeira Grande, vire à direita no próximo caminho rural que encontrar. Avance por 30 m e vire à esquerda, no caminho rural, até entroncar com um caminho de calçada, onde pode ver na placa informativa a distância que o separa do ponto final (1,2 km).

Vire à direita e suba este caminho, ladeado numa primeira fase por *Platanus acerifolia* e, posteriormente por *Hedychium gardnerianum* e *Pittosporum undulatum*, até voltar à zona das Caldeiras da Ribeira Grande.

TRILHOS DOS AÇORES

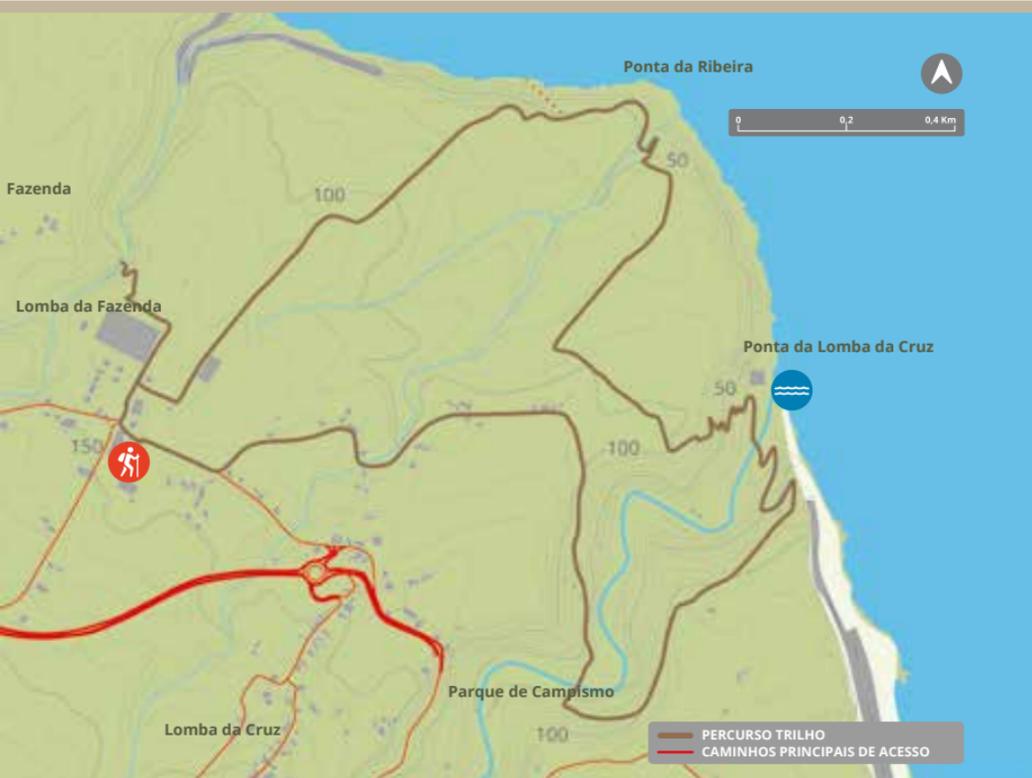


SÃO MIGUEL

PRC31 SMI

Lomba da Fazenda

Dificuldade: Médio Extensão: 6 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho

37° 50' 41.25" N;
25° 9' 38.76" O

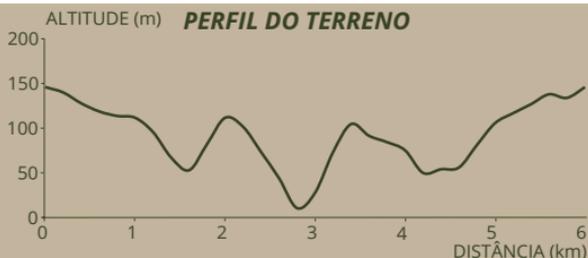


Zona balnear

Parque Natural de São Miguel



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PRC31 SMI *Lomba da Fazenda*

O percurso desenvolve-se na freguesia da Lomba da Fazenda, pertencente ao concelho do Nordeste. Em 1925, por ação de dois homens naturais da terra, os lugares da Lomba da Cruz e Fazenda foram desanexados da freguesia de São Jorge, passando a constituir a atual freguesia da Lomba da Fazenda.



Dirija-se ao centro da freguesia da Lomba da Fazenda, onde sobressai a igreja da Imaculada Conceição, com um pequeno jardim em frente onde se destaca a presença de um coreto e onde pode encontrar o painel informativo do percurso pedestre, com toda a informação necessária antes de dar início à caminhada.

Comece por descer a estrada regional e, 200 m mais à frente, siga à esquerda pela Rua Caminho do Concelho, ladeado por algumas pastagens e terrenos agrícolas, ou não fosse esta uma zona rural da ilha. Depois da primeira curva, irá atravessar a ponte sobre a ribeira com pequenos pomares nos terrenos marginais à linha de água, com destaque para a plantação de algumas bananeiras. Na próxima bifurcação siga a indicação do Parque de Merendas, através da estrada que se torna um pouco mais íngreme. Apercebe-se que está a descer uma das encostas do vale da Ribeira do Guilherme. Estes vales, característicos desta zona da ilha, originam-se devido à erosão hídrica provocada pelas diferentes ribeiras que escorrem a partir da região montanhosa da Tronqueira, e que escavam os materiais pomíticos, originando profundos vales. Ao longo desta descida, o *Buteo rothschildi* faz sentir a sua presença com o canto característico.

PRC31 SMI *Lomba da Fazenda*

Ao chegar à Ribeira do Guilherme, atravesse a ponte e siga no atalho por entre um conjunto de antigos moinhos de água bem preservados, até alcançar o asfalto. À sua direita tem o parque de campismo. Siga à esquerda e suba por 300 m até ao miradouro da Ribeira do Guilherme, onde pode observar o vale profundo que acabou de atravessar. À direita, junto ao mar, está a piscina da Boca da Ribeira. É para lá que se deve dirigir. Depois da descida no asfalto, chega ao parque de estacionamento utilizado pelos banhistas que se deslocam à piscina da Boca da Ribeira. Atravesse a ponte sobre a ribeira e, ao chegar próximo da piscina, siga à esquerda no atalho de pé-posto que sobe a vertente da encosta. Numa primeira fase da subida, destacam-se os exemplares de *Tamarix africana* e *Arundo donax*, evoluindo para uma maior concentração de exemplares de *Erica azorica*. Ao chegar ao topo da encosta, aproveite para uma última contemplação do vale e siga em frente na pastagem, junto ao muro. Um pouco mais à frente, na bifurcação, vire à esquerda por 5 m e prossiga no caminho de terra batida à direita, que o irá guiar até à Ponta da Ribeira.

Aproxime-se da linha de água e desça no sentido da costa. Ao chegar próximo da costa irá notar que o atalho curva “em gancho” no sentido montante da linha de água. Siga por entre a *Erica azorica* e, alguns metros mais à frente, encontra a marca para atravessar a ribeira. Ao aproximar-se do lugar conhecido como “Parque Endémico do Pelado”, encontra à direita um miradouro de pedra circular, que lhe permite



PRC31 SMI *Lomba da Fazenda*



desfrutar de um momento de pausa, contemplando a paisagem costeira envolvente. A partir daqui o trilho prossegue junto à costa através de um piso empedrado, com diversas espécies endémicas, devidamente assinaladas com pequenas placas, onde se destacam a *Erica azorica* e a *Myrica faya* (atualmente denominada *Morella faya*). Caso assim o pretenda, na próxima bifurcação, pode efetuar o pequeno desvio à direita para a zona do portinho, que teve oportunidade de avistar no miradouro anterior.

Em seguida, o percurso segue por uma pastagem até ao asfalto da Rua do Cemitério. Suba por 800 m e, próximo do cemitério, siga à direita para a Rua Dr. Vítor Cabral Macedo. Ao chegar às imediações da Ermida de Nossa Senhora das Dores, pode optar pelo desvio à direita até ao Parque da Morgada, agradável zona de lazer com antigas pias utilizadas para lavar a roupa, ou virar à esquerda e finalizar o percurso de volta ao jardim da freguesia.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PRC33 SMI

Atalho dos Vermelhos

Dificuldade: Médio Extensão: 5,4 km Duração: 2:00h Forma: Circular



Início do trilho

37° 53' 35.96" N;
25° 47' 26.42" O



Elevação

Parque Natural
de São Miguel



Área Prot. para a Gestão
de Habitats ou Espécies



PRC33 SMI *Atalho dos Vermelhos*

Este percurso circular desenvolve-se no flanco Noroeste do vulcão das Sete Cidades, junto à costa. Embora decorra maioritariamente na freguesia dos Mosteiros, tem início no lugar do João Bom, freguesia do Pilar da Bretanha.



Através da estrada regional, dirija-se até ao lugar do João Bom, mais concretamente ao entroncamento com a Rua do Argentino, onde encontra o painel informativo do percurso, junto a um pequeno merendário. Está na freguesia do Pilar da Bretanha, que deve o seu nome à concentração de uma pequena comunidade de naturais do centro e norte da Europa, nomeadamente Grã-Bretanha e Bretanha francesa, aquando do povoamento da ilha de São Miguel.

Comece por descer a Rua do Argentino e, ao chegar ao largo com o minimercado em frente, siga pela esquerda. Na bifurcação opte por ir em frente, passando por uma antiga ermida com o “Treatro” do Espírito Santo em anexo. Sendo uma aliteração de teatro, é uma pequena construção destinada ao culto do Espírito Santo, geralmente de planta quadrangular e com cobertura de telha, aberta pelo menos no lado da frente. Embora adquiram configurações ou nomes diferentes, estas estruturas de culto ao Espírito Santo estão presentes em todas as ilhas dos Açores.



Siga à direita pela Rua da Relvinha. Passa uma curiosa estrutura em madeira sobrelevada em relação ao solo, que parece ser um galinheiro e, logo depois, por uma unidade de alojamento local. Mais à frente, terminam as habitações e o caminho prossegue em terra batida, por entre algumas pastagens. Aqui irá certamente notar a presença da ave endémica *Buteo buteo rothschildi*. Ao chegar próximo da zona costeira, numa curva pronunciada, entre na pastagem à esquerda e siga em frente até ao lado oposto do terreno, onde encontra um atalho por entre a vegetação.

Desça por entre a mata de *Pittosporum undulatum* através de uma escadaria improvisada, com recurso a alguns troncos de madeira, em direção à Grota do Loural. Logo no início da descida, tem a oportunidade de visitar um miradouro à direita, que possibilita uma vista sobre as altas falésias da costa norte dos Mosteiros, constituídas por escoadas lávicas alternadas com materiais de projeção, expostas à erosão e consequente oxidação do ferro das rochas, que lhe conferem um tom avermelhado. Além desta zona ser parte integrante da *Área Protegida de Gestão de Recursos* da Ponta da Ferraria – Ponta da Bretanha, também faz parte da *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies* da Ponta da Bretanha, caracterizada pela presença de inúmeras grotas arborizadas, tal como esta que está a atravessar. As falésias altas recortadas pela erosão marinha constituem um habitat importante para a nidificação de algumas aves marinhas, como o *Calonectris diomedea borealis* e o *Puffinus assimilis*.

Continue a descida por entre a vegetação, deparando-se com alguns exemplares da flora endémica, como o *Laurus azorica*, *Erica azorica*, *Piconia azorica* e o *Hypericum foliosum*. Ao chegar ao leito da linha de água, siga à direita, junto ao perfil geológico onde se distingue perfeitamente uma antiga escoada piroclástica. Durante os próximos 500 m, o atalho prossegue contornando a encosta, num piso de terra batida, passando por algumas estruturas de captação de água.

PRC33 SMI *Atalho dos Vermelhos*

Posteriormente, suba no caminho mais largo que se vai afastando da costa, por entre alguns exemplares de *Pittosporum undulatum*, *Arundo donax*, a nativa *Morella faya* e figueiras, que irá guiá-lo até à Rua da Pedra Queimada, via de ligação à freguesia dos Mosteiros, pelo lado Norte.

À sua esquerda tem o Pico da Mafra, cone de escórias que se eleva aos 361 m, responsável pelo derrame lávico que originou a fajã lávica que observa à sua direita, onde se instalou a freguesia dos Mosteiros. Suba a rua por entre pastagens e campos de cultivo até alcançar um largo, na Lomba dos Homens. Vire à esquerda na Rua da Casa Velha.

Na fase inicial da rua, observe nos taludes a grande quantidade de materiais de projeção como cinzas e pedra-pomes, originados pelo vulcão das Sete Cidades, o qual avista o flanco noroeste e respetiva cumeeira, a marcar a paisagem do seu lado direito. No próximo entroncamento que encontrar, próximo à estrada regional, opte por seguir em frente no caminho secundário que o leva até à Grota do Lameiro. Depois de cruzar o leito desta Grota, continue no caminho ladeado por *Cryptomeria japonica*. Após uma curva pronunciada à esquerda chega novamente às habitações, reconhecendo a Ermida e o "Treatro" do Espírito Santo, por onde passou no início do percurso. Desta forma, siga em frente e vire à direita na Rua do Argentino, percorrendo os últimos metros de volta ao merendário do João Bom.



TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PRC34 SMI

Fenais da Ajuda - Lomba de São Pedro

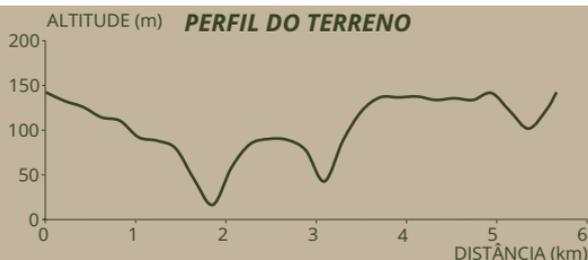
Dificuldade: Médio Extensão: 5,5 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho
37° 51' 10.60" N ;
25° 19' 26.15" O



Zona balnear



PRC34 SMI *Fenais da Ajuda - Lomba de São Pedro*

Este percurso começa e termina no centro da freguesia dos Fenais da Ajuda. De forma circular, o trilho faz uma ligação à freguesia vizinha da Lomba de São Pedro, sendo possível apreciar a beleza natural da costa norte, bem como o património cultural nas zonas interiores das freguesias.



Dirija-se ao centro da freguesia dos Fenais da Ajuda, mais precisamente às imediações da Junta de Freguesia, onde irá encontrar o painel informativo do percurso. A freguesia dos Fenais da Ajuda foi assim denominada devido à abundância de feno, que existiu em tempos e, em honra da padroeira do antigo Convento Franciscano que existia no lugar. Os primeiros habitantes desta freguesia vieram da Maia, estabelecendo-se aqui por volta de 1500.

Comece por descer a rua de Nossa Senhora da Ajuda, passando pela escola primária e várias moradias do núcleo habitacional da freguesia. 200 m depois, chega a um largo com um antigo chafariz e a igreja em frente, situada ao fundo de um jardim retangular, enquadrado por duas filas de *Platanus acerifolia*. Destaque ainda para o coreto em pedra, rodeado por um pequeno tanque de água circular, à entrada da igreja.

Siga à direita e, 200 m mais à frente, próximo de um tanque de água, opte pelo caminho agrícola da esquerda, que segue por entre algumas pastagens com sebes de *Arundo donax*, plantações de milho e alguns terrenos privados com plantações de árvores de fruto. Este caminho irá

PRC34 SMI *Fenais da Ajuda - Lomba de São Pedro*

guiá-lo até a uma pequena zona de lazer, com bancos de pedra. Aproveite para desfrutar da vista sobre a costa noroeste da ilha, com destaque para a Ponta do Cintrão, em primeiro plano.

Prossiga pelo caminho à direita da zona de lazer, que desce a encosta até ao antigo porto de pescas, atualmente inutilizado. Ao alcançar a antiga rampa utilizada para acesso das embarcações ao mar, suba o muro à direita, onde pode observar uma curiosa arcada em pedra basáltica. Siga as marcas, que o levam a subir na encosta por entre alguns exemplares de flora endémica como a *Erica azorica* e *Festuca petraea*, bem como a nativa *Morella faya*. Um pouco depois, siga à esquerda e suba o terreno de cultivo até alcançar um caminho agrícola. Aí vire à esquerda, em terreno mais aplanado, com a companhia do *Buteo buteo rothschildi*. Chega ao asfalto e, 100 m mais à frente encontra uma zona de lazer e espaço de recreio infantil, onde poderá fazer uma pequena pausa, apreciando parte da costa nordeste.

Posteriormente desça a ladeira em cimento, com uma inclinação acentuada (25%), ladeada por *Platanus acerifolia*, *Erica azorica* e *Hydrangea macrophylla*, observando em frente o vale onde corre a Ribeira da Salga, com destaque para a queda de água junto à foz. Após efetuar a primeira curva à esquerda, preste atenção às marcas do percurso que o levam a subir a encosta à direita, por entre a mata de *Pittosporum undulatum*. Siga no atalho que acompanha a linha de água. Ao abrir-se uma clareira, numa zona de pastagens, continue em frente por um atalho que o irá guiar à estrada. Vire à direita.



PRC34 SMI *Fenais da Ajuda - Lomba de São Pedro*

Está agora na freguesia da Lomba de São Pedro. Antigo lugar da freguesia dos Fenais da Ajuda, foi elevada à categoria de freguesia em 1980. A sua toponímia deve-se à sua configuração geográfica, situada no dorso ou lomba de uma encosta entre duas ravinas, e ao nome do santo padroeiro, São Pedro.

No entroncamento seguinte, siga pela rua da Igreja, seguindo a indicação de Miradouro da Rocha. Ao longo desta rua irá encontrar diversos fontanários antigos, com destaque para um que está datado de 1899, onde a construção foi efetuada em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, com exceção da bacia, cartela e restantes elementos decorativos, que são em cantaria à vista. Um pouco mais à frente, nas imediações do coreto, encontra a Igreja de São Pedro. Na fachada principal consegue distinguir facilmente o elemento decorativo das chaves, em alusão a São Pedro, a quem Jesus Cristo entregou “as Chaves dos Céus”.

Atravesse a ponte sobre a ribeira e suba a ladeira até encontrar um tanque de água. Aí, siga no caminho à esquerda. Alguns metros depois, o caminho transforma-se numa vereda que o encaminha para uma mata composta essencialmente por *Morella faya*, *Pittosporum undulatum* e *Acacia melanoxylon*. Ao chegar à Quinta da Ladeira, desça pela direita do empreendimento até ao leito da ribeira. Atravesse a ponte e prossiga na encosta oposta, por entre *Cryptomeria japonica*. 200 m depois, abre-se uma clareira e visualiza à sua direita a igreja dos Fenais da Ajuda. Continue em frente no caminho de terra batida, percorrendo os últimos metros de volta ao ponto inicial do trilho.



TRILHOS DOS AÇORES



SÃO
MIGUEL

PRC35 SMI

Moinhos da Ribeira Funda

Dificuldade: Médio Extensão: 3,3 km Duração: 2:00h Forma: Circular



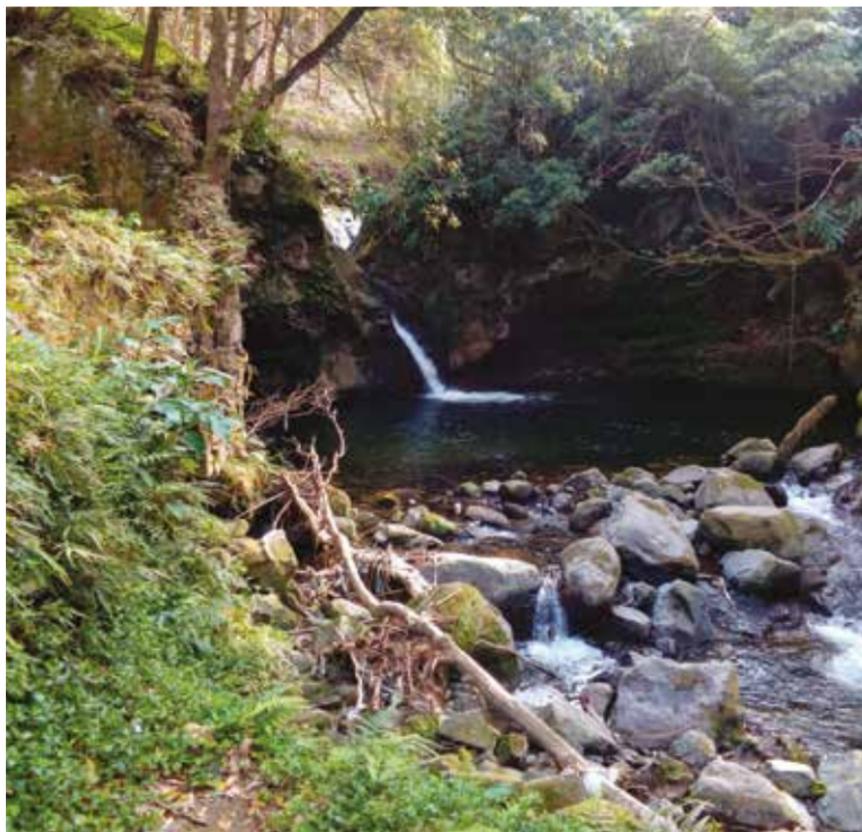
Início do trilho

37° 50' 14.05" N;
25° 20' 50.11" O



PRC35 SMI *Moinhos da Ribeira Funda*

Esta pequena rota circular desenvolve-se na costa norte da ilha, no lugar da Ribeira Funda, freguesia dos Fenais da Ajuda, e dá a conhecer o valioso património cultural dos moinhos de água, existentes nesta zona da ilha. Apresenta uma possibilidade de ligação com o percurso PR27 SMI Praia da Viola.



Dirija-se às imediações da Lomba da Maia, onde irá encontrar a placa informativa de desvio para o centro da Ribeira Funda. Ao chegar à Rua da Igreja, encontra do seu lado esquerdo o painel informativo do percurso e, à direita, a Ermida de Nossa Senhora dos Aflitos. Datada do início do século XX (1904), de construção simples com a torre sineira ligeiramente recuada em relação à fachada principal, apresenta alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, exceto os cunhais, cornijas, molduras dos vãos, pináculos e elementos decorativos, que se apresentam em pedra de cantaria à vista. As coberturas do corpo principal e da capela-mor são de duas águas, em telha de meia-cana tradicional.

Depois de apreciar a ermida, desça a Rua da Igreja por entre o casario e, cerca de 150 m mais à frente, terminam as habitações e consegue avistar a paisagem rural em frente, com o vale da Ribeira do Vaqueiro à sua direita e, à sua esquerda, a Ponta do Cintrão lá distante, junto ao mar.

PRC35 SMI *Moinhos da Ribeira Funda*

200 m mais à frente das últimas habitações, entre na pastagem à sua frente e contorne pela esquerda, no atalho bem marcado no terreno, junto às sebes de *Arundo donax*. Ao chegar próximo da vegetação que forra a vertente do vale da Ribeira Funda, encontra um atalho que desce a encosta “em S”. Com predominância para a flora introduzida, como o *Pittosporum undulatum*, *Hedychium gardnerianum* e *Cryptomeria japonica*, não se admire de encontrar durante a descida o *Columba palumbus azorica*, que encontra nestas matas o seu habitat predileto. É uma espécie da avifauna importante, uma vez que é um elemento dispersor da flora endémica dos Açores, através do mecanismo de endozoocoria. Rapidamente chega ao local onde se encontra o primeiro conjunto de moinhos deste percurso – Moinhos do Crim. Faça uma pequena volta circular abaixo da placa que indica a localização dos moinhos, aproximando-se da linha de água, onde consegue avistar uma pequena queda de água. Embora se encontrem em estado avançado de degradação, ainda consegue perceber grande parte da estrutura original deste conjunto de moinhos. Volte junto da placa indicativa de desvio para os Moinhos do Crim e siga pela esquerda.

Continue no atalho paralelo à linha de água, na direção da foz. 300 m mais à frente passa por uma escorrência de água e, um pouco depois, nova descida “em S”, por entre exemplares de *Arundo donax*, que o irá guiar até um novo conjunto de moinhos. Embora se encontrem abandonados, estão em melhor estado de conservação que o conjunto observado anteriormente, percebendo-se algumas características típicas destes moinhos, como a alvenaria de pedra à vista, o telhado de duas águas, janela virada para o mar e uma levada que os alimenta. Logo mais à frente encontra o terceiro e último conjunto de moinhos deste percurso, implantados na margem da ribeira. De referir que neste ponto, caso assim o entenda, pode efetuar o desvio à esquerda que o irá guiar até ao percurso PR27 SMI Praia da Viola, também caracterizado



PRC35 SMI *Moinhos da Ribeira Funda*

pela existência de vários conjuntos de antigos moinhos de água. Assim, consegue-se perceber que todos estes moinhos de água fazem parte de um conjunto mais abrangente nesta zona da ilha, onde se tentava efetuar um aproveitamento da força da água que escorre nos vales profundos, para moer os cereais colhidos nas práticas agrícolas, transformando assim em farinha, usada na confeção de pão, alimento base de inúmeras famílias.

Seguindo em direção à Rocha Padre do Norte, continue no atalho à direita da linha de água e, à medida que vai ganhando altitude em relação à ribeira, aproveite para olhar para trás, observando os desníveis que se vão formando no leito, originando pequenas quedas de água.

Ao se aproximar da falésia, pode observar o recorte da costa norte, com o talude da Praia da Viola em primeiro plano e a Ponta da Maia em segundo plano. Continue na escadaria talhada no terreno à direita. Nesta fase do percurso tenha redobrada atenção, devido à proximidade da falésia. Um pouco depois encontra uma cancela e, logo de seguida, o atalho leva-o a afastar-se da costa, contornando o topo da vertente pela esquerda. Para Leste avista a Ponta dos Fenais da Ajuda, onde se desenvolve outro percurso pedestre circular – PRC34 SMI Fenais da Ajuda – Lomba de São Pedro.

Ao alcançar um tanque de água, siga em frente no caminho agrícola. Cerca de 500 m mais à frente, encontra novamente a pastagem onde efetuou o primeiro desvio deste percurso. Assim, suba os últimos metros de volta à ermida, ponto final desta pequena rota.



TRILHOS DOS AÇORES



SÃO MIGUEL

PRC36 SMI

Pedra Queimada - Lajinha - Degredo

Dificuldade: Médio Extensão: 6,6 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho
37° 49' 51.24" N ;
25° 23' 19.13" O



Zona balnear



Ponto de interesse



Elevação



PRC36 SMI *Pedra Queimada - Lajinha - Degredo*

Este percurso circular desenvolve-se na Maia, concelho da Ribeira Grande. Após uma subida ao lugar da Lajinha, na zona montante da freguesia, o trilho percorre a fajã lávica onde está instalado o núcleo habitacional da Maia.



Ao chegar à freguesia da Maia, siga pela estrada de São Sebastião até às imediações do Largo de Santo António, onde irá encontrar o painel informativo junto à paragem do autocarro. Comece por seguir na direção do Largo de Santo António e vire à direita por um pequeno atalho entre as casas, que sobe por entre alguns pomares. Após 300 m de subida, passa por um pequeno reservatório de água e o atalho curva à direita, ladeado por *Arundo donax*, *Pittosporum undulatum* e *Morella faya*. Não se admire se observar nas redondezas o *Buteo buteo rothschildi*. Depois de percorrer uma pequena escadaria improvisada, o atalho curva à esquerda e abre-se uma clareira, onde consegue observar à sua direita a Ponta Formosa e a Ponta do Cintrão. 200 m mais à frente, o atalho aproxima-se da linha de água, com maior predominância da *Cryptomeria japonica*. Em seguida, atravesse a ponte em madeira sobre a ribeira e continue a subida.

Abre-se nova clareira, numa zona de pastagens e alguns terrenos de cultivo, nomeadamente do milho. Ao chegar a nova ponte em madeira, não atravesse. Prossiga no atalho da esquerda, mantendo a linha de água à sua direita, até alcançar a estrada regional.

Vire à esquerda e prossiga no atalho que segue na berma da estrada. 400 m mais à frente vire à esquerda na escadaria e continue no atalho da Lajinha, que desce junto ao vale da ribeira, com o lugar da Lombinha da Maia à direita. Nesta zona do percurso terá a oportunidade de ob-

PRC36 SMI *Pedra Queimada - Lajinha - Degredo*

servar a fajã lávica onde está instalada a freguesia da Maia, bem como grande parte da costa oeste da ilha.

Depois de chegar ao leito do vale anteriormente observado, atravesse a ribeira e desça no atalho com maior inclinação até chegar ao asfalto. Encontra um antigo fontanário, denominado “Fonte da Ponte”. Siga à esquerda na rua do Rosário e, 100 m mais à frente, vire à direita para a Rua de Santa Catarina, onde irá encontrar a Igreja do Divino Espírito Santo, que data do século XVIII. Antes da Casa da Música, siga à direita numa pequena travessa entre a escola e um pequeno jardim com coreto. Vire à esquerda e prossiga na direção do Porto da Maia, onde encontra uma zona balnear com um bar de apoio, local ideal para uma pequena pausa no percurso. Irá notar no painel informativo, que diz respeito a outro trilho pedestre PR27 SMI Praia da Viola, que faz a ligação à Lomba da Maia.

Siga as marcas no interior da freguesia até alcançar novamente a costa, onde tem a oportunidade de contemplar a paisagem, no Miradouro Melo Nunes. A partir daqui irá percorrer a zona costeira mais a norte da freguesia, denominada Ponta da Maia, parte integrante da *Área Protegida de Recursos da Ponta do Cintrão – Ponta da Maia*. Por esta razão, as arribas rochosas que irá percorrer são locais importantes para a nidificação de algumas espécies de aves marinhas como o *Calonectris diomedea borealis* e *Puffinus assimilis*.

Ao chegar ao final da estrada, prossiga em frente no atalho costeiro, que segue entre a sebe de *Arundo donax* e da vedação em madeira. Após um ligeiro afastamento da costa para atravessar a ribeira, com a ajuda de uma pequena ponte em madeira, irá prosseguir novamente no atalho costeiro. Um pouco depois, tem a possibilidade de efetuar um pequeno desvio à direita para a zona das piscinas naturais.

Após este desvio, siga por mais 300 m até chegar à estrada regional, onde encontra a ponte sobre a ribeira da Cruz, com um vão único em



MAIA

Localizada na costa norte da ilha de São Miguel, é uma das mais antigas freguesias do concelho da Ribeira Grande, onde o principal núcleo habitacional assenta sobre uma fajã lávica originada há cerca de 10 000 anos. Deve o seu nome a uma fidalga, Inês da Maia, que se estabeleceu neste local nos finais do século XV.

Desenvolveu-se num curto espaço de tempo, graças aos terrenos férteis, um porto de mar muito produtivo e diversas indústrias com peso significativo na atividade económica, como as fábricas de tabaco, de chá e blocos de cimento.

PRC36 SMI *Pedra Queimada - Lajinha - Degredo*



arco de volta inteira. Esta construção remonta ao início do século XX. Prossiga à esquerda, completando os últimos 900 m que o levam de volta ao Largo de Santo António, onde iniciou o percurso. Durante este último segmento através da Estrada de São Sebastião irá encontrar dois pontos importantes relativos ao património edificado – Antiga Fábrica do Tabaco e Solar do Lalém.

A antiga Fábrica do Tabaco laborou entre 1871 e 1988, tendo sido reconvertida em espaço museológico, no início do século XXI, sendo possível de visitar todos os dias, com exceção de domingos e feriados. O complexo inclui oito edifícios. Do lado direito da entrada situam-se dois edifícios paralelos à estrada, com fornos, e um terceiro, perpendicular à estrada, onde se armazenava o tabaco por preparar. Do lado esquerdo situa-se o conjunto formado pelo edifício dos escritórios, o armazém do produto pronto e o edifício da confeção dos cigarros. Também existem vestígios dos sequeiros, paralelos à estrada, que apresentam uma estrutura em madeira com coberturas de chapa metálica ondulada.

O Solar de Lalém é uma antiga residência de morgados, atualmente adaptada ao turismo de habitação. Ao longo de três séculos de existência já sofreu algumas obras de remodelação, mas a parte mais antiga – ermida de 1687 dedicada a São Sebastião, ainda mantém a sua traça original. Quanto ao Solar e portão de acesso, foram erguidos em 1742, sendo a atual residência um resultado da reconstrução e ampliação da antiga, beneficiações que datam de 1850. Nos dias de hoje, caracteriza-se por uma unidade paisagística constituída por um solar com capela, respetivas estruturas de apoio, espaços ajardinados e de cultivo.

TRILHOS DOS AÇORES

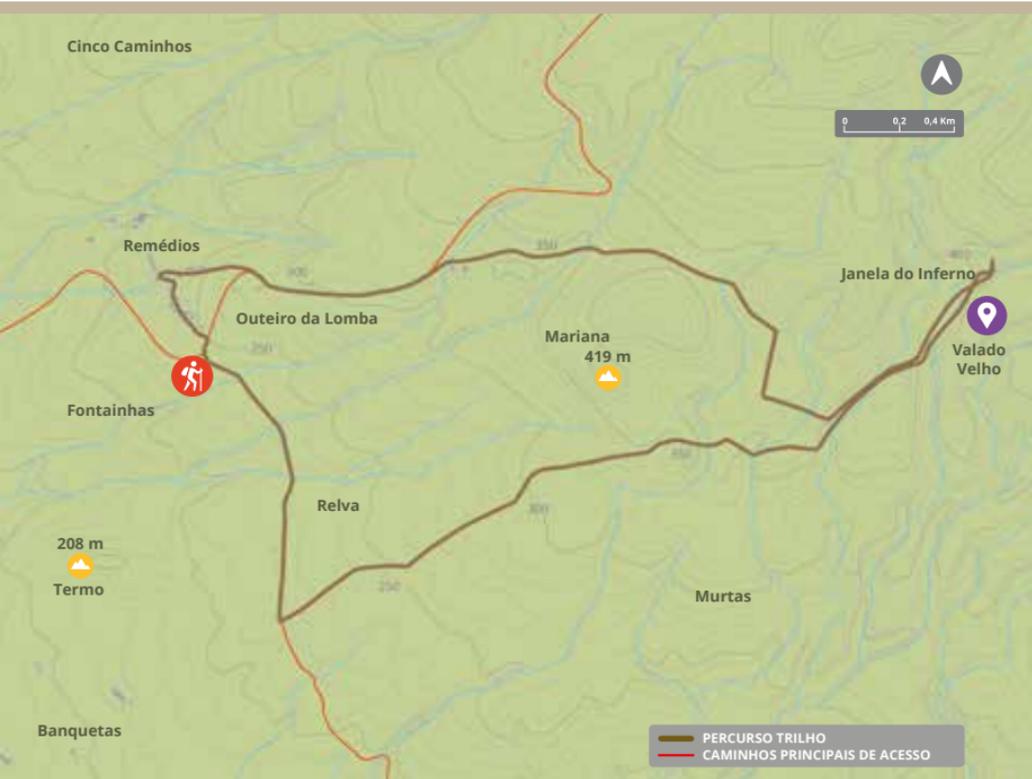


SÃO MIGUEL

PRC37 SMI

Rota da Água - Janela do Inferno

Dificuldade: Fácil Extensão: 7,6 km Duração: 2:30h Forma: Circular



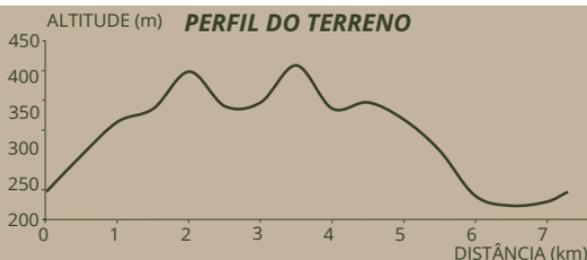
Início do trilho
37° 44' 46.83" N ;
25° 32' 14.08" O



Elevação



Ponto de interesse



PRC37 SMI *Rota da Água - Janela do Inferno*

Este percurso desenvolve-se na zona montante do concelho da Lagoa e tem como particularidade o facto de atravessar diversos túneis, razão pela qual deverá estar equipado com uma lanterna, para facilitar a transposição.



Comece este percurso no parque de merendas dos Remédios, onde se encontram alguns bancos e mesas em pedra, seguindo na direção indicada pela placa informativa com a inscrição “Janela do Inferno”. Suba na estrada que sobe em direção à Lagoa do Fogo e, cerca de 50 m mais à frente, vire à esquerda e siga no asfalto em direção ao centro do lugar dos Remédios da Lagoa.

Ao chegar ao entroncamento, vire à direita e suba no Caminho do Mato, que apresenta um desnível acentuado. Depois de passar pela última habitação, vire à esquerda no caminho agrícola e, no próximo entroncamento, antes de continuar à direita, aproveite para desfrutar da paisagem, onde pode observar parte da costa sul da ilha, com destaque para a Lagoa e Ponta Delgada.

Chega novamente à estrada de ligação à Lagoa do Fogo. Atravesse com cuidado e continue em frente no caminho rural, por entre pastagens. Nos taludes irá observar alguns materiais vulcânicos como depósitos piroclásticos ou pedra-pomes, típicos de erupções explosivas, provenientes do Maciço Vulcânico que tem à sua frente, conhecido por Vulcão de Água de Pau ou Vulcão do Fogo. Cerca de 1 km depois, abandone este

PRC37 SMI Rota da Água - Janela do Inferno

caminho rural, virando à direita para um caminho agrícola, com um sinal de trânsito que indica a proibição de circulação automóvel, com a exceção dos lavradores.

Na bifurcação seguinte, siga à direita, em direção a Sul, com o Pico da Mariana do seu lado direito. 200 m depois, vire à esquerda e, ao alcançar a pastagem, observa em frente o primeiro túnel deste percurso, conhecido por Túnel da Grota. Com o devido cuidado, entre no túnel e percorra os cerca de 50 m da sua extensão. De referir que este túnel retilíneo foi construído com recurso a arcos de pedra. Ao sair do túnel encontra uma paisagem diferente, composta por uma mata com exemplares de dimensões consideráveis de *Cryptomeria japonica*, *Morella faya* e *Pittosporum undulatum*. Siga no atalho à esquerda. À medida que vai caminhando, começa a aperceber-se da existência de condutas de água no solo. Está a chegar ao lugar do Valado Velho, onde estão diversos aquedutos, que captam e transportam a grande abundância de água existente nesta vertente do Vulcão do Fogo, até à Lagoa e parte de Ponta Delgada. Ao encontrar a indicação para virar à direita, desça a escadaria e atravesse a linha de água. Antes de prosseguir a caminhada, olhe para trás e note que atravessou a ribeira com recurso a um arco de pedra, o primeiro de vários que irá encontrar ao longo deste trilho pedestre, uma vez que foi a tipologia de construção utilizada para o transporte de água de forma elevada, de modo a contornar a presença de duas linhas de água que correm neste vale.

Siga pelo atalho que contorna a linha de água, numa zona onde o vale apresenta maior altura. Ao chegar próximo de um exemplar de feto arbóreo, *Cyathea cooperi*, vire à direita e atravesse a linha de água com recurso a novo arco de pedra. Na outra margem, vire à esquerda e faça o pequeno desvio (200 m) até à Janela do Inferno, que corresponde a uma gruta de erosão, resultante da combinação entre a ação erosiva da água da ribeira com os diferentes graus de resistência e fracturação



AQUEDUTOS DO VALADO VELHO

Devido à abundância de água existente na vertente sul da encosta do Vulcão do Fogo, foram construídos aquedutos de diferentes tipos, para canalizar a água até à Lagoa e parte de Ponta Delgada. Assim, na zona do Valado Velho, lugar dos Remédios da Lagoa, encontram-se arcos de pedra com altura superior a 8 m de altura, para um transporte de água de forma elevada, e túneis, para facilitar a passagem de água ao nível do solo. Destacam-se dois tipos diferentes de túneis: um em arcos de pedra de volta inteira, com 49 m de comprimento e o outro escavado, em ignimbritos, com 72 m de comprimento, que permite facilitar a passagem de água ao nível do solo.

PRC37 SMI Rota da Água - Janela do Inferno

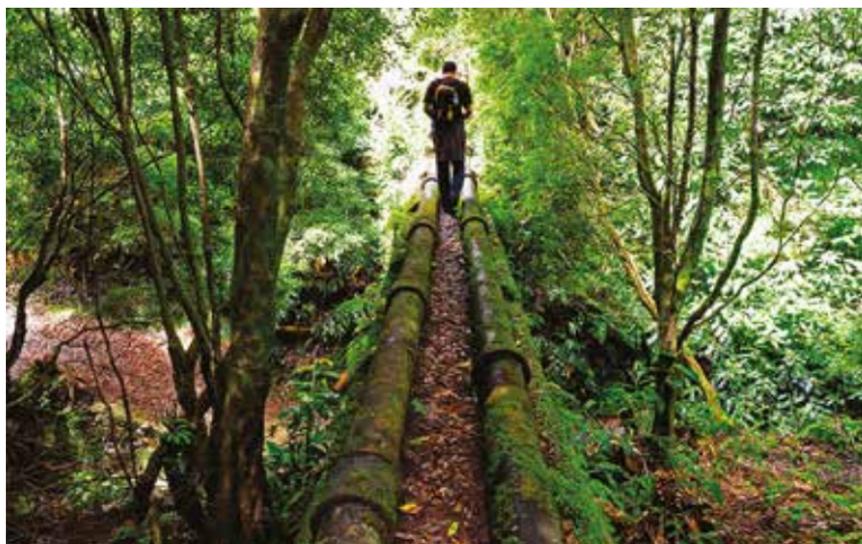
da rocha encaixante. Esta cavidade situa-se num afloramento rochoso com cerca de 14 m de altura, formado por sobreposições de escoadas lávicas traquíticas. De referir que, em tempos, as nascentes da Janela do Inferno eram canalizadas para o abastecimento da Fábrica de Álcool da Lagoa, que laborou entre 1882 e 1969.

De volta ao ponto onde efetuou o desvio para a Janela do Inferno, siga no pequeno túnel e continue no atalho que ladeia a linha de água. Mais à frente, com recurso a uma escadaria improvisada com troncos de madeira, que ajuda na aderência à pedra-pomes, desça em direção à linha de água. Depois de a cruzar, surge uma clareira e continue em frente, atravessando novo túnel, de dimensões reduzidas. Posteriormente, o atalho leva-o a caminhar por baixo de um arco de pedra e, a partir daqui, vai ganhando altitude em relação à linha de água, que corre à sua esquerda.

Na próxima bifurcação que encontrar, siga pela direita e logo dará entrada no último túnel deste percurso, por sinal o mais longo. Não se preocupe caso não veja de imediato a saída do lado contrário, uma vez que terá de efetuar uma pequena curva na parte inicial. Tenha cuidado ao chegar sensivelmente a meio do túnel, uma vez que este tem uma altura mais pequena relativamente ao solo.

Ao sair do túnel, continue em frente na pastagem, contornando pela esquerda. Atravesse a cancela e vire à esquerda caminhando cerca de 20 m, até alcançar um tanque de água. Vire à direita no caminho agrícola e, ao encontrar uma bifurcação, siga a sinalização que o leva até à vegetação à sua esquerda, onde irá atravessar uma linha de água, com recurso a uma escadaria em madeira.

A partir daqui, siga para Sul, através do caminho agrícola que irá entroncar num caminho secundário de acesso a Água de Pau. Vire à direita e percorra os últimos metros do percurso, até voltar ao parque de merendas dos Remédios.



TRILHOS DOS AÇORES

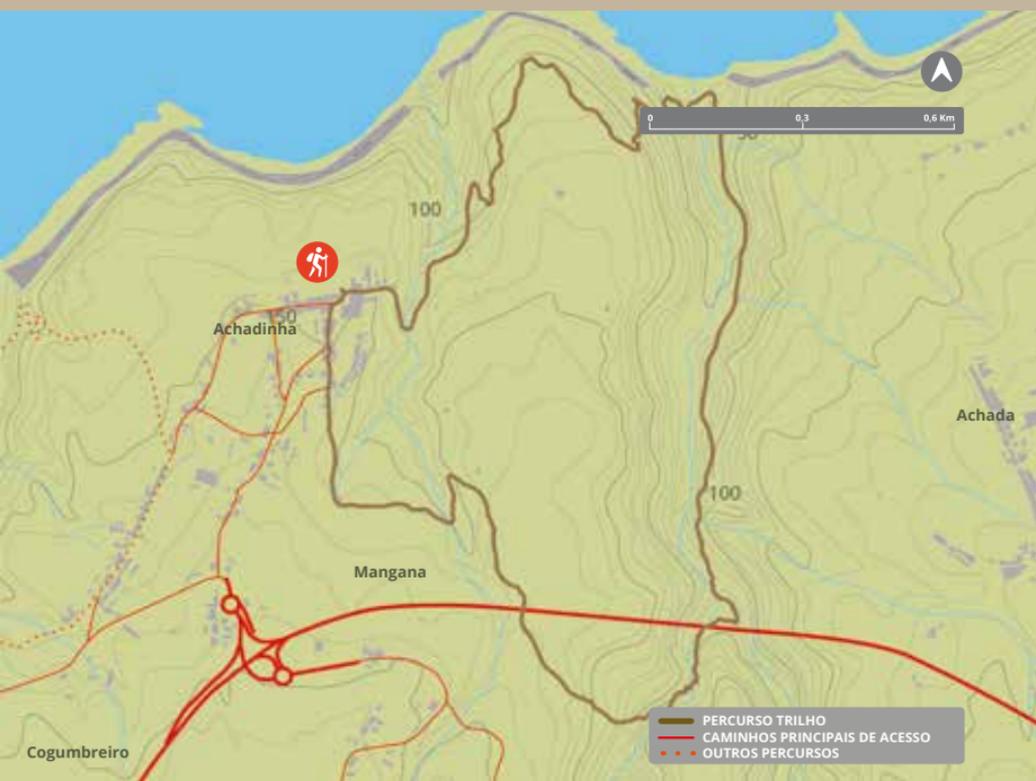


SÃO MIGUEL

PRC38 SMI

Lomba d'El Rei

Dificuldade: Médio Extensão: 4,5 km Duração: 2:00h Forma: Circular



Início do trilho

37° 51' 19.00" N;
25° 16' 52.33" O



PRC38 SMI *Lomba d'El Rei*

Este percurso desenvolve-se na freguesia da Achadinha, pertencente ao concelho do Nordeste, com início e fim na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Pretende dar a conhecer algum do património associado aos recursos hídricos, como antigas azenhas e fontanários.



Ao chegar à freguesia da Achadinha, siga pela Rua da Mangana ou Rua Direita no sentido da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde irá encontrar o painel informativo do percurso na entrada do parque de estacionamento adjacente.

A Lomba da Achadinha começou a ser povoada no último quartel do século XV, sendo que a primeira ermida edificada, em invocação de Nossa Senhora do Rosário, foi inaugurada em 1529 no local onde está atualmente a Igreja Paroquial. De entre os vários episódios marcantes na construção do atual templo religioso destacam-se: a edificação da sacristia, capela-mor e a torre sineira, no século XVIII; substituição da imagem da padroeira, no altar, pela atual Nossa Senhora do Rosário; reconstrução da igreja devido a um evento sísmico, nos meados do século XVIII, que obedeceu aos princípios arquitetónicos da “igreja-mãe” da Companhia de Jesus em Roma, exemplificado pela colocação de pilastras, cornija de pedra levantada e volutas; reedificação no final do século XIX, onde foi alteada, utilizando a pedra da ermida de São Bento arruinada, engrossando-se as paredes para maior solidez do edifício. As obras foram concluídas em 1882, data que se encontra inscrita no alto do frontão.

Siga no caminho de asfalto à esquerda da igreja. 100 m depois, com o vale à sua frente, desça o Caminho do Concelho, que faz a ligação à freguesia vizinha da Achada. Ao chegar ao leito da ribeira, vire no primeiro

PRC38 SMI *Lomba d'El Rei*

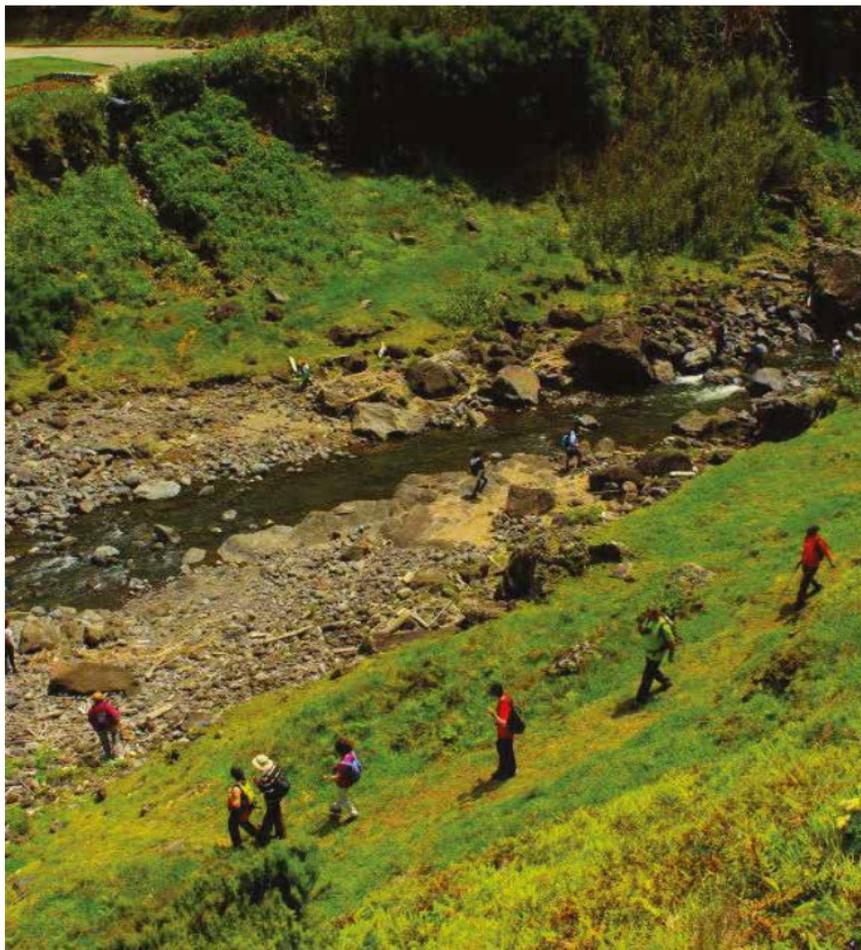
atalho à esquerda, que ladeia a ribeira. Além da grande concentração de *Arundo donax*, irá notar a presença de algumas espécies endémicas como a *Erica azorica* e *Picconia azorica*. Nas redondezas, o *Buteo buteo rothschildi* faz sentir a sua presença. Após 300 m de caminhada neste atalho, vire à direita e suba na escadaria improvisada em direção da encosta do Moio de Baixo. Um pouco mais à frente, abre-se uma clareira e avista para Oeste a Ponta da Ajuda. Siga à esquerda na bifurcação seguinte.

Depois de contornar a encosta, siga no desvio à esquerda que desce a vertente oposta da Lomba do Rei "em S", por entre exemplares de *Pittosporum undulatum*, até ao leito da ribeira dos Caldeirões. A meio da descida irá encontrar um antigo fontanário. Ao chegar ao leito da ribeira, atravesse a linha de água e suba a escadaria em cimento, ladeada por *Tamarix africana*, *Plantago coronopus* e a endémica *Festuca petraea*. Vire à direita e suba a ladeira, com a ribeira do seu lado direito.

Após passar o sinal de STOP, siga em frente por 200 m e, na curva seguinte, vire à direita para um caminho de terra batida, que o irá guiar até ao local onde confluem as ribeiras do Lenho e dos Caldeirões. Aqui, na base de uma das pontes mais elevadas da EuroScut, recente via de ligação que veio facilitar o acesso ao Nordeste, pode apreciar as ruínas de uma antiga azenha. Contorne-a pela esquerda.



PRC38 SMI *Lomba d'El Rei*



Um pouco mais à frente, junto a uma pequena queda de água, atravesse a ponte em madeira sobre a ribeira e suba o atalho por entre *Pittosporum undulatum*, *Cryptomeria japonica*, *Osmunda regalis* e *Hedychium gardnerarum*, que o irá guiar até uma pastagem. Continue em frente e, 100 m mais à frente, vire à direita no asfalto e atravesse a ponte sobre a EuroScut.

Prossiga no caminho secundário até encontrar um desvio à esquerda, com alguns exemplares de *Acacia melanoxylon* à entrada do atalho, que desce até uma linha de água, com alguns tanques de água adjacentes, que outrora foram muito utilizados pela população local, nomeadamente para a lavagem das roupas. Com a freguesia da Achadinha em “pano de fundo” siga em frente e, 200 m depois, vire à direita junto ao palheiro. Prossiga no caminho agrícola até alcançar um largo, com uma pequena zona de lazer. Desça a Rua Formosa, passando por algumas unidades de restauração até chegar novamente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

TRILHOS DOS AÇORES

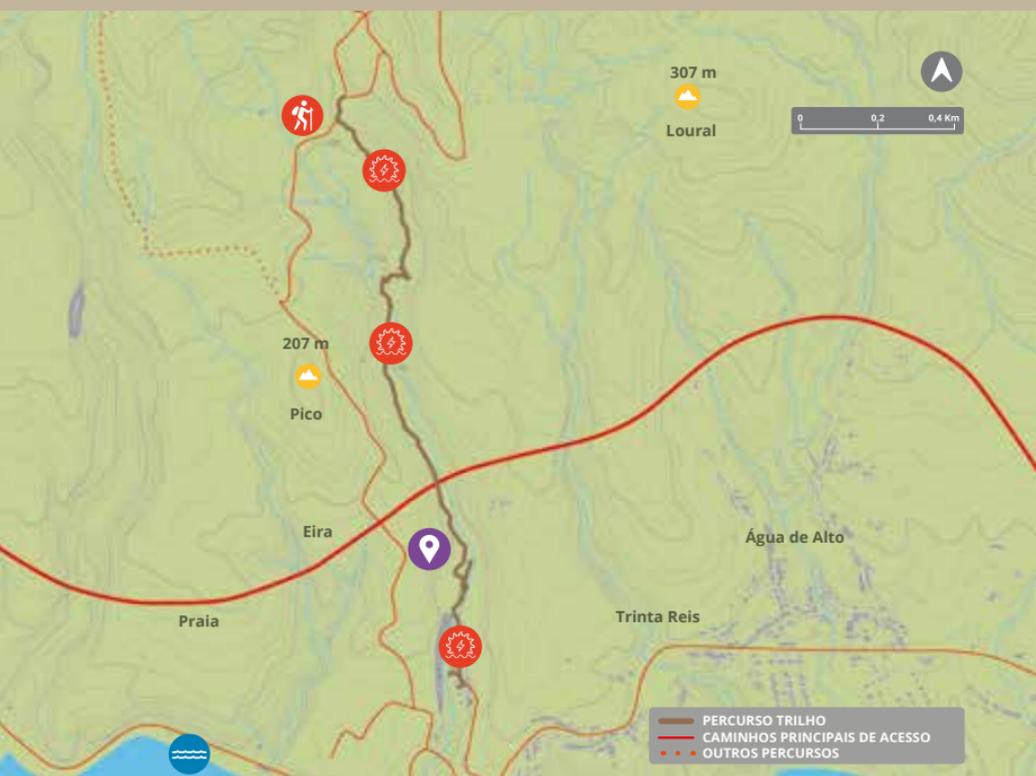


SÃO MIGUEL

PR39 SMI

Quatro Fábricas da Luz

Dificuldade: Fácil Extensão: 2,1 km Duração: 1:30h Forma: Linear



Início do trilho
37° 43' 56.75" N;
25° 28' 11.28" O



Zona balnear



Ponto de interesse



Elevação

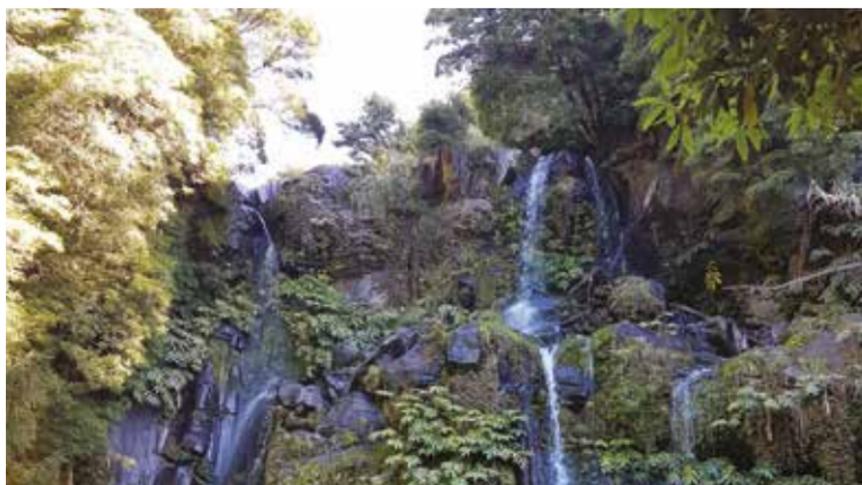


Central Hidroelétrica



PR39 SMI *Quatro Fábricas da Luz*

Esta pequena rota linear desenvolve-se na bacia hidrográfica da Ribeira da Praia, no flanco Sul do Maciço Vulcânico do Fogo. Constitui o espaço inovador onde, a partir de 1897, se iniciou o processo de introdução da energia hídrica comercial e da iluminação pública e particular da ilha de São Miguel, por iniciativa privada do engenheiro José Cordeiro (1867-1908).



O percurso tem início na zona montante da freguesia de Água de Alto, mais concretamente no Parque Escutista dos Lagos, nas proximidades do tanque albufeira do Pico da Praia. Este Parque foi criado pelo Núcleo de São Miguel do Corpo Nacional de Escutistas e está vocacionado para o desenvolvimento de atividades lúdicas e formativas, tendo inclusive sido palco de dois Jamborees Açorianos, evento que mobiliza centenas de jovens.

Depois de consultar toda a informação necessária que consta do painel informativo do percurso, que está no parque de estacionamento, siga em direção a Sul, atravessando a cancela ao lado da ribeira. Um pouco mais à frente chega ao reservatório de água que, em tempos, abastecia a Fábrica da Cidade (1904-1974). Atualmente, tem como funções o abastecimento da Central Mini-Hídrica da Ribeira da Praia, que foi construída em 1990 e iniciou a produção em 1991.

Siga pelo caminho à esquerda do reservatório, descendo em direção à antiga Fábrica da Cidade, onde pode visualizar as ruínas dos dois edifícios que faziam parte do complexo da Fábrica. Foi a segunda Central Hidroelétrica construída na Ribeira da Praia, tendo laborado entre 1904 e 1974, e surgiu de forma a complementar a produção existente, nomeadamente pelo sucesso que foi a Fábrica da Vila (construída 4 anos antes), e dar resposta à demanda crescente da energia elétrica para a cidade de Ponta Delgada, daí a sua toponímia. As ruínas dos edifícios recordam as atividades do passado. De notar que, na casa de apoio, onde os trabalhadores pernoitavam, é possível vislumbrar os vestígios de um antigo forno de lenha. Na central, estão à vista antigos equipa-

mentos como as turbinas hidráulicas, os alternadores e a conduta. Uma vez que os edifícios se encontram em estado avançado de degradação, é proibida a visita ao interior da antiga central.

Posteriormente, continue em direção a Sul, passando por um desvio à esquerda para a ribeira, onde poderá ver a antiga câmara de carga da Fábrica da Vila, que irá encontrar em seguida. De volta ao caminho principal, rapidamente chega a uma bifurcação, onde deverá optar pela esquerda, até alcançar a base de uma das cascatas da Ribeira da Praia. Neste ponto encontra as ruínas da mais antiga Fábrica deste local e da ilha – Fábrica da Vila (1900 – 1972), que forneceu iluminação pública e particular a Vila Franca do Campo. Esta central marca o início da produção hidroelétrica nos Açores, tendo sido a primeira das quatro centrais históricas instaladas na ribeira da Praia, aproveitando as características favoráveis do ponto de vista hidrológico e orográfico, nomeadamente com a existência de três quedas de água sucessivas.

Siga a sinalética, paralelo à linha de água, por uma mata composta maioritariamente por espécies introduzidas como o *Pittosporum undulatum* e a *Acacia melanoxylon*. Ao chegar a uma área com campos de cultivo, desça novamente até ao leito da ribeira, onde poderá desfrutar de um mergulho na Cascata do Segredo, à esquerda, ou pelo Poço dos 30 Reis, à direita.

Em seguida, prossiga no caminho ladeado por uma antiga conduta de água, até alcançar o lugar da Praia, com algumas habitações. Junto ao fontanário, aproveite e faça o desvio à direita no sentido da antiga Fábrica da Praia, que laborou entre 1911 e 1974, mas que atualmente está convertida em Núcleo Museológico da Eletricidade. Aqui poderá encontrar elementos interpretativos como reproduções de documentos históricos, fotografias de protagonistas do aproveitamento hidroelétrico, quadro luminoso com esquema técnico, entre outros. Para realizar uma visita às instalações em funcionamento convém, antecipadamente, fazer uma marcação com a empresa do Grupo EDA - EDA Renováveis (eda@eda.pt/ 00351 296 202 000).



RIBEIRA DA PRAIA

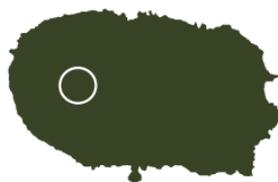
O facto desta ribeira apresentar uma extensão de 2000 m, a jusante da cota dos 200 m, com três quedas de água sucessivas, justificou a opção do Engenheiro José Cordeiro para a construção da primeira Central Hidroelétrica dos Açores, designada por Fábrica da Vila (1900-1972). Junto das quedas de água mencionadas, foram posteriormente construídas a Fábrica da Cidade (1904-1974), a Fábrica da Praia (1911-1974) – atualmente Museu da Eletricidade) e a Fábrica Nova (1927-presente).



TERCEIRA



TRILHOS DOS AÇORES



TERCEIRA

PRC1 TER

Mistérios Negros

Dificuldade: Difícil Extensão: 5,5 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho

38° 44' 14.12" N;
27° 16' 10.60" O



Geossítio



Elevação

Parque Natural
da Terceira



Área Prot. para a Gestão
de Habitats ou Espécies



Reserva
Natural



PRC1 TER *Mistérios Negros*

Este percurso tem início no *Caminho Florestal do Pico Gaspar*, junto a uma casa que pretende recriar a tradicional habitação rústica terceirense, com pormenores como a típica chaminé de “*mãos-postas*”. Esta construção foi edificada pela *Associação Os Montanheiros* para exploração turística da *Gruta do Natal*, com o acesso à gruta a ser feito pelo interior desta casa que serve de *Centro de Receção* aos visitantes.



A dois passos, o painel de início de percurso fornece-lhe a informação necessária sobre as características desta caminhada. A pequena lagoa, que fica muito reduzida após o estio de cada verão, é conhecida pelo nome de *Lagoa do Negro*. Apesar de *maltratada* ao longo dos anos mantém alguma importância para a avifauna, nomeadamente as migratórias. Curiosamente uma das ramificações (não visitável) da *Gruta do Natal* passa por debaixo desta lagoa.

Pouco depois de iniciar a marcha, na primeira curva à sua direita, é levado a seguir por um caminho de bagacina vermelha até este terminar junto de uma pastagem. Deve entrar e prosseguir sempre em linha reta, até ao lado oposto, onde irá encontrar um acesso a cenários mais naturais. Misturadas com a criptoméria, que aqui foi plantada há alguns anos sem a arroteia do terreno, resistem nos estratos inferiores as urzes (*Erica azorica*), a rapa (*Calluna vulgaris*), alguns cedros-do-mato e muitas outras plantas que estão a refazer a comunidade natural que por aqui havia. Ouve-se o cantar curto e estridente da estrelinha (*Regulus regulus inermis*). Passa-se ao lado de um charco que no inverno e primavera se transforma numa das lagoinhas do *Vale Fundo*, mas por agora são os juncos que reinam por aqui.

Avance neste trilho bem sinalizado, até que a vereda se divida em duas: siga primeiro pela direita para visitar a única das 3 lagoinhas do *Vale Fundo* que mantém água todo o ano. Este complexo de zonas húmidas, todas com água livre no inverno, é importante para aves migratórias, que acidentalmente chegam até aqui, nomeadamente alguns patos e garças.

São poucos os que perdem a oportunidade de fotografar esta lagoinha, que embora modesta em tamanho nos seduz pela sua envolância.

Após este justificado desvio volte ao percurso principal e continue para, em breve, estar a contornar um charco que no inverno e primavera se transforma na última das lagoinhas. Segue-se uma zona de rapa, uma zona com algumas acácias, várias curvas, e chega finalmente junto ao doma do meio dos *Mistérios Negros*. Prepare-se para a parte mais difícil do passeio, que requer uma atenção redobrada e um pouco mais de ginástica... nada de impossível.

Dos focos eruptivos nasceram os 3 domos de rocha negra, em processo de colonização, que pode observar. Depois de alguns minutos terá atravessado esta lava traquítica, de arestas vivas, muito irregular, por entre pequenas ravinhas e sob uma floresta que ainda não conseguiu subir além das partes baixas dos domos. Estamos em *área protegida* do Parque Natural da Terceira.

Antes que se aperceba chega ao fim de um caminho de penetração por onde deverá prosseguir. Tem mais 700 metros de caminho para percorrer. À medida de avança revela-se mais da paisagem. Olhando à esquerda vê o manto verde que rodeia estas ilhas de negro, enquanto começam a surgir picos de erupções pré-históricas: os *Picos Gordos*, forrados de criptoméria. Por detrás destes, as elevações do *maciço central da ilha* e à direita o *Pico Gaspar*. A vista sobre os domos lávicos que se estendem aos seus pés e a paisagem envolvente é muito bonita.

Este caminho, numa zona em que o terreno se torna mais inclinado, é bastante escorregadio e impróprio para veículos. Observa-se frequentemente, nas partes mais esburacadas e irregulares do caminho, muitas vezes peladas, umas crostas, em geral finas, com cerca de 5 mm de espessura, endurecidas e impermeáveis, constituídas por um material vítreo de cor castanho avermelhado. Os horizontes plácicos, designação dada a estes estratos tipo lâminas, ocorrem devido à precipitação do ferro e outros elementos químicos, aparecendo com frequência em terrenos de natureza vulcânica.

Após uma das últimas curvas deste caminho, vira à esquerda, de acor-



ERUPÇÃO DOS MISTÉRIOS NEGROS

De acordo com relatos históricos, "Começaram grandes terremotos em 22 de novembro, e continuaram com muita frequência até 14 de abril de 1761, em que a terra tremeu mais que nunca; e assim continuou com pequenos intervalos até ao dia 17 do mesmo mês, em que pela manhã rebentou por detrás dos Picos Gordos, com estrondos subterrâneos semelhantes a descargas de artilharia.

PRC1 TER *Mistérios Negros*

do com a sinalização, seguindo um atalho por entre as árvores onde foram enterrados no chão lamacento alguns toros, sobre os quais deve caminhar, e noutros sítios, vedações para o afastar das zonas mais encharcadas. Vai passar uma cancela que o leva a entrar numa das pastagens deste *Pico da Cancela*. Subindo até ao topo irá cruzar outra cancela e seguir por uma vereda que o leva ao marco geodésico. Para Oeste avista uma das paisagens agrícolas mais típicas destas zonas altas do interior da ilha: pastagens permanentes compartimentadas por sebes de criptoméria. À esquerda a península do *Monte Brasil* perfila-se na paisagem. Na fronteira com o mar está a igreja de S. Mateus da Calheta. Sobressai de tal forma no povoado que era utilizada pelos pescadores desta freguesia para fazerem alinhamentos para identificação de bancos de pesca.

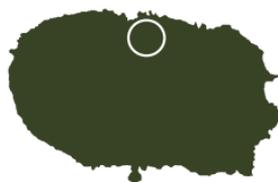
Deixe o marco geodésico para trás e siga novamente pela mata. Olhe para o tronco das árvores para não se perder. Em breve vai entrar numa pastagem com uma vista muito bonita sobre o Pico Gaspar, a sua cratera e arredores. Seguindo sempre em frente pela parte mais elevada desta pastagem, deve passar à seguinte e sair no antigo caminho que acedia aos terrenos no cimo deste pico. A descida é feita à sombra, entre taludes onde os musgos e fetos dominam. Chegado ao fim, segue por um *corredor* delimitado por arame farpado, e em breve está no caminho de asfalto.

Vire à esquerda e siga pelo caminho umas dezenas de metros até ser convidado a iniciar a subida do *Pico Gaspar*, um vulcão truncado, com uma bonita cratera, verdadeiro *hotspot* de espécies endémicas. A paisagem em redor mostra o alinhamento de vários outros cones (e de dois pequenos algares) com este. Esta sucessão de erupções está assente sobre o denominado *Rifte da Terceira*: uma estrutura tectónica com cerca de 550 km de comprimento, com origem na *Dorsal Média do Atlântico*, que atravessa as ilhas Graciosa, Terceira (muito expressiva neste alinhamento do *Pico Gaspar*), indo terminar na interseção com a *Falha da Glória* que separa as placas tectónicas *Euroasiática* da *Africana*.

Regresse ao caminho e avance para a direita, seguindo sempre pelo asfalto até chegar ao ponto de partida. À sua esquerda observa as pastagens irregulares que surgiram onde em tempos era um campo de lavas provenientes de erupções fissurais, que deixaram vários sinais da sua presença, nomeadamente algumas cavidades vulcânicas. Localizado no meio destes prados seminaturais, a poucos metros de si, encontra-se o *Algar/Gruta do Mistério*, um algar vulcânico com tubo de lava associado com 151 metros de comprimento. O seu olhar vai certamente passar sobre o pequeno cone vulcânico, com algumas árvores baixas, que alberga o algar com cerca de 12 metros de altura que dá entrada à gruta.

Terminado o passeio recomenda-se uma visita à *Gruta do Natal*. Trata-se de um tubo de lava com cerca de 700 metros de comprimento, grande parte visitável, de amplas dimensões e fácil trânsito. À medida que se percorre o seu interior é possível observar galerias ramificadas, passagens sobrepostas e diversos pormenores e estruturas geológicas. É conhecida pela população local pelas cerimónias religiosas: *batizados*, *casamentos* e a tradicional *Missa do Natal*. Este é o complemento que faltava para completar este passeio, de cariz fortemente geológico.

TRILHOS DOS AÇORES



TERCEIRA

PR2 TER

Baías da Aqualva

Dificuldade: Fácil Extensão: 4 km Duração: 2:00h Forma: Linear



Início do trilho

38° 47' 11.49" N;
27° 11' 29.09" O



Ponto de interesse



Elevação

Parque Natural da Terceira



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PR2 TER *Baías da Agualva*

Este percurso desenvolve-se junto ao litoral da costa norte da ilha, entre a Agualva e as Quatro Ribeiras. Inicia-se onde a antiga *Canada da Alagoa* entronca com a estrada regional, num caminho em piso de terra, que segue por entre terrenos agrícolas e onde se destacam as pastagens e o milho para forragem.



Descemos aproximadamente 500 m em direção a um vale profundamente cavado e mantido fresco pela floresta galeria de *Pittosporum undulatum* que o ladeia. Antigamente era este o único acesso à fajã. Por aqui escorria parte substancial da água que abastecia a “alagoa”. Já no fim passamos por uma zona de nascentes, que antes também corriam para a alagoa, mas que hoje são captadas e canalizadas para a estação elevatória que vê à sua esquerda quando entra na fajã. Aqui são bombeadas até à estrada regional e encaminhadas para consumo doméstico.

Continuando nesse caminho, logo adiante vire à direita em direção ao mar. Começamos a ouvir o rolar das pedras, empurradas pelas ondas, que formam um dique natural responsável por preservar o interior da fajã para a atividade agrícola. Os terrenos mostram-se ocupados por culturas pouco comuns, como é o caso dos inhames. Contorne a fajã pela esquerda até às imediações da praia de rolo. Suba a encosta à sua

esquerda, esparsamente povoada de *Erica azorica*, por um trilho que o leva em direção ao miradouro da fajã. Este miradouro está assente sobre lavas recentes que ocupam agora a desaparecida baía, que existia quando ainda não havia fajã e o mar ia bater nas falésias que vê em redor. Daqui tem uma vista privilegiada sobre o mar e toda a paisagem envolvente.

Saia do miradouro, por um acesso construído sobre a rocha, que o leva a um caminho por onde transitam viaturas. Vire primeiro à sua direita até um pequeno largo, muito frequentado por pescadores que aqui deixam os carros, para ir pescar nos penedos altos que estão à sua frente. Neste miradouro sobre a *Baía da Ferradura* pode observar a rocha escarpada, talhada pela disjunção natural da rocha, que deixa ao nível do mar uma espécie de calçada de grandes dimensões. Todo este litoral está dentro da *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies da Costa das Quatro Ribeiras*.

Regresse por este caminho, subindo depois o de asfalto até chegar a uma pronunciada curva. Aqui entra numa vereda que cruzava estas lavas, numa zona antigamente povoada de vinhas, agora ao abandono. Aqui e ali uma pequena paragem permite uma observação das aves que por aqui esvoaçam e descansam. No verão temos uma importante colónia de garajaus comuns, que vem visitar os pombos-da-rocha que por cá andam todo o ano.

Depois, este trilho curva à direita e desce, levando-o até um prado natural, numa zona onde é possível ver a profunda *Baía das Pombas*, onde se encontra a gruta com o mesmo nome. Caso se aproxime um pouco mais, em direção ao mar, vê que deste ponto sai um perigoso trilho usado por pescadores para aceder a outro pesqueiro. Este local, de recantos curiosos, exige uma atenção redobrada a cada passo que damos em direção à falésia.

Volte para trás e suba a encosta à sua direita. Atravesse um terreno habitualmente com muitos fetos e prossiga acompanhando os muros das pastagens à sua esquerda, e à direita a falésia costeira com uma espetacular vista sobre a baía e sobre as pontas de terra que entram por mar dentro. Continuando um pouco mais, começa a avistar a *Ponta*



ALAGOA DA FAJÃZINHA

Esta fajã é um dos melhores exemplos de uma fajã de preenchimento dos Açores. Em consequência de um derrame de lava que saltou a arriba e criou uma zona de barreira, formou-se uma baía encaixada onde outrora o mar corria livremente. Posteriormente, a baía foi preenchida por detritos, arrastados pelas águas através da grota que aí desemboca e pelo mar que encaixou o calhau formando uma praia de rolo.

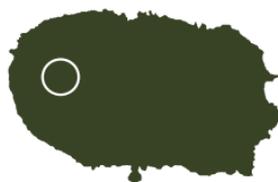
PR2 TER *Baías da Agualva*

do *Mistério* e em pouco tempo está junto do *Caldeirão Grande*, uma pequena e encaixada baía, onde das águas profundas se erguem notáveis muralhas de basalto, formando dois verdadeiros promontórios que parecem querer encerrá-la. Continue sempre, suba para a zona aplanada do seu lado esquerdo, revestida de tufos de *Festuca petraea* e dirija-se à berma. À sua frente está a *Ponta do Mistério*, onde o mar habitualmente rebenta na rocha formando muitas poças de água, cheias de vida marinha. Se assim o entender, pode descer por atalhos de pescadores do lado do *Caldeirão Grande* e dirigir-se à parte mais a Norte da *Ponta do Mistério*. As poças de maré recheadas de algas em tons de branco e verde, ouriços de um vermelho intenso, pequenos peixes, algumas lapas e outros moluscos são partes da vida que pode ser admirada. Embora fora do percurso sinalizado, por ser desaconselhado a pessoas com maiores dificuldades, vai ver que valerá pena. Não se esqueça de voltar a subir por onde desceu.

De novo no planalto vire as costas ao mar e siga em frente, subindo pela vereda dos pescadores, tendo, na parte final, árvores mais altas a ladear o trilho e que proporcionam uma agradável sombra. Sai na *Canada da Baleeira* que deve subir até à estrada regional, onde está a 1,3 km do início deste percurso seguindo pela estrada regional.



TRILHOS DOS AÇORES



TERCEIRA

PRC3 TER

Serreta

Dificuldade: Médio Extensão: 7 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho
38° 45' 23.60" N;
27° 21' 19.58" O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural da Terceira



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



PRC3 TER *Serreta*

Quem segue pela estrada regional, no sentido Sul/Norte, sensivelmente 600 m após a igreja da Serreta, chega ao início da *Canada da Fonte*, à direita, sinalizada também com uma imponente placa a indicar um trilho pedestre.



Deve subir outros 600 m até chegar ao início do percurso, onde está o painel informativo. Nesta subida encontrará sinalização nos postes de eletricidade a confirmar o caminho. Se tem viatura deixe-a aqui pois este percurso começa e termina neste local.

A primeira parte de percurso é feita sempre a subir até atingir a *Lagoinha*. Um bastão de caminhadas poderá revelar-se útil nas subidas e descidas mais inclinadas e escorregadias. Comece por subir alguns metros pelo caminho asfaltado à sua direita. Olhando o mar atrás de si avista com nitidez, se o dia estiver bom, a ilha de S. Jorge com a montanha do Pico por detrás. Ao chegar à primeira bifurcação vire à esquerda, entrando num antigo caminho em que o chão é um misto de terra e pedras onde se incluem *obsidianas* e *pedra-pomes*. Estas são recordações deste passeio: a *pedra-pomes*, a única rocha que flutua na água e a *obsidiana*, a única pedra semipreciosa dos Açores, bastante empregue na joalheria regional.

Esta é uma zona de pastagens de altitude, que surgiram em consequência de arroteias tardias, algumas com recurso a máquinas. Nas divisões das parcelas observam-se *Laurus azorica*, *Erica azorica* e *Juniperus brevifolia*, a par de *Cryptomeria* sempre presente.

Nova bifurcação: vire à direita e pouco depois à esquerda. Suba um pouco mais e prepare-se para virar à sua esquerda, seguindo por um caminho mais plano que aquele que o trouxe, que continua a subir e que irá servir-lhe apenas quando estiver a regressar da *Lagoinha*. Algumas matas cortadas há alguns anos permitiram o avanço de algumas infestantes. O caminho em breve dá lugar a uma vereda no meio de matas

de acácias, eucaliptos, e *Cryptomeria*, onde durante alguns minutos, deixará de ver o sol sobre as abóbadas de *Pittosporum undulatum*. No chão terroso e húmido, entre os afloramentos rochosos forrados de musgos, crescem cerca de 10 diferentes espécies de fetos e alguns estranhos cogumelos. Esta é uma vereda de chão bastante irregular, baixo em relação aos terrenos laterais, talhada provavelmente pela circulação humana e animal aliada aos fatores erosivos. Enquanto avançamos a subida torna-se mais íngreme e a vegetação com uma maior cobertura de espécies naturais.

O trilho fica mais suave e à sua esquerda uma linha de água cavou um pequeno vale repleto de grandes fetos, onde predomina *Woodwardia radicans* que vemos por cima da vedação construída para segurança do pedestrianista. O chão, de bermas amareladas por *Sphagnum sp.*, cruza um pequeno afluente de uma ribeira, que neste momento não corre, nem tão pouco escorre, e entramos numa mata de imponentes *Cryptomeria japonica*. Pelo caminho encontramos um pouco inesperadamente alguns pés de *Angelica lignescens* e de *Sanicula azorica*.

Voltamos a subir, com as raízes a aflorar no chão do trilho, que adiante dão lugar às folhas das acácias que se espalham por todo o lado. Surge *Vaccinium cylindraceum*, *Myrsine africana* e o *Viburnum treleasei* com cachos de bagas acetinadas. Passamos junto de uma pequena mata de *Chamaecyparis lawsoniana* com o cheiro inconfundível que se liberta das folhas escamiformes, dispostas em pequenos raminhos espalmados.

Sai num caminho, tendo a alguns metros à sua esquerda uma estrada asfaltada que vem do parque de recreio da *Mata da Serreta*. Vire à direita e prossiga até ao fim deste caminho. Uma nova subida devidamente identificada, com degraus formados por pequenos troncos, conduz-nos por um terreno de relevos acentuados pela erosão hídrica.



PEDRA-POMES/ OBSIDIANA

A freguesia da Serreta desenvolve-se no flanco Oeste da Serra de Santa Bárbara. Este maciço geológico, de origem traquítica, que acrescentou o terço ocidental à ilha, formou extensas escoadas e grandes depósitos de pedra-pomes, que projetados na atmosfera cobriram as lavas, por vezes formando estratos de muitos metros de altura, como os que se observam nos taludes da Ribeira do Além, por onde irá passar na fase final deste percurso. Por vezes a saída rápida das lavas dos focos eruptivos, com as condições da atmosfera no momento, obrigam a um arrefecimento muito rápido da lava, vitrificando-a, dando origem à obsidiana (= vidro vulcânico), pedra de cor negra e arestas aguçadas, visíveis em diversos pontos deste percurso, dispersas pelo chão ou misturadas na pedra-pomes dos taludes.

PRC3 TER *Serreta*

Chegamos a um caminho de terra, por onde só transitam veículos todo-o-terreno. Siga para a direita. Os lados deste caminho compõem-se de *Ilex perado ssp. azorica*, *Laurus azorica*, *Tolpis azorica*, *Potentilla erecta*, *Lysimachia azorica*, *Woodwardia radicans*, *Osmunda regalis*, *Lycopodiella* e muitas outras espécies, formando perfeitas comunidades de montanha.

Após uns bons metros deste caminho, uma placa sinaliza a subida ao cimo do *Pico da Lagoinha*, que nasceu no flanco da *Serra de Santa Bárbara*, por um atalho bastante erodido pela água que nele corre de inverno e onde se sente a falta de degraus. Alguns troncos colocados ao longo da subida e degraus talhados no chão, tentam resolver o problema do piso escorregadio e dos desníveis que há para vencer nesta subida. Faz-se, no entanto, em cerca de 10 minutos.

Quase no cimo encontra uma bifurcação: suba pela esquerda até atingir a cumeeira, descendo um pouco esta perfeita cratera até um pequeno mirante de onde avista a chamada *Lagoinha da Serreta* com as suas águas límpidas. É pequena mas de grande beleza cénica, pela envolvência geológica e posicionamento na encosta da serra. Mantém uma integridade enquanto ecossistema lagunar que a torna de grande importância para a vida selvagem, nomeadamente aves migratórias que por aqui passam. Está dentro da *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies do Planalto Central e Costa Noroeste*. O atalho segue em direção ao marco geodésico, não sem antes encontrar pelo caminho outro miradouro sobre a lagoa. No marco, olhando o mar, vê o derrame de lava que separa as povoações da Serreta e do Raminho. Alinhando o olhar por 2 vértices deste marco, colocado aqui em 1951, deverá conseguir avistar sem problemas a ilha Graciosa.

Regresse ao caminho e prossiga para a esquerda. Cruza algumas linhas de água (afluentes da *Ribeira da Lapa*) num caminho vermelho devido ao piso em bagacina. Logo adiante encontra um sinal a indicar que deve entrar na pastagem à sua direita, por um *corredor de postes*, seguindo na pastagem as marcas deixadas pelas rodas das viaturas, para 100 m depois subir para o talude à sua esquerda, que faz a fronteira entre a pastagem e a vegetação natural. Durante os próximos minutos vai descer, sempre na beira de um dos braços da ravinosa *Ribeira de Além*. Aqui e ali, onde *Arceuthobium azoricum* cresce sobre o cedro-do-mato *Juniperus brevifolia*, abrem-se pequenas janelas na vegetação que permitem observar o profundo vale, desgastado pelo tempo e pela água até encontrar um manto rochoso que abrandou o processo. Esta é uma paisagem impressionante. O atalho junto à ribanceira acaba, enquanto se aproxima do *Pico Negrão*, onde o caminho que nos espera se transforma numa alucinante descida, com o chão a resvalar frequentemente sob os pés. A meio dessa ladeira surge um miradouro que permite ver, olhando para cima, o vale da *Ribeira de Além*.

No fim desta descida deve entrar na pastagem que lhe surge à frente e descer até junto a um tanque, onde tem início o caminho que o levará, após nova descida, até onde já esteve. Decerto reconhecerá o caminho que, agora no sentido inverso, o levará de volta à viatura.

TRILHOS DOS AÇORES



TERCEIRA

PRC4 TER

Monte Brasil

Dificuldade: Fácil **Extensão:** 7,5 km **Duração:** 2:30h **Forma:** Circular



Início do trilho

38° 39' 9.00" N;
27° 13' 27.41" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural da Terceira



PRC4 TER *Monte Brasil*

Este é um percurso de história. Uma história marcada na paisagem pela construção de estruturas seiscentistas para defesa militar. A fortaleza, as extensas muralhas, os paióis, as guaritas, as cisternas e mais, tudo erguido na pedra cortada ao próprio *Monte Brasil*.



Este percurso começa no istmo que liga esta península à restante porção da ilha, junto à entrada para o *Relvão*, o principal parque de recreio da cidade. Suba em direção ao antigo *Portão dos Carros*. O caminho de acesso ao *Monte Brasil* e ao *Regimento de Guarnição nº1*, que se encontra aquartelado dentro do perímetro amuralhado do monte, é ornado por frondosos plátanos que nos presenteiam com uma refrescante sombra. Ainda antes da porta, do seu lado direito, vê os fossos na base da muralha, numa sucessão de quadrados (chamadas de *covas de lobo*), que dificultavam a colocação de escadas pelo inimigo invasor. Passa o *Portão dos Carros*, em tempos destinado ao serviço de carroças e carros de bois, vedado por 2 portas em madeira colocadas em ambos os lados da larga muralha.

Siga para a esquerda em direção ao *parque florestal e zona de recreio*. A baía de Angra revela-se a cada passo. Abaixo desta reta de asfalto foi erguido há uns séculos um paiol com as suas 4 torres, à laia de minarete. Daqui e de outros locais, era cruzado o fogo da artilharia, com o da *Fortaleza de São Sebastião* em frente (vulgo *Castelinho*) impossibilitando a ancoragem de barcos inimigos na baía.

Uma curva à direita, outra curva à esquerda, e siga pelo caminho mais estreito da esquerda que o levará até junto da *Ermida de Santo António da Grota*, mandada construir em 1615 pelo Governador Espanhol D. Gonçalo de Mexia. Após a ermida siga na terra batida.

Uma torneira de água potável, 3 portas verdes e 2 bancos de madeira: eis o que vai encontrar antes de uma primeira subida à sua direita que deve ignorar. Suba na seguinte, 350 passos mais à frente. É um caminho sempre largo, aqui e ali com grandes árvores. Atenção ao sinal que o leva a virar à esquerda, saindo deste caminho e subindo um atalho escorregadio, com as raízes das próprias árvores aqui e ali a fazer de degraus.

Chega à zona do parque infantil e de merendas. Siga antes pela esquerda subindo até junto de um edifício com a identificação de sanitários. Chegado ao caminho de asfalto vire à esquerda: à sua frente estão duas subidas em terra e, se reparar bem, um atalho entre ambas. Suba pela

esquerda pois vai descer pelo atalho do meio. Próxima etapa: *Pico do Facho*. São a *Erica azorica*, *Laurus azorica*, *Morella faya*, *Pittosporum undulatum* e *Lantana camara*, algumas das espécies que irá ver em abundância. No cimo está um largo nascido da confluência de caminhos. A partir daqui resta apenas subir umas escadas para atingir os 205 m do *Pico do Facho*. Este posto de vigia à aproximação de barcos, terá sido construído entre os anos de 1567 e 1588, nos primórdios do povoamento. Com melhoramentos ao longo dos tempos, manteve sempre, até à sua desativação, a função de, visualmente, (com bandeiras e balões) indicar o número, nacionalidade e tipo de embarcações que se aproximavam de terra. Adotou mais tarde a denominação de *Posto Semafórico*.

Aqui podemos ver: uma casa de atalaia construída em pedra e cal, de duas águas e abóbada interior, com uma janela numa empena e uma cruz em baixo-relevo na outra, onde se guardavam os mantimentos e apetrechos, necessários ao vigia nas suas funções; um marco geodésico de 1951; o facho, onde uma base suportava um pau, e com recurso a guias eram hasteados e manobrados os elementos sinalizadores; dois *abrigos anti-aéreos da II Guerra Mundial* em forma de nichos arredondados; alguns pequenos reservatórios de água e outras construções em ruínas.

Continue em frente pelo atalho que o faz descer até junto da placa que sinaliza o percurso de manutenção que deverá tomar. É um caminho simpático, coberto pela vegetação, que terá de percorrer em cerca de 1 km, onde vão aparecendo alguns equipamentos de treino. Serpenteie na encosta, até finalmente encontrar uma saída em escadas com pequenos troncos em madeira, e adiante escavados no chão, que o levam



MONTE BRASIL

É considerado o maior aparelho vulcânico litoral dos Açores, com uma área um pouco superior a 1 km². Este tipo de erupção ocorre habitualmente em águas pouco profundas, tendo numa fase inicial atividade hidrovulcânica, explosiva em consequência da interação entre o magma básico e a água do mar com quem entra em contacto. Formam-se grandes colunas escuras de vapor e cinzas vulcânicas que, depositando-se, consolidam sob a forma de tufos. Mais recente do que a ilha, esta erupção surgiu numa altura em que a atual zona de Angra já estava coberta de vegetação, sendo comum encontrarem-se aquando de escavações, gravadas no tufo, impressões fossilizadas das folhas das plantas que então existiam, principalmente louros e heras. Depois do cone formado a erosão do bordo deste vulcão evidenciou 4 elevações que rodeiam a sua cratera permitindo, para quem observa à distância, ver o Monte Brasil sempre de uma forma diferente da observação anterior.



PRC4 TER *Monte Brasil*

a descer o colo formado pelo *Pico do Facho* e pelo da *Quebrada*, até quase chegar à *Caldeira*. Na parte mais baixa siga o atalho que vira em direção ao mar. Assim chegará ao *Forte da Quebrada*.

Esta fortificação simples foi edificada pelos castelhanos para impedir que barcos indesejados tomassem proteção neste flanco do *Monte Brasil*, então desprotegido. Construída em cima de 40 m de rocha íngreme e inacessível, desde o mar, era constituído por um pequeno forte, com casa de guarda e cisterna anexa, de que apenas se vislumbram vestígios. Regresse ao atalho e continue a contornar esta caldeira, 45 m acima do mar, convertida em tempos em campo de tiro e em praça de toiros. Mantém-se agora mais sossegada, apenas agitada pelo vento que modela a vegetação das encostas. O atalho segue na vertente interna do *Pico da Quebrada* até atingir um caminho. Suba-o até à bifurcação virando à esquerda para o topo desse pico, também denominado da *Vigia*. Uma construção destinada a apoiar a caça à baleia, tipo *bunker*, abrigava o vigilante que ao avistar a presa enviava um sinal aos baleeiros. Um foguete era habitualmente o alerta.

Volte ao caminho e desça, até estar novamente junto a uma vedação em cimento, pintada de branco, onde avista o mar, na direção do Brasil. Um caminho em frente leva-o ao *Pico do Zimbreiro*, que poderá subir, embora não esteja dentro do percurso sinalizado. Já não há por aqui zimbros, e embora fosse perfeitamente possível, não sei com que certeza se afirma alguma vez ter havido.

Desça até ver o asfalto, junto ao *miradouro da caldeira*. Cerca de 20 m antes de entrar no caminho principal vê do lado oposto deste uma rocha nua: uma das antigas pedreiras do *Monte Brasil*. Os tufos negros que se observam na face talhada são bastante compactos, o que justifica a reduzida erosão das muralhas e de outras construções humanas, e a dificuldade dos afloramentos rochosos em se transformarem em solo.

Suba o asfalto, passe à sua direita pelo circuito de manutenção, e prossiga mais uns metros até encontrar, à sua esquerda, um atalho por entre algumas guaritas, que o conduz até a uma zona de merendas, com churrascos e sanitários. Junto está outra construção do século XVII, com janelas gradeadas, outro paiol onde se guardava a pólvora.

Uma placa indica a subida até ao *Pico das Cruzinhas*, não sem antes passar pelos nichos da *Bateria de Artilharia Antiaérea*, instalada neste local durante a II Guerra Mundial, onde estão expostas verdadeiras peças de museu.

O *Pico das Cruzinhas*, a mais baixa das 4 elevações, com 168 m de altitude, mas com uma panorâmica impressionante sobre a Cidade Património da Humanidade e costa sul da ilha, é sem dúvida o mais visitado miradouro da ilha Terceira. Em cartas antigas apareciam 3 cruzeiros, que o tempo se encarregou de fazer desaparecer, talvez relacionadas com a *força do Castelo* que parece ter existido por aqui. Em sua substituição foi erigido em 1932 um padrão, uma alta coluna encimada pela cruz de Cristo, evocativo aos 500 anos da descoberta dos Açores.

Desça as escadas, vire à esquerda, desça pelo caminho e no primeiro cruzamento vire à esquerda, na direção do parque infantil, descendo o atalho que se segue até sair novamente no caminho principal. Agora basta regressar ao ponto de início deste percurso.

TRILHOS DOS AÇORES



TERCEIRA

PR5 TER

Fortes de São Sebastião

Dificuldade: Fácil Extensão: 5,7 km Duração: 2:30h Forma: Linear



Início do trilho

38° 38' 43.93" N;
27° 4' 47.47" O



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural da Terceira



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PR5 TER Fortes de São Sebastião

O percurso tem início na Ponta das Contendas e percorre parte da zona costeira da costa sudeste da ilha, terminando no centro da Vila de São Sebastião, junto à igreja matriz. As diversas baías e enseadas, bem como as ruínas de antigas fortificações costeiras (séc. XVI e XVII), são alguns dos destaques.



Dirija-se à Baía das Mós, 400 m a Leste do Farol das Contendas, onde irá encontrar o painel informativo do percurso, na berma da estrada. Não se admire de encontrar alguns surfistas nesta zona, uma vez que as Contendas são um dos *hotspots* de *Surf* na ilha.

Siga na primeira vereda à esquerda do painel, ladeada por exemplares de *Tamarix africana* e por endémicas como a *Erica azorica* e *Morella faya*. Ao chegar à primeira bifurcação, continue à direita até um promontório. Deste promontório, avista em frente o Farol das Contendas e os Ilhéus das Cabras e, no sentido contrário, poderá observar a Baía das Mós, com a pitoresca freguesia do Porto Martins atrás dos Ilhéus das Conten-

PR5 TER Fortes de São Sebastião

das. À esquerda dos ilhéus tem o Pico dos Cernos, onde se desenvolve a etapa seguinte do percurso. Quanto aos destaques geológicos, algo recorrente ao longo deste percurso, é a observação, em perfil, da história eruptiva do local, como por exemplo: escoadas lávicas (episódios calmos da erupção), tufos piroclásticos (episódios mais violentos da erupção) e paleosolos, indicativos de interrupção da atividade vulcânica.

Depois deste promontório, siga pela direita no atalho que o irá conduzir à denominada Ponta das Contendas, zona desprovida de vegetação (devido a altos índices de salinidade, proveniente do *spray* marítimo) e interessante geologicamente, uma vez que é possível observar lajes basálticas e testemunhos de rocha que, outrora foram lavas basálticas encordoadas que escorreram em direção ao mar. Em seguida, siga pela esquerda até encontrar as ruínas do antigo Forte da Greta. Este Forte faz parte de um conjunto de três fortificações que existem nesta zona, de forma a proteger esta baía. Esta defesa costeira da ilha, com a construção de diversas fortalezas, teve origem em meados do século XVI, de forma a contrariar os ataques de piratas e corsários. Assim, logo mais à frente, no atalho de volta à estrada, avista à direita junto ao calhau rolando as ruínas de outro antigo forte, denominado Forte de Santa Catarina das Mós, que se encontra derrubado.

Ao chegar à estrada, siga à direita por 600 m, onde é possível observar alguns exemplares de *Erica azorica* e *Morella faya*, antigas explorações de vinha com as respetivas estruturas de apoio e perfis geológicos, utilizados pela Universidade dos Açores nas aulas de campo da disciplina de Geologia, onde se observam os episódios vulcânicos já referidos anteriormente. Logo após a curva que dá início à subida para a Ermida da Maria Vieira, encontra à direita uma canada de servidão, por onde deverá seguir.

Continue em frente na canada ladeada por canas (*Arundo donax*) e sal-



BAÍA DAS MÓS

No contexto da crise de sucessão do reinado português, em 1580, os Açores declararam-se a favor de D. António, tornando-se assim no principal centro de resistência à união com Castela. Desta forma, numa primeira tentativa de quebrar a resistência e, dada a importância geoestratégica do arquipélago, Filipe II de Espanha enviou uma expedição militar em 1581, que foi derrotada na famosa Batalha da Salga. 2 anos mais tarde, foi enviada nova expedição militar, mais poderosa e conduzida por D. Álvaro de Bazán, que desembarcou na Baía das Mós, cenário onde se travou a intensa batalha que daria a vitória final aos espanhóis. De referir que esta Batalha é comemorada solenemente na sala de batalhas do Escorial, em Madrid.

PR5 TER Fortes de São Sebastião

gueiros (*Tamarix africana*). Posteriormente, na pastagem, tem a oportunidade de efetuar um pequeno desvio à direita, descendo até às imediações dos 3 Ilhéus das Contendas: Feno, Garajau e Mina, onde se localiza o terceiro forte desta baía, denominado Forte do Bom Jesus, que se encontra em estado avançado de deterioração. A espécie endémica *Festuca petraea* e a *Plantago coronopus* dominam esta área próximo do Forte.

Depois de visitado este Forte e da contemplação da Baía das Mós e Ilhéus das Contendas, suba de volta até ao Pico dos Cernos, onde existe uma entrada por entre a *Erica azorica* e *Morella faya*, que conduz ao topo deste pico. Na parte superior do pico, o *Pittosporum undulatum* e o feto *Pteridium aquilinum* tomam o lugar das espécies anteriormente referidas.

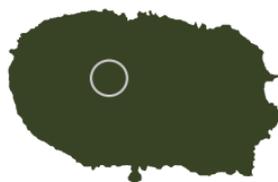
Posteriormente, entra-se numa pastagem que irá dar acesso ao marco geodésico, a cerca de 100 m de altitude. A partir deste miradouro, é possível observar as restantes baías que fazem parte deste trilho, além das paisagens anteriormente visualizadas, com uma perspetiva diferente.

Desça a pastagem pela direita, enquanto aprecia a arriba rochosa de grandes dimensões do Pico dos Cernos, com os Ilhéus das Contendas no prolongamento para Sul. Ao chegar aos exemplares de *Tamarix africana*, desça para a pastagem seguinte e continue à esquerda por uma canada de servidão que o irá guiar até ao Pico do Manezinho. Este pico, em que dominam as espécies endémicas como a *Erica azorica*, *Morella faya* e *Festuca petraea*, constitui um miradouro natural sobre a paisagem rural envolvente, bem como das baías que recortam esta costa sudeste.

O trilho continua por entre pastagens que irão dar acesso ao Forte do Pesqueiro dos Meninos, o último Forte deste percurso, que se apresenta em melhor estado de conservação, pelas obras de restauro que sofreu durante a 2ª Guerra Mundial. Próximo a este forte encontra-se uma zona balnear com o mesmo nome da fortaleza, utilizada pela população local nos meses de verão.

Posteriormente, siga na canada de servidão por entre as pastagens, até alcançar o antigo moinho de Francisco Drummond, recentemente restaurado, na ribeira do Frei João. Está no lugar do Arrabalde. Suba a rua com o mesmo nome, seguindo a indicação para o centro da Vila. Logo no início da rua, à direita, tem a possibilidade de contemplar a Ermida da Senhora da Graça, uma das mais antigas ermidas da ilha, que remonta aos primeiros tempos do povoamento. No próximo entroncamento, vire à esquerda, passe o Largo da Fonte, que teve uma grande importância ao longo dos tempos para o funcionamento das azenhas do Arrabalde, e prossiga pela Rua da Igreja até ao centro da Vila de São Sebastião, onde se encontra a praça e igreja matriz, terminando assim o trilho pedestre. De referir que a igreja de São Sebastião foi construída pelos primeiros povoadores da ilha, por volta de 1455, e apresenta um estilo gótico tardio com portais de estilo manuelino. Apresenta ainda no seu interior um conjunto de frescos, de cariz tardo-medieval, que remontam à primeira metade do século XVI, único nos Açores.

TRILHOS DOS AÇORES

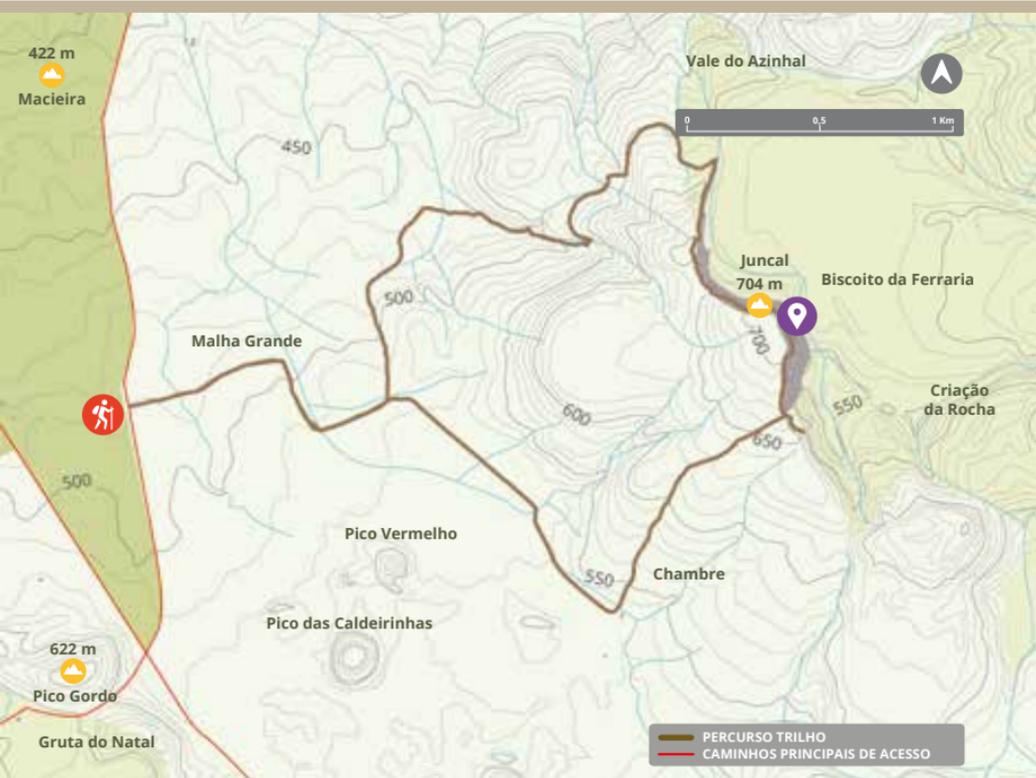


TERCEIRA

PRC6 TER

Rocha do Chambre

Dificuldade: Médio Extensão: 9,3 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho

38° 44' 54.61" N;
27° 15' 47.56" O



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural da Terceira



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



PRC6 TER *Rocha do Chambre*

O percurso tem início junto à estrada regional que liga a cidade de Angra, no sul da Terceira, à freguesia dos Biscoitos a Norte da ilha. Aliás todo ele se desenvolve dentro desta freguesia, cuja designação provém dos mantos lávicos recentes que recobriram num passado recente os seus terrenos.



Logo que inicia a caminhada, por um caminho pavimentado com bagacina vermelha, vê, de um lado e do outro, o coberto vegetal típico que reveste a corrente de lava que por aqui passou em 1761. São matos baixos onde predomina *Erica azorica*, *Morella faya*, *Juniperus brevifolia*, *Laurus azorica*, *Myrsine africana* e algumas invasoras como *Pittosporum undulatum*.

Passa por uma bifurcação, à sua esquerda, mas siga sempre em frente, fazendo adiante uma apertada curva à direita neste caminho que serve as pastagens do lugar da *Malha Grande*. Passa por uma bifurcação à direita, devendo seguir em frente para logo depois fazer outra curva apertada, mas agora à esquerda. São pouco mais de 250 m até chegar a uma bifurcação, devendo seguir pela esquerda, sabendo que irá regressar pelo caminho da direita.

PRC6 TER *Rocha do Chambre*

Cerca de 200 m adiante abandona o caminho de bagacina e inicia um atalho ao lado da última cancela em madeira que vê. Esta lava, que deramou sobre os terrenos aráveis mais antigos, criou um *caminho de rochas* extremamente escoriáceas, que agora divide as pastagens. É um atalho com cerca de 650 m, desconfortável para os pés, que requer a sua máxima atenção para a forma como coloca os pés sobre as pedras soltas e de arestas vivas. À sua direita as pastagens sobem o *Juncal*, a elevação que precede o alto da *Rocha do Chambre*, o seu objetivo nesta viagem. À esquerda, para Oeste fica o maciço vulcânico da Serra de Santa Bárbara, parte mais recente e elevada da ilha.

Vai encontrar à sua direita um novo caminho, que vem entroncar naquele onde está. Siga por aí em direção a uma cancela feita em pequenos troncos e paletes de madeira. Depois de a ultrapassar avança cerca de 50 m em direção a umas *Cryptomeria japonica* muito grossas que crescem numa depressão, para onde escorrem e se somem as águas de um pequeno ribeiro. A sinalização fá-lo contornar essa “cova”, circundando-a pela esquerda, para fugir às zonas encharcadas que se formam em redor da base dos troncos, após fortes chuvadas. No entanto, se o terreno se apresentar mais seco, pode subir esse ribeiro até encontrar uma ponte, transpondo-a para a direita e continuando o percurso. É sem dúvida mais agradável essa alternativa, o que lhe permite passar junto dos troncos das árvores, alguns com formas pouco comuns.

Depois da ponte vai começar um antigo atalho que sobe pela margem direita desta linha de água, sob coberto da mata. Percorre uns metros de pastagem, passando 2 cancelas instaladas muito próximas uma da



ROCHA DO CHAMBRE

É o que resta do bordo Oeste da última grande erupção traquítica ocorrida nesta ilha, quanto já estavam formados os 3 outros maciços: Cinco Picos, Guilherme Moniz, e Santa Bárbara. É conhecido como Maciço do Pico Alto por ser essa a maior elevação dentro dos seus limites. Para que tenha uma ideia da dimensão da cratera primitiva, virando-se para Leste, tem o bordo oposto a 2800 metros daqui. Entretanto outras erupções surgiram no seu interior, numerosos domas e *coulées*, como o do Biscoito Rachado com as suas espessas escoadas lávicas, bem marcadas na paisagem, à sua frente, e que encheram de lava parte substancial desta cratera: a zona aplanada, mais baixa, que se estende aos seus pés, chamada de Biscoito da Ferraria. Por detrás do Biscoito Rachado fica o ponto mais elevado desta parte da ilha: o Pico Alto com 809 m. Estima-se que a erupção primeira, a ocorrer neste maciço do Pico Alto, terá sido há cerca de 100 000 anos.

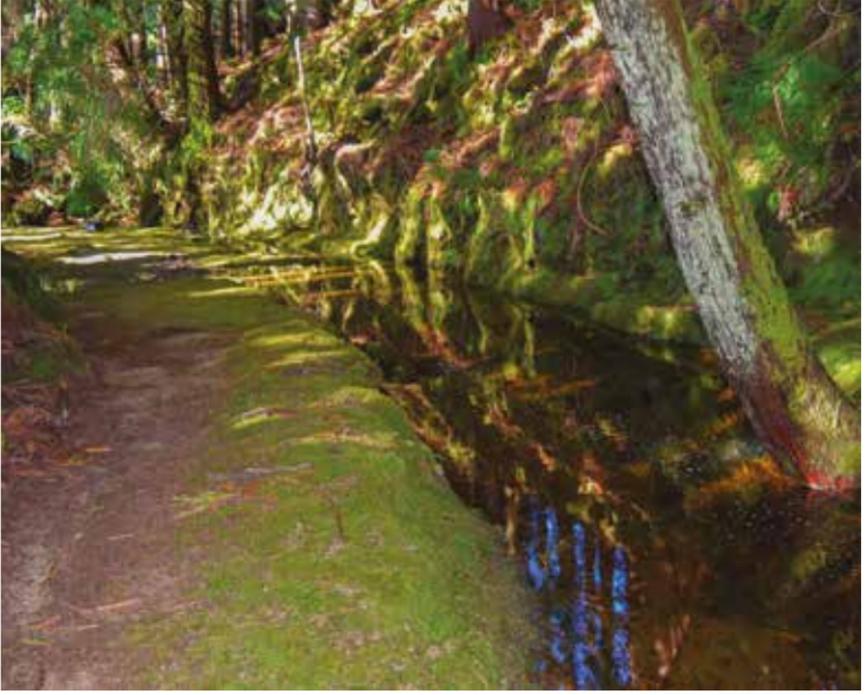
PRC6 TER *Rocha do Chambre*

outra, e volta a entrar na mata. Enquanto sobe este atalho de pedras, troncos e raízes, poderá ouvir pequenas cascatas de água e observar por entre a ramagem caída das árvores alguns fetos, musgos e pouco mais. Passa por outra ponte e vê que as árvores, que crescem nos taludes, quase que formam bengalas invertidas. O atalho termina e, logo depois, pode finalmente cruzar a linha de água, fazendo o acesso à passagem, que tem de atravessar, fazendo no fim uns metros de vereda para entrar no caminho que está do outro lado.

Suba 170 m deste caminho secundário, de piso degradado, até chegar ao seu fim. Siga em frente, entrando na mata, atravessando-a para chegar a um dos afluentes da *Ribeira do Vale do Azinhal*, subindo a margem direita por entre as árvores, onde as marcas são escassas. Acaba por cruzar a linha de água mais acima, continuando a subir, enquanto o terreno se torna mais suave, até ao cimo da *Rocha do Chambre*, na sua parte mais a Norte e mais baixa.

As matas descem à sua esquerda até onde a vista alcança e um pouco mais à direita sobem o *Pico das Pardelas*. Mais à direita ainda o *Biscoito Rachado* exhibe as suas lombas e “grotas”. Não perca muito tempo porque, enquanto sobe ao ponto mais alto da rocha, pela sua direita, vai encontrar melhores panorâmicas.





Uma corda grossa e uns degraus em grelhas metálicas ajudam a vencer a subida mais íngreme, em segurança, embora por vezes sejam necessários passos de “gigante”. Use a corda, pois os troncos das árvores estão cobertos de uma espécie de alga peganhenta. Pequenas “janelas” vão permitindo ver a paisagem, por entre a vegetação. Os degraus acabam e afasta-se da rocha por uns minutos antes de voltar a subir. Entra novamente numa mata. A rocha à sua frente apresenta-se revestida de grandes tufos de *Sphagnum sp.* verde amarelado.

Este percurso pedestre faz-se totalmente dentro da *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies do Planalto Central e Costa Noroeste* a partir desta rocha e até onde a vista alcança temos a *Reserva Natural do Biscoito da Ferraria e Pico Alto*. Esta zona está ainda classificada como *Sítio Ramsar*, desde 2008, com a denominação de *Planalto Central da Terceira* (Furnas do Enxofre e Algar do Carvão).

Abandona finalmente o aconchego da mata de forma definitiva até ao final do percurso. Começa a percorrer as pastagens naturais de altitude, por vezes bastante invadidas por montículos de *Sphagnum sp.*, *Polytrichum commune*, *Calluna vulgaris* e *Holcus rigidus*.

Depois de descer e ultrapassar um muro de pedra, numa zona particularmente encharcada, vai iniciar a subida final, aquela que lhe irá exigir o derradeiro esforço. No topo passa sobre um passadiço feito de troncos de madeira, atravessa um estreito valado e chega ao cimo, continuando ao longo de uma vala profunda que o separa das pastagens mais eleva-

PRC6 TER *Rocha do Chembre*

das. Mais uns minutos de marcha, com vistas deslumbrantes para todos os lados e chega por fim junto do marco geodésico que marca o ponto mais elevado do percurso: 704 m.

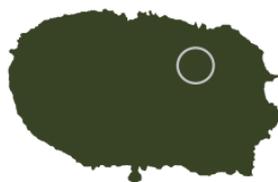
Começa a descida, no topo da rocha. Lá em baixo acaba o *Biscoito da Ferraria* e começam as pastagens que sobem o *Pico do Tamujo* e o contornam avançando para o *Sanguinhal*. Passa por outra ponte e mais abaixo tem às vedações que o impedem de se despenhar do *Miradouro da Rocha do Chembre*. Cerca de 10 m antes, encontra à sua direita a cancela que dá acesso à primeira de 4 pastagens que terá de descer, acompanhando uma linha de escorrência de águas, à sua esquerda, parcialmente florestada. Aqui, como na pastagem, as árvores mostram os danos provocados pelos ventos fortes de Oeste que sobem esta encosta.

Enquanto desce avista o *Pico do Fogo* à sua frente, e por detrás deste, mais afastado, os *Picos Gordos*. À esquerda, o *Pico Gaspar* e por detrás de todos estes está a encosta Leste do grande vulcão de *Santa Bárbara*. Quando a descida acaba chega junto de umas construções agrícolas usadas na exploração de gado bravo. Não se admire se vir toiros nas pastagens que rodeiam um pequeno pico esventrado, onde os muros de pedra apresentam em cima uns ripados de madeira como proteção extra contra alguma investida desses animais.

Vire à direita e siga pelo caminho 500 m, até uma casa de arrumos onde um muro foi transformado em escada, que deverá subir, entrando num caminho retilíneo. 740 m depois chega a uma bifurcação onde já esteve. A partir daqui prossiga no caminho de bagacina até ao início do percurso.



TRILHOS DOS AÇORES



TERCEIRA

PRC8 TER

Relheiras de São Brás

Dificuldade: Fácil Extensão: 5 km Duração: 2:00h Forma: Circular



Início do trilho

38° 44' 48.28" N;
27° 7' 50.18" O

Parque Natural
da Terceira

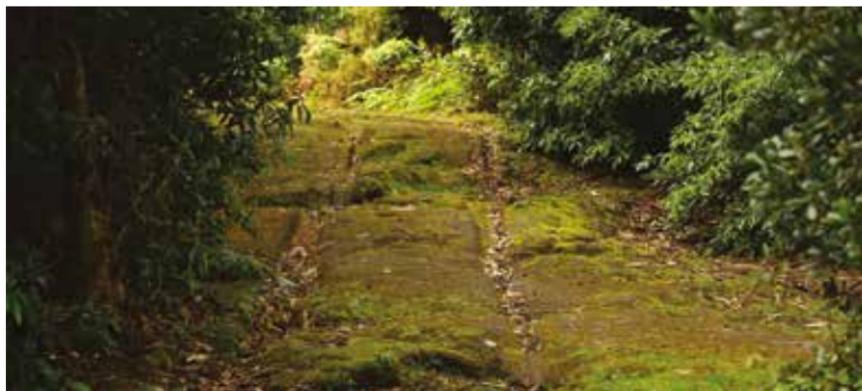


Área Prot. para a Gestão
de Habitats ou Espécies



PRC8 TER *Relheiras de São Brás*

Este percurso tem início na agradável *Zona de Lazer do Baldio de São Brás*. Como este é um percurso circular, vai acabar o seu passeio neste mesmo lugar, podendo então passear-se um pouco mais por este parque de merendas.



Saia do parque, virando à direita e avançando na *Canada do Baldio* cerca de 300 m, até encontrar num pedestal o rodado de um antigo carro de bois, colocado aqui aquando da inauguração deste percurso. Repare nos sulcos onde estão assentes as rodas: são as marcas conhecidas como *relheiras*. Entre nesse caminho de terra, chamado *Canada da Fonte do Cão*, nome que adiante perceberá.

Depois de passar por um aviso da autarquia local, proibindo o depósito de lixo, começa a ver no chão profundas relheiras, marcadas na lava pelas rodas dos carros de boi em constante movimento, provavelmente carregados com a lenha que crescia neste "*biscoito*". Esta é uma das principais atrações deste percurso, que testemunha o uso da terra e o labor do Homem a desbravar o caminho da sua sobrevivência.

Se observar bem, irá ver 2 tipos de relheiras neste antigo caminho: em "V" e em "U". As primeiras datam de há mais de 200 anos, quando ainda se usavam pregos nas rodas, talvez para reduzir o desgaste ou para impedir de derrapar sobre os lajidos. Depois vieram as rodas em U, mais largas na base, e porque circulavam dentro das relheiras primitivas, balizadas pelos sulcos já impressos na pedra, eliminaram o formato em V. Foi o que aconteceu nas primeiras dezenas de metros deste caminho.

No final, o caminho reveste-se de erva. Por aqui a vegetação é pouco diversificada, composta praticamente por espécies comuns.

Passa, à sua esquerda, por uma placa colocada pelo *Corpo Nacional de Escutas - Agrupamento 713 de São Brás*, que foi a entidade promotora deste percurso, e por fim chega à *Fonte do Cão*: uma pequena cavidade no chão, arrematada por um anel em pedra trabalhada sobre o qual se amontoaram algumas pedras. Realmente só deveria servir como bebedouro aos cães, levados pelos donos quando por aqui passavam. Ao que me dizem, mantinha água todo o ano e, se assim for, a que evapora e é bebida tinha de ser reposta de alguma forma, talvez por uma lâmina de água que escoava entre estratos rochosos subterrâneos, o que não é, no entanto, perceptível.

Continue até encontrar as relheiras em "V", bastante nítidas e extensas. É a parte mais interessante do percurso. A lava fluida que aqui se transformou em rocha, deixou mantos rochosos por vezes aplanados, formando pavimentos regulares e bonitos, apenas *riscados* pelas relheiras, por vezes com o fundo preenchido com o bonito colorido dos musgos, que aí beneficiam de uma humidade e sombra mais douradoras. Continuando, este antigo caminho entra numa zona de floresta, com eucaliptos, muito *Solanum mauritanum* e *Pittosporum undulatum*.

Vai encontrar poucas bifurcações. Quando tal acontecer tenha em atenção a sinalização que lhe indicará o caminho correto, habitualmente o mais largo e mais alinhado com aquele de onde vem. Passa por 2 tanques de água, um deles mesmo ao lado do percurso, mas que entre a sombra das árvores quase passam despercebidos. Mais à frente acabam os últimos lajedos: prossiga pelo caminho antigo, por entre *Morella faya* e *Cryptomeria japonica*, até ver um grande pedregulho à sua direita, nesse ponto é já visível o portão metálico que o levará a sair na Canada Larga, o seu caminho de regresso quando lhe falta agora 2,3 km para o final.

Vire agora à esquerda e comece a descida por este caminho com partes em bagacina e partes em asfalto, não ligando aos caminhos que divergem para a sua direita. A encosta norte da *Serra do Cume* apresenta-se à sua direita. De ambos os lados vão surgindo árvores de maior porte e muitos matos baixos que ocupam de forma permanente o solo, enquanto as pastagens, por vezes renovadas ocupam as restantes áreas à nossa volta. Numa apertada curva e contracurva, surgem grandes *banksias* e uma "sebe" pouco comum de 50 grandes eucaliptos a separarem o caminho da *Ribeira dos Pães*. Esta ribeira, que eventualmente terá alguma água após chuvadas mais intensa no inverno, está completamente descaracterizada, cheia de vegetação e detritos.

Muitos destes cursos de água perderam significativamente a sua função, mercê sobretudo das arroteias e instalação de culturas agrícolas nas suas bacias de captação, que promoveram a retenção de água para uso na lavoura e a infiltração em profundidade das águas no solo.

Passa por uma pequena construção, uma casinha branca com porta verde na berma direita da estrada, onde foi feito o furo que provavelmente fornece a água ao posto de abastecimento à lavoura que vai encontrar mais adiante no passeio, também à sua direita. Nesse local, olhe para o talude das pastagens à sua esquerda. Os muros de pedra estão assentes sobre um manto rochoso, com pouco mais de 1 metro de altura que cobre um paleossolo, mais antigo. Este é o derrame lávico que formou o *Biscoito das Fontinhas*, os lajedos que dele fazem parte e o piso sobre o qual foram cavadas as relheiras que visitou. A lava terá corrido aqui sobre terrenos já existentes há pouco mais de 3 000 anos, aquando das erupções que ocorreram no interior da Caldeira do Guilherme Moniz. Essas lavas basálticas, muito fluidas, produziram extensos derrames, sendo este um deles.

Pouco depois está de regresso ao *Parque de Merendas*. Se o entender aproveite agora para entrar e descansar um pouco entre os eucaliptos e as acácias de troncos deitados que dão sombra às estruturas próprias destes locais.



SÃO JORGE



TRILHOS DOS AÇORES



SÃO JORGE

PR1 SJO

Serra do Topo - Caldeira de Santo Cristo - Fajã dos Cubres

Dificuldade: Médio **Extensão:** 10 km **Duração:** 2:30h **Forma:** Linear



Início do trilho

38° 35' 51.07" N;
27° 55' 35.90" O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural de São Jorge



Paisagem Protegida



PR1 SJO *Serra do Topo - Caldeira de Santo Cristo - Fajã dos Cubres*

Não tenho dúvidas que a *Fajã da Caldeira de Santo Cristo* é o principal objetivo para a maioria das pessoas que se propõem andar a pé em São Jorge. Por lhes interessar acabar onde começaram, muitos optam por seguir da *Fajã dos Cubres* até à *Fajã da Caldeira de Santo Cristo* e voltar, mas, descer a serra é incomparavelmente melhor. Tenha em atenção que este percurso é feito dentro da *Área de Paisagem Protegida das Fajãs do Norte*, sendo que as Fajãs de São Jorge são, desde 2016, classificadas pela UNESCO como *Reserva da Biosfera*.



O percurso inicia na *Serra do Topo*, por um caminho de servidão a pastagens que começa na estrada regional, num espaço agora servido por um pequeno, mas funcional, parque de estacionamento e respetiva informação pertinente ao visitante. Seguindo sempre, vire à direita ao fundo deste caminho e encontrará uma vereda ladeada de hortênsias, com degraus umas vezes empedrados outras vezes cavados na terra. Vai agora começar a descida da serra para a *Fajã da Caldeira de Cima*. Passa por um abrigo escavado na rocha que terá servido todos quantos usaram esta via de comunicação, a fugirem da chuva.

A vegetação natural tipicamente de montanha, repleta de *Juniperus brevifolia*, é riquíssima, tornando-se fastidioso referir tudo o que por lá anda tendo-me suscitado especial atenção o *Sphagnum palustre* onde surgiam tímidas plântulas de *Sanicula azorica*.

Seguindo viagem, as vistas deste vale profundamente cavado, numa sucessão de lombas e ravinas revestidas de matos de montanha é espetacular. A paisagem que nos faz descer o olhar pelas encostas até

PR1 SJO Serra do Topo - Caldeira de Santo Cristo - Fajã dos Cubres

uma antiga edificação onde as ribeiras parecem unir-se... é simplesmente deslumbrante. Todas as curvas e penedos no caminho me parecem miradouros a solicitar a inevitável foto.

A descida continua por um trilho largo, com harmoniosas panorâmicas entre as manchas de floresta natural invadidas pelas hortênsias e os retalhos das pastagens aqui e ali ponteados por grandes *Erica azorica* que se tentam vingar dessa intromissão.

As cancelas de vaivém (e são várias) em troncos de madeira em forma de "V", são peças raras do engenho rural, algumas até têm molas para forçá-las a voltar à posição inicial. Se assim não acontecer tenha em atenção e deixe-as como as encontrou. Continuamos a descer e começamos novos sons: as estrelinhas (*Regulus regulus inermis*) cantam sobre os louros, quando começamos a ouvir o barulho da água a *cascadear* sobre as pedras. Sempre a serpentear na paisagem havemos de lá chegar.

Fica mais nítida aquela casa junto à ponte, que temos vindo a observar desde lá de cima. Mas antes temos outra para atravessar sobre uma linha de água corredia. O caminho fica então largo e empedrado. Al-



FAJÃ DA CALDEIRA DE SANTO CRISTO

Pertencendo à freguesia da Ribeira Seca esta é a fajã mais emblemática e certamente das mais bonitas da ilha de São Jorge. No século XIX chegaram a morar aqui, de forma permanentemente, mais de 100 pessoas, mas hoje são pouco mais de 10 pessoas, embora haja uma importante população sazonal. Nos últimos anos têm ainda sido reconstruídas e melhoradas algumas casas para veraneio.

As pastagens da fajã mantêm ainda as suas vacas leiteiras enquanto outros terrenos sustentam culturas agrícolas de subsistência. No dia 14 de outubro de 1960 foi inaugurado um Posto Público de telefones e, mais tarde, uma rede elétrica alimentada por um pequeno gerador. Também foi construído um cais no interior da lagoa para facilitar o varar dos barcos, o que até ali era feito no calhau. O terramoto de 1980 causou desmoronamentos em ambos os acessos à fajã e destruiu a rede telefónica isolando a Caldeira de Santo Cristo do resto do mundo. Houve necessidade de recorrer ao helicóptero da Força Aérea Portuguesa para proceder à evacuação dos moradores. Graças às "boas ondas" que por aqui há e ao magnífico envolvimento paisagístico, a Fajã de Santo Cristo é considerada um santuário do *Bodyboard* e do *Surf*, sendo procurada por muitos praticantes desta modalidade. As águas mais quentes da lagoa trazem também alguns banhistas e veraneantes à fajã.

PR1 SJO Serra do Topo - Caldeira de Santo Cristo - Fajã dos Cubres

gumas referências indicando distâncias e altitudes começam a surgir pintadas na pedra.

Finalmente a ponte. Para cima, no meio da ribeira, ao lado de um antigo moinho de água em ruínas, um dos sete que se diz existiam, cresce com as suas exuberantes folhas verdes a endémica *Rumex azoricus*. Mesmo ali ao lado uma casa bem recuperada deixa-nos a pensar num fim de tarde solarengo...

Na *Caldeira de Cima* moraram algumas famílias. Moíam o seu cereal e o dos vizinhos, teciam os seus panos e construíam em vimes os seus cestos. Duas nascentes, a *Fonte dos Inhames* e a *Fonte da Família*, supriam as necessidades dos moradores e das culturas agrícolas. Esta fajã foi abandonada, não morando hoje qualquer pessoa, embora haja uma ou outra ainda veraneie por aqui.

Logo após atravessar a ponte, do lado direito do caminho, encontra um pequeno trilho que o leva apenas alguns metros mais abaixo, junto de uma pequena cascata, pronúncio de outras bem maiores a jusante.

Depois deste breve e refrescante desvio volte ao caminho e prossiga. Nova linha de água, nova ponte. Vai encontrar um chafariz, com água potável. Continue na sua descida, seguindo sempre a vereda que se apresentar à sua esquerda, passando por terrenos de pequena dimensão e por alguns casebres em pedra, que servem de arrumos à atividade agrícola.

Na base da falésia à sua direita, junto ao mar, pode observar desabamentos de outras épocas, que parecem querer transformar-se em novas fajãs,



PR1 SJO Serra do Topo - Caldeira de Santo Cristo - Fajã dos Cubres

no entanto inacessíveis por terra. De súbito... a sempre espetacular vista da *Fajã de Caldeira de Santo Cristo*...e no mar as ilhas Graciosa e Terceira.

Continua a descida, agora num piso que está mais solto e que requer maior atenção, até chegar à fajã. Se tiver curiosidade e vontade de andar 1 km extra, antes de prosseguir para o interior da fajã, siga sobre o calhau na direção oposta, até à foz da ribeira sobre cujas pontas atravessou minutos antes. Se a subir, poderá apreciar a volumosa cascata formada pelas águas frescas da montanha, que formam grandes e profundos poços nesta fase final do seu percurso. Esta ribeira é lar de enguias de água doce, muito tímidas e bem camufladas. Escondem-se por entre as pedras de tal forma que observá-las requer alguma atenção e paciência.

De regresso à fajã o caminho leva-o para junto do grande paredão natural, formado pelas pedras que o mar empilhou, qual dique protetor às hortas, casas e demais existências. "*Mantenha a fajã limpa*": eis um bom apelo que um grupo de amigos deixou escrito nalguns locais da fajã. Por aqui faz-se separação e recolha dos desperdícios que se geram em curiosos recipientes que poderá observar em vários locais da fajã.

Passa por um reabilitado chafariz logo antes de chegar junto da *Ermida do Senhor Santo Cristo* benzida no dia 10 de novembro de 1835. Com festa no primeiro domingo de setembro, com direito a missa, procissão e arrematações, é nessa altura que muito devotos se deslocam à fajã para pagar as suas promessas. A este santuário vem muitas pessoas no dia de celebração eucarística por altura das festas, e tão depressa vêm como vão... regressando a fajã à sua pacatez. Atrás da ermida encontra umas excelentes instalações sanitárias, mantidas em perfeitas condições de higiene pela senhora Fátima, que também ajuda a cuidar da ermida, possibilitando a entrada de visitantes pela porta virada ao poente.

Agosto é realmente um mês especial, em que aumenta de forma anormal o número de visitantes: os que se mudam para veranejar na fajã durante uns dias ou semanas; os que lá vão admirar a paisagem apenas por umas horas; e os *mariscadores de fim de semana* que vem à lagoa sensivelmente a partir do dia 15 de agosto, quando o defeso à amêijoia chega ao seu fim. Os moradores desta fajã dizem-me que estas amêijoas em agosto, quando ainda estão a recuperar da desova, são "magrinhas". Que a melhor altura para apanhar as amêijoas é em janeiro, mas... nessa altura a disponibilidade não é a mesma.

Esta lagoa, onde a água salgada do mar pouca mistura tem de água doce, tornou-se especial por motivos paisagísticos e como habitat de interesse para a avifauna e pela existência de uma população de amêijoas. Em 1984 a lagoa é classificada como Reserva Natural e mais tarde pela *Convenção Internacional de RAMSAR* como importante habitat de dezenas de aves migratórias aquáticas, que passam pela lagoa a caminho do seu destino.

Viaje no espaço e no tempo pela fajã... e já agora vá até ao *Café/Restaurante O Borges*, onde poderá fazer uma refeição, com ou sem amêijoas da lagoa, ou simplesmente tomar uma bebida com os amigos. Percorrendo os caminhos da fajã, seguindo a sinalização colocada, chega ao Cen-

PR1 SJO Serra do Topo - Caldeira de Santo Cristo - Fajã dos Cubres



tro de Interpretação da Fajã da Caldeira de Santo Cristo, que pretende dar a conhecer ao visitante a história geológica, biológica, paisagística e humana das fajãs de São Jorge, em especial, desta fajã e da *Fajã dos Cubres*. Impõe-se uma visita a esta exposição permanente de objetos e imagens que ajudam a perceber melhor o contexto natural e cultural onde estamos.

Ao sair da *Fajã da Caldeira de Santo Cristo* passa a uns metros do antigo cemitério, encerrado aquando do sismo de 1 de janeiro de 1980. No extremo oeste da lagoa, um caminho que passa na base da rocha leva-o à *Fajã dos Tijolos*. Nesta rocha alta, onde cresce *Azorina vidalii*, esconde-se a *Furna do Poio*, cavidade natural com uma pequena lagoa interior. Passa por um poço de maré com uma pia associada, a que antigamente davam muito uso. Continue pelo caminho de terra onde as subidas são por vezes empedradas.

Adiante, após uma pequena baía, avista a *Fajã do Belo*. Continue a caminhar, descendo até lá. Esta fajã albergou em tempos mais de 130 pessoas, desalojados também pelo sismo de 1980. Agora vêem-se casas em ruínas a serem recuperadas, algumas de dimensões apreciáveis, o que mostra que a vitalidade está a voltar ao local.

Em breve está novamente a subir, desta feita a caminho da *Fajã dos Cubres*. Aproximamo-nos do nosso destino. Essa fajã, com a sua lagoa de água salobra, exhibe-se à nossa frente. A chegada é feita junto do parque de estacionamento dos que foram passear até à *Fajã de Santo Cristo*. Continuando, em breve passa pela lagoa, chegando à *Ermida de Nossa Senhora de Lourdes*, junto a um café onde poderá tranquilamente aguardar o seu transporte.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO JORGE

PR2 SJO

Serra do Topo - Fajã dos Vimes

Dificuldade: Difícil Extensão: 5,3 km Duração: 2:30h Forma: Linear



Início do trilho
38° 35' 51.07" N;
27° 55' 35.90" O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural de São Jorge



Paisagem Protegida



PR2 SJO Serra do Topo - Fajã dos Vimes

Começamos este percurso saindo da estrada junto ao *Parque Eólico* por um pequeno acesso às pastagens que estão do lado do mar, gozando de uma vista soberba sobre a ilha do Pico.



Desça e vire de imediato à esquerda, em direção a um dos postes que leva a eletricidade para a *Fajã dos Vimes*. Desse poste dirija-se a outro à sua frente, num caminho ladeado de hortênsias. Lá em baixo, coladinha ao mar, a *Fajã dos Vimes* começa a perfilar-se.

O atalho desce e volta a subir depois de ultrapassar uma linha de água que vem da serra, onde estão as primeiras espécies arbustivas e arbóreas da floresta natural que reveste toda esta encosta: *Vaccinium cylindraceum*, *Ilex perado ssp. azorica*, e *Erica azorica* estão entre as mais abundantes. Continue passando uma casa de blocos em ruínas, e seguindo até à próxima linha de água.

No vale cavado que se estende a seus pés volta a vislumbrar a fajã, ainda tão longe. Numa pequena pedra encontra o sinal de mudança de direção à direita, entrando numa estreita vereda usada também pelas vacas na migração entre pastagens. Continue em direção a uma depressão mais acentuada no terreno, que ultrapassa passando debaixo de uns *Juniperus brevifolia* e voltando a subir do outro lado.

Passa mais uma cancela, mais uma linha de água e vire logo à direita... não suba a encosta relvada à sua frente. Adiante, entra numa vereda com a vegetação natural a formar com a sua copa o teto sob o qual caminhamos. O chão, ora terroso ora pedregoso, é húmido e, por vezes,

PR2 SJO *Serra do Topo - Fajã dos Vimes*

escorregadio. Este túnel, aqui e ali com janelas para o mar, encontra-se recheado de endemismos: *Lysimachia azorica*, *Cardamine caldeirarum*, *Pericallis malvifolia*, *Laurus azorica*, *Carex vulcani*, orquídeas selvagens (*Platanthera micrantha*), *Prunella vulgaris* a pontear o caminho de roxo, *Bellis azorica*, *Hedera azorica*, *Myrsine africana*, *Hypericum foliosum*... e mais.

De súbito surge uma encruzilhada com 3 alternativas: desça pela mais estreita e íngreme. Agora sim está na vereda antiga que o irá levar à *Fajã dos Vimes*. Ajeitadas ao longo de décadas, as pedras do local deram origem ao empedrado dos degraus e dos muros guarda desta vereda.

Segundo consta, por estes lados há *Vaccinium cylindraceum*. São Jorge parece ser berço de uma diferente variedade desta espécie endémica, de flores brancas, da qual também eram colhidos os frutos (como se de mirtilos se tratasse) para fazer compota.

À medida que descemos a vegetação torna-se mais alta e fechada, mantendo mais a humidade o que permite o crescimento de musgos e fetos. As escadarias são por vezes toscas ou ausentes pelo que a descida deve ser feita sempre com cautela, em particular na parte final onde uma rampa com detritos mais soltos o leva até ao caminho de asfalto. Neste, suba até chegar à ribeira, numa curva mais apertada. A sinalização junto às escadas de acesso à ribeira convida a descer até uma nascente de água azeda. Estas nascentes, de água bastante mineralizada e ligeiramente gaseificada, ocorrem em várias ilhas dos Açores. Prove a água...e certamente irá concordar que foi bem atribuído o nome.

De volta ao caminho continue a subir. Outra ribeira, outra ponte. Ande um pouco mais e vai virar num caminho secundário, em bagacina e terra, que desce por entre pequenas hortas com algumas árvores de fruto



CAFÉ DA FAJÃ DOS VIMES

Não se tem ideia precisa quando terão sido introduzidos os primeiros cafezeiros nesta fajã. A verdade é que esta espécie de café (*Coffea arabica*) encontrou aqui boas condições de germinação, de desenvolvimento vegetativo e de frutificação. Para cada pé, a um ano de boa produção segue-se outro mais fraco, repetindo-se o ciclo. O período de colheita é entre maio e agosto, com especial incidência em junho e julho. Diz-me o Sr. Manuel Casimiro, homem experimentado nestas lides, que há vários produtores na fajã (embora eu só tenha visitado o seu cafezal) e que a melhor maneira de preparar o café é secando o fruto ao sol, e depois macerando ligeiramente com uma pedra a casca exterior já seca de forma a debulhá-lo. Depois de retirar as sementes há que torrá-las numa sertã ou caldeirão a lenha mexendo frequentemente (há quem use o forno a gás). Depois de moído está pronto a ser utilizado. Na Fajã das Almas e na Fajã de São João, também se produz café, mas com menor expressão. Tanto quanto me apraz saber, a Fajã dos Vimes será o local mais a Norte da Europa onde se produz café para fins comerciais.

PR2 SJO *Serra do Topo - Fajã dos Vimes*

e pastagens. À medida que descemos ouvimos nitidamente o mar a afaçar o calhau rolado. Depois entramos no cimento, vêem-se as primeiras casas e chegamos novamente ao caminho asfaltado, na ponta mais ocidental da fajã. Daqui podemos admirar toda a *Fajã dos Vimes*, e mais além a *Fajã dos Bodes*.

A *Fajã dos Vimes* foi ao longo dos séculos fustigada por catástrofes naturais, como o terramoto de 1757 que matou mais de 120 pessoas e a enchente de 1899 que causou prejuízos em toda a costa da ilha. Em 1992 uma grande tempestade fez chover torrencialmente na serra sobranceira à fajã, em consequência da qual a *Ribeira dos Vimes* trouxe tamanha quantidade de água que rebentou com a ponte que aí existia, tendo esta de ser reconstruída desde os alicerces. Aqui vêm desaguar várias linhas de água, nomeadamente a *Ribeira dos Vimes* em cujas margens ainda se podem observar moinhos de água, a *Ribeira do Capadinho* e a *Grota do Modelo* (ou Grotão).

Fajãs detríticas como esta, protegidas pelas arribas, apresentam muitas vezes um clima particular, habitualmente mais ameno, ideais para o cultivo de espécies agrícolas mais tropicais, o que acontece de forma evidente na *Fajã dos Vimes*. Por vezes com recurso a estufas, aqui protegidas dos ventos dominantes, força-se o crescimento de algumas hortícolas, conseguindo-se produções de qualidade e quantidade. Encontramos: bananeiras, inhame (de grande importância histórica nesta fajã), tomate, beringelas, vinha, batata-doce, meloa, couves de diversas variedades... só para referir algumas. Mas o que mais surpreenderá o visitante é saber da existência de cafezeiros na fajã, e de que tem a hipótese de provar o *café de São Jorge*. Para tal continue a caminhar até junto à ponte, subindo à esquerda para o *Café Nunes*, onde o Sr. Manuel Casimiro lhe poderá servir tão famosa bica, ligeiramente mais ácida do que os cafés a que provavelmente está habituado.

Esta fajã é conhecida também pelas famosas *Colchas da Fajã dos Vimes*, em lã, de ponto alto, que aqui se faziam em antigos teares de madeira, de pedais. De estilo muito próprio (*feitio da Calheta*) algumas das colchas eram produzidas em teares estreitos tendo de ser posteriormente unidas 3 peças para formar uma colcha larga, denominada “de 3 ramos”. Teciam-se ainda mantas ou simples panos de mesa. Noutros tempos uma senhora da *Fajã dos Vimes* mantinha vários teares, dando emprego a várias outras e servindo também um pouco de “escola” para se aprenderem os segredos deste ofício, assegurando assim a continuação desta arte. Atualmente poderá apreciar essa técnica e eventualmente levar uma lembrança, visitando o Café Nunes, onde o Sr. Manuel Casimiro recuperou alguns teares, em laboração mesmo por cima do Café.

Retemperadas as forças, passe pela *Escola Primária*, encerrada há algum tempo, e após mais um pouco de caminho está junto à *Ermida de São Sebastião*, onde se realiza a festa de Nossa Senhora do Carmo a 16 de julho, habitualmente de portas abertas à visita de algum pedestrista mais curioso... ou mais cansado.

Este passeio termina junto ao *Porto*, mas não se deixe ficar por aqui. Conheça um pouco mais da fajã e das suas gentes, percorrendo-a a pé.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO JORGE

PR3 SJO

Fajã dos Vimes - Lourais - Fajã de São João

Dificuldade: Difícil Extensão: 10 km Duração: 3:30h Forma: Linear



Início do trilho

38° 34' 56.76" N;
27° 55' 50.66" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural
de São Jorge



Paisagem
Protegida



PR3 SJO *Fajã dos Vimes - Lourais - Fajã de São João*

Este percurso pedestre tem como objetivo ligar a *Fajã dos Vimes* à *Fajã de São João*. No entanto, devido ao acentuado desnível entre a *Fajã dos Vimes* e os *Lourais* (0 m aos 400 m), aconselha-se as pessoas com maior dificuldade a iniciar o percurso no lugar dos *Lourais* e optar pela descida para a *Fajã dos Vimes* (Oeste) ou *Fajã de São João* (Este).



A *Fajã dos Vimes*, na costa sul da ilha, pertence à *Freguesia da Ribeira Seca*. É uma fajã muito atrativa pelas suas características geográficas e humanas. Torna-se agora difícil ou mesmo impossível identificar casas com traços da arquitetura dos primeiros séculos do povoamento, mas mantém-se um casario aprazível, bem como pequenas parcelas ocupadas por culturas agrícolas tradicionais como a vinha. Várias dezenas de pessoas vivem aqui durante todo o ano. No entanto, antes eram em maior número, o que justificou a criação de uma escola primária a 12 de abril de 1886 e que na década de 90 do século passado ainda se encontrava a funcionar.

PR3 SJO *Fajã dos Vimes - Lourais - Fajã de São João*

Iniciamos o percurso junto ao porto da *Fajã do Vimes* seguindo para Leste, pelo caminho, até à *Fajã dos Bodes*. No talude da estrada, tal como em muitos outros pontos destas fajãs, pequenas nascentes derramam a água para o chão terroso, sendo por vezes aproveitada para fins agrícolas. Ao entrar na *Fajã dos Bodes*, vemos com maior frequência os *fios de lenha*. Na época em que surgiram, eram na realidade vias de alta velocidade para transporte de materiais: um arame preso num ponto alto da encosta, ou no cimo da mesma, era estendido e esticado até à fajã. Com recurso a um sistema rotativo, que faz parte da estrutura existente na base do fio, era dada tensão ao arame elevando-o no ar. O material era então feito deslizar pelo fio, sem controlo de velocidade. Um feixe de lenha junto à base (e mais recentemente pneus) servia para amortecer o choque da chegada. A sua principal utilidade era servir para o transporte de lenha, cortada aos matos da vertente. Mais recentemente alguns fios foram utilizados para transportar outros materiais, nomeadamente para a construção e reparação de casas, botijas de gás e não só. Na *Fajã dos Bodes* conseguem-se encontrar em número bastante significativo e apesar da mesma base de funcionamento, apresentam variações estruturais de uns para os outros. Na sua grande maioria estão hoje abandonados.

Aqui e ali grandes blocos de pedra, desprendidos das vertentes rochosas, instalaram-se nas hortas obrigando o hortelão a mais ginástica do que a desejada. Esses enormes pedregulhos, comuns em muitas fajãs, são denominados de “*poios*”.



FAJÃ DE SÃO JOÃO

A Fajã de São João pertence à Freguesia de Santo Antão, sendo uma das maiores fajãs da costa sul da ilha de São Jorge. Muito abundante em água, com a maior ribeira da ilha, cujo caudal permanente forma grandes cascatas na sua descida pela arriba e com um clima local diferenciado, mais ameno, foi possível habitar em permanência esta fajã desde 1560, data em que aparecem as primeiras referências aos seus moradores. A fajã foi severamente atingida pelos desmoronamentos causados pelo grande tremor de terra de 9 julho 1757 (que ficou conhecido popularmente como o Mandado de Deus), tendo grande parte da sua população ficado soterrada sob enormes derrocadas, as quais ainda hoje são bem visíveis na encosta e ao longo da costa. Contabilizaram-se, só em São Jorge, 1053 mortos “sepultados nas ruínas” e mais tarde com os desaparecidos e feridos que vieram a perecer o número subiu para cerca de 1500 pessoas. Reconstruída, foi novamente atingida com gravidade pelo terramoto de 1 de janeiro de 1980, que voltou a semear a destruição no lugar. Tinham fama os seus vinhos, mas era também conhecida pelas boas produções de figos, nozes, laranjas, maçãs, castanhas, ananases e café. Algumas dessas culturas ainda se fazem, de forma mais descuidada, a par das hortícolas para autossustentação, com destaque para o vinho jaquê, aguardente de nêspera e figos. Hoje a Fajã de São João é um importante local de veraneio.

PR3 SJO *Fajã dos Vimes - Lourais - Fajã de São João*

No fim desta *Fajã dos Bodes*, após uma praia de rolo, o caminho deu origem a uma vereda. Depois de uma linha de água, alguns palheiros são mantidos operacionais para apoio à viticultura. A vereda ganha declive e iniciamos a íngreme subida para os *Lourais*. Quando avistar os primeiros degraus em troncos, aproveite para olhar para trás e admirar o recorte da ilha e as fajãs que deixou ao pé do mar. Continue a subir a vereda, fazendo paragens sempre que o seu corpo o exigir. A vegetação com a altitude torna-se mais natural com predominância para as *Erica azorica*.

Mais em cima, numa das curvas do atalho, tire uma última fotografia para as *Fajãs dos Bodes, Vimes* e *Calheta*. A meio da subida encontra a *Ribeira dos Cedros* com água a correr todo o ano, enchendo as pocinhas da ribeira. Tenha atenção ao pisar as pedras habitualmente escorregadias da ribeira. Continue a subir... e a subir até o chão se tornar mais plano. Aí observa pela primeira vez a *Fajã de São João*. Está a entrar nos *Lourais*, como o indiciam as hortas as criptomérias e hortênsias.

A saída é num caminho de penetração que parece ter sido aberto para cortar e retirar madeira. Continue um pouco mais até chegar ao caminho de asfalto é às casas dos *Lourais*... agora é sempre a descer. Após a última casa o chão passa novamente a terra batida e bagacina enquanto se aproxima do vale cavado pela *Ribeira do Salto*. Por aqui foi captada e canalizada água através de um tubo preto que o vai acompanhar boa parte da descida. Esta vereda leva-o até à *Fajã de Além* (não confundir com a *Fajã de Além* da costa norte onde há outro percurso pedestre) a meio caminho da *Fajã São João*. Durante a descida fácil, mas com pedras soltas a fugirem debaixo das botas, encontra vinha nas cotas mais elevadas e muitos pássaros a chilrear. O resto... é paisagem! Mas da bonita, com a fajã que o espera a marcar continuamente presença à sua frente.

A vereda alarga-se e o piso melhora permitindo a chegada das carrinhas que vem buscar a uva, que para alguns era apertada aqui mesmo... a fazer fé na prensa que ainda se vê em pelo menos um dos "palheiros" ao lado do caminho.

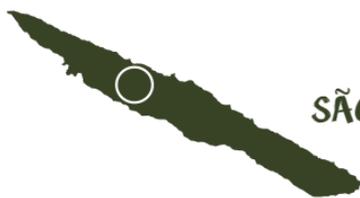
Chega à enseada onde desagua a *Ribeira de São João* adornada por uma praia de rolo, numa zona onde o mar parece vir lavar com o seu bafo os taludes da encosta, entra na *Fajã de São João*.

As primeiras casas e uns grandes salgueiros esperam-no à entrada da fajã. Resta-lhe, para o fim do percurso, 700 m feitos no caminho principal que serve os moradores, com o chão em *calçada portuguesa* de paralelepípedos nalguns troços, com ruas por vezes estreitas e casas com pormenores de arquitetura rural, de valor bem evidentes.

A *Fajã de São João* pertence à *Freguesia de Santo Antão*, sendo uma das maiores fajãs da costa sul da ilha de São Jorge.

O percurso termina num chafariz de 1896 junto à *Ermida de São João*, de 1762, que poderá visitar bastando para tal perguntar pela D. Judite no *Café e Merceria Águeda* mesmo ao lado. Mate a sede e aproveite para dois ou três dedos de conversa antes de prosseguir viagem.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO JORGE

PR4 SJO

Pico do Pedro - Pico da Esperança - Fajã do Ouvidor

Dificuldade: Médio Extensão: 17 km Duração: 4:00h Forma: Linear



Início do trilho

38° 40' 6.54" N;
28° 7' 6.47" O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural de São Jorge

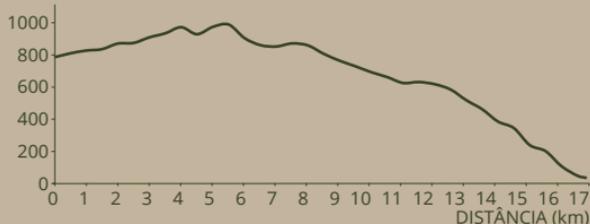


Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Paisagem Protegida

ALTITUDE (m) PERFIL DO TERRENO



PR4 SJO *Pico do Pedro - Pico da Esperança - Fajã do Ouvidor*

Saindo do caminho principal que liga a Freguesia da Urzelina ao lugar de Santo António, da Freguesia do Norte Grande, inicia o percurso de frente para o *Pico do Pedro*. Por aqui espera-o uma paisagem tipicamente jorgense, com os prados naturais sempre verdes, pejados de flores coloridas onde predominam os tons amarelos.



São frequentados esporadicamente pelas vacas responsáveis pelo tão apetecível e reconhecido *Queijo de São Jorge*. A primeira parte deste passeio faz-se serpenteando entre um alinhamento dos cones de escórias basálticas, que se ergue como uma crista no dorso da ilha. É facto curioso predominarem aqui os prados de altitude, por vezes bordejados a criptomérias e hortênsias, e não floresta como na grande maioria das outras ilhas.

PR4 SJO *Pico do Pedro - Pico da Esperança - Fajã do Ouvidor*

Após 400 m de percurso um pequeno tanque (“*Serviços Florestais 1967*”), abastecido pelas escorrências superficiais dos taludes, fornece a água a uma torneira e pia, provavelmente para abastecimento do gado. A humidade permite o crescimento de espécies facilmente identificáveis a revestir os taludes da estrada: *Tolpis azorica*, *Hypericum foliosum*, *Vaccinium cylindraceum*, *Woodwardia radicans*, *Leontodon filii* e *Equisetum telmateia*. Após ter contornado o *Pico Verde*, e antes do *Pico do Carvão*, um pequeno charco à direita costuma albergar um casal de patos e a sua família. O ar encontra-se agitado nesta altura com um variado conjunto de insetos voadores, das abelhas às borboletas, passando pelas libélulas que fazem posturas nos charcos de água, e muitos outros onde, felizmente, não se incluem os mosquitos.

Passando o *Pico do Carvão* tem a primeira grande panorâmica sobre o lugar das *Manadas*, junto ao mar, e sobre a majestosa ilha do Pico. Adiante avista pela primeira vez o *Morro Pelado* com a sua cratera, e com parte de bordo rebaixado para o lado do caminho. No seu interior está o *Algar do Montoso* e junto ao caminho uma população de espécies endémicas, de entre as quais, pela sua raridade, destacamos o *Chaerophyllum azoricum*, *Ammi trifoliatum*, *Scabiosa nitens* e *Euphrasia grandiflora*.

O Algar do Montoso está localizado a 1000 m de altitude dentro do *Morro Pelado*. Esta cavidade vulcânica é o maior algar dos Açores, com aproximadamente 140 m de profundidade. As descidas ao interior são feitas com recurso a técnicas de escalada e manobras com cordas, principalmente por uma das 2 grandes aberturas que possui. Ao descer passamos por uma sala superior, que forma uma primeira plataforma, onde é possível apreciar a vegetação que reveste as paredes interiores deste troço do algar. Continuando a descer chegamos ao fundo, onde está



FAJÃ DO OUVIDOR

É uma das maiores da ilha de São Jorge, assim chamada por, em tempos que já lá vão, uma boa parte das suas terras pertencerem ao Ouvidor do Capitão do Donatário. Apenas em 1948 foi aberto o atual caminho, permitindo um acesso automóvel fácil e seguro. O porto de pesca, servido de guindaste, mantém a sua importância piscatória de porto de abrigo de pequenas embarcações e ponto de partida para ligações às fajãs vizinhas, sem acesso por caminhos terrestres. Respeitando as estações do ano, por aqui andam: cagarros, garajaus, gaivotas, assim como diversos passeriformes que habitam também os matos das encostas.

É servida por várias nascentes que abastecem algumas linhas de água que migram da arriba para a fajã. Tem cerca de três dezenas de casas, muitas em estilo contemporâneo, não chegando talvez a metade daquelas que são habitadas durante todo o ano.

PR4 SJO *Pico do Pedro - Pico da Esperança - Fajã do Ouvidor*

uma sala de grandes dimensões, sensivelmente 150 metros de comprimento por 70 m de largura e uma altura na ordem dos 50 m até ao teto. Possui fauna cavernícola de onde se destaca o *Trechus isabellae*.

Subindo o caminho ao lado do *Morro Pelado* não se esqueça de se voltar para trás e apreciar o litoral sul da ilha. Prossiga em direção ao *Pico da Esperança*, ponto mais elevado da ilha com 1053 m de altitude. Pelo caminho passa perto do trágico local onde em 1999 ocorreu um acidente de aviação.

Esta área está classificada como *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies do Pico da Esperança e Planalto Central*.

Encontra uns deslocados pés de *Rumex azoricus* na berma do caminho e, alguns metros depois, encontra o desvio para subir ao *Pico da Esperança*. Suba e faça a cumeeira no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. No interior da cratera encontra 2 pequenas lagoas... e no exterior do pico uma magnífica vista em várias direções: para leste o alinhamento de cones em direção à *Serra do Topo*, para Oeste ficou o *Pico do Montoso* e o *Morro Pelado*, a Norte está a *Freguesia do Norte Grande*. Vai passar pelo marco geodésico, continue, desça, volte ao caminho e prossiga. O *Planalto Central de São Jorge* (*Pico da Esperança*) é *Sítio Ramsar* desde 2008.

Segue-se o *Pico do Areeiro* e o *Pico Pinheiro*. Junto destes, alguns afloramentos no relevo permitem apreciar a constituição geológica que nos rodeia: há blocos de pedra ao lado do caminho cobertos de líquenes brancos; há depósitos de escórias multicoloridas nos taludes onde se percebem os estratos do processo gradual de meteorização que os transformam em solo; percebem-se ainda escoadas lávicas que por vezes formam pequenas grutas em forma de lapa.

Ultrapassado o *Pico Pinheiro* dirija-se para o Norte Grande. O caminho curva, encontra um entroncamento, mas continue a descer pela esquerda. Começam a aparecer os primeiros matos de *Erica azorica* e *Juniperus brevifolia*, com *Vaccinium cylindraceum* e *Frangula azorica*. As linhas de água tornam-se mais fundas, revestidas de fetos. Novo entroncamento... vire à esquerda. Da terra batida entra no asfalto, enquanto as pastagens de média altitude voltam a ocupar os terrenos. Desça cerca de 1 km, saia do asfalto e vire no caminho de terra batida a meia encosta, à sua esquerda. Enquanto o percorre avista o *Pico da Esperança*, o *Morro Pelado* e o *Pico Verde* onde começou este percurso. À direita, a encosta desce até ao Norte Grande, e daí para as fajãs junto ao mar, com a ilha Graciosa ali tão perto. Após cerca de 1,8 km neste caminho surge à direita uma descida por onde circulam viaturas de lavradores, o que lhe permite ver alguns dos equipamentos utilizados na exploração pecuária, principalmente ordenhas móveis e comedouros. Encontra apenas uma bifurcação, quando já avista a torre da igreja. Vire à esquerda e chegará à estrada regional mesmo defronte do *Império do Divino Espírito Santo*.

Atravesse a rua e, se estiver aberta, visite a *Igreja de Nossa Senhora das Neves*, edificada em 1762, onde bonitos painéis de azulejos e talha em tons de azul e dourado revestem as paredes da capela-mor. A igreja

PR4 SJO *Pico do Pedro - Pico da Esperança - Fajã do Ouvidor*

anterior esteve envolvida no que ficou conhecido em São Jorge como o *Motim dos Inhames*. Neste tempo estiveram cercados pela população, em 1694, os homens enviados para fazerem a cobrança do dízimo dos inhames, e foi do alto da torre sineira de então que o Pároco queimou a lista com o nome dos implicados nesta revolta popular do “não pagamos”, pois já eram difíceis as condições de vida... até sem a obrigação de pagar dízimo.

Desça a estrada principal uns metros e vire à esquerda no caminho que hoje é usado por praticamente todos aqueles que pretendem visitar a *Fajã do Ouvidor*. Passa pela *Casa do Povo* à sua esquerda e logo depois um antigo campo cimentado de futebol. Mais abaixo chega à antiga escola primária, hoje convertida na *Casa do Parque e Ecomuseu da ilha de São Jorge*, inaugurada em agosto de 2012. O Parque Natural mantém aqui os seus serviços administrativos bem como uma área de receção aos visitantes. A entrada é obrigatória. Uma exposição permanente guiada pelas simpáticas funcionárias do parque, dá-lhe a conhecer a ilha de S. Jorge naquilo que de mais representativo e notável há para saber e conhecer. Este centro interpretativo abre todos os dias durante o verão, encerrando para almoço entre as 13:00 e as 14:00 horas.

O caminho continua a descer e serpentear por entre terrenos sem casas até uma bifurcação, que apresenta à direita o acesso automóvel para a



PR4 SJO *Pico do Pedro - Pico da Esperança - Fajã do Ouvidor*

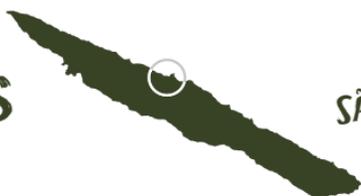


fajã. Vire, no entanto, à esquerda em direção ao miradouro que vê a alguns metros. Daqui, tem uma vista privilegiada sobre a *Fajã do Ouvidor*. Aproveite para reter esta imagem na sua memória ou na da máquina fotográfica.

Ao lado do miradouro desce a antiga vereda por onde todo o acesso à fajã era feito anteriormente a 1948, altura em que foi aberto o atual caminho. Como se esperava, o chão desce em curvas acentuadas e íngremes, em parte lajeado em parte na terra. Quando a vereda fica mais larga surgem alguns castanheiros. É sinal que está a chegar ao caminho. Desça-o até ao cruzamento com outro caminho, em terra batida, onde se encontra um posto de abastecimento de água para a atividade agrícola, sendo habitual verem-se viaturas a encher os seus depósitos. Siga agora por esse caminho de terra até sair novamente no caminho de asfalto, onde um plátano no centro de uma pequena rotunda o aguarda. Um pouco mais abaixo, junto à *Ermida de Nossa Senhora das Dores*, observe à distância a vizinha *Fajã da Ribeira da Areia* e a zona do porto. Desça um pouco mais, e siga pela direita por uma pequena ladeira de betão, antigo caminho de acesso ao porto, que o leva até junto do *Restaurante O Amílcar*, com vários pratos “à casa” e uma aguardente de canela que é uma especialidade. Recomenda-se.

Não deixe a fajã sem antes visitar a *Poça do Simão Dias*. Subindo pela estrada 25 m encontra à sua direita as placas que identificam este local e o atalho que lhe dá acesso, assim como ao pequeno farol. A lava ao encontrar o mar formou interessantes recantos e formas, através de fenómenos de disjunção colunar, erosão e solidificação, formando poças onde é possível nadar tranquilamente.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO JORGE

PRC5 SJO

Fajã de Além

Dificuldade: Difícil **Extensão:** 5 km **Duração:** 3:00h **Forma:** Circular



Início do trilho

38° 40' 37.13" N;
28° 5' 10.39" O



PRC5 SJO *Fajã de Além*

No início do percurso espera-nos uma ermida mandada construir por um particular em 1936 em invocação a *Nossa Senhora Auxiliadora*.



Comece a descer o caminho asfaltado até um sinal de mudança de direção o convidar a virar à esquerda, descendo uma pastagem, delimitada por uma linha de arame farpado, formando o início da vereda que o levará à *Fajã de Além*. Esta fajã tem em cada uma das suas extremidades uma descida, o que permite o acesso da população de *Santo António* aos seus prédios. Este passeio leva-nos a descer por uma delas e a subir pela outra, após obviamente atravessar a fajã.

Até chegarmos à beira da falésia seguimos numa serpenteante vereda com um pequeno ribeiro que a acompanha, por vezes com *Pittosporum undulatum* a formarem galeria, e por vezes com o piso empedrado. Estas veredas surgiam da necessidade das gentes acederem às zonas mais amenas das fajãs para cultivarem os produtos para sua subsistência. Esta serve ainda para acesso a várias pastagens em redor. Pelo caminho ficam vários pés de *Chaerophyllum azoricum*, espécie rara da flora endémica dos Açores.

De súbito chega à escarpa... acabam-se as pastagens e inicia a falésia forrada de comunidades de espécies naturais. Ao longe a *Fajã do Ouvidor* e, mais afastada ainda, a *Fajã da Ribeira da Areia*, ambas assentes em cima de escoadas lávicas. Uma vista a registar.

Ao longo da descida vamos vendo e ouvindo a água que brota da rocha ou que vem do cimo da arriba a escorregar pela vertente, por vezes apenas ouvimos o ruído contínuo que produz, oculto entre as folhas dos *Rumex azoricus*, inhames e outras espécies que preferem terrenos encharcados. Mais algumas curvas e vemos a *Fajã de Além*. Chama-nos a atenção as araucárias jovens, de porte médio/baixo, uma espécie arbórea pouco frequente nas fajãs.

Chegados lá abaixo podemos apreciar pouco mais de 20 casas em pedra, na sua maioria bem conservadas e cuidadas, um pouco afastadas umas das outras embora vizinhas, como é hábito nas fajãs. Haverá, no máximo, 2 ou 3 atalhos para se circular na fajã, bem perceptíveis no chão batido ou empedrado, por vezes com um muro de pedra a delimitá-lo... mas nem sempre. É fácil darmos connosco dentro das propriedades pois é mesmo por aí que a servidão pública passa. O espaço em redor das edificações é habitualmente bem cuidado, ornamentado com cravos, palmas e por vezes com o contributo de *Azorina vidalii* que cresce de forma natural nos muros junto às casas. Vejo agora que as araucárias são um dos elementos utilizados no ajardinamento do espaço em redor das casas. Pequenas hortas abrigadas por *Erica azorica*, onde crescem diversificadas culturas hortícolas, como por exemplo malaguetas, são regadas com água potável que chega por um eficaz sistema de canalização, que se estende a praticamente todas as casas. Limoeiros, figueiras e vinha são algumas da frutícolas que aqui se dão.

Atravessamos um pequeno ribeiro usando a ponte *1º de Maio 2004* (provavelmente a data da sua reconstrução), ao qual se seguirão, mais tarde, outras linhas de água. Ao lado de uma dessas, o Sr. Moisés construiu um pequeno moinho de rodízio, com um tubo de PVC a fazer de levada, e também um forno onde secava o milho. Obviamente, o forno também servia para cozer a massa e fazer o pão. Um olhar mais rápido na roda dentada deixa perceber que as engrenagens deixaram de laborar há muitos anos.

Vemos nalguns pormenores que o povo da fajã é um povo engenhoso. A dificuldade em trazer materiais para a fajã promove a reutilização e reconversão de materiais e utensílios. Um inovado fio de lenha, que certamente nunca transportou lenha, mas antes botijas de gás, telhas, materiais de construção e outros bens, parte lá do alto, no local onde vamos terminar este percurso, à saída da fajã. Esse dispositivo permite que todos esses materiais cheguem cá em baixo em segurança, amortecidos à chegada por uns quantos pneus.

Foi-me dito que havia uma boa probabilidade de encontrar algum proprietário, quando descesse à fajã, e que certamente seria bem-recebido por serem pessoas muito simpáticas. Tal veio a revelar-se uma grande e oportuna verdade! Já na subida da rocha encontrei um simpático casal

PRC5 SJO *Fajã de Além*



de *Santo António* que me forneceu importantes elementos acerca desta fajã. Foram eles que me disseram que havia *antigamente* na fajã um moinho a água, que foi abandonado há muito tempo. Servia para moer o milho que era cultivado e debulhado em *Santo António* e que descia para a fajã num dos fios de lenha, pois não havia moinhos de vento em *Santo António*. Na fajã também se fazia milho, mas era mais importante o cultivo da batata-doce e do inhame. Não mora ninguém cá em baixo, dizem-me eles, em parte porque “*de outubro a fevereiro não entra sol na fajã*”, o que dificulta o viver e a agricultura. Após as cordiais despedidas prossigo viagem. À medida que subo lentamente a vereda vou encontrar várias vezes pequenos afluentes da ribeira que corre à minha esquerda, em cascata no meio de *Hedychium gardnerianum*, dos *Rumex azoricus* e das hortas de inhames. Esta vereda aparenta ter “*degraus*” mais acentuados que aqueles que encontrei na vereda por onde descí. Perto da saída, um último olhar sobre a fajã e uma última foto.

Ao chegar ao topo da arriba, onde chegam as viaturas (não necessariamente todas as viaturas ligeiras), encontro a estrutura que suporta o *moderno* fio de lenha, e uma boia que penso servirá para alertar aquando da descida de materiais. Agora, resta subir o caminho agrícola e seguir as indicações até chegar à viatura. De todas as fajãs que conheço em *São Jorge*, onde não há residentes, posso garantidamente afirmar ter sido esta a que mais apreciei, pela forma cuidada com que os donos mantêm os seus prédios. Espero também que vos agrade.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO JORGE

PRC6 SJO

Norte Pequeno

Dificuldade: Médio Extensão: 11 km Duração: 3:00h Forma: Circular



Início do trilho

38° 38' 44.95" N;
28° 0' 7.45" O



Elevação

**Parque Natural
de São Jorge**



**Paisagem
Protegida**



**Zona
balnear**



**Ponto de
interesse**



PRC6 SJO *Norte Pequeno*

Na realidade poderá visitar mais do que três fajãs, neste seu passeio, se assim o entender. De notar que estas fajãs encontram-se em área protegida do Parque Natural de São Jorge e são classificadas pela UNESCO como *Reserva da Biosfera*.



A caminhada tem início nas imediações da Junta de Freguesia de Norte Pequeno. Siga as marcas até encontrar a Canada da Fajã do Mero, por onde deverá seguir. Espera-o uma estrada asfaltada, numa paisagem 100% rural, de terrenos agrícolas vigiados aqui e ali por moradias, algumas em ruínas. Após 500 m encontra a primeira bifurcação: em frente está o antigo caminho em terra de acesso à *Fajã do Mero*, por onde irá continuar.

Ressaltam na paisagem as grandes *Erica azorica*, alinhadas em redor das pequenas parcelas de pastagem. Após outros 500 m surge nova bifurcação: continue pela esquerda, mais largo e plano. Os *Ilex perado ssp. azorica*, *Laurus azorica*, *Vaccinium cylindraceum*, *Hedera azorica* e até *Frangula azorica*, surgem ao longo do caminho. São os primeiros endemismos dos vários que este passeio reserva a quem se interessa pela flora local. Vai certamente confrontar-se com alguns coelhos irrequietos a saltarem-lhe à frente no caminho. Mais 1,8 km, passa por um caminho à esquerda por onde não deve seguir, e encontra adiante um pequeno povoamento de altas e densas criptomérias devendo aí virar à direita, começando a descer mais acentuadamente.

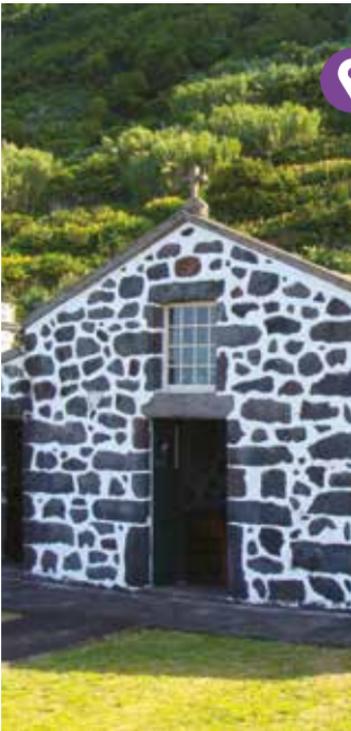
O trinar intenso dos pássaros e uma placa de inauguração indicam o fim do percurso largo e o início da vereda que desce à fajã. A primeira parte desta descida é feita por um atalho largo e cuidado, acompanhando uma linha de distribuição de eletricidade, em postes que, curiosamente, tem lâmpadas para iluminação pública. A eletricidade chega até um pouco mais abaixo, para fornecer energia a uma bomba que eleva as águas captadas na *Nascente das Sete Fontes*, por uns tubos que terá observado na descida. Esta água vai assim reforçar o abastecimento público às freguesias do Norte Pequeno, Calheta e Ribeira Seca. Virando à direita pode ir observar a água das várias *fontes* que brotam da rocha

e que correm todo o ano. A inauguração desta obra, em 17 de julho de 1991, justificou a placa que viu no início desta descida.

Vá agora para o outro lado, onde está a continuação da vereda, mas não espere encontrar a descida nas mesmas condições que encontrou até aqui. Mais abaixo surgem-nos mais endemismos: *Ammi trifoliatum*, *Rumex azoricus*, *Euphorbia azorica*, *Polypodium azoricum*. Começa a avistar à esquerda, junto ao mar, um pouco da *Fajã da Ribeira da Areia*, uma típica fajã lávica (diferente da *Fajã do Mero* que é de origem detrítica) com as suas casas de um branco resplandecente. Desse mesmo lado ouve o som da água a correr, siga nessa direção e continue a descer o trilho.

Algumas zonas estão mais encharcadas devido às linhas de água que correm encosta abaixo, algumas abundantemente e durante todo o ano. Passa por uma plantação de *Phormium tenax* o que é curioso... serviria talvez para fazer amarrações ou para o fabrico de esteiras. Mais abaixo estão alguns indivíduos em flor de *Scabiosa nitens* (outra endêmica) e surgem as casas da *Fajã do Mero*. Chegamos à zona das hortas: com várias hortícolas de subsistência, bananeiras e alguma erva. O inhame (*Colocasia esculenta*), que adora água, abunda nas margens das ribeiras e produz mesmo sem ser necessário grande cultivo.

Dois pequenos ribeiros desaguam perto um do outro, no calhau. É fácil descobri-los: os inhames dizem-nos por onde passam. Chega a uma ladeira de betão, trata-se do caminho (hoje em boas condições) que permite a chegada



ERMIDA DE SANTA FILOMENA

Esta pequena e bonita ermida foi erguida por iniciativa do Padre António Tomé em terreno que possuía nesta fajã. Benzida a 27 de maio de 1889 foi dedicada a Santa Filomena. Para além da ermida existia também uma casa deromeiros entretanto desaparecida. Era um local de romarias para pagamento das muitas promessas feitas por devotos de toda a ilha. Após a sua morte, uma filha (provavelmente reconhecida por ele como tal) herdou a ermida ficando na posse dos seus descendentes. Mais tarde devido a um contencioso entre os proprietários e a Diocese, a ermida foi excomungada e encerrada. O terramoto de 1980 causou a sua parcial destruição, tendo ficado algum tempo em ruínas. Mais tarde acabou sendo entregue à Diocese e foi reconstruída.

As Festas de Santa Filomena ocorrem no último domingo de agosto, com uma missa durante a manhã, seguida de procissão. Há ainda direito a arrematações e sopas oferecidas a todos aqueles que participam da festa, num curioso serviço de *self-service*. É habitual a presença de muitas dezenas de participantes.

PRC6 SJO Norte Pequeno

de viaturas a esta fajã, vindas da *Fajã da Penedia*. O objetivo é fazer agora este caminho em sentido contrário, no entanto, caso o pretenda, pode descer um pouco mais e explorar a fajã. Irá certamente observar um curioso *palheiro* em colmo... com um moderno cadeado na porta.

Em tempos pescava-se “*muito e bom peixe*” com canas e carretos a partir do calhau ou do rolo, segundo ouvi dizer... hoje duvido que alguém pesque por aqui. Noutros tempos havia necessidade de autossuficiência: descia-se à fajã para trabalhar as hortas e retirava-se do mar o “*de comer*”. Durante todo o ano é possível observarem-se gaivotas, pombos-da-rocha e milhafres. Cagarros e garajaus só na altura certa.

Volte à *ladeira das groselhas* (tal é a quantidade destas pequenas árvores nas suas bermas) e suba. A meio da subida, numa casa bem recuperada, está visível uma torneira que oferece água potável e fresquinha a quem passa. É um caminho agradável e sempre largo, onde o betão alterna com a terra batida. Antes de descer e entrar na *Fajã da Penedia* passará ainda por umas casas que estão sobre a *Fajã das Funduras* escondida lá em baixo.

Chegado à *Fajã da Penedia*, vire primeiro à esquerda e visite a *Ermida de Santa Filomena*.

A facilidade no acesso e o aparecimento mais tarde dos automóveis possibilitaram a sobrevivência social desta fajã. Mantém várias casas, algumas de construção recente. Em tempos algumas foram habitadas de forma permanente, agora os seus proprietários vêm apenas passar uns dias, principalmente em vésperas da referida *Festa de Santa Filomena*.

A água provém de uma única nascente na encosta, que chegava à fajã através de uma pequena ribeira. Só mais tarde, no séc. XX, o engenho humano fez com que se canalizasse a água até às casas, daí o chafariz possuir uma data tão recente: 1972. Cultivava-se nesta fajã mais ou menos o mesmo que referenciámos para a *Fajã do Mero*, mais os vimes para fazer cestos. Se quiser ver o mar terá de subir o paredão de rolo que protege o caminho e a fajã da fúria invernal do mar.

Vire costas a esta fajã e comece a subir. Até ao final do percurso poderá acontecer cruzar-se com automóveis. Numa bifurcação mais acima encontra o acesso à *Fajã das Pontas*. Desça a esta fajã... pelo menos até ao porto. Pode, no entanto, continuar pelo caminho até à *Fajã da Neca*. Apesar de ser um modesto porto de mar, apetrechado com um guindaste e alguns barcos de boca aberta, não deixa de ser um dos melhores da costa norte. A saída de embarcações permite a pesca de várias espécies: congro, abrótea e veja, para referir alguns. Teve nos seus tempos áureos, seis fios de lenha, agora abandonados.

Vistas à parte, retome a subida ziguezagueante até chegar ao cimo. Pelo caminho vê nogueiras, figueiras e muitos castanheiros. Já no asfalto suba até ao cruzamento com a *Travessa Poço do Jogo*, à esquerda, que o levaria à *Fajã dos Cubres*, e a *Travessa do Terreiro*, à direita, por onde deverá seguir. No cruzamento seguinte, vire à esquerda para a *Canada da Igreja* e suba até à Estrada Regional, onde deverá virar à direita e percorrer os últimos metros do percurso até voltar ao ponto onde começou a caminhada.

TRILHOS DOS AÇORES

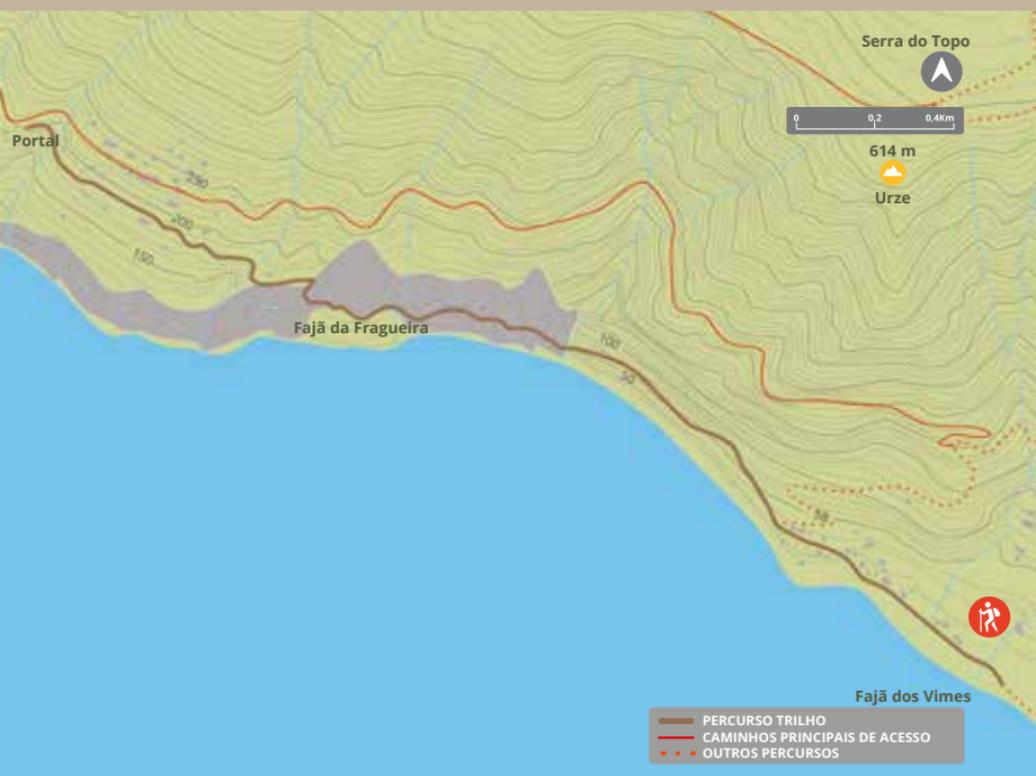


SÃO JORGE

PR9 SJO

Fajã dos Vimes - Fragueira - Portal

Dificuldade: Médio Extensão: 3,2 km Duração: 1:30h Forma: Linear



Início do trilho
38° 34' 57.09" N;
27° 55' 50.37" O



Elevação



Ponto de interesse



PR9 SJO *Fajã dos Vimes - Fragueira - Portal*

O passeio começa junto à ermida de S. Sebastião, na *Fajã dos Vimes*, caminhando para ocidente pelo caminho principal da beira-mar, durante cerca de 500 m. Passa por um fontanário de 1883 e siga sempre pelo caminho de asfalto. Esse troço que o levará ao fim da *Fajã dos Vimes* é comum ao PR2 SJO - Serra do Topo / Fajã dos Vimes.

Quando o caminho curva finalmente à direita, para subir, e o asfalto dá lugar ao betão, encontra a antiga vereda que ligava a *Fajã dos Vimes* à *Fajã da Fragueira*. Apesar desta possuir ainda outro acesso, subindo a arriba até ao *Portal*, este é, no entanto, o melhor dos acessos para circulação de pessoas e cargas.

O início desta vereda apresenta piso em pedra aparelhada, para depois passar a terra. Percebe que os terrenos são ainda uma extensão da *Fajã do Vimes*. Vê-se sobretudo árvores de fruto com figueiras, nespereiras, citrinos e vinha (cultivada e selvagem). O restante são espécies que compõem os habituais bosques das falésias costeiras, onde predominam *Erica azorica*, *Pittosporum undulatum* e *Morella faya*. Ouvem-se também os garajaus, embora não os consigamos ver. Após subir alguns metros começa a avistar a *Fajã da Fragueira*... ali tão perto.

Depois a vereda desce, sempre larga, até ao vale da *Ribeira Seca do Calhau*, uma linha de água onde pedras de maiores dimensões foram ajeitadas de forma a ser facilmente transponível por uma Moto 4 ou, como se usava antes, por animais ou mesmo por um carro de bois. A cascata, hoje seca, despeja as suas águas abundantemente na altura do inverno.

Depois da ribeira vem nova subida. O talude da direita é por vezes a própria rocha. Outras vezes é composto por detritos que foram caindo e compactando naturalmente ou que estão suportados por paredes que o homem foi levantando aqui e ali. A imagem da ilha do Pico, ali ao lado, e o som do mar nas rochas, são uma constante em todo o percurso.

Chega à *Fajã da Fragueira*, uma fajã com algumas construções, umas com função de palheiros de apoio à atividade rural e outras que serviriam de moradia sazonal, durante o verão. Aqui a vereda divide-se. Não siga para as casas/adegas dos prédios particulares, nem passe por uma curiosa cancela com contrapeso onde gravaram o nome "*Adega do Ferruge*". Continue antes pela vereda à direita, subindo até ao chafariz.

Esta fajã, pertencente à *Freguesia da Ribeira Seca*, é composta por pequenos socalcos, cultivados pelas gentes do Portal, onde agora há principalmente vinha e bananeiras, mas também batata-doce, milho e outras hortícolas. Deverá observar lenha, cortada em achas, para quando necessário for serem usadas para fazer grelhados. As construções comunicam entre si através de sinuosos atalhos e escadarias em pedra capaz de vencer os desníveis da encosta. São construídos na quase totalidade em alvenaria de pedra à vista, com telhados de duas águas

PR9 SJO *Fajã dos Vimes - Fragueira - Portal*

em telha tradicional com as habituais pedras soltas em cima, estando apenas a casa de maiores dimensões parcialmente rebocada.

Esta casa, que se destaca das demais pertenceu à família de Francisco de Lacerda, maestro e compositor, natural da Ribeira Seca. Restam apenas as paredes exteriores e o balcão de acesso ao piso superior desta, que era a única casa de dois pisos da fajã. Para descer até à casa onde Francisco de Lacerda talvez tenha composto algumas das suas obras basta que, ao chegar ao chafariz, desça cerca de 10 m pela escadaria que de lá parte, virando à esquerda até chegar ao referido balcão, um verdadeiro mirante sobre a fajã.

Regresse ao chafariz, que alimenta em série e em paralelo diversos pequenos reservatórios ao longo da fajã, e continue subindo a vereda. Vai deixar agora a pequenina *Fajã da Fragueira* e subir até ao *Portal*. A subida, um pouco violenta, é um estreito atalho com escadaria de pedra, em que o homem se limitou a construir degraus onde a natureza não deixou rincão.

Bem perto do final da subida da escarpa encontra 2 cruzinhas brancas, próximas uma da outra, no talude. A primeira, colocada num nicho, contém a inscrição “J.V.C. F em 16-3-1967”, marcando talvez o local onde faleceu J.V.C. A outra cruz não tem inscrição nem nicho.

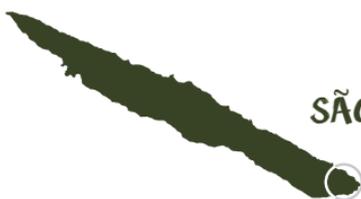
Chegado ao cimo da falésia, encontra árvores de maior porte e a continuação da vereda, agora em planos menos acentuados. Passa sobre nova ribeira e chega ao caminho em bagacina junto às últimas casas do lugar do *Portal*. Resta-lhe seguir por aí, passando dois fontanários, com tanque e arquinhas, antes de chegar ao caminho principal onde acaba o percurso. Nesta parte final tem oportunidade de apreciar a vista sobre o povoado da Ribeira Seca, a maior freguesia insular de Portugal.



FRANCISCO DE LACERDA (1869-1934)

Nasceu na freguesia da Ribeira Seca. Foi musicólogo, compositor de uma vasta e valiosa obra musical e maestro de renome com uma notável carreira artística internacional. Após a morte do pai em 1913, mas também por razões de saúde depois de lhe ter sido diagnosticado sinais de tuberculose, regressa à ilha de São Jorge, com 44 anos, fixando-se na Urzelina, numa casa da família, onde viveu e trabalhou. Diz-se que passava longos períodos na casa que a família mantinha na Fajã da Fragueira. É certo que passou em criança muitos meses de agosto e setembro com a família, numa casa que possuíam nessa fajã. Não me parece, contudo, que nesse seu regresso tenham sido tão frequentes ou duradouras as estadias de Lacerda aqui, como alguns querem fazer crer, talvez valendo-se da frase que lhe é atribuída: “Ou a Fragueira, ou Paris”, no sentido do “tudo ou nada”. Durante estes anos recolhe e estuda a música tradicional dos Açores e dedica-se à composição. Regressou a Lisboa 8 anos depois, em 1921, acabando por falecer aos 65 anos vítima de tuberculose.

TRILHOS DOS AÇORES



SÃO JORGE

GR SJO

Grande Rota de São Jorge

Dificuldade: Difícil Extensão: 41,5 km Duração: 12:00h Forma: Linear



Para mais informação sobre a Grande Rota, consulte trilhos.visitadores.com

PERCURSO TRILHO - ETAPA 1
PERCURSO TRILHO - ETAPA 2
CAMINHOS PRINCIPAIS DE ACESSO



Início do trilho
38°32'53.48" N;
27°45'12.07" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear

Parque Natural de São Jorge



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Paisagem Protegida



GR SJO *Grande Rota de São Jorge*

A Grande Rota de São Jorge percorre sensivelmente metade da ilha, num percurso linear que liga o extremo Leste da ilha, no Topo, à Fajã dos Cubres, na costa norte, com uma extensão total de aproximadamente 41,5 km.



Este é um percurso que alterna entre o planalto da parte mais interior da ilha, onde nasceram os cones vulcânicos que geraram a ilha, com as vertentes escarpadas e muito altas que se despenham em pequenas áreas aplanadas ao nível do mar, resultando nas paisagens emblemáticas das Fajãs de São Jorge, consideradas *Reserva da Biosfera* da Unesco. Sempre que possível poderá aproveitar as diversas zonas balneares que o percurso oferece, bem como aproveitar a passagem pelos centros urbanos e rurais para reabastecer de utensílios necessários à sua caminhada e retemperar forças.

Este grande trilho apresenta-se dividido em duas etapas, de aproximadamente 26,5 km e 15 km respetivamente. A primeira etapa faz a ligação entre o Topo e a Fajã dos Vimes, na costa sul, enquanto a segunda etapa faz a ligação entre a Fajã dos Vimes e a Fajã dos Cubres, atravessando a Serra do Topo e a famosa Fajã de Santo Cristo, conhecida pela existência de uma espécie de amêijoas única nos Açores, bem como pelo caráter religioso e paisagem envolvente de uma beleza única.

Uma vez que este grande trilho envolve grandes desníveis de altimetria, deverá planear o percurso, de acordo com a sua condição física, interesse e disponibilidade. Existem entre estações locais próprios para pernoitar (Turismo em Espaço Rural e Albergue), uma vez que o campismo selvagem não é permitido.



PICO

TRILHOS DOS AÇORES



PICO

PR1 PIC

Caminhos de Santa Luzia

Dificuldade: Médio Extensão: 10,5 km Duração: 3:00h Forma: Linear



Início do trilho

38° 32' 29.84" N;
28° 24' 59.83" O



Geossítio



Ponto de interesse

Parque Natural do Pico



Paisagem Protegida



PR1 PIC *Caminhos de Santa Luzia*

A *Freguesia de Santa Luzia* é o local onde se desenvolve este percurso, que atravessa a *Paisagem Protegida da Cultura da Vinha*, classificada de *Património da Humanidade pela UNESCO* e pelo Governo Regional como *Área de Paisagem Protegida da Cultura da Vinha - Zona Norte*. O objetivo inicial é rumar ao *Lajido*, local onde são evidentes elementos que sustentaram a atribuição destes títulos.



Começa no entroncamento da *Rua da Eira* com a estrada, no lugar dos *Fetais*. Desça por este caminho asfaltado, entre terrenos agrícolas com pinheiros bravos ou pomares de tudo um pouco: araçazeiros, ameixieiras, laranjeiras, nespereiras, vinha e figueiras. Algumas ornamentais como as hortênsias e as camélias embelezam as extremas dos prédios.

Após 500 m de descida abandone o caminho, que o levaria ao *Lajido do Meio*, e siga por uma vereda à sua direita, bastante retilínea e com um chão bastante irregular que o levará até ao lugar do *Lajido*. Sem a utilidade de outrora esta vereda fá-lo passar entre prédios agrícolas à procura de melhores dias. Aqui e ali, pedras dos muros juntam-se às lajes rochosas que formam o chão e, adiante, são as agulhas dos pinheiros que as foram escondendo-as por completo.

Chega a uma renovada casa com as típicas pedras a segurar as telhas, local onde a vereda se transforma num largo caminho de bagacina. Mais 250 m, onde as vinhas se mostram agora bem cuidadas, e está nas primeiras casas do *Lajido*. Os muros fechados numa conformação

PR1 PIC Caminhos de Santa Luzia

quadrangular, denominados de currais, protegem os vinhedos. Com as doenças que mais tarde se instalaram e iam debilitando a atividade e qualidade vitivinícola, começaram-se a plantar figueiras, protegidas pelos muros em meia-lua que por vezes irá observar, servindo a aguardente de figo como produto de consumo direto mas também como aditivo no preparo de alguns vinhos.

Atravesse a estrada de asfalto e siga o caminho antigo até junto ao mar. Veja bem o local onde se encontra (chamemos-lhe de *Ponto A*) pois terá que voltar aqui mais tarde. Agora, vire à esquerda, pois é hora de visitar o *Lajido*, antigo centro habitacional e agrícola, com elementos arquitetónicos bem preservados e melhor recuperados.

Para além de um muito recente *Centro de Interpretação*, pode encontrar no *Lajido* casas, adegas com os respetivos lagares e alambiques, armazéns, tanques de fermentação dos figos, o *Solar dos Salgueiros*, poços de maré, a *Ermida de Nossa Senhora da Pureza* e outras estruturas, tudo alvo de um cuidado plano de recuperação por parte da Secretaria Regional que tutela a pasta do Ambiente. Terminada a visita ao *Lajido* volte para trás, seguindo pelo litoral novamente até ao *Ponto A*, já referido. Aí, ao lado do caminho que o trouxe ao Lajido, vai encontrar uma antiga via de comunicação que ligava o caminho costeiro *Lajido/Arcos* a *Santa Luzia* e que deve seguir fazendo os 2250 m que o separam da estrada regional.



PAISAGEM PROTEGIDA DA VINHA

O verdejo do Pico durante mais de 2 centenas de anos teve fama internacional, nomeadamente em Inglaterra, Américas e Rússia onde terá chegado à mesa dos Czares. Dessa intensa atividade, demonstrando uma perfeita adaptação do Homem ao meio, ficou um importante património histórico-cultural, onde se salientam típicas edificações como: solares, adegas, armazéns, poços de maré, rola-pipas, portos, casas conventuais, ermidas, entre outras estruturas. Em 1996 foram classificados pelo Governo dos Açores, como PPIRCVIO – Paisagem Protegida de Interesse Regional da Cultura da Vinha da ilha do Pico, 987 ha de terrenos, rodeados por outros 1924 ha de zona tampão. Mais tarde foi candidatado à UNESCO um conjunto das áreas mais representativas, em exploração vitícola, em fase de requalificação ou abandonadas, que mostrassem a diversidade de edificações e estruturas produtivas, exemplares na sua adaptação ao acidentado do relevo, à qualidade do solo, e à exposição aos agentes climatéricos. A aprovação como Património Mundial da Humanidade veio em julho de 2004.

PR1 PIC *Caminhos de Santa Luzia*

Embora mais evidentes nalguns locais, é possível observar-se em quase toda a sua extensão as relheiras, sulcos marcados no basalto, deixados pelos carros de bois (muitas vezes puxados por vacas) que faziam o transporte do vinho. O rodar continuado de muitas décadas tornou possível perpetuar na rocha a mensagem dos tempos difíceis de então. Uma vida dura... mais dura que a rocha.

Com origem entre os séculos XVII e XVIII, este caminho (paralelo ou debaixo do atual) quase sempre bastante largo com o pavimento na própria rocha natural ou com pequenas lajes em pedra, apresenta ao longo do seu percurso muros bastante altos construídos em alvenaria de pedra seca, pontuados por ruínas de grandes portais e por algumas construções. Observando com atenção é surpreendente a forma como alguns dos obstáculos neste caminho eram ultrapassados.

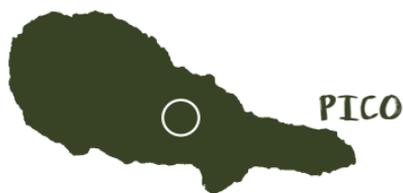
Vai passar perto das ruínas do *Forno dos Frades*, com a sua imponente chaminé em pedra. Há quem diga que terá servido para a secagem dos figos, cuja produção está estreitamente ligada à da vinha. Outros, que teria feito parte de um edifício de franciscanos, ligados à produção de vinho.

Novo entroncamento... continue a subir. Mais algumas *relheiras* e chega a nova bifurcação: siga em frente mais uns metros até ao asfalto da *Rua do Lajido de Baixo*. Avance um pouco mais até surgir o início da *Rua dos Arcos*. Vire à direita e suba o caminho em bagacina que na reta final fica mais íngreme e em asfalto, saindo na estrada regional, num cenário semelhante ao do início deste percurso.

Siga para a esquerda até chegar e contornar a igreja, subindo por detrás desta a *Rua do Outeiro*. No início, vê junto às casas as hortas cultivadas com as habituais culturas, destacando-se os inhames, milho e algumas árvores de fruto: figueiras, macieiras e outras de diferentes espécies. Passando o cemitério continue a subir. Nas matas que começam a tomar conta da paisagem, figuram *Pittosporum undulatum*, *Morella faya* e *Picconia azorica*. Vai encontrar um novo caminho à sua esquerda onde está uma casa junto à qual irá passar no regresso. No entretanto, continue no seu percurso, subindo até à próxima bifurcação. Vire aí à esquerda andando cerca de 400 m praticamente à mesma cota e vire, no próximo entroncamento, novamente à esquerda para descer. A vereda com o chão relvado leva-o até um caminho de bagacina. Uns metros à sua direita vê um caminho asfaltado, mas vire no entanto à sua esquerda no que aparenta ser um caminho muito antigo, a avaliar pelas casas em pedra e ruínas que se veem. Passa por um reservatório de água e prossegue até chegar à casa antiga e anexo de que antes falámos, junto de uma placa que indica "*Rua do Camilo*". Desça agora o caminho de bagacina junto ao anexo, que fica asfaltado um pouco antes de chegar a uma garagem/oficina de automóveis, e prossiga até chegar à estrada. Aí, vire à esquerda e avance até à igreja, onde acaba este percurso.

Neste passeio advertem-se os pedestrianistas para não apanharem qualquer tipo de fruta, mas se vir o dono é livre de o pedir e certamente será recompensado.

TRILHOS DOS AÇORES



PICO

PR2 PIC

Caminhos dos Burros

Dificuldade: Médio Extensão: 9,2 km Duração: 3:30h Forma: Linear



Início do trilho

38° 27' 44.52" N;
28° 16' 35.02" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural do Pico



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Paisagem Protegida



PR2 PIC **Caminho dos Burros**

A caminhada que se propõem fazer começa na zona planáltica que forma a crista da ilha, levando-o numa descida até ao mar. Estamos, portanto, a falar numa variação altimétrica dos 800 aos 0 m de altitude. Desse facto advém a singularidade de, neste percurso, percorreremos variados habitats, diversas naturezas geológicas e cobertos vegetais, assim como diferentes ocupações humanas dos terrenos, tudo isso passando em terrenos da *Reserva Natural do Mistério da Prainha*.

O *Caminho dos Burros* é uma antiga via de circulação pedestre, de homens e animais, muito utilizada por quem tinha de viajar entre a Vila das Lajes e a Vila de São Roque. Grande parte desta antiga via é ainda perfeitamente perceptível, sendo a caminhada realizada sobre o piso onde os *antigos* caminhavam. O percurso inicia passando uma cancela que veda o caminho da serra do caminho de servidão por onde vamos seguir. Adiante, antes de chegar ao pequeno cabeço à sua frente, preste atenção pois tem de sair e meter pelo atalho à sua direita sobre lajidos, seguindo ao longo de uma cicatriz que a vegetação apresenta. Passa junto aos cones vulcânicos que originaram o *Mistério da Prainha* entre 1562-64, a mais prolongada erupção histórica desde o povoamento dos Açores. Irá caminhar sobre estas lavas ainda durante algum tempo.

Estamos num habitat de montanha, onde as rochas expostas estão ainda num processo de colonização, assediadas constantemente por diásporos da flora envolvente. É uma zona riquíssima, revestida por uma floresta baixa de montanha, com mistura de *Juniperus brevifolia*, *Vaccinium cylindraceum*, *Viburnum treleasei*, *Ilex perado ssp. azorica*, *Erica azorica*, *Myrsine africana* e *Pericallis malvifolia*, em cima dos quais crescem *Hedera azorica*, o *Arceuthobium azoricum*. Por baixo os *Tolpis azorica*, *Dryopteris azorica*, *Hypericum foliosum*, a orquídea endémica *Platanthera micrantha* e a *Festuca jubata*. Os tentilhões e os melros pretos lá vão soltando aqui e ali um canto mais sentido.

Em pouco tempo o trilho, em lajido e empedrado, leva-o até ao fim desta planura irregular: à sua frente depara-se com a sempre comprida ilha de São Jorge e o profundo canal de mar, com as suas águas espedalhadas a esconderem gigantes dos mares. É uma paisagem sublime... e pronto! Não dá para esquecer.

Ao iniciar a descida... uma explosão inesperada da endémica *Euphorbia stygiana*...estão por todo o lado. Esta rara endémica tem aqui uma população deveras surpreendente.

Encontramo-nos agora na vereda que desce a encosta da ilha. Muda o habitat, mudam as espécies. A floresta de nuvens dá lugar agora a fragmentos de Laurissilva onde as espécies arbustivas ficam mais estioladas. Surgem-nos *Frangula azorica*, *Laurus azorica*, a endémica *Rubus hochstetterorum*, *Sphagnum* e fetos vários.

Como eu, certamente irá estranhar as macieiras no meio da vereda. Há curiosamente uma razão para lá estarem: dizem-me que foram planta-

das há muitos anos por aqueles que usavam este *Caminho dos Burros* no intuito de, na época devida, satisfazer as necessidades de quem por aqui viesse.

Na primeira aberta que a vegetação lhe dá avista um caminho. À sua esquerda, junto ao mar, encontra a vila de São Roque. A descida acentua-se e surgem nas encostas prados de altitude compartimentados por sebes de vegetação natural. Os pássaros assobiam mais intensamente. Chegou ao asfalto... vire à direita. Adiante, entre 2 curvas deste caminho surge-nos outro com o piso em bagacina vermelha: siga por aí com atenção redobrada pois o chão é escorregadio. Aqui, novidade só mesmo as matas de *Cryptomeria japonica* e acácias com *Morella faya*, *Pittosporum undulatum* e *Hedychium gardnerianum* à mistura. Se reparar, está no limite entre as lavas do *Mistério da Prainha* à sua direita e os terrenos mais antigos à sua esquerda. Como é hábito, nestas fronteiras surgem frequentemente depressões ou linhas de água.

No cruzamento com o caminho denominado "*Meia Encosta*" vire à direita. Surgem alguns fetos arbóreos, pombos torcazes (uma subespécie protegida com contornos de *praga*) e coelhos.

Chega a uma bifurcação onde terá que fazer uma opção: (1) descer pela esquerda em direção a *S. Miguel Arcanjo* (2) ou seguir em frente acabando este passeio na *Baía de Canas*. Confesso que achei bastante mais interessante a segunda alternativa, que recomendo.

(1) Caso opte por seguir para *S. Miguel Arcanjo* terá de percorrer um caminho com cerca de 3 km, seguindo sempre em frente, sem ligar às ramificações que irá encontrar. Inicialmente é bastante íngreme e com várias curvas, ficando depois mais plano. A vegetação é semelhante ao que viu até aqui destacando-se os *Ilex perado ssp. azorica*, *Picconia azorica* e os *Smilax divaricata* que sobem as árvores. Aqui e ali consegue observar a vila de S. Roque e a extensa ilha de S. Jorge. O caminho, agora chamado de *Rua do Cabeço*, começa a ter troços em asfalto, passa junto a um reservatório de água e em breve chega junto às casas, saindo na estrada regional no lugar de *S. Miguel Arcanjo*, no largo com a ermida desse santo, império, coreto e um café/restaurante.



BAÍA DE CANAS

Está integrada na Paisagem Protegida da Cultura da Vinha. Este aglomerado habitacional terá tido o seu início no séc. XVII, ligado ao cultivo da vinha. Enquanto unidade paisagística mantém algumas adegas reconstruídas a partir de antigas ruínas, currais e os carreiros de acesso pavimentados a pedra. Como elemento de interesse patrimonial acrescido encontra o Convento dos Frades, pequeno convento constituído pela Ermida da Boa Viagem (ou Ermida das Dores) e respetivo conjunto habitacional. Era usado sazonalmente pelos frades, na altura das vindimas.

PR2 PIC *Caminhos dos Burros*

(2) Caso opte por seguir para a *Baía de Canas*, continue em frente neste tranquilo caminho em que o som mais forte que ouve é mesmo o resvalar das botas na bagacina...mas que por vezes não deixa ouvir mais nada. Mais à frente encontra um sinal para sair do caminho bordejado de grandes fetos (*Diplazium caudatum*) e entrar numa mata de acácias. Nesta densa mata as árvores *morrem de pé*, e depois caem num emaranhado de madeira, parte ainda viva, parte em decomposição. Aqui os sons mais intensos são dos pombos a levantar voo. Começam a surgir mais pinheiros com as agulhas a carregarem um pouco mais de verde o chão da vereda. Chega à *Estrada Regional*, atravesse-a e siga pelo caminho de acesso ao *Parque Florestal da Prainha*.

Este parque de recreio é não só muito agradável de se estar, como está também muito enriquecido pela representação etnográfica das atividades tradicionais, dos usos e costumes das gentes desta ilha. Logo de início, junto à "*adega*", está um miradouro que lhe permite apreciar a grande plataforma lávica formada pela lava dos *Cabeços do Mistério*... exatamente onde iniciou o percurso. À direita deste delta lávico, onde nidificam barulhentas gaivotas, consegue um primeiro vislumbre sobre a *Baía de Canas* com a sua pequena praia, onde o calhau rolado teima em esconder boa parte da areia. Por cima deste miradouro está uma zona de merendas, com grelhadores e sanitários. Aqui encontra a adega. Continue a descer, passando por uma zona de endémicas devidamente identificadas. Passa pela eira e está junto a uma casa típica com atafona e reduto. À sua volta tem mais estruturas de lazer e recreio como seja: o parque infantil, um cercado com gamos e um parque de campismo. Apresenta ainda uma agradável composição geobotânica onde não falta o cantinho das endémicas, os grandes blocos de escórias vermelhas e muitos exemplares arbóreos que nos dão uma aprazível sombra.

Cruze o caminho principal que desce para a *Baía de Canas*, e continue do outro lado por um troço que está encerrado ao trânsito, e bem mais perfumado por um separador central armado em roseiral. O caminho curva e, mais abaixo a sinalização indica-lhe onde se dirigir para iniciar a vereda que o levará ao mar. Ao entrar nesta vire imediatamente à esquerda – não siga em frente. O chão irregular e os muros em pedra evidenciam a antiguidade deste atalho que se esconde no meio de *Pittosporum undulatum*. Na sua parte final, menos declivosa, os muros altos que ladeiam esta vereda de chão primitivo e as lajetas em pedra colocada e azeitadas no meio da passagem, local preferencial para colocar os pés, denotam a importância que esta teria na vida da população, que sazonalmente encontrava neste o único acesso à *Baía de Canas*.

Chega às primeiras casas. Desça sempre pelo antigo acesso até à praia: uma peculiar escadaria, empedrada com calhaus rolados subtraídos à praia... é sem dúvida uma solução apenas mais frequente nesta ilha e que denota engenho e perícia de quem a construiu. Junto ao mar aprecie a praia e relaxe com um bom banho nas águas do canal.

TRILHOS DOS AÇORES



PICO

PR3 PIC

Porto Calhau - Manhenna, Ponta da Ilha

Dificuldade: Difícil Extensão: 7 km Duração: 3:00h Forma: Linear



Início do trilho
38° 26' 19.97" N;
28° 3' 23.01" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural do Pico



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Paisagem Protegida



PR3 PIC *Porto do Calhau - Manhêna, Ponta da Ilha*

Este percurso desenrola-se entre dois portos na ponta Leste do Pico, onde a ilha começa e onde o sol nasce primeiro. Assente num derrame lávico está o lugar do *Calhau*, o principal porto da *Freguesia da Piedade*. Na arriba, baixa e não particularmente bonita, crescem plantas atípicas destas falésias em consequência das casas que lhe estão por cima.



O topónimo "*Calhau*" terá origem certamente no muito calhau rolado da sua praia rochosa. No largo pode encontrar o *Centro Cultural e Recreativo do Calhau*, com o bar mesmo ali ao lado, onde poderá abastecer-se para o passeio.

É para cima da arriba que vai subir. Vá pela estrada passando algumas casas rústicas recuperadas e outras de estilo mais recente. A sinalização do percurso leva-o pelo caminho por cima da rocha. As pedras roladas pelo mar eram levadas da praia e usadas em variadas funções, como no ornamento das fachadas das casas e nos degraus de acesso às mesmas, artisticamente em estatuária (combinando pedras ou esculpindo-as) e noutras mais rocambolescas.

Passamos pela pequena *Ermida de Nossa Senhora de Cima da Rocha*, erigida em 1854. Abandone o asfalto e siga por bagacina. Passa junto ao fim da *Canada do Morgado* mas siga sempre pelo litoral. Repare nalgumas casas bem recuperadas em que nem o próprio cimento a ligar as pedras destoa.

PR3 PIC **Porto do Calhau - Manhenga, Ponta da Ilha**

Estamos na *Área de Paisagem Protegida da Cultura da Vinha – Ponta da Ilha*. A vegetação por aqui é repetitiva. Por entre os currais de vinha, a *Picconia azorica* destaca-se no meio de espécies vulgares. As *Canna indica* e as *Lavatera arborea*, parcialmente camufladas pelo pó da estrada, mantêm as intensas cores que as caracterizam.

A ruralidade de alguns prédios não passa apenas pela arquitetura antiga das casas, mas pelo uso dos seus redutos, seja na criação de animais ou nas hortas com as tradicionais culturas. Observam-se sobre os muros a aplicação de elementos trazidos pelo oceano: boias que o mar arrola na praia e conchas marinhas genericamente denominadas de “*búzios*”.

A linha de costa recortada é formada unicamente por derrames de lavas negras, muito mais recentes que as que formaram a ilha de São Jorge mesmo em frente, mas que embora tenham ocorrido muito antes do povoamento não aparentam a idade que possuem. Chega ao largo do *Cais do Galego*. Continue sobre a falésia, por atalhos ou caminhos empedrados onde em tempos andaram carros de bois. O *Juncus acutus*, a *Erica azorica*, o *Crithmum maritimum* e os prados de gramíneas compõem o coberto vegetal que reveste esparsamente as rochas. Após passar a “*Adega da Avó*”, uma das muitas construções inicialmente de apoio à vitivinicultura, começa a avistar o *Castelete*. Como se percebe, esta elevação junto ao mar é um pequeno vulcão, de uma erupção mais antiga que foi posteriormente rodeada de lava proveniente de erupções mais recentes. *Euphorbia azorica*, *Silene maritima*, *Cyrtomium falcatum*, *Asplenium marinum*, alguns *Solidago sempervirens*, e *Morella faya*, junto com a vinha, são as espécies mais frequentes.

Adiante o trilho acaba e é conduzido pela sinalização para cima das rochas negras, colonizadas apenas pela *Spergularia azorica* e *Polypodium maritimum* que crescem em depósitos arenosos nas fendas da rocha, alguns líquenes e pouco mais. O percurso torna-se agora mais duro: tenha muita atenção onde coloca os pés e mantenha uma marcha calma. Lá em baixo, na zona de maré, os caranguejos descansam ao sol sobre as camas de algas que se fixam nas pedras. Junto ao *Castelete*, começamos a ouvir os *garajaus*. Sobre os lajidos, umas vezes mais lisos outras



FAROL DA PONTA DA ILHA

Localiza-se na zona mais oriental da ilha do Pico. Entrou em funcionamento em 21 de julho de 1946. Tem uma torre prismática branca com 19 metros de altura, encimada por uma lanterna vermelha, a 29 metros de altitude acima do nível do mar. A torre está integrada num edifício principal, havendo lugar ainda a outros edifícios anexos de apoio. Em 1959 o farol ficou ligado por estrada à povoação da Manhenga.

PR3 PIC **Porto do Calhau - Manhêna, Ponta da Ilha**

vezes mais encordoados e quebrados, deve seguir por onde lhe pareça mais fácil caminhar e encontrará a sinalização do percurso.

Os Garajaus (ou andorinhas-do-mar como também são conhecidas) são aves migratórias, que vem aos Açores nidificar, em habitats costeiros, nos meses de abril a agosto. Nos Açores ocorrem 2 espécies: o garajau-comum (*Sterna hirundo*) e o garajau-rosado (*Sterna dougallii dougallii*) que se distingue do primeiro por ter no início da época de reprodução o bico completamente negro. A sua morfologia externa está bem-adaptada a um modo de vida ativo e a voos rápidos. De médio porte, com cerca de 25 cm de comprimento, de asas compridas e bicos finos, alimentam-se de peixes, que apanham em voos picados sobre a superfície dos oceanos. É frequente verem-se chegar aos ninhos trazendo peixe no bico. São aves gregárias formando colónias muito numerosas, barulhentas e repletas de atividade. Nidificam em locais pouco acessíveis e rochosos, bastando uma pequena depressão, onde fazem posturas de 3 a 4 ovos. Em caso de perturbações externas ocorre geralmente o abandono dos ninhos, razão pelo qual deverão ser minimizadas todas as ações que possam gerar impactos sobre as colónias.

Com o mar ali ao lado não é de estranhar as conchas das lapas descoloridas pelo sol, sobre os lajidos. Num ou noutra local é possível aceder ao mar, coisa que os picarotos não dispensam seja pelas lapas ou seja pelos caranguejos. No topo da arriba lávica, escamas de peixes e pequenas covas do tamanho da palma de uma mão, para preparar o isco, são evidências de quem faz deste local uma zona de pesca de calhau. O mar talha, por vezes, na arriba lávica estranhas formas, como é o arco natural que vemos, aberto pela violência das águas que, logo adiante, colocaram grandes calhaus em cima da rocha. Vemos ainda pequenos alvéolos deixados nas pedras em consequência de uma erosão diferenciada, e restos de madeira lavados e carcomidos pelo mar, nas suas marítimas deambulações.

O percurso leva-o a sair das lavas, para a sua direita, em direção a uma casa que avista no alto, junto ao qual chega um caminho de bagacina que deverá seguir. Ao afastar-se do mar está a percorrer a zona do *Engrade*. Vire à esquerda no próximo entroncamento, enquanto observa as construções que alguns moradores fazem sobre os muros.

Chega a nova bifurcação. Vire à esquerda dirigindo-se para a *Baía do Engrade*. Daqui, siga junto à costa por uma vereda que poderá, aqui ou ali, suscitar maior atenção e cuidado da sua parte. Neste último troço, em direção ao *Farol da Ponta da Ilha*, terá de respeitar necessariamente o percurso sinalizado, pois passa perto de uma importante colónia de Garajaus. Em breve avista o farol. Passe junto aos edifícios de apoio e, se vir o faroleiro, peça-lhe para subir à torre.

Seguindo essa estrada de asfalto rapidamente chega à *Manhêna* onde acaba o percurso. Se for sua intenção pergunte pelo *Restaurante Ponta da Ilha*, relativamente perto, onde poderá fazer uma boa refeição ou simplesmente retemperar forças enquanto espera por um transporte.

TRILHOS DOS AÇORES

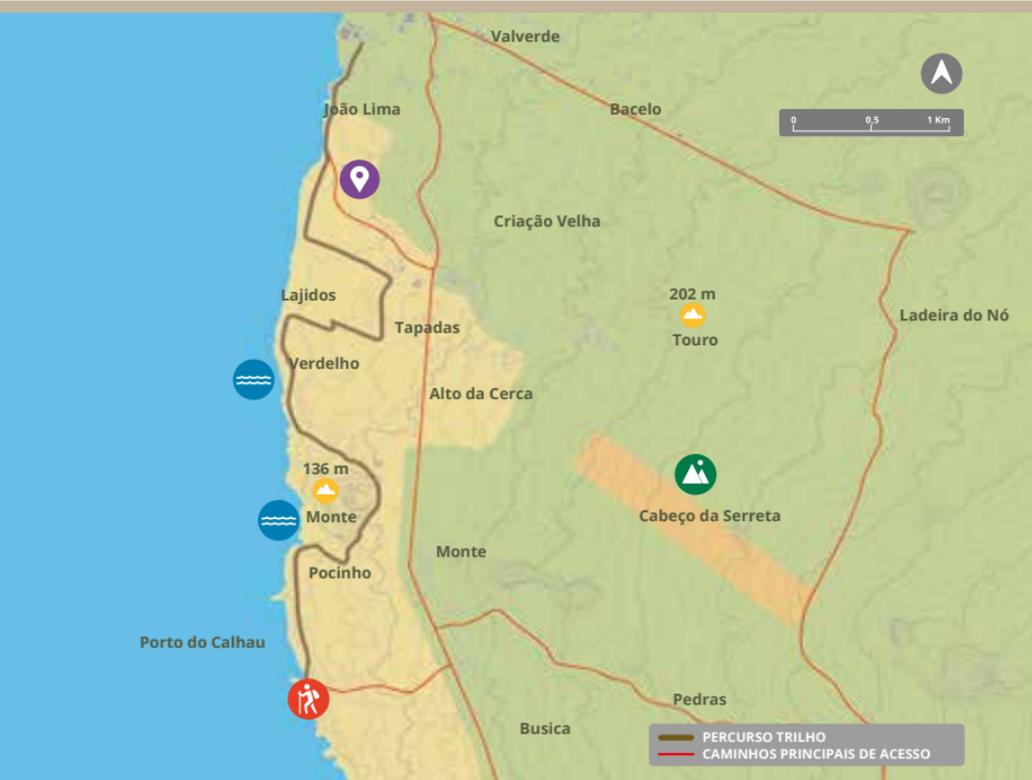


PICO

PR5 PIC

Vinhas da Criação Velha

Dificuldade: Fácil Extensão: 6,5 km Duração: 2:00h Forma: Linear



Início do trilho
38° 29' 11.06" N;
28° 32' 19.73" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural do Pico



Monumento Natural



Paisagem Protegida



PR5 PIC *Vinhas da Criação Velha*

Dirija-se ao *Porto do Calhau* no lugar do *Monte*, onde está colocada a placa de início do percurso junto de 4 pequenas casas de aprestos. Este porto servia as freguesias da Candelária e São Mateus.



Daqui partiam e aqui chegavam barcos que atravessavam o Canal, transportando passageiros e mercadorias entre esta ilha e o Faial. Era ainda porto de pesca a mais de uma dezena de barcos que forneciam peixe às populações vizinhas e fábricas locais. No inverno servia como porto de recurso às lanchas do canal quando o *Porto da Madalena* se tornava impraticável. No final da década de 50 do século passado, fizeram-se grandes reparações, construiu-se um novo cais acostável, muros de abrigo e calçetou-se toda a rampa de varagem. Olhando o mar, siga agora para a sua direita, pelo litoral.

Passa por uma casa de aspeto senhorial em frente da qual está um poço de maré. Durante o percurso vai encontrar mais alguns. Estes poços eram muitas vezes o único recurso à água potável que as populações tinham na época de maior estio. Através do poço desciam recipientes sustentados por cordas que retiravam do fundo a água emergente dos aquíferos basais. Habitualmente essas nascentes surgem no litoral e muitas vezes abaixo da preia-mar, visíveis ou aproveitáveis

PR5 PIC *Vinhas da Criação Velha*

apenas quando a maré baixa, altura em que a água doce nos surge menos misturada com a água salgada e pode ser aproveitada para consumo humano.

O caminho a percorrer mostra ser bastante antigo como o comprovam os restos dos muros edificados do lado do mar, que marcavam o fim das vinhas e das servidões vindas do interior. Como noutros locais semelhantes, depois de melhorado o caminho tornou-se numa zona procurada para construção urbana. Apesar de outras limitações vão surgindo edificações recentes.

Ao longo deste percurso poderá admirar os singelos muros que o esforço humano foi construindo, na ânsia de limpar os terrenos da pedra excedentária e de proteger a vinha da ressalsa do mar e dos ventos fortes. Surgiram assim os "currais", pequenas parcelas de ângulos retos habitualmente com menos de 10 m², que a vinha vem dominando durante séculos.

Continue em direção ao *Cabeço do Pé do Monte*, elevação que está à sua frente. Onde o cabeço vem tocar o mar surgiu uma pequena baía – o *Pocinho* – que, com o tempo, se tornou num recanto apetecível para passar umas horas de lazer, com direito a banho de mar ou partida de futebol. Está ainda aqui localizada uma unidade de turismo rural de grande qualidade.

Desça para o *Pocinho* e suba o caminho que o leva a contornar o *Cabeço do Pé do Monte*. Do outro lado dos muros estão vinhas, muitas delas invadidas por *Pittosporum undulatum*, *Erica azorica* e *Morella faya*. Chega a



ÁREA DA PAISAGEM PROTEGIDA DA CULTURA DA VINHA – ZONA OESTE

É sem dúvida das paisagens mais expressivas que esta ilha pode apresentar ao visitante. Desde tempos bastante recuados que a vinha é uma cultura abundante nesta ilha. Até meados do século XIX, as castas cultivadas na região eram europeias, merecendo uma delas, o verdelho, o consenso dos historiadores como sendo a mais referenciada e com maior expressão nesta ilha. Em meados do século XIX aparece o oídio na região e logo depois a filoxera verificando-se um declínio na produção. Com a introdução de castas americanas, como porta-enxertos para o verdelho, a produção conseguiu manter-se e crescer novamente. Umhas pitorescas placas de sinalização mostram-lhe o que deve fazer: subir por entre os vinhedos à procura de um moinho. Pequenas construções dispersas aqui e ali, servem de arrumos e quando necessário de abrigo. O que aqui falta em arquitetura vinícola sobeja-lhe neste tipo de edificações e muros em pedra.

PR5 PIC *Vinhas da Criação Velha*

uma *zona balnear*, com uma pequena lagoa seminatural bem-adaptada para a prática de banhos pela Junta de Freguesia da Criação Velha, responsável também pelo edifício de apoio aos banhistas.

Retome a marcha pelo litoral. Apenas verde em compasso com o negro dos muros e o vermelho do chão. O calor emerge das grandes lajes de basalto e dos blocos fragmentados que descansam sobre estas. À exceção de salgueiros e metrosideros não se encontram outras árvores plantadas pelo homem, capazes de resistir a estas condições de sol e sal. Quanto a aves... essas aguardam a chegada das uvas.

Estamos na *Área de Paisagem Protegida da Cultura da Vinha - Zona Oeste*, aquela que penso melhor representa essa paisagem na ilha do Pico.

O caminho transforma-se numa vereda de servidão, por onde muitos homens terão carregado às costas quilos e quilos de uva verdejo. Chega a um caminho mais largo, a *Canada do Monte*, provavelmente a mais antiga ligação viária entre a *Freguesia da Criação Velha* e o lugar do *Monte*. Vire à esquerda. Nas entradas de currais vê curiosos portais feitos das aduelas reutilizadas de antigas pipas. Gostava de poder dizer que em tempos contiveram do mesmo vinho que foi à mesa de *Czares* na Rússia, mas provavelmente terá sido de outros tempos. Entra no asfalto junto a um conjunto de casas... tempo de virar à esquerda e seguir pela *Canada do Monte* em direção ao *Moinho do Frade* que se destaca na paisagem. Este moinho de vento, de madeira, giratório sobre uma base em alvenaria de pedra, recuperado em 2003/04, não é apenas um marco na paisagem mas um excelente miradouro. Suba as escadas e, se a porta estiver aberta, aprenda um pouco mais sobre o funcionamento destas máquinas de produzir farinha.

Retome o caminho até à marginal virando à direita. É impressionante observar alguns dos blocos rolados que o mar colocou em cima do lajido, à espera que nova vaga de mar os mova de sítio. Adiante, após uns verdejantes prados marítimos de *Spartina versicolor*, chega a um caminho asfaltado, mesmo em frente do *Solar dos Saldanhas*. Esta casa solarenga possuía funções de habitação e apoio à atividade vitivinícola. A sua construção ter-se-á iniciado ainda no séc. XVIII, resultando num bonito edifício de grandes dimensões, onde se destaca ao centro da fachada o portal de entrada.

Siga este caminho pelo litoral, para a esquerda, em direção à *Areia Larga* onde foram construídos diversos solares durante o século XVIII e o século XIX. Essas antigas casas *senhoriais* eram propriedade das famílias *abastadas* do Pico e Faial, ligadas ao comércio de vinhos, em especial do *verdejo*, e que para aqui vinham também veraneiar. Em breve chega a uma pequena enseada com possibilidade para banhos de mar, e com um dos mais antigos portos da ilha, alternativa ao cais da Madalena quando o mau estado do mar a isso obrigava. Neste *Porto da Areia Larga*, para além da vista privilegiada pode admirar ainda o guindaste pouco comum e quase emblemático deste local, do tipo "*pau-de-carregar*", e usufruir do excelente serviço de restauração que o "*Ancoradouro*" tem para oferecer.

TRILHOS DOS AÇORES



PR7 PIC

Caminhos das Voltas

Dificuldade: Fácil **Extensão:** 6,3 km **Duração:** 2:00h **Forma:** Linear



Início do trilho
38° 26' 42.86" N;
28° 7' 10.52" O



Zona balnear



Ponto de interesse



Elevação

Parque Natural do Pico



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies

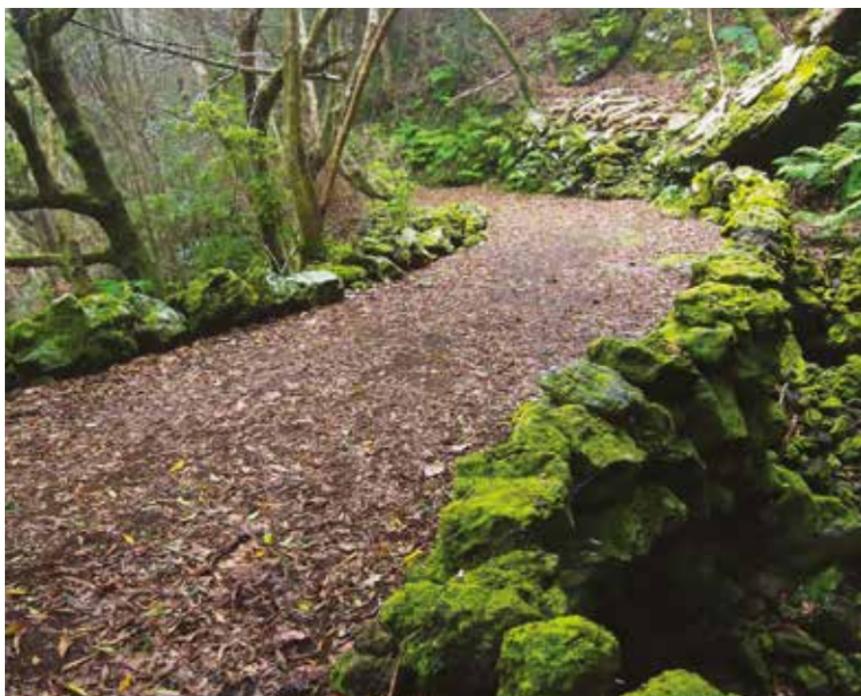


Paisagem Protegida



PR7 PIC *Caminho das Voltas*

Quem segue na estrada regional acaba por encontrar com alguma facilidade o *Miradouro da Terra Alta*, entre dois metrosideros, guardiães deste lugar. À subida dos onze degraus do miradouro segue-se um pontão em cimento, cujo acesso está vedado por questões de segurança. Consegue-se uma vista limitada da alta encosta que desce até ao mar, densamente arborizada. Sobressai sim a ilha de S. Jorge e o canal de mar que a liga a esta ilha, paisagem recorrente em muitos locais deste percurso.



Saindo do miradouro volte à direita, passe pelo improvisado espaço para estacionamento, continue mais alguns metros e encontrará uma larga vereda que desce, iniciando o *Caminho das Voltas*. E após a primeira reta eis que começam as ditas *voltas*, suavizadas pelos degraus criados aqui e ali. O piso é a própria rocha, nalguns locais retificado pela colocação de empedrado. Um tapete terrícola e folhoso cobre por vezes o chão.

Dizem-nos que este seria o caminho de acesso à zona alta da ilha, que servia a população de Santo Amaro e arredores. Não há evidências da passagem de quaisquer veículos de tração animal, a não ser a largura do caminho, bastante razoável, mas com inclinações por vezes demasiado acentuadas. No entanto, serviria perfeitamente para levar o gado a pastar ou trazer lenha no lombo de um burro.

Após o primeiro vale começam as criptomérias que cobrem parte do chão com a sua típica folhagem. Depois, quando o caminho fica mais plano, são as folhas dos louros as responsáveis por esse papel. Chega

PR7 PIC Caminho das Voltas

ao segundo vale, mais profundo, onde se adivinha uma queda de água em dias de chuvas mais intensas.

Sob a constante cobertura da vegetação este é um caminho fresco e sombrio onde os cogumelos e musgos têm muitas hipóteses de vingar. Alguns *Ilex perado ssp. Azorica* e *Picconia azorica* intrometem-se numa floresta com muitos fetos... sendo os mais incomuns a *Doodia caudata* e o *Adiantum hispidulum*.

Ao encontrar o primeiro de vários castanheiros volta a ter uma bonita paisagem rural que parece ir beijar o mar. Atravessa a *Ribeira do Salto*. No alto avista as ruínas de uma típica habitação de 2 andares e entra no caminho de bagacina vermelha. Chega ao asfalto, às primeiras casas da *Terra Alta* e ao início dos postes de iluminação pública. A tipicidade do casario local é acentuada pelas pedras nos telhados das casas, impedindo que as frágeis telhas voem para cima dos inhames que crescem nas hortas, aqui e ali.

Na primeira bifurcação não suba... continue em frente. Avança 800 m, passando pela casa de um artesão que faz cestos em vimes e chega junto de um poste de eletricidade mais imponente (com um transformador) à sua esquerda. À direita está um caminho secundário também asfaltado: siga por aí durante apenas 10 m para logo de seguida descer por uma vereda à sua direita. Passa por uma casa em pedra, esquecida no meio da vegetação, que terá sido uma fábrica de manteiga. A descida continua nas suas voltas íngremes, por entre os incensos da encosta, até ao caminho *Debaixo da Rocha* no meio de um pequeno aglomerado



MUSEU MARÍTIMO DE CONSTRUÇÃO NAVAL

Memória à forte e singular tradição de construção naval que ainda hoje subsiste em Santo Amaro. José da Silva Melo, após uma vida na diáspora em que se manteve envolvido na arte de construção naval, voltou e resolveu homenagear seu pai e a arte em que este foi mestre nesta freguesia. Preserva-se assim a memória de uma atividade tão importante na economia tradicional de Santo Amaro e que ainda se mantém viva. Alguns dos modelos expostos foram construídos em madeira de pinho e cedro nos EUA, recorrendo aos projetos em papel, a fotografias e à memória de José Melo. Outros foram feitos já em Santo Amaro usando incenso (*Pittosporum undulatum*) e louro (*Laurus azorica*). É ainda repositório de ferramentas e até de uns curiosos carris montados no chão. Este espaço foi inicialmente local onde se construíam barcos ao ar livre, depois passou a oficina onde guardavam as máquinas e ferramentas e agora é espaço museológico.

PR7 PIC *Caminho das Voltas*

de casas pitorescas de veraneio, num local denominado *O Canto*.

Continue a descer, agora pelo caminho, até encontrar uma estreita vereda do lado direito, que terá de percorrer até encontrar uma ribeira, normalmente seca, que o levará ao calhau do mar, na *Baía do Canto*. Siga para a esquerda sobre as pedras, onde um poço de maré e um pequeno miradouro, construídos com o calhau rolado da baía, o esperam. Regresse pelo caminho asfaltado seguindo agora sempre em frente. Esta é uma zona de vinhas, acondicionadas nos seus currais de pedra, o que fez do *Canto* um lugar de adegas e de veraneio, muito apreciado durante o verão devido à proximidade ao mar, onde são possíveis os banhos e as piscinadas de fim de tarde.

Chega a um cruzamento de estradas, devendo virar à direita pela *Rua do Caisinho* que o levará ao local com o mesmo nome, usado como zona balnear. Em tempos terá sido aqui o primeiro estaleiro de construção naval da ilha do Pico. Deixe para trás o largo de bagacina onde chegou e continue pela esquerda num atalho junto ao mar. E sem se dar conta, enquanto aprecia as *azorinas*, *festucas*, *Crithmum maritimum* e *Ericas* que colonizam a rocha negra, chega ao *Parque da Furada*: um parque de merendas com todas as estruturas necessárias a local com essa denominação. Deixe o parque e suba o *Caminho da Furada* virando à direita no primeiro entroncamento que encontrar até chegar à *Rua Amaro Justino de Azevedo Gomes* onde deverá descer pela direita, até junto ao paredão branco que separa as rochas do mar do caminho e que o irá acompanhar até ao fim deste percurso.

Neste caminho, 60 m antes de entrar no largo da igreja, tem à sua esquerda a *Escola Regional de Artesanato de Santo Amaro*. Não deixe de visitar o espaço museológico que ocupa o 1º piso desta casa rústica do final do séc. XIX.

Chega ao largo da *Igreja de Santo Amaro*, em volta do qual estão ainda o império, a escola, o salão e centro paroquial, o cemitério, e a sede da *Sociedade Filarmónica Recreio Santamarense* fundada em 1946.

Saia do largo e continue em direção ao porto. Pelo caminho, nos meses de julho a setembro, poderá visitar *A Loja* onde António Duarte Pimentel, um filho da ilha montanha há muito radicado em Portugal Continental, expõe na tela a sua capacidade artística e sensibilidade criativa. Amável como qualquer picaroto terá todo o gosto em lhe mostrar a sua obra que também aqui poderá adquirir. A sua viagem está a chegar ao fim, mas não sem antes visitar o *Museu Marítimo de Construção Naval*, memória à forte e singular tradição de construção naval que ainda hoje subsiste em Santo Amaro. O museu abriu ao público em 2004 e está habitualmente aberto todos os dias. Tem entrada livre, mas pode sempre contribuir adquirindo alguma das peças de artesanato à venda ou deixando um donativo à saída.

O percurso acaba junto ao porto, cuja rampa levou ao mar embarcações baleeiras e de pesca que fizeram história na navegação do arquipélago dos Açores e que também recebeu as baleias que aqui eram derretidas.

TRILHOS DOS AÇORES



PICO

PRC8 PIC

Ladeira dos Moinhos

Dificuldade: Fácil **Extensão:** 3,4 km **Duração:** 1:15h **Forma:** Circular



Início do trilho

38° 30' 47.68" N;
28° 18' 12.29" O



Ponto de interesse

Parque Natural do Pico



Paisagem Protegida



PRC8 PIC *Ladeira dos Moinhos*

Este percurso é efetivamente uma pequena rota, que surge do intuito de dar a conhecer o espaço físico em que se instalaram as gentes desta freguesia e alguns pormenores das atividades rurais que ocupavam a sua vivência, o que acaba por ser bem conseguido.



Comece este percurso na *Igreja Matriz de São Roque*, começada a edificar em 1714. Uma imponente igreja no contexto da ilha em que está inserida, com um soberbo interior onde se destacam as pinturas e a talha dourada da capela-mor, das capelas laterais e do púlpito. Repare-se nos vitrais das janelas superiores laterais, na concha que ainda é usada no batistério, e naquela soberba estante (*facistol*) para livros de canto ou litúrgicos, com magníficas incrustações, das mais ricas que me lembro de ter visto. Se estiver aberta não deixe de visitar esta igreja, certamente um dos elementos de maior valor do património religioso edificado nesta ilha.

Abandone agora o largo da igreja e siga para Leste pela *Rua das Dores*, em direção à ponte em calçada que avista à sua frente, onde oficialmente começa este percurso. Aqui se juntam as águas da *Ribeira de Dentro* e de outro dos seus afluentes e, como a ponte tem pilar central, cada linha de água passa sob o seu próprio arco, reunindo-se a jusante. Depois da ponte vire à direita e suba alguns metros pelo asfalto, para logo de seguida entrar novamente à direita, na *Ladeira dos Moinhos* que sobe ao lado da ribeira.

Nesta ladeira, que mantém ainda em muitas partes o empedrado primitivo, fazendo jus ao nome havia supostamente um conjunto de 5 azenhas (ou moinhos de água), que funcionariam *em série*... no entanto só conseguimos observar as ruínas de 3, todos no lado esquerdo da subida, logo depois da *levada* que conduzia a água para os rodízios passar debaixo do caminho. Se entrar por um acesso à esquerda, na parte mais íngreme da subida, pode visitar as ruínas de um deles. Já pouco resta... e nem ao menos conseguimos descortinar cada qual o que moía... talvez houvesse uns para milho e outros para trigo... afinal as mós tinham de ser diferentes consoante o que se triturava. Quase no fim deste caminho pode ver o *Moinho da Paciência*... o edifício foi recuperado mas provavelmente as engrenagens interiores não o foram.

Já na estrada regional faça um pequeno desvio até à ponte para ver a Vila de São Roque, volte atrás e suba pela ladeira rudimentar ao lado de uma avantajada cisterna: o *Depósito de Água da Baleia*, que armazenaria este líquido essencial à laboração da fábrica que no *Cais* (onde terminará este percurso) transformava um cachalote em vários produtos comercializáveis.

Na sua subida, ao lado de uma linha de água, é possível que veja as pequenas parcelas de terreno ocupadas por pastagens ou milho (que habitualmente fazem rotação temporal num mesmo espaço), que permitem retirar nos dias de hoje benefício económico dos mesmos. Chega a um caminho municipal que deverá cruzar e continue a subir por uma ladeira com algum betão no chão. Vai reparar numa estrutura circular do outro lado da ribeira... faça um pequeno desvio e suba a esta antiga eira que servia para secar ou debulhar cereal e leguminosas, e veja se as vistas lhe agradam. De volta ao caminho, continue a subir até chegar a uma bifurcação: siga pela esquerda, onde a passagem é mais sombria e estreita. Esta vereda de acesso às pastagens de altitude é conhecida com o *Caminho do Engenho*.



MOINHOS DE ÁGUA

Popularizaram-se em quase todas as ilhas dos Açores, onde os primeiros povoadores encontraram ribeiras com um manancial de águas suficiente (hoje muito alteradas) para assegurar a laboração, pelo menos numa parte do ano. O controlo dos caudais e a condução da água que chegava ao moinho eram possíveis através de um sistema simples de comportas e de "levadas" (canais ou calhas), habitualmente em pedra. Havia 2 sistemas possíveis para movimentar as engrenagens e as mós: ou a água fazia andar à volta das rodas de madeira dispostas verticalmente (azenhas) ou colocadas na horizontal (chamadas de rodízios). A engrenagem fazia rodar a mó superior (a andadeira) que triturava os cereais que caíam entre esta e a que por debaixo dela estava em repouso. A apanha dos cereais (principalmente trigo e milho) coincidia com o início das chuvas, quando as ribeiras, como esta por onde o percurso se faz, possuíam caudal suficiente para laborar. Alguns destes moinhos possuíam vários donos (agricultores locais) que resolviam entre si em que dias cada um fazia uso do moinho.

PRC8 PIC *Ladeira dos Moinhos*

Sai num caminho a meia encosta, onde deve virar à direita em direção ao barulho e fumo da *Central Termoelétrica do Pico* que fornece energia para toda a ilha. Quem não parece incomodado são os muitos tentilhões (*Fringilla coelebs*) que por aqui voam. Após 700 m este caminho é cruzado por uma via secundária, que acompanha um dos lados da *Ribeira da Laje* para quem quer subir ou para quem quer descer como é o nosso caso. Esta ribeira, de regime torrencial, possui uma grande quantidade de exemplares robustos de *Picconia azorica*, árvore endémica que terá no passado ocupado partes significativas das ilhas a estas altitudes. As arroteias, para uso agrícola, foram progressivamente eliminando alguns dos povoaamentos existentes, sendo as linhas de água um dos refúgios onde ainda subsistem.

Mais abaixo, encontra à sua esquerda outro moinho de água. Desça os degraus em pedra para uma breve visita. Embora sem estar recuperado, este moinho mantém ainda um estado razoável de conservação e as peças fundamentais no sítio correto: no andar superior, as mós e a moenga e, se espreitar por baixo, o rodízio horizontal em madeira.

Chegado ao asfalto atravesse a ponte e vire logo à direita continuando a descer, seguindo quer na berma da ribeira quer no próprio leito da mesma. Do outro lado da estrada regional, tem a continuação deste caminho, que se vai transformando numa estreita vereda.

Chega a um caminho secundário: vire à esquerda até ao leito da ribeira. Aqui volta a surgir uma descida que acompanha a ribeira até sair junto à ponte onde iniciou o percurso. Se porventura tiver de abandonar este atalho volte a ele logo que possa. Agora é só vencer os metros que faltam de volta ao largo da *Igreja Matriz*.



TRILHOS DOS AÇORES



PICO

PRC9 PIC

Prainha do Norte

Dificuldade: Fácil Extensão: 8 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho

38° 28' 9.73" N;
28° 12' 9.46" O



Zona balnear

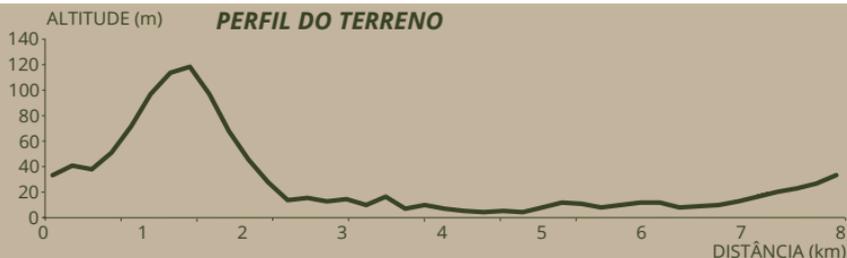
Parque Natural do Pico



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Paisagem Protegida



PRC9 PIC *Prainha do Norte*

Começa na *Freguesia da Prainha* no *Largo Dr. José Machado Serpa*, certamente uma pessoa notável, mas que veio tomar o nome ao popularmente conhecido *Largo do Império* no coração desta freguesia, onde as principais valências sociais estão instaladas.



Temos a *Igreja de Nossa Senhora da Ajuda*, o Império, a sede da Junta de Freguesia, a sede da *Filarmónica União Prainhense* com espaço para grandes eventos, o coreto e lojas de comércio. De realçar o conjunto arquitetónico da área envolvente, onde podemos também observar algumas casas do séc. XVIII, de volume e traça fora do comum, indiciando famílias de posses e estatuto social. A Prainha é uma das mais antigas povoações do Pico e a segunda a ser construída na costa norte da ilha.

Deixe o *Largo do Império* seguindo pela *Rua do Caminho Novo* que, tal como o nome sugere, apresenta casas também elas recentes. Faça 650 m de caminho, passando por 2 oficinas à sua direita: de mecânica e serralharia, e irá encontrar um caminho asfaltado, à sua direita, que terá de percorrer por apenas 20 m, após os quais deve seguir pelo antigo caminho à sua esquerda. À sua frente está um túnel por debaixo da estrada regional que liga agora os dois troços deste antigo caminho. Pode seguir por aí mas, se o incomoda o facto desta passagem na parte final ter apenas 1 metro de altura, então encontra uma alternativa na estreita subida, mesmo ao lado do túnel, que o leva até a berma da

estrada regional. Atravesse-a aí, junto ao marco do km 33, e continue a subir a montante este antigo caminho. Na primeira bifurcação siga pela esquerda, sobre um empedrado, e na seguinte siga em frente.

Pelo caminho terá visto provavelmente bananeiras, inhames, araçazeiros, citrinos e outras espécies próprias de climas mais tropicais. Começa a avistar um palheiro, guardado de muito perto por um avantajado *Ilex perado ssp. azorica* e uma elegante *Morella faya*, que poderá visitar. Junto ao tanque de água, que lhe está em frente, avista a Prainha do Norte, onde se destaca a imponente igreja e os campos agrícolas. Retorne à vereda e faça a curva de 90 graus, passando por debaixo de castanheiros e seguindo sempre em frente, sem ligar às derivações à direita. Adiante tem de virar à esquerda e debaixo de um grande carvalho, espécie pouco comum na maioria das ilhas dos Açores, para iniciar a descida junto da *Ribeira de Nossa Senhora*, do seu lado direito. Atravessa o leito da mesma e eis que chega ao núcleo habitacional tido como o mais antigo da freguesia, com origens em finais do séc. XVII.

Pelo menos duas pontes em pedra merecem a sua atenção: uma, com um pilar a meio, recorre a grandes lajes para vencer os 2 vãos por onde escoa a água e a outra, um pouco mais abaixo, em arco abobadado de pedra solta, que dá abrigo a morcegos cujos guinchos agudos se fazem ouvir. São soluções e estilos completamente diferentes e sem dúvida que ambas terão visto passar várias gerações sobre elas, a caminho do conforto que estas antigas moradias em pedra permitiam. Lamentavelmente estas pontes centenárias são um dos tipos de património edificado que nos Açores mais facilmente é esquecido ou desprezado. Certamente não será aqui o caso, onde a empresa *Adegas do Pico* avançou com um projeto de recuperação de 4 antigas moradias para *turismo de habitação*, às quais foram atribuídos nomes sugestivos, apresentados nas tabuletas junto à estrada regional onde chegou e que deve atravessar para descer a *Rua Ribeira de Nossa Senhora*, que acompanha sempre a ribeira. No entanto, depois de descer 250 m, afaste-se da ribeira seguindo pela *Rua do Morro* à sua direita até encontrar junto a umas casas a sinalização a indicar "Praia", "Bar de Praia" e logo a seguir a *Rua do Poço da Areia* que deve descer até ao *Canto da Areia*. Junto a um pequeno nicho de casas, este lugar ganhou o nome devido à pequena enseada, delimitada por duas linhas de água que aqui desaguam, onde a areia permanece entre o cascalho da praia, fazendo as delícias de uns quantos que aqui se vêm banhar. Embora a praia seja um pouco pequena e a areia demasiado grossa, é uma das poucas zonas balneares da ilha do Pico com alguma areia, sendo muito procurada pelas populações mais próximas. Foi alvo de obras de requalificação, tendo agora balneários e um bar de praia.

Avance uns metros no caminho junto à praia, em direção à *Ponta da Rocha* e encontra a *Casa do Fio*: uma pequena construção que não terá 2 X 2 m, uma única porta e uma curiosa cobertura em cúpula, de perfil contracurvado, com um pináculo em pedra no cimo. Prestava apoio às comunicações telegráficas por cabo submarino no séc. XX, tendo sido utilizada nas 2 grandes guerras mundiais. Volte atrás, até à praia e siga

PRC9 PIC *Prainha do Norte*

no sentido contrário pelo caminho de bagacina vermelha junto ao litoral, que acaba junto à ponte da ribeira. Passe a ponte e prossiga pela *Rua de São Pedro*.

Passa pela *Ermida de S. Pedro*, habitualmente de portas fechadas, um edifício do séc. XVIII onde é de realçar o rosto humano esculpido num bloco de pedra que serve de base à cruz que remata a fachada, debaixo do qual figuram 2 chaves cruzadas sob uma mitra, cujo significado nos parece óbvio, sendo esta a *Ermida de São Pedro*: 1º papa da cristandade a quem Jesus Cristo entregou as “*Chaves do Reino dos Céus*”.

Ao seu lado esquerdo a paisagem rural é constituída por um núcleo de edificações de apoio à atividade agrícola, destinadas ao arrumo das alfaias, produtos agrícolas e da forragem para os animais. Continue em frente por mais 250 m. Quando o caminho curvar à esquerda e subir é altura de sair por um antigo acesso, à sua direita, que o leva ao *Baixio*, uma zona litoral onde o mar vem enrolar de encontro aos calhaus ... e que dá início a um novo caminho asfaltado que o levará ao porto.

Aqui e ali vêem-se os vinhedos bem tratados e as adegas recuperadas no seu estilo rústico. Chegamos ao *Porto da Prainha*, onde recentemente foi construído um muro em betão para proteção costeira, ao longo da estrada que irá seguir. Por aqui pode ser vista a mais irrequieta das limícolas: o maçarico-das-rochas (*Actitis hypoleucos*), a catar insetos, larvas ou vermes, e também outras aves marinhas.

Passe pelo farol e continue pelo caminho entre o campo de jogos e as lavas do mar, onde as ruínas de um antigo moinho de vento giratório continuam a marcar presença. Uma solitária mó e restos das engrenagens em madeira repousam sobre a base troncocónica em alvenaria de pedra. Começa a aproximar-se de uma zona balnear e de lazer, com campo para voleibol de praia, zona de merendas, um estranho redondel de bancos e, claro está, a *Poça Branca*, razão de tudo isto. Esta é uma bem delineada piscina natural, muito frequentada pela população local e das freguesias vizinhas, com um pequeno bar a recebê-lo.

Deixe o local subindo pelo caminho de asfalto mais à direita, e mais à frente opte também pela direita. Por entre estas matas em breve chegará novamente junto do mar, num caminho de bagacina, onde deve virar à esquerda e avançar até ao penúltimo poste de iluminação pública. Daqui avista um arco basáltico e a *Rocha do Galo*. Ao fundo está a *Baía de Canas*, outro lugar desta freguesia.

Regresse à zona balnear e siga agora pela *Rua da Poça Branca* à direita da zona de merendas, no largo, que terá de percorrer na totalidade sem ligar a quaisquer outras derivações. Novamente a pedra é que manda nas casas por onde passa. A paisagem faz-se também de alguns vinhedos. No final chega ao caminho que liga a igreja ao porto. Vire à direita e suba, passando por um poço de maré com a abertura fechada, acompanhando a margem da *Ribeira do Império*, com pequenas pontes de aspeto antiquíssimo. Finalizando, faça uma visita ao interior da *Igreja Matriz* que mantém a traça com que foi reedificada em 1787. Termine o percurso no *Largo do Império* com uns minutos de descanso.

TRILHOS DOS AÇORES



PICO

PR10 PIC

Santana - Lajido

Dificuldade: Fácil Extensão: 8,7 km Duração: 2:30h Forma: Linear



Início do trilho

38° 32' 42.19" N;
28° 21' 52.84" O



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural do Pico



Paisagem Protegida



PR10 PIC *Santana - Lajido*

O percurso inicia-se junto a uma construção que serve de *posto de transformação elétrica*, onde uma placa assinala a entrada em *Sant'Ana* (para quem vem de S. Roque). Entre aqui no caminho secundário que deriva da estrada regional para montante, e veja se consegue descortinar, entre as casas com os números 7 e 9, a estreita entrada do início de uma vereda. Vai ter de subir por aqui mas apenas mais tarde.



Por enquanto continue em frente, virando logo de seguida à direita num caminho com algum declive, que começa em asfalto e mais acima está em terra batida. Após 190 m de subida vire à esquerda numa bifurcação, descendo ligeiramente. Chega a uma zona mais larga onde um talude deste *Cabeço do Queimado* (ou *Cabeço da Vigia*) mostra os tons vermelhos e negros da sua natureza basáltica. Logo a seguir, um caminho pedonal com degraus rudimentares, abertos num terreno pouco consolidado, leva-o à recuperada *Vigia da Baleia*, agora rodeada por demasiada vegetação para manter o seu objetivo original.

Hoje, nesta vigia da costa norte será certamente mais fácil ver as lavas de Santa Luzia, na zona do *Cabrito* e *Lajido* onde irá acabar este percurso, do que propriamente uma baleia. Assim, se não trouxe binóculos e se ainda não apararam as acácias e outra vegetação que limita a vista, então não aguarde mais tempo e regresse pelo mesmo caminho, até à vereda referida no início (“...entre as casas nºs 7 e 9”). Esta antiga vereda sobe mais de 600 m, torna-se mais larga, e chega finalmente ao asfalto, num local onde se extraem inertes deste *Cabeço da Queimada*.

Vire à direita e desça o caminho, entre pequenas parcelas agrícolas ocupadas maioritariamente por prados de fraca produtividade ou incultos.

Passa pelas primeiras casas, um pequeno aglomerado de típicas construções de habitação em pedra e chega à *Rua de Cima de Santana*... vire à direita. Passa por uma casa, à sua esquerda, onde o dono exhibe sobre os muros esculturas caseiras em pedra. Um pouco mais à frente um telheiro junto ao caminho alberga um carro de bois do século passado. Logo depois, vai encontrar à sua esquerda, um caminho secundário em cimento e brita grosseira com o piso avermelhado. Siga por este, passe uma casa, e acabe por chegar à estrada regional por um atalho. Aqui, vire ligeiramente à esquerda e desça por detrás da casa com o nº 80, que ostenta a placa *Centro Social Padre Alberto*. Este caminho secundário divide-se logo a seguir: siga pela esquerda nesta e nas próximas bifurcações. O chão inicialmente forrado a ervas começa a mostrar a sua natureza rochosa, onde sulcos do passado permanecem no basalto.

Vai caminhar dentro da *Área de Paisagem Protegida da Cultura da Vinha - Zona Norte*. Chegado ao asfalto continue a descer. Quando o caminho fizer uma curva pronunciada à esquerda (acabando o asfalto 10 m adiante) desça por um atalho à sua direita que logo se transforma numa antiga ladeira empedrada que o levará à *Baía do Gasparal*. É um recanto simpático com algumas *adegas* e importância histórica, já que foi utilizada no passado como embarcadouro para as pipas do vinho verde produzido na zona. Vire à direita e encontrará ainda alguns importantes vestígios: (1) um *poço de maré* de 1815, com um muro quadrangular formado por 4 lajes de pedra encaixadas na perfeição umas nas outras, e por 2 *lavadouros* que estão na proximidade; (2) uma área considerável, pavimentada a pedra o que permitia o transporte com maior facilidade



VIGIA DA BALEIA

Construção de planta retangular, com frente facetada, branca como todas são, com uma saliente pala para impedir a chuva de entrar e quebrar o sol, que de outro modo invadiria a longilínea janela. Deste posto o vigia controlava a parte do Atlântico que lhe estava próxima e, ao mais pequeno sinal de baleia, lançava o foguete: Foguete no ar... Baleia no mar. As tarefas em terra eram abandonadas e os baleeiros do Pico corriam para o mar a tentar a sorte numa baleia. Os botes estavam sempre preparados porque o rebentar estridente de um foguete não deixava tempo a perder. Os primeiros que chegavam à baleia anunciada ganhavam o sustento. No mar o tempo era diferente: trancar um animal daquele porte podia levar algumas horas. O frenesim da caça ao cachalote vivia-se sobretudo nos meses de verão. Devido à sazonalidade e incerteza, esta caça não representava a atividade principal do baleeiro para quem a agricultura era habitualmente o outro meio de subsistência.

PR10 PIC *Santana - Lajido*

até ao armazém; (3) uma parede alta, ruínas do antigo *Armazém das pipas*, com algumas pedras no chão que mostram entalhes esculpidos, indiciando a atividade que aqui se desenvolvia; (4) uma rampa natural de acesso ao mar (uma laje inclinada que se vê para lá do *armazém*) serviria de *Carregadouro* por onde se faziam rolar as pipas até próximo da água, e daí para os botes, recorrendo a pranchas de madeira. Claro que o tempo e o mar foram *trabalhando* este local, deixando apenas algumas marcas desse passado.

Saia deste local prazenteiro não pelo caminho de terra, mas seguindo o percurso sempre junto ao mar, sobre o lajido ou sobre as escórias colocadas no chão. Aqui, a antiga linha de costa foi substituída por uma nova escoada lávica, deixando visível a arriba fóssil nalgumas zonas mais escarpadas. No local encontram-se endemismos como a *Picconia azorica*, *Erica azorica*, *Myosotis maritima*, *Festuca petraea*. Esta arriba é igualmente um importante local de nidificação do Cagarro (*Calonectris diomedea borealis*).

Em breve salta-lhe à vista as ruínas de um grande edifício de habitação onde, no piso inferior, funcionava um lagar. Chegou ao *Cabrito*, onde uns bonitos salgueiros crescem sobre as lajes rochosas, perto de um poço de maré. Daqui siga pelo caminho asfaltado, acompanhado pelo burburinho do mar a bater na rocha. Aqui e ali diversas formações lávicas são dignas de registo. É o caso de elegantes lavas encordoadas e raras *tumulus* com a crosta superficial arqueada e fendilhada, que irá encontrar. À saída do *Cabrito* encontra a *Ermida de S. Mateus*, construída nos séculos XVII-XVIII. Deve contorná-la para admirar melhor a sua interessante fachada. É uma ermida construída em alvenaria de pedra, totalmente à vista, o que é incomum. Na fachada há uma inscrição (ilegível) e altos-relevos decorados com motivos florais de excelente qualidade. Pela sua orientação quer-nos parecer que o sol nunca entra no seu interior.

Mais umas centenas de metros e chega ao lugar de *Arcos*, com uma modesta zona balnear e uma ermida à volta da qual se organiza, no último fim de semana de agosto, a *Festa de Nossa Senhora Rainha do Mundo*. À esquerda, logo a seguir à ermida, repare num poço de maré que tem a particularidade de estar colado a um torreão. Parte da água que saía deste poço era elevada até ao cimo do torreão e despejada numa calha suspensa que a levava, por gravidade, para a casa que lhe está mais próxima, onde funcionava um alambique. Novamente em marcha, siga para o *Lajido* pelo caminho da costa, apreciando as bonitas panorâmicas sobre o mar e sobre os campos de lava, parcialmente vestidos por penachos de *festucas*.

No *Lajido* onde acaba este agradável passeio, visite o *Centro de Interpretação da Paisagem da Vinha da Ilha do Pico* e o diverso património imóvel que aqui foi recuperado: casas, adegas com os respetivos lagares e alambiques, armazéns, tanques de fermentação dos figos, o *Solar dos Salgueiros*, poços de maré e a *Ermida de Nossa Senhora da Pureza*, com festa na 1ª semana de setembro. Com a visita a este núcleo museológico, onde se preserva a herança cultural desta comunidade, percebe-se como o cultivo da vinha e a produção de vinho e aguardentes se tornaram tão importantes na economia do concelho, mas também o esforço humano que foi necessário para a conquista destes campos rochosos.

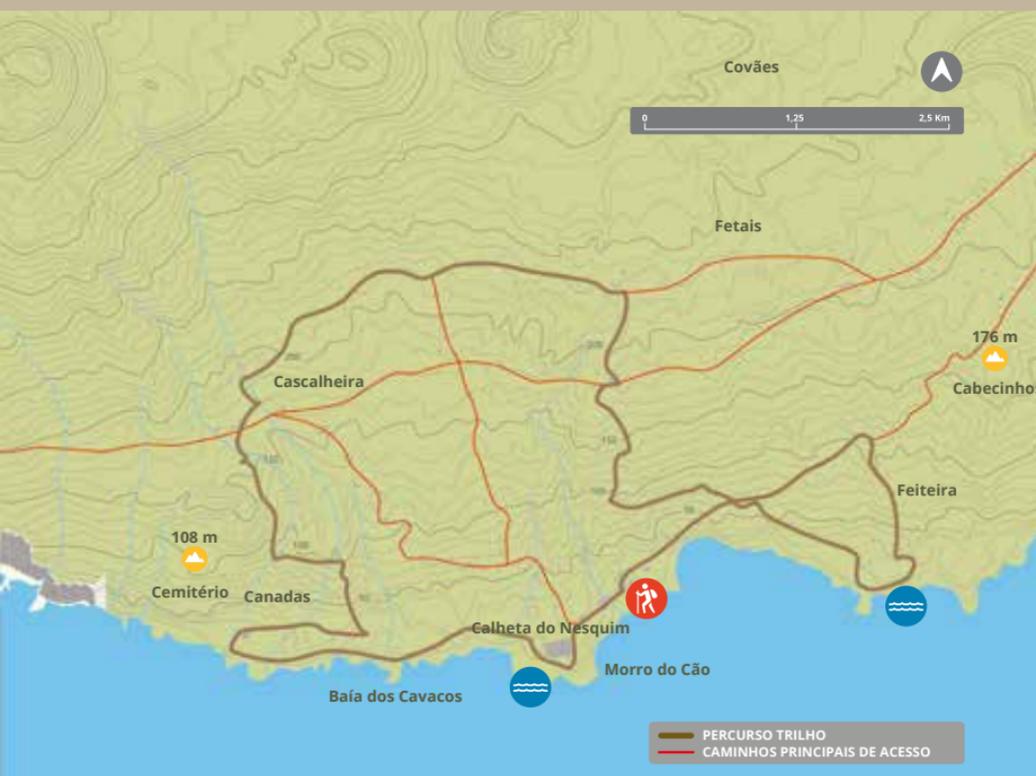
TRILHOS DOS AÇORES



PRC11 PIC

Calheta do Nesquim

Dificuldade: Médio **Extensão:** 8,6 km **Duração:** 2:30h **Forma:** Circular



Início do trilho

38° 24' 9.51" N;
28° 4' 46.75" O



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural do Pico



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PRC11 PIC *Calheta do Nesquim*

Este é um percurso circular que poderá ser efetuado em ambos os sentidos, mas optamos por recomendar o que nos parece melhor. Começa no largo da igreja, agora *Largo do Terreiro Capitão Anselmo Baleeiro*, um filho desta terra a cuja memória foi também erigida uma estátua junto à igreja, onde é possível ler: "*Capitão Anselmo da Silveira/1833-1912/Fundador da Caça à Baleia na Ilha do Pico*".

Tem a data de 28-04-1876, da fundação da primeira Armação Baleeira. A Calheta do Nesquim foi o primeiro centro de baleação da ilha do Pico, sobejando vestígios desta atividade ao longo do percurso que irá fazer.

À nossa volta estão alguns dos mais importantes edifícios e estruturas sociais desta freguesia: o Coreto, encimado por uma apropriada lira; o *Império do Divino Espírito Santo*; o Polivalente e o Cais com a sua grua e 10 barcos varados e, obviamente, a Igreja cuja edificação só possível com o notável esforço e empenho da população terminou em 1860. De uma só nave, beneficia da luminosidade que a sua exposição a sul lhe confere e permite uma agradável vista a partir do seu adro sobranceiro à rocha do porto. Se entrar espera-o a imagem de São Sebastião, santo padroeiro desta paróquia. Há uma festa em janeiro, que atrai muitos forasteiros, mas a maior festividade deste lugar realiza-se a 6 de agosto, em honra do *Senhor Bom Jesus*, com uma imagem em tamanho real noutro altar desta igreja.

Na parede exterior da igreja, existe ainda uma placa que homenageia os 36 homens que daqui saíram para combater na *Guerra Colonial Portuguesa...* apenas 1 faleceu em combate. Estes memoriais repetem-se em várias ilhas dos Açores, habitualmente da iniciativa das Juntas de Freguesia. Há ainda um chafariz na parede da igreja que mantém a utilidade para a qual foi criado.

Ao sair do largo, como quem vai para o porto, passa pela *Casa dos Botes*, um edifício do séc. XX constituído por dois grandes corpos contíguos, quase na totalidade em alvenaria de pedra. Como o nome indica, aqui se guardavam (e guardam) os botes que saíam à captura dos gigantes dos mares, e que agora saem por altura das festas, a participar em regatas com as suas congéneres de outras freguesias baleeiras. Terá muita sorte se os vir na água... e alguma se a *Casa dos Botes* estiver aberta. Caso contrário contorne este expressivo edifício pela esquerda, passando por detrás do mesmo, tendo assim oportunidade de apreciar melhor a zona do porto que poderá eventualmente percorrer.

Volte novamente ao caminho, que terá de subir até ao ponto em que faz uma curva e avista à sua esquerda o *Campo de Futebol*. Desça depois dos primeiros *metrosideros*, por um acesso estreito, sinalizado por uma placa que indica: "*Zona de Lazer/Parque Infantil*".

Este bem recuperado espaço de lazer, surge do aproveitamento de uma zona litoral sobrelevada a que chamam de *Morrição* (certamente uma corruptela de "*Morro do Cão*") e que separa o *Campo de Jogos* do mar. Para além do parque infantil e da aprazível vista que daqui se obtém, há ainda um moinho totalmente recuperado exteriormente. Repare no pormenor curioso do cata-vento em forma de baleia no topo do moinho. No muro sobre a rocha do mar, encontra a *1ª Vigia da Baleia* da Calheta

do Nesquim e provavelmente da ilha, quando ainda eram *a céu aberto*. Ao sair da zona confinada pelo gradeamento branco e ultrapassando o portão, prossiga em direção à *Zona Balnear da Poça das Mijas*, servida de um campo de areia que permite a prática de voleibol ou futebol de praia e com direito a um simpático bar com a respetiva esplanada.

Suba depois o caminho de terra batida e vire à esquerda, seguindo-o sempre junto ao mar, por cima da rocha. Esta zona apresenta uma paisagem rural marcada por uma extensa malha de muros de pedra, que formam currais longitudinais onde se cultiva a vinha, e pelas respetivas infraestruturas de apoio, construídas durante os séculos XVIII e XIX. Dispersas pelo terreno, as várias adegas em pedra, algumas em razoável estado de conservação, outras claramente melhoradas, servem na perfeição as funções a que se destinam, ligadas à vinha ou à habitação sazonal. No mar avistam-se garajaus que usam as rochas nuas das redondezas para fazerem os seus ninhos. O caminho leva-o a passar junto ao cemitério, enquanto avista, no recorte da ilha, o casario da *Freguesia das Ribeiras* e, mais ao longe *Santa Bárbara*, outro lugar dessa freguesia. Parece comum, nalguns locais deste lado da ilha, construir os cemitérios a grande distância dos centros habitacionais... por certo, heranças de receios antigos, em que havia forte crença popular em “*bruxas*” e “*almas do outro mundo*”.

Suba o caminho de asfalto durante apenas algumas dezenas de metros até chegar junto de uma casa, do seu lado esquerdo, onde encontra a inscrição “*Varandas das Canadas*” e sinalética a indicar o *Circuito Pedonal* que o vai levar à *Vigia da Baleia do Gigana*. Trata-se de uma vereda de pé posto, neste caso em cascalho, usada em primeiro lugar como servidão a algumas antigas casas e, continuando a subir, aos currais de vinha e à *Vigia da baleia recuperada* pela Junta de Freguesia. Uns metros acima da vigia, sai num caminho secundário que lhe permite uma boa panorâmica sobre a Calheta do Nesquim. Vire à esquerda e siga esse caminho, em direção ao *Cemitério*: um cone vulcânico que terá adotado o nome em consequência da proximidade ao cemitério junto ao qual passou. Um pouco antes de chegar propriamente a este pico, vai encontrar à direita uma vereda com a parede do lado direito bastante mais alta que



HISTÓRIA DO CÃO NESQUIM

Diz-se que no séc. XVI, numa tempestuosa e escura noite, um barco à deriva carregado de madeira, que vinha do Brasil, naufragou na costa sul da ilha do Pico. Dos náufragos, três conseguiram salvar-se guiados pelo cão de bordo de nome Nesquim, que guiou os três homens com os seus latidos para uma calheta, ou seja, para uma pequena enseada de entrada apertada. Esta, devido ao nome do cão, ficou a chamar-se “*Calheta de Nesquim*”. Junto à costa existe um morro alto denominado “*Morrirão*” por onde irá passar, local onde supostamente o cão terá saltado para terra salvando assim os três náufragos. Diga-se que o cão ganhou o direito de figurar no Brasão da freguesia, junto a um cachalote.

PRC11 PIC *Calheta do Nesquim*

a da esquerda. Suba por aí, com o mais alto do pico do seu lado esquerdo. Esta vereda torna-se mais larga na parte superior, ficando o chão pedregoso ensombrado por *Pittosporum undulatum* e pouco depois chega à estrada regional. Dê uns passos para a direita e volte a subir pela primeira vereda que encontra, até chegar a outro caminho de asfalto, que também deve subir. Na bifurcação seguinte vire à direita e siga pelo asfalto em direção aos *Fetais*.

A este lugar chamam os moradores o curioso nome de *Jogo da Bola*, mas nenhum deles me soube explicar a origem do nome. As casas mais antigas mantêm, como habitual, as pedras sobre as telhas do beirado para impedir que o vento as desloque. Reparem nas chaminés, mais estreitas do que o habitual. Nos terrenos da encosta a montante, o milho e a pastagem vão dando lugar à mata.

Vai passar vários entroncamentos com caminhos que sobem, mas espere para descer pelo primeiro à sua direita, um caminho de ligação à estrada regional que surge num entroncamento com direito a espelho parabólico. Entretanto, na esquina desses caminhos pode observar a traseira de uma antiga casa, com uma cisterna incorporada. A pia em pedra ainda lá está. no caminho, encostada à casa. Apesar do estado das suas paredes ainda se percebe o típico azul (ou anil) com que caíavam o soco e as molduras das janelas e portas.

Chegados à estrada regional é outra vez altura de virar à direita e andar apenas uns metros. Não se engane agora: terá de sair da estrada virando à esquerda, não no acesso a uma pastagem mas no caminho secundário que se segue de imediato, com o chão relvado e sob a sombra fresca de *Pittosporum undulatum*. Mais abaixo o caminho ramifica: vire à direita e continue a descer até chegar a uns degraus de cimento que o deixam no asfalto. Podia dizer-lhe para começar a descer este caminho, no entanto, na berma oposta encontra a continuação desta antiga vereda que desce em direção à igreja da Calheta do Nesquim. Siga por aí cerca de 50 m e tire uma bonita fotografia ao centro da freguesia e ao porto. Entretanto vai encontrar à sua esquerda uma saída que o leva de novo ao caminho.

Certamente que não deve estar interessado em abreviar este agradável passeio, pois se estivesse bastava-lhe continuar a descer até à igreja. Siga antes pela *Canada das Torresmas* até sair no caminho principal. Vire à esquerda e continue sempre em frente, não ligando à *Canada do Mourro*. A paisagem por aqui é constituída por algumas casas de habitação, atafonas, eiras e terrenos de erva e de outros cultivos. Vai descer apenas quando chegar junto da *casa nº 12, da Família Fontes*, pelo caminho que está ao lado do portão. Encontra uma escadaria perto do final, acabando por sair no caminho de asfalto da *Feteira*.

Vire à esquerda, avance uns metros e desça para o cais da *Feteira de Baixo* e *zona balnear do Portinho*. Enquanto continua pelo caminho em bagacina, sempre junto ao mar, a Calheta de Nesquim ao longe vai-se colocando a jeito para uma boa foto. Chegado ao asfalto vire à esquerda, seguindo sempre até ao caminho principal. Vire aí também à esquerda e desça sempre por este até chegar junto à igreja onde iniciou o percurso.

TRILHOS DOS AÇORES



PICO

PR13 PIC

Lagoa do Capitão

Dificuldade: Médio Extensão: 9,2 km Duração: 3:00h Forma: Linear



Início do trilho

38° 28' 54.88" N;
28° 19' 9.79" O



Ponto de interesse



Elevação

Parque Natural
do Pico



Reserva
Natural



Paisagem
Protegida



PR13 PIC *Lagoa do Capitão*

É na *Lagoa do Capitão*, dentro da *Área de Paisagem Protegida da Zona Central*, que este percurso tem o seu início. Os prados seminaturais, esquadrejados e manchados pelo verde-escuro de *Juniperus*, *Ilex*, *Erica* espelhados nas águas da lagoa, formam um belo cenário natural, procurado por inúmeros visitantes durante todo o ano.



Regressando da lagoa pelo caminho que o levou lá, vire na primeira bifurcação à direita seguindo pela terra batida, onde a beleza da majestosa montanha o acompanhará à medida que avança por entre turfeiras encharcadas pela água das chuvas e dos nevoeiros. Os portais, com tubos metálicos no chão, ajudam a condicionar o acesso das vacas, mas não o seu pelo que, em breve, poderá admirar à sua direita a escarpa de falha da *Lagoa do Capitão*, habitat de várias espécies da flora endémica, como a *Euphorbia stygiana*, *Ilex perado* ssp. *azorica*, *Viburnum treleasei* e o *Juniperus brevifolia* com ou sem *Arceuthobium azoricum*.

Depois de 1,8 km deste caminho encontra à sua esquerda outro, vedado por uma cancela metálica, que dá acesso às ruínas de uma antiga queijaria, no sopé do *Cabeço do Teixo*, que funcionava apenas nos meses de verão beneficiando da maior frescura da montanha e onde se faziam os tradicionais queijos do Pico. Com apenas 2 a 3 cm de espessura são mais baixos que quaisquer outros nos Açores. Não deixe de o provar com o tradicional *Bolo de Tijolo*, um tipo de pão baixo não fermentado feito antigamente em frigideiras de barro, que tem a batata-doce como um dos ingredientes.

Continue no mesmo caminho. Logo adiante vai fazer um pequeno desvio, por um caminho que deriva para a direita em relação ao que está.

PR13 PIC *Lagoa do Capitão*

Contorne o *Cabeço dos Piquinhos*, continue 50 passos para lá de um tanque de água e chega a um verdadeiro miradouro natural, onde poderá apreciar uma vista deslumbrante sobre a *Vila de São Roque* e a encosta que irá descer para lá chegar. Este local é também um ponto de descolagem para os amantes da prática do parapente nesta ilha.

Volte atrás e retome a marcha, continuando a descer pelo caminho anterior, por mais cerca de 750 m. Depois de passar debaixo de uma linha de eletricidade continue no caminho até encontrar um portão metálico de 2 metades, à sua direita, que acede a uma pastagem, com um tanque de água no interior. Terá de descer por aqui, cerca de 200 m, seguindo com muita atenção a sinalização, até entrar num bosque baixo de encosta. Esta etapa é aquela em que terá de tomar maior atenção caso a visibilidade seja fraca, se não encontrar a entrada no bosque que está assinalada, não *invente* e volte para trás.

A partir daqui inicia sem grandes dificuldades a descida da encosta, sob uma galeria cerrada de vegetação, onde se evidenciam várias espécies como: *Erica azorica*, *Frangula azorica*, *Pinus pinaster*, *Laurus azorica*, *Picconia azorica*, *Morella faya*, *Rubus hochstetterorum*, *Sanicula azorica*, *Bellis azorica*, *Cardamine caldeirarum* e as orquídeas endémicas (*Platanthera micrantha*). Umhas dezenas de metros mais abaixo, este trilho dá acesso a uma antiga vereda de pé posto, delimitada lateralmente por pequenos muros de pedra e com degraus rudimentares. Alguém com um ouvido mais treinado conseguirá eventualmente distinguir um canário-da-terra (*Serinus canaria*), um melro-preto (*Turdus merula azorensis*), um tentilhão (*Fringilla coelebs moreletti*), uma estrelinha (*Regulus regulus*), uma toutinegra (*Sylvia atricapilla gularis*) ou uma lavandeira (*Motacilla cinerea patriciae*).

Quanto mais desce mais acentuada se torna a vereda, num chão cada vez mais irregular e sempre em pedra. Pode ser uma etapa mais cansativa devido ao piso e à atenção redobrada na colocação dos pés. Não deixa, no entanto, de ser um espetáculo bonito de presenciar quer pe-



FONTE

As águas desta fonte provêm do cimo da encosta. Escorrem diretamente pelos taludes, caem em calhas artificialmente impermeabilizadas com cimento e são depois conduzidas para o reservatório. No verão, a falta de água obrigava as mulheres a virem lavar roupa neste local e a levar daqui a água para consumo. Essas romarias tornavam este local num ponto de encontro e conversa. Posteriormente, foi entubada para melhor aproveitamento, o que deu origem ao antigo sistema de água canalizada para os chafarizes do Cais do Pico e de São Pedro do Outeiro. Atualmente está excluída da rede de abastecimento ao concelho.

PR13 PIC *Lagoa do Capitão*

los grandes *Pittosporum undulatum* que compõem agora totalmente a floresta e também pelos tapetes de musgos que revestem as toscas paredes e nalguns locais o próprio chão. Ainda na mata de *Pittosporum*, já perto do fim, se lhe parecer haver 2 alternativas opte pela da direita. Começa a ouvir mais claramente o barulho da *Central Termoelétrica*, e finalmente: o céu e o sol, dois elementos que há muito andavam desaparecidos. Continue a descer até sair no caminho asfaltado.

Suba até um pequeno largo, atravesse a ponte de madeira sobre a *Ribeira de Dentro* e continue mais alguns metros até às captações de água da *Fonte*, uma estrutura do séc. XIX.

De volta ao *Caminho da Fonte* desça, cruzando o caminho de asfalto que vai encontrar mais abaixo e continuando do lado oposto, neste antigo acesso. Chega a uma bifurcação, vire à direita pelo caminho de bagacina. Nova bifurcação junto a umas construções agrícolas: vire à esquerda e desça sempre passando ao lado de um improvisado depósito de sucata. Chega a outro caminho: vire à esquerda e continue a descer. Está no lugar das *Canárias*. Vai passar por uma construção circular em pedra, vedada por uma rede, onde está a mais importante das três entradas para a *Gruta das Canárias*. Este tubo lávico, com cerca de 800 metros de comprimento, apresenta uma grande diversidade de estruturas geológicas, com particular destaque para a presença de *lava tree molds* mas também de estalactites, estalagmites e colunas lávicas, *lava balls*, formações esmaltadas, bancadas laterais, lava *pahoehoe* encordoada, sumidouros, bolhas de gás e estalactites de limonite. Contém ainda alguns endemismos como a *Rugathodes pico* e o *Cixius azopicavus*, nomeadamente nas inúmeras raízes que possui pendentes dos tetos.

Continue a descer até ao próximo entroncamento. Chegou à estrada principal, vire à esquerda e siga por esta cerca de 450 m, até chegar ao *Convento de S. Pedro de Alcântara*. É uma construção do séc. XVIII, construída pelos frades franciscanos que vieram manter viva a esperança das populações e ajudar a refazer o que as forças sísmicas e eruptivas da natureza haviam destruído. Atualmente o imóvel alberga a Pousada da Juventude, mas pode visitar a Igreja. O percurso termina neste local, mas caso assim o entenda, prossiga pela estrada marginal em direção ao centro da Vila de São Roque.

Passa o *Cais Velho* (o antigo porto) onde do alto do seu pedestal El Rei D. Dinis (*protetor da navegação*) olha um varadouro calmo, sem a agitação de outrora. Após cerca de 60 anos, em que se arriaram botes, se esquarterjaram cachalotes e se derreteram as gorduras nos caldeiros, eis que nos anos quarenta do séc. XX, tudo mudou: a nova fábrica para a indústria baleeira, construída a 500 m daqui, levou com ela os botes e as baleias. Segue-se o *Centro Multimédia* da vila, o *Posto de Turismo*, a sede da delegação da *Associação Regional de Turismo*, a Farmácia e os Correios. Chegado ao porto, se não for 2ª feira, visite o *Museu da Indústria Baleeira*. Mesmo em frente, o *Monumento ao Baleeiro* retrata aquele momento único, em que do bote se arpoava o cachalote. Enquanto aguarda a sua boleia, tome uma bebida refrescante no sempre movimentado *Clube Naval de S. Roque*.

TRILHOS DOS AÇORES



PR15 PIC

Mistérios do Sul do Pico

Dificuldade: Fácil **Extensão:** 8,5 km **Duração:** 3:00h **Forma:** Linear



Início do trilho

38° 25' 2.26" N;
28° 21' 43.14" O



Elevação



Ponto de interesse



Zona balnear

Parque Natural do Pico



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Paisagem Protegida



PR15 PIC *Mistérios do Sul do Pico*

Está na *Reserva Florestal de Recreio do Mistério de São João*, que ocupa uma área de cerca de 4 hectares, inicialmente ocupada por matos onde predominava *Erica azorica*, mas que na década de 50 foram ocupados com os frondosos *Pinus pinaster* que hoje se veem e que constituem a principal espécie exótica do local.



Esta reserva compreende um dos bons exemplos daquilo que é um parque florestal completo, que além da sempre presente cerca dos gamos e das instalações básicas, tem ainda outras valências como o *Centro de Divulgação Florestal*, *Parque Infantil*, *Circuito de Manutenção* com aparelhos, *Campo Polidesportivo*, *Campo de Croquet* e *Jogos Tradicionais*.

Antes de iniciar este percurso vai observar, a montante da estrada, a sede da Junta de Freguesia de S. João e um modesto monumento que nos indica ter sido aqui o local da primitiva igreja paroquial. Em 1616 já existia aqui um aglomerado de cerca de 40 casas, ainda o local pertencia à *Freguesia de São Mateus*. Conta-se que possuía bons terrenos aráveis onde se desenvolvia a cultura de cereais, principalmente trigo. Possuía uma pequena ermida construída em 1619 onde se venerava S. João Batista que, ainda antes de 1700, terá sido ampliada e elevada a igreja paroquial, dando origem à *Freguesia de*

São João. As erupções vulcânicas que se iniciaram a 2 de fevereiro de 1718 soterraram uma parte das terras de cultivo, casas e a igreja paroquial, tendo sido transportadas as imagens para a Ermida de Santo António (por onde iremos passar).

Inicia este trilho entrando no parque, do lado do mar, passando junto à cerca dos gamos, atravessando a mata de pinheiros em direção às instalações sanitárias, descendo pelo caminho de terra que passa por baixo do Campo Polidesportivo. Sai num caminho de asfalto que deve descer cerca de 30 m entrando novamente, à sua esquerda, noutra caminho de terra batida que se torna mais plano. De um lado e outro uma mata de *Pittosporum undulatum* veste a paisagem. Passando a pequena *Ribeira da Borda do Mistério* (no limite Leste do *Mistério de São João*) vai encontrar algumas casas e pequenos vinhedos. Ainda há quem coloque umas fitas para afugentar os pássaros, para que não venham comer a uva madura.

Em breve vai começar a ouvir o mar a enrolar nos calhaus e logo depois chega à *Baía da Arruda*. Neste lugar, num passado distante, a praia permitia varar barcos havendo até registo de, em estaleiro improvisado, se ter construído pelo menos um barco, de nome “Loureiro”. Hoje, nesta praia de pedras roliças de variadas dimensões, não temos mastros para admirar, mas torres instáveis que alguns se entretêm a fazer por brincadeira, com seixos empilhados uns sobre os outros. Encontra o poço de maré, hoje integrado numa pequenina zona de lazer. Era a este poço que a população da *Arruda* e *Companhia de Cima* vinha suprir as suas necessidades em água, descendo o *Caminho do Poço*: uma escadaria com 365 degraus (segundo consta) construída em seixos do mar, bem penosa de se subir com um pote de água à cabeça. Continue passando por uma zona onde vão surgindo aqui e ali alguns currais de vinhas e sebes de *Banksia integrifolia*, *Morella faya* e *Metrosideros excelsa* que vão dando alguma sombra.

O caminho é agora asfaltado. À esquerda depara-se com uma placa que indica que a *Rua do Poço* vem dar a esta *Rua do Verdoso*. Pode ver à sua direita uma escadaria em pedras de dimensões consideráveis, que dá acesso à *Zona Balnear da Ponta do Admoiro*, por onde deverá descer,



QUEIJO DE SÃO JOÃO

Foi uma consequência das erupções vulcânicas. Tendo os mistérios soterrado as anteriores terras cultiváveis, tiveram que desbravar as terras altas, aptas apenas à atividade da pastorícia e consequente produção de leite. A indústria do queijo é originária da freguesia de São João. Segundo consta, aqui se fabricou o primeiro queijo da ilha do Pico, e de tal forma floresceu esta indústria que rapidamente se tornou produto de exportação, para as ilhas do Faial e Terceira.

PR15 PIC *Mistérios do Sul do Pico*

passando junto ao pequeno campo de futebol, pelo “novo” *Poço do Admoiro* (porque o “velho” foi há muito engolido pelo mar) e subindo depois pelo caminho, regressando à *Rua do Verdoso*.

Continue a sua caminhada. Uma placa aponta para a escadaria de acesso à *Zona Balnear do Poço de Maré do Verdoso*. Este é o terceiro poço de maré que vê, dos sete que a freguesia chegou a possuir. Penso que São João era mesmo a freguesia com maior número de poços de maré, cuja função, fundamental noutros tempos, desapareceu com a chegada da rede pública de abastecimento de água em 1960-61.

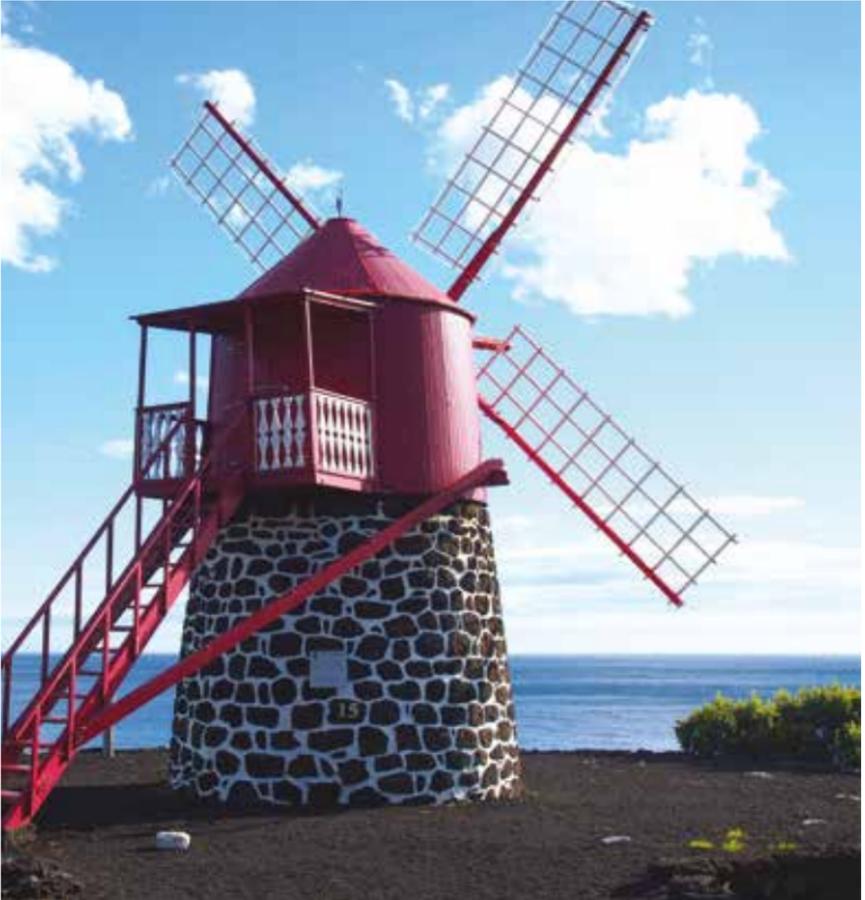
Desça até este poço e, se avançar um pouco mais, vai ver uma poça natural transformada numa remediada zona de banhos, embora com direito a duches, papeleiras e sinalização. De regresso ao caminho, continue em frente um pouco mais e vire à esquerda por uma estreita viela até chegar à *Casa do Pico*, uma casa-museu gerida pelo *Alvião – Associação para a Salvaguarda do Património Cultural de São João*, e doada a esta associação por um emigrante depois de ela ter sido criada em 2000.

Esta e outras casas rurais nas imediações com os respetivos anexos de apoio à atividade agrícola, constituem provavelmente o núcleo de habitações rurais mais antigo da freguesia, começado a ser construído no séc. XVIII. A *Casa do Pico* destaca-se, tanto pela qualidade arquitetónica como pelo estado de conservação. É uma habitação do tipo linear, de dois pisos, com *cachorros* junto a uma das janelas do piso superior, construída em alvenaria de pedra, rebocada e caiada com exceção das molduras dos vãos que estão com a pedra à vista. Tem ainda outras dependências do lado nascente tendo todos os corpos deste imóvel coberturas de duas águas em telha de meia-cana tradicional.

No interior contém algumas alfaias agrícolas, trajes regionais e diversas outras peças de cariz etnográfico, mas está habitualmente encerrada pelo que, para visitá-la, terá de se deslocar à sede de “O Alvião”, a apenas 100 m daqui. Por isso desça novamente até ao caminho e continue em frente, passando a *Rua da Igreja* à sua esquerda, para encontrar logo depois a “Casa do Alvião”, sede da associação com o mesmo nome, que alberga no rés-do-chão uma antiga queijaria, que ajudou a dar o nome ao *Queijo de S. João*, típico do Pico. Aí poderá encontrar quem o acompanhe na visita à já referida *Casa do Pico*.

A lenha (em achas), proveniente das matas que cresceram sobre os mistérios, era um importante produto de exportação, para o Faial, de tal forma que se adquiriu para a freguesia o barco “Boa Viagem” para o transporte marítimo de queijo e lenha para a ilha do Faial. O transporte marítimo com a Terceira era feito em barcos de cabotagem que partiam da *Freguesia das Ribeiras*.

Continuando, chega ao *centro religioso da Freguesia de S. João*. Passa primeiro pelo largo e *Casa da Irmandade do Império*, depois pela *Igreja de São João Batista* construída em 1726, elevada em relação ao caminho, e reconstruída no mesmo local em 1829 tal como hoje se pode ver. Aqui, um painel em azulejo, lista o nome dos sanjoanenses que combateram nas ex-províncias ultramarinas, e um busto homenageia Mons. José Pe-



reira da Silva, nascido nesta freguesia em finais do séc. XIX. Logo depois está o *Império de S. João*.

Continuando, chega ao antigo *Pesqueiro de Santa Cruz*, onde hoje existe o porto. Em 1893, um ciclone destruiu habitações e estruturas, botes e equipamentos de que dispunha a Armação Baleeira aqui sedeadada, obrigando-a a mudar-se para a ilha do Faial. Esta é também a terra que viu crescer Genuíno Madruga, um homem do mar sobejamente conhecido nos Açores pelas 2 aventuras circunavegações (em 2000 e 2007) que empreendeu a *solo*, com o seu pequeno barco "*Hemingway*", em redor deste planeta de vastos oceanos. Foi o primeiro açoriano a consegui-lo.

Saindo daqui, continue para Leste percorrendo esta *Rua do Porto* até chegar a um local onde o caminho lhe oferece uma excelente vista sobre a zona portuária. Encontra aí uma placa a sinalizar a Ermida de Santo António. É atualmente o mais antigo templo religiosos da freguesia, segundo parece construído por volta de 1700. A ermida é, no entanto, privada e o acesso só será possível com o consentimento dos proprie-

PR15 PIC *Mistérios do Sul do Pico*

tários que moram junto da mesma. Mais à frente, desça para visitar a *Zona Balnear e de Lazer das Arinhas*, regresse à *Rua do Porto* e continue. Adiante saia deste caminho e siga pela direita, sempre junto ao mar, pelo antigo caminho da *Ponta Rasa* que o leva ao moinho. Este *Moinho da Ponta Rasa* é um dos dois que foram recuperados, de entre os sete que a freguesia possuía. Embora não possa entrar no seu interior pode subir a escada de acesso e tirar umas bonitas fotografias.

Nova crise eruptiva teve início a 10 de julho de 1720, precedida de numerosos sismos, resultando no rebentamento de “*dezasseis bocas nas faldas do Pico, por detrás do cabeço do Soldão*”, que consumiram terras e vinhedos destruindo 30 casas e formando o *Mistério da Silveira*. É através desse *Mistério* que se desenvolve agora o que resta deste percurso pedestre.

Vai percorrer agora um troço de 230 m na estrada regional, passando por um terreno que já serviu para a prática do futebol e do motocross, e vira um pouco depois, no primeiro caminho de terra à sua direita. Está agora num caminho secundário ladeado por matas onde se refugiam pássaros cantores, que terá de percorrer numa extensão de cerca de 1930 m. É aí que deverá encontrar sinalização a indicar-lhe um acesso à rocha do mar, para fazer um troço de 350 m no litoral, na mesma direção. Tenha cuidado porque as rochas escoriáceas, por vezes soltas, requerem grande atenção da sua parte. Ao longe avista as *Lajes* e a *Ponta do Castelete*. Um sinal indica-lhe que deve abandonar este piso difícil e irregular, voltando ao caminho.

Continue outros 550 m até chegar a um poço de maré (conhecido por *Fonte da Silveira*) com data de 1941. Fechado com uma tampa, instalaram-lhe uma bomba para continuar a retirar água. Ao lado está uma zona de merendas. Está agora no lugar da *Fonte*. Logo à frente está um *campo de vólei de praia*. Começa o asfalto. Suba um pouco esse caminho e vire à direita. Aí poderá encontrar um pequeno bar com esplanada, junto à descida para a *Zona Balnear da Fonte*, com balneários, uma piscina natural e varadouro. Continue pelo caminho de asfalto por entre metrosideros e rochas negras... tempo ainda para ver mais um poço de maré à sua esquerda.

Chega a um caminho principal, continue na mesma direção até passar as casas da *Aldeia da Fonte*, um empreendimento turístico da ilha do Pico. Continuando, vai reparar numa vereda estreita, à sua direita, sinalizada como *Pesqueiro Pau Rodrigues*. Seguindo por aí, entronca num bem cuidado e preparado trilho, mantido pela *Aldeia da Fonte*, com boas proteções nas zonas de maior risco. Depois desta visita, regresse pelo mesmo percurso, novamente até ao caminho, para continuar a caminhar até chegar à estrada, junto a uma bomba de gasolina. Avance uns metros mais para a direita e termine este percurso junto ao Império da Silveira. O templo ao Espírito Santo, erguido em 1723 como pagamento de uma promessa feita aquando da erupção de 1720, para que as lavas não atingissem este lugar da Silveira, terá dado lugar ao atual construído já no século XX. Mesmo ali ao lado pode ainda visitar a Igreja de São Bartolomeu, começada a construir em 1878.

TRILHOS DOS AÇORES



PR18 PIC

Nove Canadas da Ribeirinha

Dificuldade: Fácil Extensão: 10 km Duração: 4:00h Forma: Linear



Início do trilho
38° 26' 39.15" N;
28° 6' 52.18" O



Elevação



Zona balnear

Parque Natural do Pico



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Paisagem Protegida



PR18 PIC *Nove Canadas da Ribeirinha*

Inicie o percurso descendo o *Caminho da Atalhada* mesmo junto ao painel de início de percurso. Está no antigo caminho que ligava a população da *Freguesia da Ribeirinha* à vizinha *Freguesia de Santo Amaro*.



O piso, hoje encoberto pelas ervas, era necessariamente empedrado para facilitar a circulação dos carros de boi e carroças, cujas rodas deixaram, aqui e ali, sulcos gravados no chão rochoso, como prova da sua passagem. O caminho está ornamentado com um misto de espécies arbóreas, onde não faltam exemplares da floresta *Laurissilva* dos Açores, como *Ilex perado ssp. azorica*, *Vaccinium cylindraceum* e *Laurus azorica*, que, junto com *Erica azorica* se dobram sobre o caminho, obrigando a que também o façamos. Passa por uma pequena mata de criptoméria e continua a descer este fresco e ensombrado caminho. Ao longe, no mar, depois de acabar a ilha de S. Jorge pode observar à sua direita, por detrás e de forma menos nítida, a ilha Terceira. Por aqui avistam-se muitos *milhafres*, erradamente assim chamados porque pouco ou nada tem a ver com essa espécie, estando este género *Buteo* mais próximo das águias.

Junto a uma velha casa em ruínas siga sempre em frente, não subindo nem descendo outros caminhos que vão surgindo. As cisternas, uma obrigação numa ilha onde os problemas de água sempre foram preocu-

PR18 PIC *Nove Canadas da Ribeirinha*

pantes, surgem nas pastagens com tipologias de construção diferente do habitual. Chega à *Ladeira da Terra Alta*, em asfalto. Atravesse-a e continue a descer a continuação deste antigo caminho, avistando as primeiras casas do lugar da *Terra Alta*, desta *Freguesia da Ribeirinha*. Tenha em atenção que, antes de chegar à primeira casa, deve virar pela vereda à sua esquerda, cruzando novamente a *Ladeira da Terra Alta* e entrando, em frente, na *Canada da Rocha*, um caminho rural que o vai levar ao *Miradouro do Alto dos Cedros*. É um desvio de 400 m, por um caminho que praticamente não desce nem sobe. Na parte final transforma-se numa vereda, sob coberto de uma mata e, num repente, já está no miradouro. Se reparar bem, esta vereda continua a descer a arriba até ao mar. Do miradouro avista-se apenas a costa norte para o lado de S. Roque. Em primeiro plano veem-se as casas junto à *Baía do Canto*, depois as da *Praia* e ao longe as de S. Roque.

De regresso à *Ladeira da Terra Alta* desça umas centenas de metros e, depois de fazer uma curva e contracurva, desça à esquerda pelo *Caminho da Fonte*. Embora não chegue até lá, era por este caminho rural que a população antigamente ia a uma nascente na arriba, conhecida pela *Fonte*, buscar água para consumir. A descida acentuada faz-se entre terrenos agrícolas, alguns dos quais aparentemente abandonados, invadidos por grandes manchas de funcho espigado. Chegamos a uma zona de vinhas onde este caminho curva à direita, prosseguindo até junto de um grande castanheiro, logo antes de um caminho de betão que deverá subir. Uns metros acima o caminho curva à esquerda, junto a uma casa antiga, hoje um palheiro, mas que antigamente terá servido de escola, o que parece incrível se atendermos à sua dimensão e ao afastamento do centro da povoação.

Logo depois chega ao *Caminho da Quebrada*, que deverá descer apenas um pouco, continuando em frente pelo caminho de terra. Surgem ainda mais alguns castanheiros antes de entroncar no *Caminho dos Vais* que deve subir encontrando uns *Cupressus* pouco comuns neste contexto. Depois de passar por um antigo campo de futebol chega à estrada, mesmo ao lado da garagem de autocarros da empresa *Cristiano Limitada*.

Vai atravessar agora o centro da Ribeirinha, a mais jovem freguesia da ilha, elevada a essa categoria em 1980. A *Casa do Povo* com a valência também de *Centro Comunitário* tem ao lado um chafariz com data de 1955, encimado por uma placa que agradece a quem contribuiu para fazer chegar aqui a rede pública de água canalizada. Em frente está a *Igreja de Santo Antão*, templo que se pensa ser anterior à própria igreja da Piedade que data de 1756 e da qual era sufragânea, e logo de seguida a larga *Ribeira do Fundo*. Continuando, tem à sua direita a *Carpintaria do Largo da Igreja*, um complexo industrial constituído por uma oficina, com a sua fachada atípica e edifício anexo para secagem de madeira. Logo depois está o *edifício da Junta de Freguesia*, o *Império* construído em 1928 e do outro lado da estrada o parque de estacionamento do *Largo do Império* onde está uma homenagem àqueles que desta terra saíram a combater nas províncias ultramarinas.

Continue em frente até encontrar a *Canada da Ladeira* que começa em defronte a outro chafariz, também de 1955. Desça até ao fim das casas

PR18 PIC *Nove Canadas da Ribeirinha*

e continue na terra batida, primeiro com muitos *Pittosporum undulatum* e depois através de um terreno de orografia bastante irregular, com currais de vinha onde os muretes fazem, como habitualmente, desenhos na paisagem. Vêm-se algumas árvores de fruto, nomeadamente figueiras e ameixeiras. O caminho inclina-se para a esquerda e continua a descer até chegar ao caminho de asfalto no lugar *Ao Foro*, onde deve virar à esquerda. Esta unidade paisagística é marcada pelos referidos muros de pedra dos currais, terrenos de pastagem e maroiços, com algumas adegas e palheiros dispersos pelos terrenos.

Avance apenas uns metros no asfalto entrando à direita na *Canada do Mar*, um caminho de terra batida que desce até à orla costeira. Começa por ouvir o mar a enrolar nos calhaus, para logo depois ver a escadaria tosca que o leva à *Baixa da Ribeirinha*. Aqui, um cais em cimento, uma ampliação recente, assente sobre uma estrutura original em pedra, permite a operacionalidade de pequenas embarcações na atividade piscatória, funcionando ainda como zona balnear com bar de apoio e churrasqueiras. Ao deixar este local pode apreciar uma extraordinária densidade de plantas endémicas de litoral no talude do caminho: em menos de 2 m² está presente a *Azorina vidalii*, *Festuca petraea*, *Pericallis malvifolia*, *Euphorbia azorica*, *Hedera azorica*.

Ao passar as primeiras casas vire à esquerda fazendo o caminho do litoral, onde surgem outras (falsas) *adegas*. Vai encontrar uma bifurcação: desça seguindo os postes de eletricidade em madeira. O caminho acaba junto a uma casa isolada. Avance cerca de 10 m sobre as rochas em frente, para logo de seguida virar à direita por uma antiga vereda, bem murada, com menos de 1 metro de largura. Sob a frescura da vegetação, vemos os muros dos antigos currais de vinha abandonados. Andamos inicialmente sobre a pedra, por vezes sobre lajidos, mas quando a subida se torna muito íngreme são as raízes dos *Metrosideros excelsa* que fazem os degraus sobre os quais subimos. Algumas curvas depois, e em planos menos inclinados, a vereda alarga saindo num caminho de bagacina, em zona de vinhedos. Na próxima bifurcação opte por seguir pela direita até às casas, já em piso de asfalto. Suba mais uns metros até chegar a outro caminho seguindo aí para a esquerda por algum tempo, até encontrar um largo caminho secundário à sua esquerda por onde deve seguir. Mais abaixo vire à direita entrando pelo caminho que atravessa a mata. A partir daqui, se encontrar ramificações siga sempre pela esquerda, e em breve estará a descer de forma mais acentuada, agora por uma vereda estreita e de muros anormalmente altos, certamente para proteger, noutros tempos, as vinhas do *rossio* do mar (ou ventos salgados).

Chega acima das rochas negras da *Ponta das Trombetas*, junto ao mar. Siga para a direita, em direção à *Zona Balnear do Calhau*, pertencente já *Freguesia da Piedade*, tomando a máxima atenção onde coloca os pés. Em breve chega junto da piscina, campo de vôlei e bar de apoio à zona balnear. Continue um pouco mais até ao *Largo do Calhau*, onde encontra o porto, e onde termina este percurso e começa outro (para mais informações veja a descrição do percurso PR3 PIC - Porto do Calhau/Manhenha).

TRILHOS DOS AÇORES



PICO

PR19 PIC

Caminho das Lagoas

Dificuldade: Fácil Extensão: 22 km Duração: 7:00h Forma: Linear



Início do trilho

38° 28' 16.45" N;
28° 17' 59.88" O



Geossítio



Elevação

Parque Natural
do Pico



Área Prot. para a Gestão
de Habitats ou Espécies



Reserva
Natural



Paisagem
Protegida



PR19 PIC *Caminho das Lagoas*

O percurso inicia-se na estrada transversal que liga o concelho de São Roque ao concelho das Lajes pelo interior da ilha, junto à Casa do Guarda Florestal da Serra da Junqueira – Corre Água. Aqui começa o *Caminho das Lagoas*, um caminho asfaltado que parte daqui para Leste.

Vai passar pelos muitos cabeços que existem nesta região elevada e antiga da ilha. É ainda, sem dúvida alguma, uma das mais ricas e importantes áreas de património natural dos Açores, seja em termos de ecossistemas, *habitats* e espécies.

Devido à sua geomorfologia a ilha do Pico possui grande abundância de pequenos charcos, mas também algumas lagoas de dimensões simpáticas embora, pouco profundas, em particular no interior dos numerosos cones de escórias que dominam esta região do *Planalto da Achada*. Já há quem tenha identificado nesta ilha cerca de 30 lagoas.

Enquanto se afasta da montanha começa a percorrer este planalto central, uma cordilheira vulcânica de quase 30 km de comprimento, de orientação grosso modo Oeste-Este, com 190 pequenos vulcões, sejam fissuras eruptivas, cones de escórias ou cones de salpicos de lava (*spatter*), estando por vezes alguns desses cones com as suas crateras ocupadas por pequenas lagoas temporárias. Outras lagoas, por onde irá passar, mantem água livre todo o ano, dando uma importância acrescida a esta paisagem, nomeadamente possibilitando a paragem de aves migratórias.

De uma forma geral, ao longo de todo percurso, o caminho ajuda a dividir um mosaico formado pela vegetação natural de grande valor patrimonial e de prados seminaturais de altitude invadidos muitas vezes por *Juncus acutus* e outras espécies. Esses fragmentos de vegetação mantêm intactas as comunidades naturais de montanha que caracterizam estes *habitats*. Podemos apreciar indivíduos de diferentes espécies dessa flora primitiva mesmo ao lado do caminho. É uma laurissilva caracterizada por *Ilex perado ssp. azorica*, *Laurus azorica*, *Frangula azorica*, *Vaccinium cylindraceum*, e muita *Erica azorica* à mistura. Num local tão rico, os próprios muros de pedra revestem-se de líquenes brancos, contrastando com os diferentes verdes dos fetos e da restante flora.

Passa pelo ramal de acesso ao tentadeiro de Fernando Bettencourt. É aqui, junto ao *Cabeço do Redondo* que este picoense de alma brava detém umas dezenas de cabeças de gado bravo, que compõe aquela que é a primeira ganadaria da ilha. Logo depois, avista os 8 aerogeradores do *Parque Eólico Terras do Canto*.

Os coelhos atravessam despreocupadamente o caminho enquanto chega ao início de outro percurso, o PR2 PIC - Caminho dos Burros (vertente norte), 2,4 km após ter iniciado a sua caminhada. Poderá sempre fazer este outro percurso noutra dia. Hoje, vai continuar neste caminho, passando por uma cancela canadiana (uns tubos colocados no chão que permitem a passagem dos carros e, de forma muito eficaz, impedem a transposição do gado, cujos cascos não encontram uma base de apoio segura nestes tubos redondos). Entrou na *Reserva Florestal Natural Parcial da Lagoa do Caiado*. O caminho fica mais irregular, com mais curvas, enquanto vão surgindo alguns lagoeiros de pequenas dimensões aqui

PR19 PIC *Caminho das Lagoas*

e ali. Na base da *Cabeço do Landroal*, à sua direita, um desses charcos, quase fechado pela vegetação flutuante, recebe frequentemente a visita de algumas aves migratórias que vem aqui repousar e alimentar-se, como a Garça-real (*Ardea cinerea*). Depois de passar o parque eólico vai encontrar, de um e outro lado do caminho, vários indivíduos de *Euphorbia stygiana*, uma das mais interessantes espécies da flora endêmica açoriana. Os *Juniperus brevifolia* vêm-se agora em maior número junto com *Hedera azorica* e *Culcita macrocarpa*.

Finalmente começa a avistar o caminho para a *Lagoa do Caiado*, a maior que a ilha do Pico possui, com uma área de cerca de 5,5 ha e menos de 5 m de profundidade. Um pouco à frente desça pelo ramal da esquerda. Na descida encontra a *Lagoa Seca*, mais escondida, que apesar do nome possui águas translúcidas a deixar ver o fundo. Continue a descer até junto do açude da *Lagoa do Caiado* e volte para trás.

Novamente na bifurcação continue no caminho das lagoas em direção aos *Grotões*, nome dado a um vulcão que se distingue pela sua dimensão na paisagem à sua frente, contornando-o. A vista daqui é soberba sobre a ilha de S. Jorge, que se vê em toda a sua extensão. O caminho chega a nova bifurcação, junto a dois grandes buracos. Siga primeiro pelo ramal da direita que o fará descer até à *Lagoa do Paul*. O caminho que desce até a esta lagoa tem 2,5 km de comprimento, que terá de voltar a fazer no regresso. A lagoa, assim como a sua área envolvente, é composta por pastagens povoadas de espécies típicas de zonas húmidas, e por matos de *Juniperus* e *Erica*. Por aqui é possível observar com facilidade aves de vários géneros como *Scolopax* e *Gallinago*, *Anas* e limícolas migradoras e muitas mais.

De regresso ao caminho, prossiga até avistar a parte sul da ilha, e o *Vulcão do Topo* que retém as águas da *Lagoa do Paul*. Está a entrar na *Reserva Florestal do Caveiro*, uma área protegida de elevado interesse em termos de conservação da natureza. Estamos perante a chamada floresta-de-nuvens onde ganham vantagem os *Juniperus*.

Continuando, e depois de ter passado alguns charcos, no ponto mais elevado do caminho, vai acabar encontrando o miradouro e a *Lagoa da Rosada*, de forma menos circular, e rodeada de pastagens permanentes de altitude. Percorra mais 800 m até encontrar uma bifurcação. Siga em frente, no sentido "Piedade-Terra Alta" de acordo com a placa, para logo adiante começar a ver a *Lagoa do Peixinho*, com cerca de 9 m de profundidade, sendo assim a mais profunda da ilha do Pico.

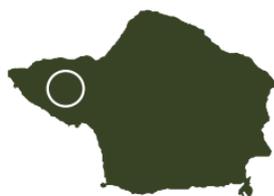
Algum tempo depois chega a um entroncamento, onde uma velha placa indica o sentido da "Terra Alta" que deverá tomar, seguindo em frente. Quando o caminho começa a descer de forma mais acentuada encontra uma bifurcação: vire à esquerda e continue a descer. Mais abaixo entronca no seu caminho outro que vem da esquerda. Continue, no entanto, em frente. No cruzamento seguinte vire à esquerda, no sentido "Terra Alta". O percurso acaba quando chega à estrada principal, afastado de qualquer povoamento, onde encontra uma excelente vista para a ilha de S. Jorge e o início do percurso pedestre PR18 PIC - Nove Canadas da Ribeirinha.



FAIAL



TRILHOS DOS AÇORES



FAIAL

PRC1 FAI

Capelo - Capelinhos

Dificuldade: Médio Extensão: 5 km Duração: 1:30h Forma: Circular



Início do trilho

38° 35' 32.89" N;
28° 47' 47.96" O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural
do Faial



Área Prot. para a Gestão
de Habitats ou Espécies



Paisagem
Protegida



PRC1 FAI *Capelo - Capelinhos*

Este é um percurso que o levará a caminhar sobre alguns dos *cabeços* da *Freguesia do Capelo*, alinhados pelos fenómenos vulcânicos que fizeram crescer a ilha. *Cabeços* é o nome tradicionalmente atribuído no Faial aos cones basálticos monogenéticos erigidos pelas erupções vulcânicas.

O percurso tem início no cimo do *Cabeço Verde*, com 488 m de altitude, lugar onde poderá deixar a sua viatura. Começa o passeio fazendo o caminho que circunda a cratera coberta de vegetação, seguindo no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Lá em baixo o recorte da *Baía das Cabras*, com as casas da *Fajã da Praia do Norte* a anteceder a arriba que se prolonga até ao *Alto da Baleia*. Depois de fazer metade deste caminho, que coroa este cabeço, aparece-lhe a Noroeste o *Cabeço do Canto* em primeiro plano e, mais distante, os *Capelinhos*. Depois, é toda a costa sul desta parte da ilha que se nos apresenta. Quando acaba a



volta vê, na subida para o topo da *Caldeira*, o *Cabeço do Fogo*, formado pela erupção histórica de 1672. Não custa agora perceber que está em cima de um alinhamento de cones vulcânicos, o último dos quais é o dos *Capelinhos*, surgido em 1958, num passeio totalmente inserido na *Área de Paisagem Protegida da Zona Central*.

Começa depois uma descida de 750 m, pelo *Caminho de Penetração do Cabeço Verde*. A esta altitude são comuns espécies como a *Woodwardia radicans*, um feto de grandes folhas pendentes que se mistura nos taludes com as hortênsias, a hera endémica destas ilhas e várias outras

herbáceas. Nas cicatrizes dos taludes do caminho, observamos a verdadeira natureza deste vulcão: sob o coberto verde dos montes escondem-se escórias vermelhas e rocha rija.

Quando o caminho faz a sua primeira curva à esquerda abandone-o, seguindo por uma vereda que o irá levar até à *Furna Ruim* e depois ao *Caldeirão*. Começa por descer uma escadaria com corrimões toscamente elaborados, entre *Ilex perado ssp. azorica*, *Picconia azorica*, *Vaccinium cylindraceum*, *Hypericum* e *Woodwardia*, apercebendo-se que à sua esquerda o mato de *Pittosporum undulatum* tapa algo escuro e profundo... a *Furna Ruim*. Um pequeno miradouro está pronto a revelar uma parte desta criação da natureza. A dimensão deste algar de vertentes abruptas e profundas é assustadora. Mesmo ali, um musgo da espécie *Neckera intermedia*, pouco frequente nas ilhas dos Açores, forma expressivas cortinas que revestem e pendem dos ramos.

Continue debaixo dos *Pittosporum undulatum* durante 20 m e verá a vereda a dividir-se em duas, sendo na realidade a mesma, que circunda o *Caldeirão*. Siga agora pela esquerda, pela parte mais sombria pois no regresso poderá fazer a outra *metade*. Chegado novamente ao sol tem um pequeno miradouro à sua direita. A cratera denominada *Caldeirão* está aos seus pés e o cabeço adiante é o *Cabeço do Canto*, o seu próximo objetivo. Ao fundo começa a revelar-se o *Vulcão dos Capelinhos*. Contornando o *Caldeirão* desça por uma vereda, por vezes de declive acentuado, até chegar ao caminho.



VULCÃO DOS CAPELINHOS

É uma erupção vulcânica do tipo surtseiana, parte integrante do complexo vulcânico do Capelo, encontrando-se no fim de um alinhamento de cones, de orientação NW-SE. As erupções que lhe deram origem mantiveram-se entre 27 de setembro de 1957 e 24 de outubro de 1958. Não houve perdas humanas a registar mas a erupção e a crise sísmica a ela associada, destruindo habitações e inutilizando campos agrícolas e pastagens nas freguesias vizinhas, contribuíram para uma quebra demográfica na ordem dos 50% em consequência da emigração que se registou para os Estados Unidos da América.

A erosão acentuada que se fez sentir desde 1958 reduziu este vulcão para cerca de 65% da sua área inicial. No entanto, este é um vulcão ainda ativo, onde ocorre libertação de vapor de água e gases tóxicos a temperaturas elevadas por um respiradouro situado na zona norte.

O farol, que marca o antigo limite de terra firme antes da erupção, pode agora ser visitado. Junto ao farol encontra-se o *Centro Interpretativo do Vulcão dos Capelinhos*.



PRC1 FAI *Capelo - Capelinhos*

Obedecendo à sinalética atravessa o caminho e inicie nova subida, à conquista do *Cabeço do Canto*. Suba sob um mato alto de *Pittosporum undulatum* e *Erica azorica*, que dão sombra a alguns *Myrsine africana* que invadem o caminho e a uns raros *Pteris incompleta*: fetos que apresentam a particularidade de terem as folhas subdivididas na base... um exclusivo desta espécie, pelo menos por estes lados. Prepare-se, pois a subida final deste *cabeço* é íngreme e feita em chão escorregadio, apesar da ajuda de alguns degraus em madeira. Chegado ao cimo contorne a cumeeira pela direita, num chão duro onde praticamente mais nada cresce. Quando chegar ao marco geodésico, colocado sobre os 346 m de altitude, tem uma panorâmica excepcional do *Vulcão dos Capelinhos* e do farol que o viu crescer.

Sugere-se que, chegado aqui, se faça o percurso inverso até ao ponto de partida. No entanto, como é possível continuar descendo para Oeste, fazendo a parte final do percurso PR6 FAI - Trilho dos Dez Vulcões, poderá optar por essa alternativa, seguindo então até ao *Centro Interpretativo do Vulcão das Capelinhos*.



TRILHOS DOS AÇORES



FAIAL

PRC2 FAI

Rocha da Fajã

Dificuldade: Fácil Extensão: 5 km Duração: 2:00h Forma: Circular



Início do trilho
38° 36' 21.52" N;
28° 45' 4.66" O



Ponto de interesse



Zona balnear

Parque Natural do Faial



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PRC2 FAI *Rocha da Fajã*

Tendo por cenário de fundo o *Cabeço do Fogo*, este percurso começa na *Freguesia da Praia do Norte*, onde a *Rua da Arramada* entronca com a estrada regional. Depois das primeiras casas vire à direita, seguindo pela *Rua do Cemitério*. Como o nome indica rapidamente encontra o cemitério com a sua capela de 1889.



Continue a descer por entre terrenos agrícolas, aparentemente com fraca aptidão para esta atividade. Por aqui cultiva-se predominantemente milho com muitas canas à mistura, ou não estivéssemos nós na ilha do Faial, onde por falta de pedra para erguer muros podemos ver as canas e as hortênsias a compartimentar os terrenos agrícolas.

Adiante chega a um entroncamento de 2 caminhos: um que o levará à vereda que desce para a fajã, e o outro que o trará de regresso, por outra vereda. Passamos por alguns tanques de água esverdeada sem se ouvir as habituais rãs... apenas se ouvem as máquinas na pedreira que

existe na fajã. Chegamos a uma pequena pastagem, de conformação quadrangular, ladeada de *Phormium tenax* e *Buxus sempervirens*, que dá entrada a uma antiga vereda de acesso à fajã, desenhada na rocha pela necessidade do Homem.

Começamos a ter os primeiros vislumbres sobre as casas e terrenos lá em baixo. Os milhafres sobrevoam esta área. Os tufos de *Carex hochstetteriana*, o *Polypodium azoricum*, a *Hedera azorica*, o *Smilax divaricata*, a *Lysimachia azorica* e a *Picconia azorica*, todas endémicas, são, junto com o *Asplenium hemionitis* (um feto de folhas estreladas) as notas mais interessantes da flora existente.

É na realidade uma descida muito agradável, com o sol a trespassar a copa de uma mata de árvores variadas: *Cryptomeria japonica*, *Populus sp.*, *Pittosporum undulatum*, *Morella faya*. Por vezes numa rampa suave, noutras com degraus em pedra, a descida em ziguezague torna-se fácil e segura. A cada cotovelo da descida, por vezes com pequenos desvios para esse efeito, é possível tirar algumas fotografias panorâmicas sobre as casas da fajã e as lavas da costa.

Mais perto do fim passa por um fontanário de 1937 dedicado a *Nossa Senhora da Rocha*, e começa a ver vinha semisselvagem a trepar sobre as árvores, agarrando-se com as gavinhas aos ramos para não deixar cair os cachos.

Acabamos a descida junto à *Ribeira do Serrado Novo*. O percurso prossegue agora descendo a *Rua das Adegas*. Na fajã algumas adegas estão bem recuperadas, transformadas nas casas de veraneio, ou permanentes, de alguns faialenses. Outras adegas mantêm a sua função original, pois este é ainda um lugar de produção de vinho. Finalmente, pode apreciar a *Rocha da Fajã* por onde desceu, que mostra no cimo o peque-



CERCA

Será, porventura, o prédio mais antigo que existe na fajã atualmente, e provavelmente o primeiro que aqui foi construído, na década de 1760. Este prédio de 150 alqueires (sensivelmente 14,5 ha), com uma grande frente para o mar, recebeu esse nome por ser murado em toda a volta com altas paredes de pedra, muitas das quais ainda subsistem. Possuía grandes portões de entrada em diversos locais da “cerca”, um dos quais junto ao porto, no início do caminho que o levará na sua viagem até ao importante conjunto habitacional e agrícola deste prédio. À noite, todos os portões, alguns com os seus típicos “martelos”, eram fechados ... isolando por umas horas a Cerca do resto da ilha. Um deles, nas costas da verga do portão, revela a data de 1761, provavelmente a mais antiga que pode ser observada.

As grandes produções eram: o vinho, principalmente verdeho, chegando a produzir num ano 30 pipas de vinho, e o milho, também de muito cultivo, com que se fazia o pão, pois eram muitas as bocas a alimentar. Disso dão nota os fornos que existiam... agora em ruínas.

PRC2 FAI Rocha da Fajã

no vale por onde a *Ribeira das Cabras* se precipita.

Começa a ouvir o mar a enrolar nos seixos e chega ao parque de estacionamento, que dá acesso ao areal da praia da fajã, zona balnear não vigiada conforme informação patente, mas muito procurada, inclusive para a prática do *surf*. Possui instalações sanitárias públicas.

Seguindo um pouco mais por esta estrada marginal passa pelo modesto *Parque da Fajã*, onde poderá merendar sentado à sombra de um *Salix* ou beber da água do pequeno fontanário ali colocado. Continuando, encontra um *poço de maré* de 1768, que pertencia à “*Cerca*” (de que falaremos adiante) coberto com uma rede após o sismo de 1998, que terá deslocado algumas pedras e criado algum risco.

O percurso continua virando imediatamente à esquerda por um antigo caminho, mas caso o pretenda, pode seguir em frente mais 150 m para visitar o *Porto da Fajã*, onde um chafariz com tanque mata a sede a canários-da-terra e pardais que aqui vêm beber. Alguns passadiços em cimento sobre as lavas negras do porto ajudam no acesso principalmente dos pescadores que querem chegar aos seus pesqueiros.

De volta ao referido caminho vai seguir por entre pequenas parcelas de terreno com diversas culturas, compartimentadas por sebes de *banksia* e canas. A maioria tem pastagem ou milho, mas ainda se veem cultu-



ras como a batata-doce e vinha. Estes terrenos pertenciam à “*Cerca*”, tal como um comprido e antigo palheiro, todo em pedra com uma porta e três janelas, à direita do caminho, que ainda serve de arrumos.

Nada nesta fajã existia anteriormente a 1672. A existir uma fajã, seria certamente muito menor e provavelmente formada por materiais de queda proveniente da arriba. O que ela hoje é, resulta das escoadas lávicas da erupção histórica que nesse ano rebentou no *Cabeço do Fogo*. Para o outro lado da ilha, onde agora é o *Varadouro*, também correu a lava e igualmente esprou no mar formando plataformas aéreas de rochas nuas, ficando temporariamente o lugar do Capelo isolado do resto da ilha, com as suas 45 casas e 160 moradores. Mas o engenho humano rapidamente tirou o melhor partido de mais esta adversidade imposta pela natureza. Nos terrenos onde as lavas tinham lavrado, cultivou-se vinha e nos solos mais evoluídos fazia-se milho.

Ao entrar num pátio, com construções a toda a volta e um grande portão por onde irá sair, fica com a sensação de que está dentro de uma propriedade privada, e de facto está... aqui era o coração da *Cerca*. À sua direita um conjunto de edifícios contíguos, que serviram de adega (e ainda servem) e atafona para moer o grão, com umas grandes pedras no exterior a fazer de bancos. A maior destas era a verga do Portão de Baixo que dava saída deste pátio para o caminho que levava ao porto, por onde subiu. As outras eram do primeiro lagar que existiu, quando as uvas eram ainda pisadas pelos pés dos trabalhadores e que, entretanto, foi desmontado nas primeiras décadas do século XX, altura em que foi instalada uma prensa.

Numa das vezes que lá fui recebeu-me o casal Maria Emília e António Medeiros, proprietários de parte dos terrenos da antiga *Cerca* que tiveram a amabilidade de me fazer uma visita guiada. No interior da adega, chamaram-me a atenção para as traves e para o fuso da prensa, em madeira de pau-brasil “*vermelha e rija*”, que era trazida pelas naus e caravelas, desembarcada na doca da Horta e comprada apenas pelos “*Senhores com posses para tal*”. A atafona tem dois andares: em baixo moía-se o milho e em cima dormia o feitor desta quinta e alguns dos seus trabalhadores. Ainda por lá anda uma mó a fazer de mesa, sobre um pedestal de cimento incrustado com as conchas das lapas que o Sr. António ia apanhar num barco a remos, numa baixa perto do farol... isto antes de haver *Capelinhos*. Há aqui uma grande cisterna, isolada das casas, capaz de armazenar 109 pipas de água (mais de 45 000 litros) e outra, no seguimento da adega, a que se pode subir servindo também de mirante. Essa água era em parte usada nos 2 alambiques que havia, fazendo da aguardente outro produto com expressão nesta quinta.

Ao sair da *Cerca* depara-se com a *Ermida de N.ª Sr.ª da Penha de França*. Reza a história que na França do séc. XVIII, numa perseguição que houve à Igreja, a Rainha terá mandado encaixotar as imagens dos santos e largar ao mar, e assim se justificaria terem (supostamente... ou como rezam inúmeras tradições nos Açores) dado à costa no areal da praia da *Fajã* esta imagem da Nossa Senhora. A população terá tentado levar a imagem às costas para a igreja da *Praia do Norte*. Estranhamente, terá

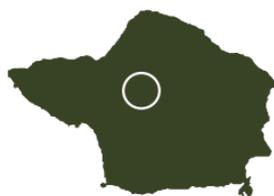
PRC2 FAI *Rocha da Fajã*



a imagem ficado tão pesada que não mais a puderam carregar os homens que a transportavam. Vendo nisso um sinal divino de que a “*Santa não queria sair da fajã*”, voltaram para trás e edificaram aqui, em 1790, esta ermida.

Suba agora a *Rua da Ermida* e vire à esquerda na *Rua do Porto*. Adiante vire de novo à direita para a *Rua de Portugal*. Passando pelas últimas casas que vai ver na fajã começa a subir no asfalto até um reservatório de água, aparentemente abandonado, vizinho de um conjunto de colmeias, instaladas no terreno em frente. A marca para virar à esquerda só tem efeito umas dezenas de metros adiante. Uma placa indica “*Praia do Norte 1,5 km*”. Entre nessa vereda, conhecida como *Ladeira dos Burros*, que o irá levar de regresso ao topo da rocha, agora por um caminho menos íngreme. Esta é uma zona de castanheiros e de caniços, alguns dos quais poderão ter saído daqui para servir na *pesca de calhau*. A vereda fica mais estreita, continua a serpentear entre os postes de média tensão e, com facilidade, atinge o topo da rocha. Siga esta vereda de servidão aos terrenos agrícolas, passando junto a algumas das casas mais antigas da *Praia do Norte*. Chegando ao caminho vire à esquerda, novamente à esquerda mais adiante, cruzando o leito de um dos afluentes da *Ribeira do Serrado* onde vê os arcos da ponte construída em 1886 na estrada regional, mais acima. Rapidamente reencontra o caminho já anteriormente percorrido. Faça-o no sentido inverso e regresse ao início, terminando assim esta caminhada.

TRILHOS DOS AÇORES



FAIAL

PR3 FAI

Levada

Dificuldade: Fácil **Extensão:** 8 km **Duração:** 2:30h **Forma:** Linear



Início do trilho

38° 36' 6.02" N;
28° 42' 33.84" O



Elevação



Geossítio



Ponto de interesse

Parque Natural
do Faial



Reserva
Natural



Paisagem
Protegida



PR3 FAI *Levada*

Convém começar por referir que este percurso requer calçado adequado, pois existem vários troços lamacentos ou com poças de água, não sendo por vezes fáceis de contornar. Deve levar também uma lanterna ou, no mínimo, um telemóvel que possa iluminar a sua passagem por um túnel que terá de atravessar.

Este trilho tem início no *Alto do Chão*, na encosta norte da *Caldeira*, onde o caminho dos automóveis acaba e começa uma subida noutra de piso em material solto, que o levará até uma *Levada*, razão que dá nome a este percurso. O percurso começa aqui..., mas não a *Levada*. Essa começava uns quilómetros mais atrás, no sentido oposto àquele que vai seguir. Ainda assim, nos próximos 6 km irá acompanhá-la.

O sismo de 1998 produziu danos significativos, quer na *Levada* quer nas encostas a montante. Cerca de 4/5 da *Levada* foi destruída, soterrada ou invadida por vegetação. Em 2010 o Parque Natural do Faial iniciou a recuperação deste património histórico, tendo já reabilitado uma extensa parte da mesma e desobstruído a passagem, onde necessário, o que possibilitou a abertura deste trilho em 2014. Nos primeiros quilómetros há ainda algum trabalho a fazer, mas na metade final a *Levada* apresenta-se no seu melhor. É aí que podemos ver a água a correr no seu leito.

Continuando a caminhar, a *Levada* irá levá-lo a passar junto a pastagens, através de matas e sobre pontes de altura considerável, construídas sobre os vales ravinosos das principais linhas de água. Depois de passar a primeira dessas pontes, encontra umas covas abertas no talude, talvez para os operários que construíam a *Levada* se abrigarem da chuva.

Depois de outra ponte de altura significativa, terá de atravessar um túnel que foi rasgado num manto espesso de pedra-pomes, que acumulou aqui de forma generosa tal como em vários locais do flanco deste vulcão da Caldeira. O túnel não é muito extenso, mas a calha a meio do chão leva as pessoas a andar nas suas bermas, fazendo com que possam arrastar parte do corpo nas paredes, eventualmente com alguma consequência. Dos 4 túneis que havia, hoje resta apenas este que era o primeiro. Os restantes terão desaparecido com as grandes derrocadas que ocorreram neste percurso, algumas centenas de metros à frente. A seguir ao túnel encontra uma das mais profundas ribeiras e pontes em arcada, onde podemos ver novamente as modernas estruturas em madeira e aço, que foram adaptadas a esses antigos aquedutos, a fim de permitir uma travessia segura e funcional.

Novamente na pastagem, vai encontrar aqui e em diversos sítios ao longo do percurso, uma sequência de lajetas espaçadas colocadas sobre a calha. A finalidade seria ajudar a progressão de quem tinha por missão vistoriar a levada, servindo agora quem a percorre para fins recreativos. Foram feitas para se andar sobre elas, mas obviamente que se impõe alguma atenção já que algumas delas têm algumas dezenas de anos.

A *Levada* apresenta-se bastante degradada e desaparece por completo quando somos obrigados a atravessar o largo vale do principal afluente da *Ribeira Funda*, onde uma derrocada de grandes dimensões, provo-

cada pelo grande sismo de 1998, obriga agora o pedestrianista a um desvio para que possa prosseguir, só possível com os degraus, escadas e corrimões que foram instalados nas vertentes.

Começa por descer uma primeira escadaria a que se segue uma rampa de pedra-pomes bastante solta que requer toda a sua atenção. No final vira à esquerda, subindo o vale da ribeira. Passa por umas condutas de água, em tubos de PVC encaixados uns nos outros, e chega a uma pequena placa que esclarece o caminhante sobre as circunstâncias em que se formam as “quebradas” ou deslizamentos de terrenos. Do lado oposto foram instaladas algumas dezenas de degraus, que o levam a subir até reencontrar a levada. Um pouco mais à frente tem ainda novo conjunto de escadas, para vencer outra derrocada agora de menores dimensões.

Continue a sua marcha e irá encontrar um dos vários tubos que traziam água até à calha, ainda a cumprir as suas funções. A partir daqui, à medida que avança, a *Levada* apresenta um fluxo maior, que engrossa com a chegada de mais água à calha, o que transmite uma sensação mais agradável.

É possível que tenha a oportunidade de ver ou ouvir algumas espécies da avifauna local, como *Scolopax rusticola* ou *Regulus regulus inermis*. Um pouco mais fácil será ver outras espécies de aves como *Turdus merula azorensis*, *Fringilla coelebs moreletti* ou *Passer domesticus domesticus*. Quanto à flora são várias as comunidades que poderá apreciar. De maior porte existem *Laurus azorica*, *Frangula azorica*, *Ilex perado ssp. azorica*, *Vaccinium cylindraceum* e *Juniperus brevifolia*. Segue-se *Myrsine africana*, a *Luzula purpureosplendens*, *Equisetum telmateia*, *Daboecia*



CENTRAL HIDROELÉTRICA DO VARADOURO

Na década de 50 do século passado começou a ser planeada e construída uma central de produção hidroelétrica no Varadouro, que seria alimentada pelas águas provenientes da encosta norte e ocidental da Caldeira. Para o efeito foi construído um canal em “U”. Essa Levada de paredes e chão cimentado, recebia por tubos de cimento e mais tarde de PVC as águas de vários pontos da encosta a montante. A água era encaminhada até um reservatório de 1000 m³ de capacidade e daí até à Central Hidroelétrica do Varadouro seguia num tubo. Após 4 anos de construção dá-se em 1964 a inauguração da Central e da Levada com cerca de 9,5 km de extensão construída aos 680 m de altitude. A energia produzida começou a alimentar uma linha de média tensão que a transportava até à cidade da Horta. Quer devido à fraca produção de energia elétrica, quer à frequente interrupção do caudal por fatores naturais, a produção foi suspensa em 1980. Foi reativada em 1988 mas a crise sísmica que assolou o Faial em 1998 teve por consequência a redução no abastecimento de água fazendo cair a produção para cerca de 1% de toda a energia elétrica produzida no Faial.

PR3 FAI *Levada*

azorica e alguns indivíduos da pequenina *Platanthera micrantha* uma orquídea endémica dos Açores. Como seria de se esperar num trilho húmido e sombrio como este, pode também esperar uma grande variedade de fetos, destacando-se pelo porte o *Dryopteris azorica*, *Woodwardia radicans* e *Osmunda regalis*, assim como tapetes de musgos fabulosos. Vai observar que ao longo da Levada surgem espaçadamente algumas comportas. Serviam para desviar a água da calha a fim de proceder à manutenção dos troços a jusante. Nas várias linhas de água que descem a encosta foi necessário encontrar soluções que impedissem que o seu regime torrencial danificasse a levada.

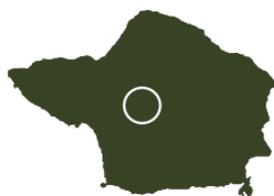
Chega ao *Caminho do Brejo*, o único caminho automóvel sob o qual passa a levada. Até aqui percorreu pouco mais de 4,2 km, faltando-lhe cerca de 2 km até chegar ao reservatório para onde se encaminha esta calha, na parte em que está melhor conservada. Está agora dentro da *Área de Paisagem Protegida da Zona Central*. Encontra a ponte mais emblemática desta *Levada*, pelas suas dimensões mas também pela vista que daqui se tem sobre o vale.

Em breve chega ao tanque, ou reservatório. As águas da *Levada* são aqui separadas dos detritos que transportam, enchendo este grande tanque de retenção que alimenta a central hidroelétrica.

Continue o seu percurso subindo o caminho de bagacina à sua frente até chegar a uma bifurcação. Faça um desvio, virando à esquerda, para visitar o *Cabeço dos Trinta*. Começa subindo o caminho florestal para mais acima abandoná-lo e seguir por uma vereda entre a vegetação que o levará a um inesperado túnel que atravessa este cabeço até ao interior da sua cratera. Pode percorrer este túnel sem iluminação, mas cuidado que o chão é irregular. No interior suba os atalhos curvando à direita e descendo para o exterior pelo bordo da cratera. Desça agora o caminho à direita regressando por onde havia subido e terminando os metros que lhe faltava fazer deste percurso.



TRILHOS DOS AÇORES



FAIAL

PRC4 FAI

Caldeira

Dificuldade: Fácil **Extensão:** 7 km **Duração:** 2:30h **Forma:** Circular



Início do trilho

38° 34' 49.44" N;
28° 42' 23.14" O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural do Faial



Reserva Natural



Paisagem Protegida



PRC4 FAI *Caldeira*

Este percurso pedestre tem como objetivo circundar a cumeeira, num trilho bem marcado no terreno. Como são frequentes os pedestrianistas a percorrê-lo estamos sempre perfeitamente orientados quanto ao local por onde iremos passar a seguir. A grande questão de segurança passa por não fazer o percurso se estiver nevoeiro, mesmo porque dificilmente poderá tirar prazer daquilo que ele tem para oferecer.



Chegado ao fim da estrada de acesso à *Caldeira*, antes de iniciar o percurso, pode ler o painel informativo, que contém preciosa informação sobre esta magnífica estrutura geológica e *habitats* associados. Aqui termina o percurso PR7 FAI - Caminhos Velhos e por aqui continua a GR1 FAI - Faial Costa a Costa, que vai coincidir com a primeira metade desta volta à *Caldeira*.

Embora circular, aconselhamos que o faça no sentido contrário aos ponteiros do relógio, iniciando o percurso para a direita. Um olhar para o exterior revela-lhe as encostas desta *Caldeira* que descem até ao mar e a majestosa ilha do Pico em toda a sua extensão. O percurso está sulcado no chão terroso pelos pés dos visitantes. Se for no verão poderá apreciar um verdadeiro *boom estival*: o branco das panículas e espigas das gramineas, dos trevos e do *Centaureum scilloides*; as flores amareladas dos *Lotus*, das *Parentucellia viscosa* e das *Lysimachia*, o roxo das *Prunella* e dos tomilhos, com tantas outras tonalidades e espécies à mistura.

De entre todas as espécies que habitam o topo da caldeira, será certamente possível observar facilmente a *Leontodon filii*, *Euphorbia stygiانا*, *Tolpis azorica*, *Lysimachia azorica*, *Juniperus brevifolia* - moldados pelo vento ascendente, *Vaccinium cylindraceum*, *Hypericum foliosum*, *Ranunculus cortusifolius*, *Erica azorica*, *Daboecia azorica*, *Ilex perado ssp. azorica*, *Holcus rigidus*, *Angelica lignescens*, *Myrsine africana* e *Festuca jubata*. O musgo endémico *Breutelia azorica* forma densos tufos junto de teias em nove-lo que a aranha endémica *Pisaura acorensis* faz com as folhas enroladas. Sobre tudo isto voam as *Hipparchia azorina*, uma borboleta endémica com aparência que leva qualquer leigo a pensar em vulgares mariposas.

As encostas exteriores deste vulcão estão cobertas por prados seminaturais, por vezes delimitados por sebes de *Cryptomeria*, *Hydrangea macrophylla* ou espécies indígenas, que aproveitam a orografia dos terrenos para formar mosaicos. A *Caldeira* é realmente o mais importante reservatório biológico da ilha. Para o lado de dentro, onde as vacas não chegam, as encostas apresentam prados multicolores de montanha, por vezes dando lugar a *Sphagnum sp.*

Ocasionalmente o trilho divide-se em dois, que seguem paralelos, afastados no máximo 2 ou 3 m um do outro, para logo adiante se reunirem de novo. Aconselhamos a seguir sempre pelo trilho que passar mais alto para não deixar escapar bonitas vistas para o exterior.

Poderá ter de dividir o trilho com umas simpáticas vacas *alpinas*, multicores, que por aqui pastam livremente... nos sítios mais improváveis.



CALDEIRA

Esta estrutura geológica é o que resulta da maior erupção de todas as que ajudaram a construir a ilha do Faial. De natureza traquítica formou um grande aparelho vulcânico que na sua fase final, ou pós eruptiva, terá sofrido colapsos e abatimentos nas paredes interiores e bordos superiores da cratera, originando o vazio a que se chama caldeira. A evolução dos materiais depositados no fundo terá impermeabilizado a superfície e o subsolo o suficiente para manter pequenos charcos no período das chuvas. É provável que no momento em que está a fazer o passeio não possuam água livre, mas a importância desses charcos levou a que a Caldeira fosse classificada como *sítio Ramsar* desde 2008.

PRC4 FAI *Caldeira*

Algumas placas em azulejos, coladas numa base de cimento distribuídas ao longo desta parte do trilho, dão-lhe informações interessantes. A primeira placa indica-lhe a localização da ilha Graciosa para que a possa admirar. A segunda indica que ainda se encontra na *Freguesia do Salão*, embora no seu limite superior. A terceira, que já se encontra na *Freguesia dos Cedros*, que é aliás aquela à qual pertence a área da *Caldeira*, exatamente por ser daquela freguesia a maior extensão do perímetro da sua bordadura. No fundo da *Caldeira* observa um pequeno cone vulcânico, de uma erupção ocorrida posteriormente.

Chegados a meio do percurso temos em frente, o alinhamento de vulcões (cabeços) que fizeram crescer a ilha, o último dos quais, o *Vulcão dos Capelinhos*. Grande parte daquilo que vê está classificado como *Área de Paisagem Protegida da Zona Central*.

Começa a ver as profundas *grotas* (= ravinas) cavadas pela erosão na pedra-pomes da vertente exterior. Aproxima-se do marco geodésico do *Alto do Brejo*. Adiante, em frente ao *Alto do Guarda-Sol*, por cima do domo traquítico denominado de *Altar*, as encostas interiores parecem ter sido lavradas por máquinas. Passa por uma pequena construção em ruínas... talvez um abrigo de pastores... e entra no caminho de asfalto que o vai levar ao alto do *Cabeço Gordo*. Quando passar entre as duas maiores antenas que lá estão aproveite para um último registo da paisagem. Já avista o parque de estacionamento... desça até lá.



TRILHOS DOS AÇORES

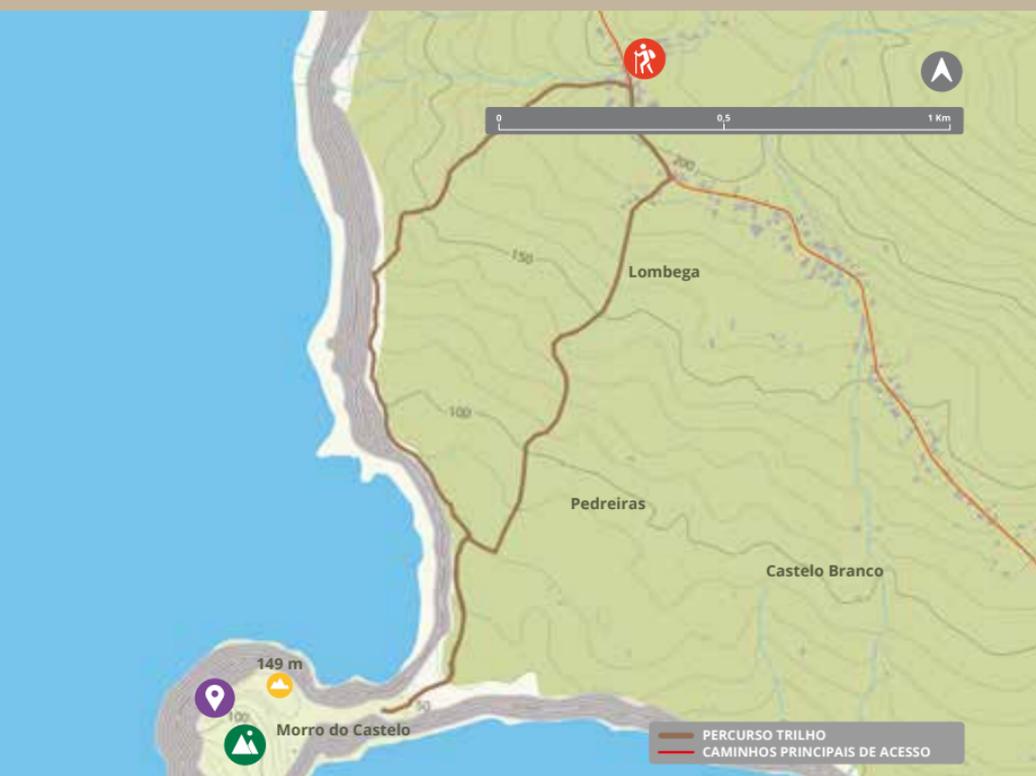


FAIAL

PRC5 FAI

Rumo ao Morro de Castelo Branco

Dificuldade: Fácil Extensão: 4 km Duração: 1:30h Forma: Circular



Início do trilho

38° 32' 12.99" N;
28° 44' 33.30" O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural
do Faial



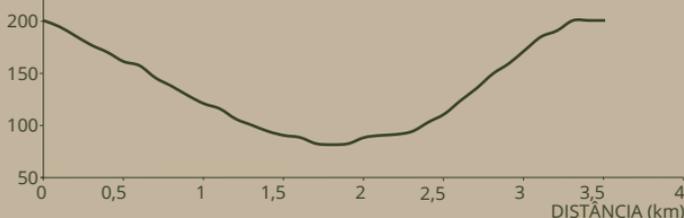
Área Prot. para a Gestão
de Habitats ou Espécies



Reserva
Natural

ALTITUDE (m)

PERFIL DO TERRENO



PRC5 FAI *Rumo ao Morro de Castelo Branco*

Começamos este percurso num caminho secundário do lugar da *Lombega*, *Freguesia de Castelo Branco*, junto a uma paragem de autocarros. Tenha atenção para reparar no painel de início de percurso, pouco visível a quem vem da Horta.



Começamos por descer um caminho de terra batida, fácil de percorrer, mas um pouco *empoeirado*, acompanhados pela modesta *Ribeira da Lombega* à nossa direita. Os taludes expostos mostram o material pomítico amarelado que originou os solos desta zona da ilha, aproveitados no verão para fazer algum milho forrageiro, batata-doce e as pastagens que os tornam úteis no inverno. Por aqui é possível observarem-se alguns “milhafres” a planar, talvez a tentar descobrir alguma cria de coelho.

Após uns breves minutos de descida passamos o primeiro tanque de água. Faça uma paragem para captar os primeiros vislumbres sobre o *Morro de Castelo Branco* e, à sua direita, a arriba alta e extensa que termina lá ao longe no *Varadouro*, formando uma grande baía. Descendo em direção à costa, passa perto da entrada da *Gruta dos Anelares*. Este tubo lávico com apenas 35,5 m de extensão total e 3,7 m de altura máxima interior, possui estalactites em forma de anel, uma particularidade rara nas grutas açorianas e que está na origem do seu nome. A sua visita está condicionada, não devendo ser efetuada pelos pedestrianistas.

PRC5 FAI Rumo ao Morro de Castelo Branco



Chegando à falésia costeira, comece a virar à esquerda, continuando por um trilho onde, por certo, vai observar numerosos *escaravelhos japoneses* (*Popillia japonica*) descansando sobre as folhas das plantas. Apesar das suas cores garridas, este inseto é na realidade uma praga que chegou a esta ilha há alguns anos, e que causa alguns estragos nas culturas agrícolas. Esta falésia está dentro da *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies do Varadouro – Castelo Branco*, uma extensa linha de costa de 99 ha que reúne condições naturais de interesse para o desenvolvimento de habitats particulares para espécies da fauna e da flora.

Continuando, vai chegar ao caminho por onde chegam os automóveis. Aí foi criada uma pequena estrutura, tipo auditório ao ar livre, onde poderá descansar enquanto contempla os pormenores geológicos deste imponente rochedo e as bonitas panorâmicas, quer para o lado do *Varadouro* quer para o lado do porto de Castelo Branco.



MORRO DE CASTELO BRANCO

É um domo traquítico de arribas verticais com algumas pequenas grutas, unido a terra por um istmo que forma uma encaixada baía com alguma profundidade, conforme se percebe pelo azul das suas águas. O morro está incluído numa área classificada de 16 ha denominada *Reserva Natural do Morro de Castelo Branco*, sendo um importante local de nidificação de aves marinhas.

PRC5 FAI Rumo ao Morro de Castelo Branco

Subir ao seu cimo não é permitido, para além de ser totalmente desaconselhável face à perigosidade que comporta tal ato. Contente-se em admirá-lo e ouvir o som dos *Sterna hirundo* que procriam nas pequenas concavidades das rochas nuas no verão. Por aqui podemos ainda observar aves como *Calonectris diomedea borealis*, *Columba palumbus azorica* e o *Puffinus baroli baroli*. No que respeita à flora, pequenas manchas de *Erica azorica* dividem o espaço com um prado de *Festuca petraea* muito invadido por outras espécies oportunistas, que antes do homem cá chegar não existiam nestas ilhas. É ainda possível encontrar *Picconia azorica*, *Spergularia azorica* e pelo menos uma população de *Myosotis maritima* resguardada por uma vedação.

No chão estão tampas de betão. Por aqui segue a energia elétrica que alimenta uma luz de sinalização que foi colocada em cima do morro, para apoio à navegação aérea que ruma ao aeroporto. Suba até à última tampa, onde o amarelo dos depósitos de pedra-pomes dá lugar ao esbranquiçado farinhento dos traquíticos alterados. O recorte da costa exhibe os típicos alcantilados de origem basáltica, das escoadas lávicas mais densas com materiais escoriáceos.

Se vir alguma viatura estacionada no parque, pode ter a certeza de que o seu condutor não subiu o morro, antes terá descido por um perigoso acesso na arriba, até ao calhau da baía à esquerda do morro, recorrendo a um pé de urze, uma corda com nós, pequenas rochas salientes e muita confiança. Confesso que vi com alguma surpresa pescadores a fazer esta descida.

Regresse pelo caminho, seguindo sempre por onde os postes de eletricidade estiverem, e em breve chegará à estrada, junto ao *Império da Lombega*. Se trouxe viatura própria siga pela estrada até a alcançar no sítio onde começou este percurso pedestre.



TRILHOS DOS AÇORES



FAIAL

PR6 FAI

Dez Vulcões

Dificuldade: Médio Extensão: 20 km Duração: 7:00h Forma: Linear



Início do trilho
38° 34' 49.52" N;
28° 42' 22.93" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural do Faial



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Paisagem Protegida



PR6 FAI *Dez Vulcões*

Esta caminhada começa aos 900 m de altitude, no *Miradouro da Caldeira*, e acaba junto do mar, no Porto Comprido. Chegado ao fim da estrada de acesso à *Caldeira*, antes de iniciar o percurso, pode ler o painel informativo deste trilho e também da *Caldeira*, uma vez que os dois percursos coincidem na primeira metade da volta à *Caldeira*.

Comece a circundar a cratera seguindo no sentido contrário aos ponteiros do relógio, iniciando o percurso para a direita. Um olhar para o exterior revela-lhe as encostas desta *Caldeira* que descem até ao mar e a majestosa ilha do Pico em toda a sua extensão. Esta estrutura geológica é o que resulta da maior erupção de todas as que ajudaram a construir a ilha do Faial. De natureza traquítica formou um grande aparelho vulcânico que na sua fase final, ou pós eruptiva, terá sofrido colapsos e abatimentos nas paredes interiores e bordos superiores da cratera, originando o vazio a que se chama *caldeira*.

O percurso está sulcado no chão terroso pelos pés dos visitantes. Se for no verão poderá apreciar um verdadeiro *boom estival*: o branco das panículas e espigas das gramíneas, dos trevos e do *Centaurium scilloides*; as flores amareladas dos *Lotus*, das *Parentucellia* e das *Lysimachia*, o roxo das *Prunella* e dos tomilhos, com tantas outras tonalidades e espécies à mistura.

As encostas exteriores deste vulcão estão cobertas por prados seminaturais, por vezes delimitados por sebes de criptomérias, hortênsias ou espécies indígenas, que aproveitam a orografia dos terrenos para formar mosaicos. A *Caldeira* é realmente o mais importante reservatório biológico da ilha. Aqui encontramos muitas das espécies da flora natural dos Açores onde se destacam dezenas de endémicas. Para o lado de dentro, onde as vacas não chegam, as encostas apresentam prados multicolores de montanha, por vezes dando lugar ao *Sphagnum sp.*

Ocasionalmente o trilho divide-se em dois, que seguem paralelos, afastados no máximo 2 ou 3 m um do outro, para logo adiante se reunirem de novo. Aconselhamos a seguir sempre pelo trilho que passar mais alto para não deixar escapar bonitas vistas para o exterior.

Algumas placas em azulejos, coladas numas bases de cimento distribuídas ao longo desta parte do trilho, dão-lhe informações interessantes. A primeira placa indica-lhe a localização da ilha Graciosa para que a possa admirar. A segunda indica que ainda se encontra na *Freguesia do Salão*, embora no seu limite superior. A terceira, que já se encontra na *Freguesia dos Cedros*, que é aliás aquela à qual pertence a área da *Caldeira*, exatamente por ser daquela freguesia a maior extensão do perímetro da sua bordadura. No fundo da *Caldeira* observa um pequeno cone vulcânico, de uma erupção ocorrida posteriormente.

Chegados a meio do percurso temos em frente, o alinhamento de vulcões (cabeços) que fizeram crescer a ilha, o último dos quais, o *Vulcão dos Capelinhos*. Grande parte daquilo que vê está classificado como *Área de Paisagem Protegida da Zona Central*. Começa a ver as profundas *grotas* (= ravinas) cavadas pela erosão na pedra-pomes da vertente exterior.

Aproxima-se do marco geodésico do *Alto do Brejo* e começa a ver o caminho de bagacina que sobe em direção ao Cabeço Gordo. Abandone a cumeeira da *Caldeira* e desça por este caminho. Além da paisagem pode admirar os taludes revestidos do verde das folhas, pintalgados com o amarelo comum a grande parte das flores das espécies naturais que revestem as montanhas destas ilhas, como os *Tolpis azorica*, *Leontodon sp.*, *Hypericum sp.*, *Lysimachia azorica* ou *Potentilla erecta*. Muitos fetos, como a *Huperzia sp.*, misturam-se com musgos e outras herbáceas, formando o conjunto final. Mais abaixo são as criptomérias que acompanham as curvas da estrada.

Não fosse a sinalização no local e talvez não reparasse que este Caminho do Brejo vai passar sobre uma levada. É aí que deve abandoná-lo e virar à esquerda, entrando e percorrendo cerca de 2 km do percurso da Levada, até chegar ao reservatório para onde se encaminha esta calha, na parte em que está melhor conservada. Encontra a ponte, notável pelas suas dimensões, mas também pela vista que daqui se tem sobre o vale, que conta com a presença de uma galeria de árvores de espécies da flora endémica açoriana. Em breve chega ao tanque, ou reservatório. As águas da *Levada* são aqui separadas dos detritos que transportam, enchendo este grande tanque de retenção que alimenta a central hidroelétrica. Chegado aqui continue a sua descida, pela vereda em cujo chão está enterrado o tubo que leva a água do reservatório para a central hidroelétrica. Quando este tubo ficar à vista prepare-se,



VULCÃO DOS CAPELINHOS

Esta erupção vulcânica que formou o Vulcão dos Capelinhos, do tipo surtseiana, é parte integrante do complexo vulcânico do Capelo, encontrando-se no fim de um alinhamento de cones, de orientação NW-SE. As manifestações que lhe deram origem foram primeiro observadas às 7:00 horas do dia 27 de setembro de 1957, pelo vigia baleeiro José Soares da Cunha, tendo terminado a 24 de outubro de 1958. Não houve perdas humanas a registar, mas a erupção e a crise sísmica a ela associada, destruindo habitações e inutilizando campos agrícolas e pastagens nas freguesias vizinhas, contribuíram para uma quebra demográfica na ordem dos 35%, em consequência da emigração que se registou para os Estados Unidos da América e Canadá.

A erosão acentuada que se fez sentir ao longo destes 50 anos reduziu já este vulcão para cerca de 65% da sua área inicial. No entanto este é um vulcão ainda ativo, onde ocorre libertação de vapor de água e gases tóxicos a temperaturas elevadas por um respiradouro situado na zona norte.

PR6 FAI *Dez Vulcões*

pois terá de fazer uma descida muito escorregadia, através de uma mata de frondosas árvores... mesmo com a presença de troncos a fazer os degraus. Sai no Caminho Florestal da Ribeira do Cabo. Siga à direita por 150 m e vire à esquerda na pastagem. Ao chegar ao caminho de bagacina, siga em frente por 400 m e vire à esquerda no sentido do Cabeço do Fogo. Depois de apreciar a vista a partir deste Cabeço, desça até chegar à estrada, próximo da “Casa das Lavadeiras”, construção que compreende uma cisterna, pias e telheiro, mandada construir pelos Dabney. Em frente, do lado oposto, entronca um caminho secundário por onde deve seguir, fazendo um grande “L” com curva à direita, de 800 mais 900 m, até chegar ao Parque do Capelo. Durante este troço, por entre uma mata de *Morella faya*, *Pittosporum undulatum*, *Picconia azorica* e pinheiros, opte sempre pelo caminho mais largo.

Chegado ao Parque não perca a oportunidade de visitar a “Casa Rural Típica”, uma excecional recriação não só dos edifícios, casa e anexos, mas de todo o recheio que habitualmente ocupavam cada divisão. Para aqueles que se interessam um pouco mais por etnografia tem aqui motivo suficiente para se demorar alguns minutos a aprender ou recordar. Terá, no entanto, de o fazer das 11:00 às 12:00 ou das 13:00 às 14:00. Depois, claro, pode sempre visitar a cerca dos gamos, ou usufruir das infraestruturas de apoio ao visitante que o parque apresenta. Passa pelas instalações sanitárias, atravessa esta zona de merendas do parque, encontra um caminho à direita que o poderia levar de volta à *Levada*, mas segue sempre em frente, virando à esquerda até entrar na povoação do *Capelo*. Ao chegar à estrada principal, deve atravessá-la para continuar no caminho de acesso ao *Cabeço Verde*. Depois de



150 m de subida em asfalto entra à esquerda num acesso aos terrenos agrícolas, saindo mais em cima no caminho de bagacina vermelha. Vire à esquerda e prossiga.

De um lado o *Morro de Castelo Branco* começa a personalizar a linha de costa, do outro, o *Cabeço Verde* com as suas antenas a desafiar-nos. Vai encontrar a subida em asfalto para o topo desta elevação, mas vai subir apenas cerca de metade, aproximadamente 750 m, o necessário para chegar ao início da vereda que desce para a *Furna Ruim* e *Caldeirão*. Começa por descer uma escadaria com corrimões toscamente elaborados, entre *Ilex perado ssp. azorica*, *Picconia azorica*, *Vaccinium cylindraceum*, *Hypericum* e *Woodwardia*, apercebendo-se que, à sua esquerda, o mato de *Pittosporum undulatum* tapa algo escuro e profundo... a *Furna Ruim*. Um pequeno miradouro está pronto a revelar uma parte desta criação da natureza. A dimensão deste algar de vertentes abruptas e profundas é assustadora. Mesmo ali, um musgo da espécie *Neckera intermedia*, pouco frequente nas ilhas dos Açores, forma expressivas cortinas que revestem e pendem dos ramos.

Continue debaixo dos incensos durante 20 m e verá a vereda a dividir-se em duas, sendo na realidade a mesma, que circunda o *Caldeirão*. Siga agora pela esquerda, pela parte mais sombria. Chegado novamente ao sol tem um pequeno miradouro à sua direita. A cratera denominada *Caldeirão* está aos seus pés e o cabeço adiante é o *Cabeço do Canto*, o seu próximo objetivo. Ao fundo começa a revelar-se o *Vulcão dos Capelinhos*. Contornando o *Caldeirão* desça por uma vereda, por vezes de declive acentuado, até chegar ao caminho.

Obedecendo à sinalética atravesse o caminho e inicie nova subida, à conquista do *Cabeço do Canto*. Suba sob o mato alto de *Pittosporum undulatum* e *Erica azorica*, que dão sombra a algumas *Myrsine africana* que invadem o caminho e a uns raros fetos *Pteris incompleta*, que apresentam a particularidade de terem as folhas subdivididas na base (próprio e exclusivo desta espécie, pelo menos nos Açores). Prepare-se, pois a subida final deste *cabeço* é íngreme e feita em chão escorregadio, apesar da ajuda de alguns degraus em madeira. Chegado ao cimo contorne a cumeeira pela direita, por entre *Erica azorica* que formam o carreiro, num chão duro onde praticamente mais nada cresce. Quando chegar ao marco geodésico, colocado sobre os 346 m de altitude, tem uma panorâmica excepcional do *Vulcão dos Capelinhos* e do farol que o viu crescer... não deixe de os fotografar.

Inicie agora a descida pelo flanco ocidental do *Cabeço do Canto*, passando primeiro a uma zona mais despida de vegetação. Desce depois por uma vereda sinuosa até à pista de motocross facilmente perceptível pela orografia e nudez do terreno, características deste tipo de recinto. Chegado aqui, vire à esquerda acompanhando a vegetação até encontrar o caminho que o levará à estrada. Pelo caminho encontra uma abandonada vigia da baleia. Estas construções, locais de observação privilegiada, permitiam algum conforto a quem procurava no mar em frente a presença de cachalotes, munido apenas de uns binóculos e de foguetes, para dar o sinal de “baleia à vista”.

PR6 FAI *Dez Vulcões*

Chega a estrada, atravesse-a e siga sobre o tapete de cinzas e areias, que por vezes tornam o chão movediço. Vai caminhar até ao *Costado da Nau*, a antiga falésia costeira onde a ilha terminava, antes de haver o *Vulcão dos Capelinhos* que fez crescer a ilha. Desça o trilho, passando pelo que resta de uma antiga vigia da baleia, continuando até ao *Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos*, de visita obrigatória, podendo ainda subir ao antigo farol, que marcava o limite da terra firme e que a natureza afastou do mar. O *Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos*, inaugurado em agosto de 2008, possui várias exposições permanentes, projeção de vários filmes didáticos e informativos em formato 2D e 3D e uma rica coleção de amostras geológicas. Relembre ou aprenda como se formou a Terra e os principais vulcões do mundo, até chegar à génese das ilhas dos Açores e em particular dos Capelinhos que marcam a paisagem à nossa frente.

Depois da visita ao Centro de Interpretação desça até às águas do *Porto do Comprido* (porto que surge na *Ponta Comprida*) onde se saía para a pesca ou para a caça à baleia, terminando o percurso neste ponto.



TRILHOS DOS AÇORES



FAIAL

PR7 FAI

Caminhos Velhos

Dificuldade: Difícil **Extensão:** 15,5 km **Duração:** 5:00h **Forma:** Linear



Início do trilho
38° 35' 30.29" N;
28° 35' 59.75" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural do Faial



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Paisagem Protegida



PR7 FAI *Caminhos Velhos*



O início deste percurso faz-se na *Boca da Ribeira* junto ao mar e vai terminar nos 900 m de altitude no miradouro da *Caldeira*. Praticamente em todos os locais onde estão elementos de maior interesse foram colocados painéis informativos que deverá ler.

É aqui o único acesso ao mar desta *Freguesia da Ribeirinha*, onde a ribeira que lhe deu o nome desagua, e onde a necessidade impôs, no passado, que se fizesse um porto. Também aqui laborava uma indústria de telha devido à proximidade aos barreiros de onde saía a matéria-prima. O local ganha assim um interesse cultural, pela presença dos fornos de telha recuperados em 2007, a acrescer ao interesse recreativo e social que possui. Aqui se encontram anualmente os ribeirenses para festejar o São Pedro, numa pequena capela com as iniciais S.P. no frontispício, e que, para além do programa religioso incluía habitualmente bailes, provas desportivas para os mais jovens e um churrasco convívio para todos, dispoendo de boas infraestruturas para tal. Uma piscina construída em 2011 veio melhorar em muito os banhos de mar, antes apenas possível no varadouro. Embora seja uma “praia não vigiada” possui balneários e zona de campismo.

Hoje existe um caminho asfaltado até à *Boca da Ribeira*, mas o percurso que iremos fazer inicia-se subindo o antigo caminho que servia o porto, em terra batida e entre a *ribeirinha* e a base da escarpa da *Lomba dos Espalhafatos*. Toda a escarpa está vestida de uma mata típica destes terrenos secos, onde predominam pequenas árvores de *Morella faya*, *Pittosporum undulatum* e algumas *Erica azorica*, com *Arundo donax*, *Cyrtomium falcatum* e, estranhamente, muitos araçazeiros (*Psidium cattleianum*) à mistura. Adiante, uma escadaria rudimentar e íngreme à direita, sobe por entre esse bosque levando-o até ao cimo da lomba. Já no topo é impossível não reparar no *Farol da Ribeirinha*.

Suba uns metros do caminho de asfalto e volte para o interior da vegetação, para mais um troço de percurso num trilho sob a sombra da mata. Sai numa sobra do caminho, agora plantada com espécies arbóreas da flora natural desta ilha, junto do *Miradouro da Ribeirinha* a 190 m

de altitude. A paisagem merece sem dúvida uma paragem.

Deixe o miradouro e desça agora a escarpa, num trilho semelhante ao que o trouxe até aqui, porventura ainda mais ensombrado pela vegetação, deixando penetrar o sol apenas aqui e ali. No final dessa descida vai chegar novamente ao vale da ribeira chamada de *Ribeirinha*, junto à *Fonte do Valado*, uma nascente captada no vale da ribeira, de onde dizem os antigos “*brotava uma água que passa por cima de ouro, tal o seu sabor e pureza*”. Os arranjos em pedra, a que este espaço tem sido alvo, tornam mais agradável a passagem por este local.

Suba um pouco mais até chegar ao caminho, virando aí à direita e percorrendo cerca de 50 m até encontrar, à esquerda, o novo atalho. Prepare-se para subir a *Lomba Grande*. São 430 m até à estrada regional. Nesta, à esquerda, encontra a continuação, com mais 650 m de subida, até um dos caminhos no alto da lomba. Este *Caminho da Rocha Vermelha* é uma das mais acentuadas e exigentes subidas do percurso, do ponto de vista físico, por veredas ora mais largas capazes de passar um carro de bois, ora mais estreitas, o suficiente apenas para passar um homem com o seu burrinho.

No caminho secundário onde saiu, no alto da lomba, vire à esquerda e percorra cerca de 990 m, com uma parte em chão de bagacina e outra em asfalto, não ligando à ramificação que vai encontrar à sua direita. Está dentro da *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies da Lomba Grande*. Na primeira curva fechada que encontrar siga em frente entrando na mata. Prepare-se agora para contornar a lomba e desce-la pelo antigo *Caminho da Vila*. É um troço de fácil progressão, com um ou outro grande pedregulho que rolou até ao caminho, e com uma vegetação formando uma galeria bastante cerrada. Após passar uns grandes fetos arbóreos termina a descida nas pastagens. Além das vacas vai passar por uma pocilga antes de chegar ao caminho de asfalto. Vire à direita, avance uns metros e entre num caminho de terra batida à sua esquerda. Vai percorrer cerca 1,75 km deste caminho agrícola até chegar aos *Charcos de Pedro Miguel*.



FAROL DA RIBEIRINHA

Esteve em funcionamento 79 anos, entre 1919 e 1998, altura em que foi desativado em consequência dos graves danos estruturais causados pelo sismo 9 de julho desse ano, que atingiu com intensidade a ilha do Faial. Ainda hoje são visíveis os estragos no edifício que servia de habitação aos faroleiros e famílias assim como na torre quadrangular de alvenaria forrada a azulejos brancos, que suportava a lanterna do Farol (a parte vermelha) e a ótica (a parte dos cristais) com a sua potente lâmpada. A Liga dos Amigos do Farol pretende preservar a reconstrução deste importante marco da história da freguesia e da ilha.

PR7 FAI **Caminhos Velhos**

Localizados no *graben* de Pedro Miguel, estas depressões que se veem no terreno, secas aquando do verão, enchem-se de água após as primeiras chuvadas formando extensos charcos que perduram ao longo do período de inverno e primavera. Como se vê pelo posto de observação de aves, construído em 2012 pelo Parque Natural do Faial sobre a charco maior, este local é o melhor *spot* para os amantes do *birdwatching* na ilha do Faial, que aqui vem registar ou observar a passagem de diversas aves migratórias principalmente durante os meses de inverno. Destacam-se *Anas crecca*, *Anas acuta* e outros patos, a *Plegadis falcinellus*, garças, algumas limícolas e outras espécies que utilizam o arquipélago dos Açores para se alimentar e repousar, mas também algumas “raridades”.

Siga sempre em frente, fazendo mais 1,5 km deste caminho agrícola acompanhando a *Lomba Grande*. À medida que avança e porque a altitude também aumenta, vão-lhe surgindo nos taludes e bermas do caminho algumas espécies naturais da *Laurissilva* açoriana, nomeadamente *Ilex perado ssp. azorica*, *Vaccinium cylindraceum*, e *Woodwardia radicans*, que se misturam com *Hydrangea macrophylla* e *Hedychium gardnerianum*. Quando vir um aerogerador, com as suas grandes pás, lá no alto, é sinal que vai encontrar à sua direita um atalho que o levará novamente para o cimo da *Lomba Grande*, passando primeiro entre pastagens e depois por entre a mata.

Chega ao caminho de terra que percorre o cimo da lomba. São mais 1,8 km que o levarão através do *Parque Eólico do Salão*, instalado em 2012, com 5 aerogeradores VESTAS V52, de 850 kW cada. Este parque contribuiu com cerca de 20% da produção total de energia elétrica da ilha. No final deste caminho vire à esquerda na estrada de asfalto e chega à *Reserva Florestal de Recreio do Cabouco Velho*. O parque tem para lhe oferecer água potável, o que poderá considerar providencial, instalações sanitárias, parque infantil e zona de churrascos para aqueles que o pretendam fazer. A população da *Freguesia dos Salão* tem-se reunido aqui para festejar o São João. O património florestal do lugar é composto por uma coleção diversificada de espécies exóticas de árvores, onde se misturam resinosas e folhosas.

Está agora nos 500 m de altitude. Deixe o parque do *Cabouco Velho* virando à direita, avance uns metros na estrada e vire novamente à direita, subindo então pelo *Caminho da Caldeira* até ao final deste percurso, a 900 m de altitude. Após um início mais ou menos retilíneo o caminho entra numa sucessão de curvas, zigzagueando até ao cimo. A cada curva a paisagem torna-se mais deslumbrante, sobre uma sucessão de lombas e escarpas, que definem as falhas geológicas. Pela subida observam-se alguns curiosos tanques circulares nas pastagens. Antes de acabar este caminho florestal pare no *Miradouro do Cabouco* para um último olhar. Da direita para a esquerda vemos a *Falha da Espalamaca*, as casas da freguesia da *Praia do Almoxarife*, depois a *Falha da Rocha Vermelha* seguindo-se as casas da freguesia de *Pedro Miguel*, e por fim, a terceira e mais evidente, a *Falha da Lomba Grande*... sempre com a ilha de S. Jorge e Pico a emoldurar o conjunto.

Retomando a marcha entronca no atual caminho para a caldeira, asfaltado, chegando por fim ao *Miradouro da Caldeira*, a cerca de 200 m do anterior, onde acaba o percurso. Daqui pode prosseguir fazendo outros percursos pedestres.

TRILHOS DOS AÇORES



FAIAL

PRC8 FAI

Entre Montes

Dificuldade: Fácil **Extensão:** 3,4 km **Duração:** 1:30h **Forma:** Circular



Início do trilho
38° 31' 23.85" N;
28°37'28.75" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural das Faial

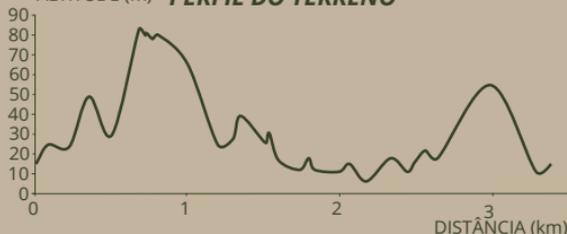


Reserva Natural



Paisagem Protegida

ALTITUDE (m) **PERFIL DO TERRENO**



PRC8 FAI *Entre Montes*

Este percurso desenvolve-se nas imediações da cidade da Horta, entre o Monte Queimado e o Monte da Guia, daí a sua designação. Refira-se que este foi o primeiro trilho dos Açores a contar com sinalética específica para a prática de *trail running*.



Dirija-se ao parque de estacionamento de apoio à Praia de Porto Pim, local de ligação entre o Monte Queimado (cone de escórias de gênese subaérea) e o Monte da Guia (cone de tufos surtseiano de gênese submarina). Irá encontrar dois painéis informativos, um deles referente à informação genérica do percurso, tal como é habitual nos trilhos pedestres pertencentes à rede oficial da Região, e outro painel referente à prática de *trail running*, uma vez que este foi o primeiro circuito permanente de *trail run* dos Açores, com sinalética própria. Desta forma, este percurso pedestre complementa a habitual vertente contemplativa e de lazer à vertente desportiva e competitiva, uma vez que permite aos atletas terem uma pista permanente para efetuarem os treinos antes das provas competitivas. De referir que o Faial foi o grande impulsionador das provas de *Trail Run* nos Açores, com um evento denominado “Azores Trail Run”, que teve a sua primeira edição em 2014 e que, desde então, tem sido replicada anualmente, habitualmente no final do mês de maio.

Com a ilha do Pico à sua esquerda, siga na estrada por alguns metros até alcançar o edifício onde laborou, em tempos, a Fábrica da Baleia de Porto Pim. Atualmente, além da exposição permanente que permite ao visitante conhecer o espólio da antiga Fábrica, alberga o OMA-Observatório do Mar dos Açores, Centro de Ciência que se dedica à promoção e desenvolvimento de atividades de divulgação das Ciências Marinhas, em particular no que se concerne aos mares dos Açores. De referir que o OMA organiza visitas guiadas ao Núcleo Museológico da Fábrica da Baleia.

Logo depois de visitar a antiga fábrica, surge a Casa dos Dabney, um dos diversos exemplares do património arquitetónico pertencente à família Dabney, que se instalou na Horta, em 1806, marcando a história da ilha com a sua presença, ao longo de três gerações, no século XIX. Esta casa de veraneio, incluída num complexo residencial composto por uma casa com cisterna, cais e abrigo para dois botes, um miradouro e uma pequena área de vinhas que se estendia pela costa em direção à baía de Porto Pim. Na adega, existe atualmente uma exposição que retrata o percurso de uma família americana, originária de Boston. Importa referir que a família Dabney esten-

deu as suas ações a diversas áreas, tais como: diplomacia - Cônsul Geral dos Estados Unidos da América nos Açores e mediação de conflitos locais; negócios - incremento do movimento no porto da Horta através da importação e exportação de vinho, aguardente, laranja e óleo de baleia, do abastecimento das baleeiras, fornecimento de carvão e reparação de navios.

Depois da Casa dos Dabney, suba à esquerda até ao Miradouro da Lira, onde tem uma primeira vista sobre a baía, com o Forte de São Sebastião na margem oposta. O facto de existirem algumas fortificações de proteção marítima (séc. XVI e XVII) nesta zona levou a que o local fosse batizado por Porto Pim, nome flamengo que significa Porto Seguro. Continue por 100 m e vire à esquerda por entre *Erica azorica*, *Morella faya* e *Pittosporum undulatum* até alcançar a estrada. Vire à direita e suba a escadaria da Ermida de Nossa Senhora da Guia, onde chega ao ponto mais elevado do percurso, com possibilidade de contemplar grande parte da ilha, bem como a baía de Porto Pim e a cidade da Horta. Refira-se que a cidade da Horta desempenhou um papel fundamental na história das telecomunicações entre os continentes europeu e americano, uma vez que constituiu um importante local de amarração dos antigos cabos telegráficos submarinos.

Em seguida, prossiga à esquerda da ermida, no sentido do extremo sudoeste do Monte da Guia. Do lado oposto à cidade, tem a possibilidade de observar as duas crateras vulcânicas, denominadas por Caldeirinhas, com o Pico a surgir “em pano de fundo”. Depois de alcançar o extremo sudoeste, siga a indicação que o leva a descer à direita, prosseguindo no atalho costeiro por 500 m até chegar ao Aquário de Porto Pim, onde estão algumas das espécies costeiras mais comuns do mar dos Açores.

Na próxima bifurcação siga pela esquerda, passando novamente pela Casa dos Dabney e, ao chegar à Praia de Porto Pim, siga à esquerda percorrendo todo o areal. No final da praia, vire à direita e prossiga pela Rua da Rosa. 150 m mais à frente irá encontrar a marca que o orienta a virar à direita para o Monte Queimado. Ao alcançar o topo do Monte, aprecie a paisagem envolvente, com destaque para a cidade da Horta e a sua marina, bem como a Baía de Porto Pim e o Monte da Guia. Desça a encosta sul do Monte Queimado, através de uma escadaria improvisada com troncos de madeira, por entre exemplares das endémicas *Erica azorica* e *Morella faya*, até alcançar novamente o parque de estacionamento.



FÁBRICA DA BALEIA DE PORTO PIM

Complexo industrial localizado na encosta do Monte da Guia, na parte sul da Praia de Porto Pim, foi transformado em Núcleo Museológico, constituindo um dos melhores exemplares da extinta indústria baleeira açoriana, essencial para a compreensão histórica, económica e social dessa atividade. A exposição permanente da Fábrica da Baleia conta praticamente com toda a maquinaria original e integra ainda um vasto espólio resultante da intensa atividade baleeira que se praticou no Faial, durante o século XX.

TRILHOS DOS AÇORES



GR1 FAI

Grande Rota Faial Costa a Costa

Dificuldade: Difícil Extensão: 36 km Duração: 12:00h Forma: Linear



Para mais informação sobre a Grande Rota, consulte trilhos.visitadores.com



Início do trilho
38° 35' 30.29" N;
28° 35' 59.75" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear

Parque Natural do Faial



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Paisagem Protegida



GR1 FAI **Grande Rota Faial Costa a Costa**

A Grande Rota do Faial é um percurso linear que inicia no porto da freguesia da Ribeirinha e termina no Porto Comprido, nas imediações dos Capelinhos. Este trilho é uma travessia Este-Oeste que resulta da junção de duas pequenas rotas, o PR7FAI Caminhos Velhos e o PR6FAI Trilho dos Dez Vulcões, que se encontram no miradouro da Caldeira.



Apresenta um grande valor paisagístico e percorre o variado património geológico da ilha, desde as formações mais antigas da Ribeirinha (800 000 anos) até às formações mais recentes dos Capelinhos (Erupção histórica de 1957/58).

A primeira fase do percurso desenvolve-se na principal estrutura Vulcano-tectónica da ilha – *Graben* de Pedro Miguel, que apresenta um conjunto de falhas distensivas de orientação ONO-ESSE, que confere uma topografia em degraus ao antigo vulcão em escudo da parte oriental da ilha. Sensivelmente a meio do percurso, o pedestrianista tem oportunidade de contornar parte da impressionante Caldeira do Faial, com 2 km de diâmetro e 400 m de profundidade, que corresponde à caldeira do estratovulcão central da ilha. A última fase do percurso decorre na Península do Capelo, um alinhamento de mais de duas dezenas de cones vulcânicos, que se desenvolve até ao vulcão dos Capelinhos, onde ocorreu a erupção histórica de 1957/58. Os cones de escórias que integram este alinhamento vulcânico evidenciam por vezes crateras múltiplas ou alongadas, testemunho do sistema de fraturas ativo na zona, bem como algares vulcânicos como a Furna Ruim. Termina à cota zero naquela que foi a maior e mais importante estação baleeira dos Açores entre 1940 e 1957, o Porto Comprido, desativado na sequência da erupção dos Capelinhos.

Quanto à flora, destaque para algumas manchas de vegetação nativa, matos macaronésicos, floresta Laurissilva e florestas macaronésicas de cedro, que se encontram na Península do Capelo, contrastando com a paisagem desértica dos Capelinhos, onde dominam as cinzas vulcânicas.



TRILHOS DOS AÇORES

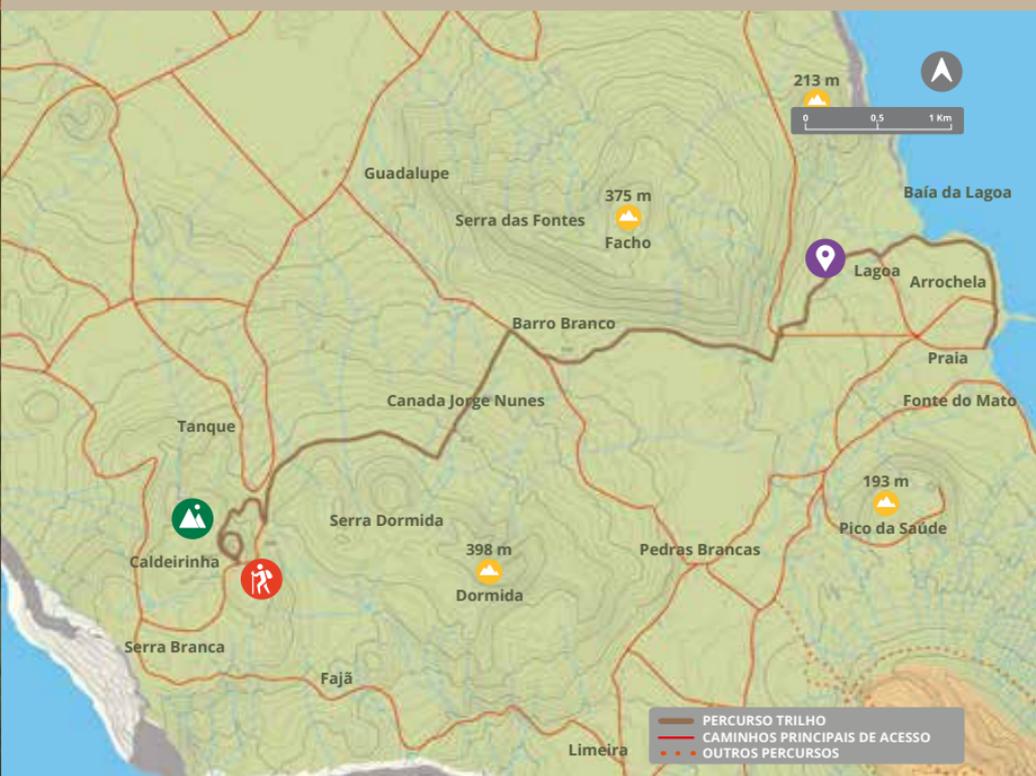


GRACIOSA

PR1 GRA

Serra Branca - Praia

Dificuldade: Fácil Extensão: 9 km Duração: 2:30h Forma: Linear



Início do trilho

39° 2' 15.90" N;
28° 1' 47.23" O



Geossítio



Elevação



Ponto de interesse

Parque Natural da Graciosa



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Monumento Natural



PR1 GRA *Serra Branca - Praia*

A *Serra Branca* forma com a *Serra Dormida*, que lhe está contígua, um maciço vulcânico traquítico, que terá surgido há sensivelmente 350 000 anos.

Inicie o percurso circundando a *Caldeirinha do Pêro Botelho*. Este algar vulcânico, conhecido também por *Caldeirinha* ou *Algar dos Diabretes*, é um dos *Geossítios* classificados na ilha. Desenvolve-se no interior de um cone de salpicos de lava (ou *spatter cone*), provavelmente com menos de 11000 anos. O acesso até à cratera é fácil, uma vez que é possível contorná-la de automóvel. No entanto, de entre todas as grutas da ilha, é atualmente a única em que são necessárias técnicas e equipamento de escalada para aceder ao seu interior. Foi explorado pela primeira vez em 1964 pela *Associação Os Montanheiros*. Tem uma profundidade de 25 m e no fundo uma pequena galeria de 24,6 x 7,4 m.



A toda a volta a paisagem é soberba, das melhores que a Graciosa tem para oferecer. Daqui se avista a maior extensão possível da ilha. Distinguem-se na paisagem os grandes maciços da *Caldeira* (à direita) e da *Serra das Fontes* (em frente). À esquerda, o olhar desce as encostas entrando na planície baixa da *Freguesia de Guadalupe*, pontuada ao longo dos anos por pequenos vulcões. Os tons claros das vacas e dos rolos de silo destacam-se nas pastagens que aqui ocupam lugar preponderante. O miradouro por onde vai passar lembra ainda que esta é uma ilha *Reserva da Biosfera*, onde o Homem procurou conciliar a manutenção da biodiversidade com o uso sustentável dos ecossistemas.

Como bónus avistam-se todas as ilhas do grupo central do arquipélago: junto à *Caldeira* está a ilha Terceira... não se esqueça de olhar atrás: São Jorge, Pico e Faial lá estão. No ar os “*queimados*” controlam o visitante com os seus “*miães*”, semelhantes a outras aves de rapina seus familiares. Esta ave (*Buteo buteo rothschildi*) tornou-se num dos emblemas dos Açores, com honras de figurar na bandeira da região.

Continue a viagem descendo a íngreme ladeira que o leva a um antigo conjunto de estruturas ligadas ao aproveitamento de água, recurso natural que constituiu uma das grandes condicionantes ao início do povoamento desta ilha.

No verão, nesta caminhada acompanham-nos as grandes umbelas brancas do *Daucus carota ssp. azoricus*, espécie endémica que cresce nas bermas da estrada. Ao fundo avista o aglomerado de casas da vila de Santa Cruz com as suas imponentes, e penso que centenárias, arau-cárias a subir muito acima dos campanários das igrejas.

Vire à direita, pelo *Caminho Rural do Grotão*, um caminho de penetração em terrenos agrícolas, onde poderá observar mais de perto o gado bovino de várias cores (o preto e branco com maior apetência leiteira e o de tons amarelados mais destinado à produção de carne) que pasta pachorrentamente, indiferente ao sol ou ao declive dos terrenos. À sua direita fica mais perto o *Pico Timão*, com os seus 398 metros de altitude, coberto no cimo pelos tons mais escuros da endémica *Erica azorica*. A erupção que formou este pico e as lavas que lhe estão associadas são dadas como as mais recentes da ilha Graciosa com cerca de 2000 anos. Em frente, a *Caldeira* com os seus nítidos rebordos. E, de repente, à sua esquerda, onde acaba a *Serra da Fontes*, salta do mar o Ilhéu da Praia. É para lá que nos encaminhamos, mas ainda com muito para ver.

Desça a *Canada Jorge Nunes* com algumas cautelas pois existem partes do piso com algumas pedras soltas, onde os pés podem resvalar. Vêem-se *cerrados* (terreno delimitado por muros de pedra solta) de milho,



FORNOS DE TELHA

Eram construídos em pedra, rebocada apenas no interior, estas estruturas ligeiramente cilíndricas eram divididas em 2 andares, acessíveis por lados opostos. O piso inferior tinha uma pequena abertura por onde era carregada a lenha. No piso superior, por outra abertura de maiores dimensões, era colocada a telha. Entre ambas, mais próximo do chão que do teto, eram colocadas compridas pedras apoiadas nas paredes e reunidas todas no centro, ligeiramente levantado que não as deixa precipitar. Pelas frestas deixadas entre estas pedras subia o ar quente.

PR1 GRA Serra Branca - Praia

para servirem de forragem aos animais e ouvem-se uma ou outra máquina agrícola.

O chão muda para betão quando surge uma pequeníssima, mas diversificada mata com *Eucalyptus globulus*, *Acacia melanoxylon*, *Ficus carica*, *Pittosporum undulatum*, *Quercus sp.*, *populus sp.* e *Malus domestica*. À sombra destas cresce a erva-das-verrugas (*Chelidonium majus*), cuja denominação se deve à sua seiva cáustica, amarela alaranjada, usada para fazer desaparecer essas deformações na pele. Alguns exemplares de *Canna indica* alegam as bermas com as suas flores vermelhas e amarelas.

Chegado à estrada, vire à direita em direção à *Feiteira*. Este local é conhecido por *Barro Branco*, não é difícil perceber porquê... basta observar os taludes esbranquiçados de material profundamente alterado, chamado pelos entendidos de “brecha traquítica da Feiteira”. Pode agora apreciar



no casario envolvente alguns exemplos de moradias antigas, onde se percebe o uso da pedra, ainda evidente nas fachadas e pormenores arquitetónicos significativos, típicos da Graciosa, como as casas de *alto e baixo*, com tetos de águas desiguais, indiferentemente às empenas estarem ou não viradas ao caminho.

Nem sempre duas linhas brancas a cruzar o asfalto indicam uma passadeira para peões, podem ser indicação de que nesta ilha a população já adotou as touradas à corda, importadas da vizinha ilha Terceira, e que para lá destas linhas, em dia de festa, o risco de ser pegado por um touro bravo é elevado.

Junto a uma enorme araucária vai encontrar sinalização a indicar-lhe que vire à esquerda, a caminho da *Praia*, a pouco mais de 4 km.

Rapidamente percebe que este caminho, agora secundário, foi em tempos remotos a ligação principal entre a *Praia* e *Guadalupe*. As evidências são muitas: as ruínas de modestas casas centenárias, não rebocadas, invadidas pela vegetação, cujos buracos das empenas estão agora clandestinamente transformados em pombais; portais com ombreiras, encimadas por grandes vergas, em pedra aparelhada, que serviam de entrada a hortas e pomares, alguns recuperados de onde se retiram maçãs, laranjas, ameixas, uvas, castanhas e produtos mais tropicais como os inhames, araçás, bananas e até abacaxi. Para olhos mais atentos chamam-nos também a atenção outras espécies introduzidas, como o louro de cozinha, roseiras ou enormes camélias. A cada bifurcação vire sempre à esquerda, sempre junto à encosta da velhinha *Serra das Fontes*, com a profícua idade de 620 000 anos, onde irá encontrar frescas e retemperadoras sombras. Ouve-se o *rolar* das pombas e o chilrear dos tentilhões, estorninhos e melros. Por aqui também planam os “*queimados*” à procura de pequenos coelhos e ratos. Junto às paredes de pedra deste caminho crescem alguns pés de *Physalis peruviana*, planta tropical que produz uma pequena baga amarela, doce quando madura e muito apreciada por algumas pessoas para fazer compota ou comer ao natural.

Quando o caminho começa a descer, tornando-se apenas pedonal, veja à direita uns terrenos mais profundos que ficaram assim em consequência da extração de barro que aqui existia, onde agora apascentam geralmente cabras. Mais à frente o chão é a própria rocha e sobre esta estão cavados profundos sulcos equidistantes (relheiras) esculpidos pelo rodar continuado dos carros de bois, muitas vezes carregados com o barro atrás referido. Garantem-me que também está lá uma cruz em baixo relevo, talhada na rocha do chão, em memória de uma vítima mortal de um acidente em que um desses carros de bois virou. Não a vi, mas não admira, pois agora o chão cobre-se com a folhagem dos eucaliptos e vinháticos, que outrora não existiam por aqui. E é neste cenário de mata que rapidamente chegamos ao cruzamento desta *Canada do Nevoeiro* com a estrada.

Um pouco mais à frente, à esquerda, voltamos a entrar naquilo que é a continuação desta *Canada do Nevoeiro*, no início asfaltada, e que nos

PR1 GRA *Serra Branca - Praia*

leva à *Lagoa*. Nos muros de pedra, que escondem por vezes pomares, é audível o frenético embora invisível reboliço das lagartixas. À esquerda, no alto, o *Quitadouro*, parcialmente esventrado para extração das escórias negras e avermelhadas.

Uma árvore menos comum, a *Corynocarpus laevigatus*, exhibe os seus frutos amarelos e maduros aos pássaros, que logo que possível virão saboreá-los. Mais abaixo, à sua direita junto ao caminho, encontra as traseiras de um *forno de telha*, construção com mais de 3 m de altura e uma abertura junto ao chão. O Sr. Juvaldino Espínola diz-me que aqui, a *Lagoa*, era lugar de fornos de telha, fornos de alguidares e canecos, fornos de cal, moinhos de vento e poços de maré... tudo junto dá-nos uma ideia das “*indústrias*” que aqui laboravam. Havia um barco, conhecido como “*O Barco da Telha*” que carregava telha na Graciosa e a distribuía por algumas ilhas do grupo central, onde iam substituir a palha de muitas coberturas de casas e palheiros.

Passa a *Ermida de Santana*, muito antiga, mas recentemente recuperada, com festa no 2º domingo de julho com procissão e arraial... embora modesto. Continue em direção ao mar, fazendo as curvas que são necessárias. Encontra algumas casas, todas do seu lado direito, e por trás delas, um extenso maciço rochoso, que chamam de *Rochela*, onde cresce vinha e onde se encontra a pedreira/britadeira que serve toda a ilha. Bem perto do mar, o caminho faz a sua curva mais pronunciada começando o *Passeio Marítimo Manuel de Barcelos Silveira Bettencourt*, inaugurado a 28 de dezembro de 2014, que o levará à vila da *Praia*. Este notável industrial, nascido em 1916, mandou construir uma frota de atuneiros para alimentar aquela que foi considerada a maior e mais moderna fábrica de conservas dos Açores, o comprido edifício que está em frente aos equipamentos de manutenção física por onde vai passar. À sua esquerda, nascido de uma erupção submarina, o sempre presente *Ilhéu da Praia* mantém uma cobertura terrosa aplanada, com cerca de 5000 m² de área. Com acesso fácil, foi desde há muito local de recreação da população praiense que ali passava o dia. Nesta *Reserva Natural do Ilhéu da Praia*, em covas na terra ou entre as rochas, nidificam e crescem importantes aves marinhas migratórias: garajaus (a 2ª maior colónia de *Sterna dougallii* do mundo está aqui), *Calonectris diomedea borealis*, *Puffinus baroli*, *Oceanodroma castro* e, em especial, o *Oceanodroma monteiroi* uma ave marinha cuja únicas colónias nidificantes conhecidas no mundo estão na ilha Graciosa, concretamente neste *Ilhéu da Praia* e no *Ilhéu de Baixo*, o que faz dela uma espécie endémica dos Açores.

Chega à *Vila da Praia*, segundo mais importante aglomerado populacional da ilha. Merece certamente um passeio pelas suas ruas carregadas de história, com edifícios várias vezes centenários e um conjunto expressivo e muito particular de *calçada portuguesa*. As *Festas de São Mateus* realizam aqui no 3º domingo de julho. Desfrute de um merecido descanso, relaxando com um banho de mar na praia de areias acinzentadas, ou na esplanada de um dos restaurantes ou cafés. Não saia da vila sem provar a doçaria que aqui se fabrica, em especial as famosas *Queijadas da Graciosa* em forma de estrela e muito doces.

TRILHOS DOS AÇORES

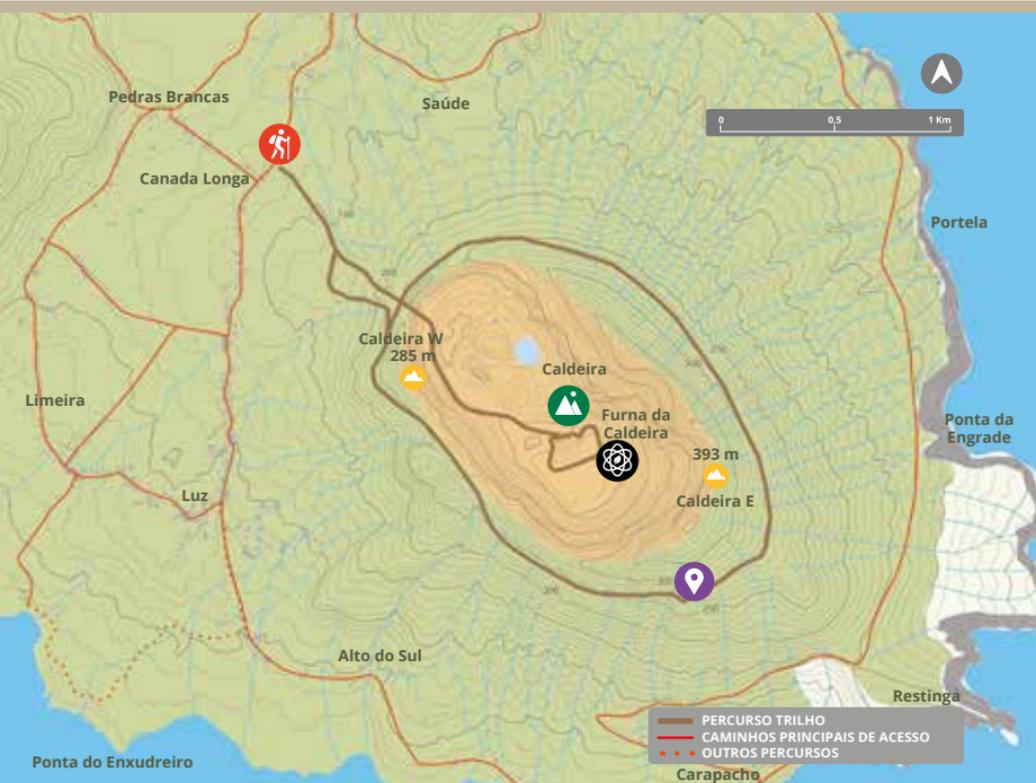


GRACIOSA

PRC2 GRA

Volta à Caldeira - Furna do Enxofre

Dificuldade: Fácil Extensão: 10,8 km Duração: 3:00h Forma: Circular



Início do trilho
39° 2' 8.54" N;
27° 59' 14.16" O



Geossítio



Ponto de interesse



Elevação



Centro Ambiental

Parque Natural da Graciosa



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Monumento Natural



PRC2 GRA *Volta à Caldeira - Furna do Enxofre*

Este percurso começa no início do caminho que segue para a interior da *Caldeira*, mas que também permite o acesso exterior à circunvalação deste vulcão.



O caminho está assente em terreno rochoso proveniente de uma escoada de lavas *pahoehoe*, que há cerca de 12000 anos preencheram o interior da *Caldeira* formando um imenso lago de lava, e que transbordaram pela cumeeira em dois locais distintos. Num desses locais a lava deu origem à *Furna da Maria Encantada* e a este manto rochoso, bem definido.

Chega a uma bifurcação onde deverá optar por visitar primeiro o interior da *Caldeira* ou o seu perímetro exterior... eventualmente a sua decisão poderá depender do horário de abertura do *Centro de Visitantes da Furna do Enxofre*. Sugiro deixar a visita à gruta e ao interior da caldeira para último. Assim, nesta bifurcação, vire à direita para o *Caminho Florestal das Furnas* (= *Canada das Furnas*).

Os afloramentos rochosos, facilmente visíveis do nosso lado direito e a presença de grutas nas imediações são provas do episódio vulcânico, já referido, que levaram estas lavas para Sul, cobrindo boa parte das terras onde agora está a *Freguesia da Luz*. A primeira dessas cavidades vulcânicas, a *Furna do Abel* com 168 m de comprimento, apresenta junto ao caminho duas enormes claraboias. Uma placa indica a entrada da gruta, que pode visitar.

Continuando, vai encontrar do seu lado esquerdo um reservatório denominado "*Furnas*" abastecido em parte pelas nascentes subterrâneas

PRC2 GRA *Volta à Caldeira - Furna do Enxofre*

no interior da *Furna d'Água*, com cerca de 30 m de comprimento, localizada uns metros acima, mas fechada ao público.

Comece agora a contornar este maciço, virando à esquerda pelo *Caminho Florestal da Caldeira*, inicialmente em terra batida. Logo depois encontra uma indicação para subir e visitar a *Furna da Maria Encantada*. Faça essa subida de cerca de uma centena de degraus. No cimo passe o portal e atravesse o tubo lávico, por onde o vento se esgueira. A seus pés está a *Caldeira*, uma cratera com um diâmetro máximo de 1,6 km no topo e altitude máxima de 402 m. Está decorada por uma grande variedade de espécies arbóreas introduzidas pelos Serviços Florestais, que no seu interior mantém um agradável parque de merendas e viveiros. Pode ver também algumas pastagens no fundo e nalguns pontos da cumeeira.

Antes da descida, fora da furna, passando os olhos da esquerda para a direita viaja da *Freguesia da Luz* às *Pedras Brancas*, mantendo a *Serra Branca*, o *Pico Timão* e a *Serra das Fontes* como cenário. Observa vários dos moinhos tradicionais da ilha Graciosa, alguns em ruínas, outros ainda com as suas cúpulas pintadas no tradicional vermelho vivo.

De novo no *Caminho Florestal da Caldeira*, vai ficar surpreendido com a magnífica vista sobre a *vila da Praia*, que primeiro se esconde detrás do *Pico da Ladeira do Moiro*, com a sobranceira *Ermida da Senhora da Saúde*, para logo se mostrar. No mar em frente, ergue-se o ilhéu da Praia.

O piso em terra batida alterna com o asfalto, e as espécies que ocupam as bermas e taludes, apesar de comuns, apresentam por vezes um porte suficiente para dar boa sombra, o que lhes dá um valor acrescido.

Mais para sul surgem novos ilhéus: o *Ilhéu dos Homiziados* (o maior) e o inacessível *Ilhéu de Baixo* (seu vizinho), vigiados pelo *Farol da Restinga*.

No mar, ao longe, as ilhas Terceira e São Jorge ajudam a integrar a Gra-



LENDA DA MARIA ENCANTADA

A Maria e o marido eram um casal de posses. Tinham muitos animais entre os quais um galo que era uma alegria ouvir pela manhã. Certo dia, a estranhas horas, o galo começou a cantar de forma diferente e repetidamente, parecendo dizer: "Foge! Foge! Foge!" Maria pensou ser um aviso e insistiu com o marido para que saíssem dali. Este recusou e acabaram por ficar. Passados uns dias a terra tremeu e deu-se uma grande erupção formando um vulcão com uma enorme caldeira e no sítio da casa de Maria formou-se uma Furna. Toda a família desapareceu menos Maria, que tinha acreditado no aviso e ali ficou encantada para todo o sempre, apascentando os seus rebanhos. Maria também tinha galinhas ... que eram as gaiivotas. Vestida de trapos, toda esgadelhada, metia medo às crianças. Às vezes, quando o tempo estava bom, via-se a roupa que Maria estendia lá no alto e quando cozia o pão a Caldeira ficava enevoadada com o fumo.

PRC2 GRA **Volta à Caldeira - Furna do Enxofre**

ciosa neste arquipélago. Adiante avista os edifícios da zona termal e banhar do lugar do *Carapacho*. Já no lado ocidental encontra o *Miradouro da Luz*, inaugurado em 2012, que lhe permite uma panorâmica sobre o centro da freguesia com esse nome. Em breve termina a volta do *Caminho da Caldeira*.

Desça pelo caminho de asfalto até à bifurcação já sua conhecida e vire agora à direita para entrar na *Caldeira*, uma área protegida a vários níveis, classificada como *Monumento Natural da Caldeira da Graciosa*, como *Geossítio* da ilha Graciosa e como *Sítio Ramsar* (desde 2008). Terá de o fazer atravessando um túnel, inaugurado em 1953. Já no interior siga em frente para a *Furna do Enxofre*. Aqui são as árvores e os grandes blocos de pedra caídos das encostas rochosas que marcam a paisagem.

Chega a um pequeno parque de estacionamento. Abandone o caminho e desça os quase 200 degraus que o levam ao *Centro de Visitantes da Furna do Enxofre*. Neste edifício inaugurado a 5 de abril de 2010, preparado para receber e informar os visitantes, funciona simultaneamente o *Núcleo da Reserva da Biosfera*, a sede do Parque Natural da Graciosa e, naturalmente, serve como porta de entrada para a *Furna do Enxofre*. É obrigatória a visita a esta espetacular cavidade vulcânica, considerada única no panorama vulcanoespeleológico internacional que integra o *Monumento Natural*.

Na fase final da erupção, que atrás referimos, a lava desceu para o interior da conduta principal, deixando formada atrás de si a *Furna do Enxofre*. Os entendidos dizem que esta cavidade abobadada poderá ter tido origem numa bolsa de lava fluida, adquirindo a sua forma atual em resultado dos reajustamentos que sucederam à drenagem da mesma.

Localizada a 98 m de altitude, acede-se descendo 183 degraus de uma escada em caracol no interior de uma torre com 37 m de altura, inaugurada em 1939. As visitas guiadas são realizadas quando se registam as necessárias condições de segurança. Por vezes, a concentração de CO₂ na atmosfera do interior da gruta é demasiado elevada o que impossibilita a visitação. A enorme gruta, deixada pela última erupção que esta *Caldeira* viu, alberga diversas formas e manifestações secundárias do vulcanismo que construiu esta ilha. Ao teto abobadado, com 194 m de comprimento máximo e 40 de altura, juntam-se pequenas estalactites lávicas, um lago de água doce e fria de dimensões consideráveis e, mesmo ao lado, um campo de desgaseificação, constituído por uma fumarola de lama e por emanações gasosas secas no próprio chão da gruta. É possível ainda ver disjunções prismáticas no teto e nas paredes. Esta gruta tem sido visitada por ilustres cientistas desde o século XIX, de onde se destacam: o Príncipe Alberto de Mônaco, Ferdinand Fouqué e George Hartung.

Regresse pelo mesmo caminho, para sair da *Caldeira*. Antes, no entanto, perto do túnel, encontra à direita a descida até ao parque florestal. Está fora do percurso sinalizado, mas faça também este agradável e curto passeio, que o leva a um parque de merendas, onde estão presentes alguns animais e onde os Serviços Florestais mantêm os seus viveiros. Termine o passeio voltando ao ponto de partida.

TRILHOS DOS AÇORES

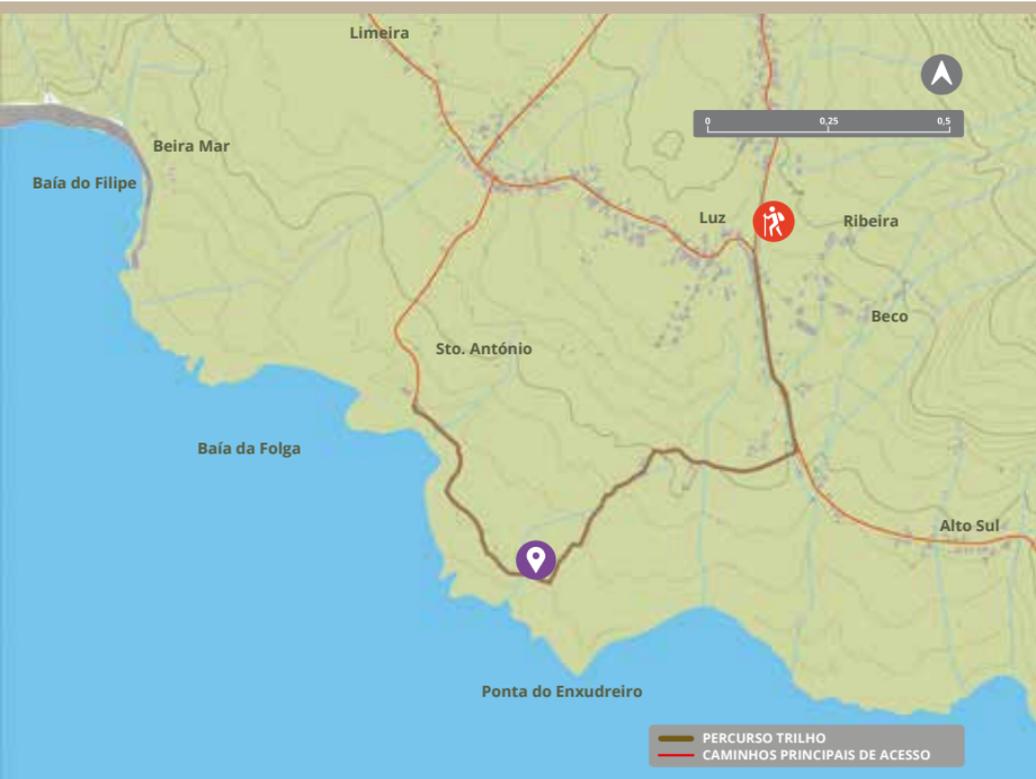


GRACIOSA

PR3 GRA

Baía da Folga

Dificuldade: Fácil **Extensão:** 2,1 km **Duração:** 1:00h **Forma:** Linear



Início do trilho

39° 1' 19.46" N;
27° 59' 23.99" O

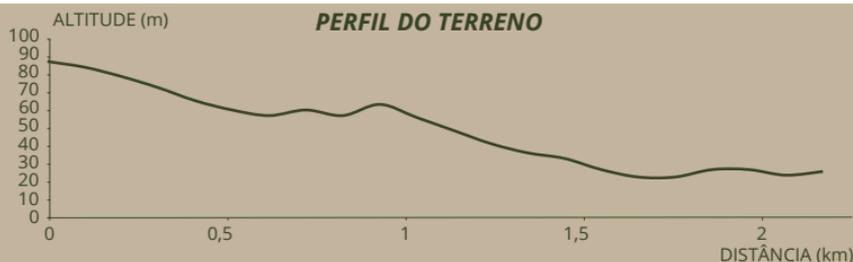


Ponto de interesse

Parque Natural da Graciosa



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PR3 GRA *Baía da Folga*

Este percurso inicia-se no *Largo 1º de Dezembro* ou *Largo da Luz*, como a população local prefere chamar, pois é o centro social desta freguesia onde se desenrola todo o percurso. Esta é verdadeiramente uma *Pequena Rota...* apenas 2,1 km.

Tem a particularidade de começar junto de estabelecimentos comerciais bem equipados e prontos a suprir algumas das necessidades imediatas que tenha para este percurso. No fim, no *Porto da Folga*, encontrará também um bar/restaurante à sua espera, que lhe poderá ser de alguma conveniência.

Saia do *Largo da Luz* descendo pela estrada principal, no sentido do *Carapacho*. Faça um pequeno desvio para visitar a *Igreja de Nossa Senhora da Luz*, benzida em 1738. De volta à estrada, vai encontrar à sua esquerda uma antiga arquinha e tanque de água "*onde bebiam os bois*"... disse-me alguém.

Se observar bem, nesta ilha os números de polícia das casas saíram todos do mesmo molde e estão todos em ótimo estado de conservação. Foi no final da década de 90 do século passado que por toda a ilha foram colocados esses ainda resplandecentes azulejos... mesmo nas casas mais arruinadas.

À sua direita, entroncando com a estrada, e apresentando um sinal de "STOP," encontrará um primeiro caminho de uso agrícola, e um antigo canal empedrado que acompanha a estrada e que iremos percorrer durante cerca de 100 m. Já não se consegue imaginar tamanha precipitação que justificasse melhorar e manter este canal. Hoje fica como uma invocação aos tempos em que a água cavou as linhas de água que são visíveis na ilha. Agora, passa os dias seco, ou sem que veja descer um caudal significativo. Encontra um segundo caminho à direita, também com um sinal de "STOP": a *Canada Nova*. Siga por esse caminho secundário onde hoje nem a rampa em betão que presenta no início é "nova".

Do lado direito, a parede de pedra mantém uns estranhos líquenes alaranjados, que aparentam gostar de sol, já que ocupam principalmente as faces expostas a sul. Sucodem-se pequenos currais abandonados, com milho ou com vinha. Há alguns anos o Sr. João do Outeiro (entretanto falecido), que foi o último a morar aqui, diversificava a produção agrícola neste local fazendo umas hortas de pepinos e de batata-doce. Dizia-me ele que para lá da sua casa era chamado o *Pedregulho* que se estendia até à *Canada dos Padres...* aonde vamos entroncar e onde devemos virar à esquerda em direção ao mar.

Olhando em redor percebemos a importância da cultura da vinha nesta zona, muito maior no passado, é certo, tal como a *Urzela* que cresce abundantemente nas pedras dos muros, longe da raridade de outros tempos.

Na paisagem, para o lado da serra, observa-se o que resta dos moinhos de vento que também aqui proliferavam. Ouve-se um constante zumbido de fundo que parece indicar haverem colmeias aqui perto.

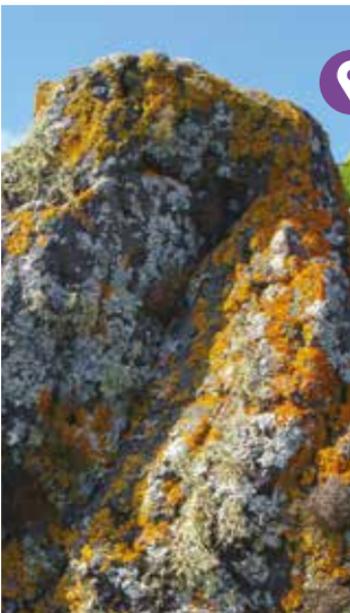
Lá longe, a *Serra Branca* mostra a rocha da *Ponta Branca*, a mais alta

falésia costeira da Graciosa que se precipita 330 m em escarpa para o mar. Há quem afirme ter sido esta arriba de traquitos esbranquiçados, muito visível a quem se aproxima pelo mar, a razão pela qual ficou a ilha Graciosa conhecida como a *ilha branca*.

Rapidamente chegamos ao litoral. Siga para a direita, pelo caminho bordejado de salgueiros, por entre uma vegetação esparsa típica da beira-mar, onde a ressalga condiciona este *habitat* tão particular. Temos *Solidago sempervirens*, *Juncus acutus*, *Rhaphiolepis umbellata*, e aqui e ali as endémicas *Euphorbia azorica* e *Spergularia azorica*.

Estamos a chegar agora ao lugar da *Folga*. Começamos agora a ver o *Porto da Folga*, na sua melhor perspetiva para a fotografia... não deixe de a aproveitar. Por entre algumas casas de aprestos da importante atividade piscatória local, chega ao porto, junto ao *Restaurante do Mar*, onde Maria do Carmo o poderá receber entre as 10:30 e as 22:30, todos os dias "*exceto no dia de Natal*", garante-me ela. Se tiver oportunidade entre e encomende para mais tarde uma *Caldeirada de Peixe*, ou o seu famoso *Molho à Pescador* (caldo de peixe), com um toquezinho de açafroa a condimentar, mas "*... os estrangeiros e emigrantes também apreciam muito o meu peixe frito ou grelhado com molho de vindima*" diz-me ela. Caberá a si a escolha e o proveito.

O passeio termina aqui, mas se pretender voltar ao centro da *Freguesia da Luz*, onde começou este percurso, terá de percorrer mais 1370 m pela única estrada que dá acesso a este local, construída no século XIX pela importância portuária que mantinha. Já na subida irá encontrar a ermida dedicada a Santo António, edificada nos finais do séc. XIX, à qual se acede subindo uma alta escadaria.



URZELA

É o nome comum dado ao líquen *Rocella tinctoria*, de cor acastanhada, comum sobre rochas costeiras e muros de pedra à beira-mar, nas ilhas dos Açores. Produz um corante de cor púrpura (ou azul violáceo) usado para tingir têxteis. As técnicas de confeção do corante a partir da urzela, pelos tintureiros flamengos que importavam a matéria-prima dos arquipélagos atlânticos, foram durante muitas décadas um segredo muito bem guardado. No período inicial da história dos Açores a urzela constituiu um dos mais importantes produtos de exportação das ilhas, mantendo-se o seu comércio do séc. XV até ao séc. XIX. Atingia grande valor de mercado, de tal forma que se tornou num monopólio real, havendo severas penas a quem a contrabandeasse. A apanha da urzela era muito penosa, devido ao acesso e ao trabalho nas falésias e escarpas, sendo a causa de algumas mortes por queda.

TRILHOS DOS AÇORES



GRACIOSA

GR1 GRA

Grande Rota da Graciosa

Dificuldade: Médio Extensão: 40 km Duração: 14:00h Forma: Circular



Início do trilho
39° 5' 0.08" N;
27° 59' 48.30" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear

Parque Natural da Graciosa



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Monumento Natural



GR1 GRA *Grande Rota da Graciosa*

A Grande Rota da Graciosa percorre grande parte da ilha através de um percurso circular que alterna as paisagens da orla costeira, com destaque para os diversos ilhéus, com as paisagens vulcânicas do interior da ilha, numa extensão total de aproximadamente 40 km.



Este percurso encontra-se dividido em duas etapas de aproximadamente 20 km cada. A primeira etapa, que faz a ligação entre a zona da Barra (Santa Cruz da Graciosa) e a freguesia da Luz, permite a contemplação das zonas costeiras Este e Sul da ilha, apresentando-se mais suave na zona da Praia e com arribas mais altas e escarpadas na Ponta da Restinga, com destaque para as Reservas Naturais dos Ilhéus da Praia e de Baixo. Também nesta etapa é possível apreciar a paisagem vulcânica mais emblemática da ilha – a Caldeira, havendo a oportunidade de visitar, no seu interior, a Furna do Enxofre, uma importante cavidade vulcânica com cerca de 40 m de altura e 194 m de comprimento, que possui uma lagoa no seu interior.

A segunda etapa, que liga a freguesia da Luz ao ponto inicial da Barra apresenta como destaques a Caldeirinha de Pêro Botelho, um algar vulcânico com 25 m de profundidade instalado na Serra Branca que constitui um verdadeiro miradouro natural sobre grande parte da ilha, o vale entre o Maciço Central e o Maciço da Caldeira e as relheiras de antigos carros de bois na zona das Fontes.

Deverá planear o percurso, de acordo com a sua condição física, interesse e disponibilidade. Existem entre estações locais próprios para pernoitar, com destaque para alguns moinhos de vento antigos, que foram recuperados para espaços de Turismo em Espaço Rural.



FLORES



TRILHOS DOS AÇORES



FLORES

PR1 FLO

Ponta Delgada - Fajã Grande

Dificuldade: Difícil Extensão: 13 km Duração: 4:30h Forma: Linear



Início do trilho

39° 30' 54.38" N;
31° 12' 32.38" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural das Flores



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Paisagem Protegida

ALTITUDE (m)

PERFIL DO TERRENO



PR1 FLO *Ponta Delgada - Fajã Grande*

Este passeio é um dos mais concorridos dos Açores. No entanto, não o faça se estiver nevoeiro ou se houver forte probabilidade de chuvas ou ventos fortes. É um trilho que nalguns troços requer particular atenção e cuidado, devido ao piso acidentado se tornar por vezes bastante escorregadio. **O desnível acentuado de alguns troços torna este percurso não aconselhável a pessoas com vertigens.**

Saindo de Ponta Delgada, pelo caminho principal que leva ao farol, começa por encontrar a pequena *Capela de Nossa Senhora da Guia*. Faça aqui uma primeira paragem para ver o *Ilhéu do João Martins* e o litoral norte da ilha. Inicie a caminhada avançando 1,5 km pelo caminho de asfalto, sem nunca mudar de direção, até à ponte da *Ribeira do Moinho*. Faça uma nova paragem para admirar este vale cavado, onde as abundantes águas acastanhadas lavam, o melhor que podem, as pedras brancas do leito e as trutas, que dizem andar por aqui. Ainda é possível ver as ruínas de um dos antigos moinhos, a montante, e a jusante, a ilha do Corvo.

Mais 400 m e passa pela *Estrada das Lombas*, um caminho em betão à sua esquerda, que terá de subir mais tarde. Entretanto continue por mais 500 m até ao farol da *Ponta de Albernaz*, que irradia a sua luz desde 28 de janeiro de 1925. Junto ao farol siga o muro branco em direção à falésia e ao *Ilhéu da Maria Vaz* classificado como *Reserva Natural*. As pas-



tagens aplanadas estendem-se até à formidável linha de costa, batida pelo mar. *Ponta Delgada* está sobre as mais antigas lavas datadas para a ilha das Flores, com mais de 2 milhões de anos.

Volte para trás e suba agora a já referida *Estrada das Lombas*, durante mais 1,5 km, até atingir os 250 m de altitude, acompanhando o bonito vale da ribeira. Aí encontra uma placa, à sua direita, que lhe indica o atalho por onde seguir. Ponha-se em marcha, terá ainda de andar cerca de 2,8 km até chegar à falésia costeira mesmo por cima da *Quebrada Nova*.

PR1 FLO *Ponta Delgada - Fajã Grande*

Algumas pedras estrategicamente colocadas tentam compensar os afloramentos rochosos do trilho, eles próprios muitas vezes talhados em degraus. Em 5 minutos já estará a atravessar a ribeirinha à sua direita, continuando a subir esta irregular vereda, onde por vezes o sol não entra. Em cerca de 15 minutos sairá num largo canadão, mais plano e confortável, com as pastagens de um lado e de outro. Estes são elementos da paisagem que se irão repetir até que comece a descer a falésia costeira. Vai passar ribeiros com pequenas cascatas e poças de montanha, domicílio de rãs saltadoras, sobre as quais pendem fetos e ramos de *Juniperus brevifolia*, *Frangula azorica*, intercalados com outros canadões com melhores vistas, mais vacas e alguns insetos que teimam em povoar a atmosfera à nossa volta.

Por essa altura já terá avistado a referida fajã da *Quebrada Nova*. Em linha, avista atrás a *Ponta de Albernaz*, o *Ilhéu da Maria Vaz* e a ilha do Corvo. Oportunidade única para umas boas fotos. Mais afastado da costa, começa a avistar o *Ilhéu do Monchique*, verdadeiro marco geográfico que fecha o *Velho Mundo* e abre as portas ao *mar ponente*. Está dentro da *Área de Paisagem Protegida da Zona Central e Falésias da Costa Oeste*.

Continue por mais cerca de 1 km e, aos 430 m de altitude, encontra à sua frente os primeiros vislumbres da *Fajã Grande*. Mais umas passadas e começa a descer a falésia. Faça-o com a máxima atenção pois, apesar de existirem algumas estruturas de apoio instaladas, nomeadamente alguns degraus e proteções laterais em troncos de árvore e uma escada toda em madeira, ainda assim requer a sua máxima atenção. O atalho íngreme, com partes empedradas em "Z", bom para pernas experientes, revela-se a cada curva... tal como a paisagem. Mais abaixo percebe que entrou numa "concha", encaixada pelas imponentes paredes rochosas, um espaço aparentemente confinado, menos declivoso, onde se desenvolve uma mata onde predominam *Pittosporum undulatum* e altos *Juniperus brevifolia* que o protegem do sol. Durante algum tempo a *paisagem* é só o que vislumbra para o interior da mata que o cerca.



FAJÃ DA QUEBRADA NOVA

Foi no dia 9 de junho de 1847 que ocorreu uma enorme derrocada na arriba conhecida por *Rocha dos Fanais* que "encheu mais de 350 braças de mar longe da costa, com mais de 500 metros de largura, e de fundura 30 a 40". Esse evento, conhecido como a *grande quebrada dos Fanais*, formou não só a respetiva fajã como deu origem a grandes ondas no mar que varrendo depois as costas da ilha foram responsáveis por uma "cheia de mar" que terá causado a morte a oito pessoas, segundo o que se encontra escrito.

PR1 FLO *Ponta Delgada - Fajã Grande*

Ao sair deste enorme “degrau” da arriba, descendo um pouco, o trilho fica mais suave, levando-o até à *Ponta da Fajã* que avista melhor a cada curva que o trilho faz na rocha escarpada. Surgem algumas escorrências de água nos taludes, que tornariam este trilho impraticável não fosse a intervenção humana. Uma conduta no lado esquerdo do trilho mostra uma dessas intervenções, feita para captação de água para a *Ponta da Fajã*. A *Fajã Grande*, com o *Pico da Vigia* por detrás, parece cada vez mais próxima. É possível que à sua volta andem algumas das cabras selvagens que sobrevivem nestas rochas.

Após a última curva avista a *Igreja de Nossa Senhora do Carmo*. Entra na *Ponta da Fajã* num caminho de terra batida que o leva ao asfalto. Atingidos parcialmente por uma derrocada da falésia a 19 de dezembro de 1987, que destruiu uma casa, uma capela e uma garagem, os 50 moradores da *Ponta da Fajã* foram evacuados, contra sua vontade, semiabandonando as suas propriedades. Inconformados por tal facto, acabaram regressando e reocupado parte das casas, embora sejam agora muito poucos os habitantes permanentes.

Da *Ponta da Fajã* até à zona balnear da *Fajã Grande* (onde acaba este percurso) são cerca de 1,8 km de asfalto, que feitos a pé permitem-lhe admirar uma sequência de cascatas, a última das quais é o *Poço do Bacalhau*. Sobre esta queda de água e a *Fajã Grande* leiam-se os outros 2 percursos pedestres que também convergem para este idílico local, onde o sol e o mar se juntam.



TRILHOS DOS AÇORES

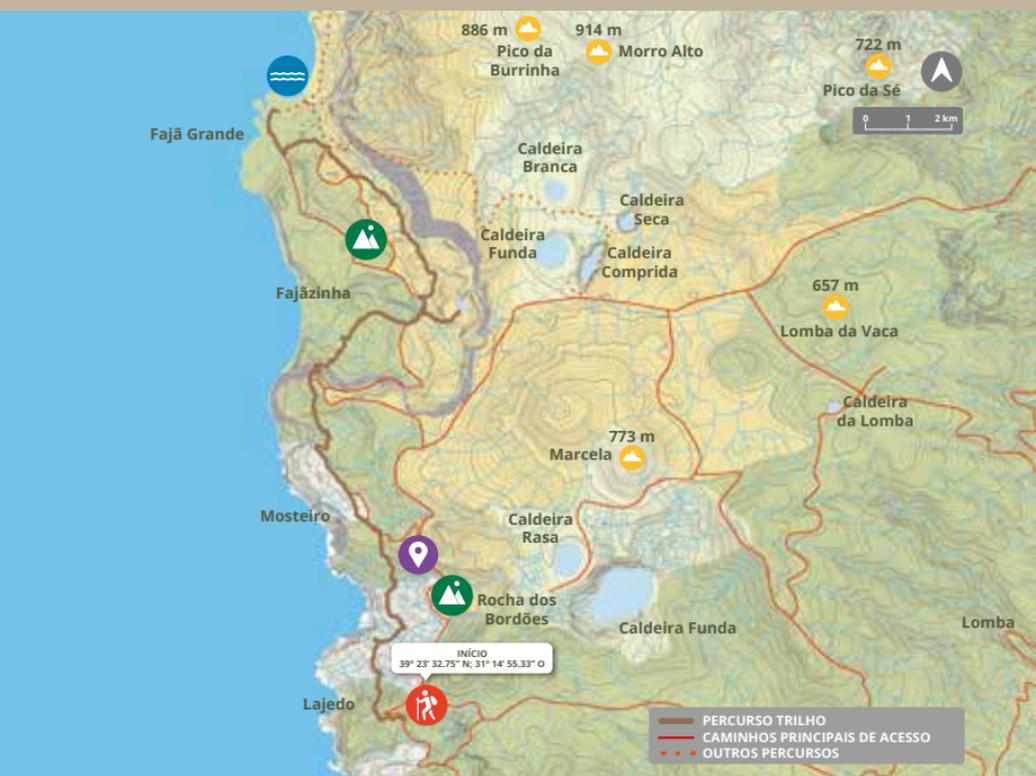


FLORES

PR2 FLO

Lajedo - Fajã Grande

Dificuldade: Médio Extensão: 13,5 km Duração: 3:30h Forma: Linear



Início do trilho

39° 23' 32.75" N;
31° 14' 55.33" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural das Flores



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Paisagem Protegida



PR2 FLO Lajedo - Fajã Grande

Inicie o percurso no centro da *Freguesia do Lajedo*, junto à igreja paroquial, que ostenta à entrada pias de água benta e duas grandes e exóticas conchas marinhas do género *Haliotis*. Aproveite para visitá-la. As festas de *Nossa Senhora dos Milagres* que acontecem aqui em meados de agosto, são responsáveis pelas maiores peregrinações a que a ilha assiste, como forma de pagamento das “*graças*” alcançadas.

Suba junto à *Casa do Espírito Santo* e avance alguns metros, até deixar para trás as últimas casas do *Lajedo* e encontrar um miradouro, local onde está o painel informativo e onde o percurso pedestre efetivamente começa. Pelo caminho, algumas *Azorina vidalii* nos taludes posam para a fotografia.

O miradouro, bem cuidado e ajardinado, junto a um antigo palheiro, permite captar na paisagem o volumoso *Ilhéu do Cartário* e junto ao mar, sobre a direita, uma plataforma rochosa nua, tipo *laje*, que estará na origem da atribuição do nome à freguesia, e que ajudava o



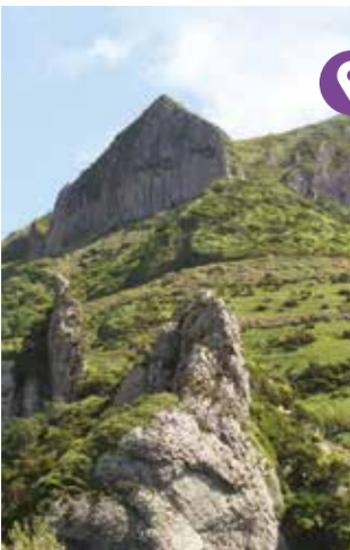
desembarque no *Portinho do Lajedo*, uma minúscula enseada que lhe está contígua. Neste local, conhecido como *Baixa Rasa*, encalhou na madrugada de 10 de junho de 1909 o paquete *Slavonia* que navegava dos Estados Unidos da América para Itália. Tendo ficado apenas a 25 m da costa, foi possível evacuar todas as 597 pessoas que iam a bordo, que continuaram depois viagem noutras embarcações, e retirar grande parte dos seus pertences, tendo nos meses seguintes uma parte dos restantes haveres e da própria embarcação sido trazidos para terra.

PR2 FLO Lajedo - Fajã Grande

Tem agora 3 km e 3 extensos vales abertos sobre o mar e ponteados de afloramentos rochosos de rijo basalto, até chegar à *Freguesia dos Mosteiros*. Prossiga descendo pelo caminho de terra e na primeira bifurcação siga também pela esquerda, descendo uma vereda por vezes empedrada. À sua frente está o *Pico da Terra Nova* com uma ribeirinha no sopé, que vai ter de atravessar. Contornado este pico chega ao vale da *Ribeira da Lapa* e, em breve, está a ultrapassar uma ponte em pedra sobre o seu afluente principal. Contorna outra elevação e a entrada no terceiro vale, o da *Ribeira do Fundão*, permite-lhe ver um grande número de ilhéus. Está agora dentro da *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies da Costa Sul e Sudoeste*.

Para cima, o vale apresenta alguns filões basálticos de dimensões consideráveis, quais sentinelas de pedra emersas do verde da pastagem. Escolha bem as pedras que vai pisar para passar a *Ribeira do Fundão*. Uma subida acentuada vai fazê-lo vencer 130 m de desnível para chegar ao caminho de asfalto dos *Mosteiros*, enquanto consegue as melhores perspetivas sobre a imponente *Rocha dos Bordões*.

Há quem diga que foram os numerosos ilhéus junto à costa, outros dizem que terão sido os grandes pináculos rochosos que existem em terra, a estar na origem do topónimo "*Mosteiro*" dado a esta freguesia, a cujo *Centro* está a chegar. A arquitetura tradicional do Mosteiro mantém a sua maior originalidade nos cerca de 20 arcos em pedra, de volta inteira, que ainda é possível apreciar nas portas das "*lojas*" de algumas casas. Essas portas em arco davam entrada no espaço onde eram guardadas as alfaias agrícolas e os carros de bois, mais largos. A necessidade de um vão maior obrigou a recorrer ao *arco*, mais estável e fácil de conseguir que a típica *verga* em pedra única, que encima as janelas e restantes portas mais estreitas da casa. Segundo os últimos censos demográficos,



ROCHA DOS BORDÕES

É uma rara formação geológica com cerca de 570 000 anos, a mais expressiva do seu género nos Açores, caracterizada por mais de 200 enormes colunas prismáticas de basalto dispostas verticalmente, de 22 a 28 metros de altura, ao longo de 100 metros de extensão, a que popularmente se deu o nome de bordões. A origem desta disjunção do basalto deve-se ao arrefecimento rápido a que é sujeita a espessa escoada lávica. Localizado no sítio denominado por Cabo Baixo das Casas, freguesia dos Mosteiros, esta imponente rocha, de singular beleza é um dos elementos paisagísticos mais emblemáticos da ilha. Este Geossítio das Flores está classificado como Monumento Natural Regional.

PR2 FLO *Lajedo - Fajã Grande*

de 2011, as cinco freguesias com menor população residente do país estão na ilha das Flores, sendo aquela que menos pessoas apresenta a dos Mosteiros, com apenas 43 residentes. Não se admire se não vir alguém que possa cumprimentar ou pedir alguma indicação.

Desça passando pela *Igreja da Santíssima Trindade* com festa no terceiro fim de semana de agosto, com um chafariz em frente onde se pode refrescar. Continue a descer a *Rua do Cabo de Baixo das Casas*, até ao momento em que esta curva à direita. Abandone aí o asfalto e desça pelo betão, passando ao lado de uma casa bem preservada com algumas *Azorina vidalii*, uma das mais bonitas plantas da flora endémica dos Açores, nos buracos das paredes. Depois de passar a ponte sobre a *Ribeira do Mosteiro*, onde crescem trutas, encontra uns palheiros bem enquadrados com a paisagem, que lhe possibilita umas bonitas fotos desta paisagem rural. Por aqui terão funcionado “*fábricas*” de manteiga.

Suba até à estrada e ande outros 800 m. Em breve depara-se com a *Caldeira*, uma depressão de terras férteis e água corrente que permitiu a fixação de um pequeno núcleo de antigos povoadores. Agora completamente desabitado, apenas algumas casas subsistem de pé servindo de arrumos a bens agrícolas. Abandone o caminho de asfalto e vire numa vereda antiga à sua esquerda, passando junto a ruínas de outras casas engolidas pela vegetação.

Depois de sair na estrada avance 200 m, deixando a *Caldeira* para trás, e entre na vereda à sua esquerda, junto a um reservatório de água, que



contorna pelo lado do mar um outeiro: o *Cruzeiro da Fajãzinha*, um dos miradouros privilegiados desta freguesia.

Este atalho leva-o à *Ladeira do Portal*: a antiga descida pela escarpa que durante séculos constituiu o único caminho de viaturas que ligava a Fajãzinha ao resto da ilha. Tem, frequentemente, mais de 2 m de largura e mantém parcialmente a calçada primitiva.

Surgem os primeiros vislumbres sobre o vale da *Fajãzinha*, numa espantosa e espetacular paisagem, onde as falésias recuadas e diversas quedas de água nos prendem a atenção, assim como a foz da *Ribeira Grande*, a mais extensa e nefasta de toda a ilha, transformada em praia de rolo, e lá longe a *Fajã Grande*. *Fajãzinha* e *Fajã Grande* eram até há poucas décadas uma das zonas mais importantes de produção de fruta da ilha.

A entrada na *Fajãzinha* faz-se passando junto à *Igreja Matriz de N.ª Sr.ª dos Remédios* que, curiosamente, tem o adro em calçada de calhau rolado. O interior é bastante rico, em termos de recheio e decoração. Faça-lhe uma visita e aprecie a pintura dos tetos e altares, o púlpito em madeira *acastanhada* com finos dourados, as colunas pintadas numa imitação de mármore e ainda outros pormenores. A festa da padroeira celebra-se no último domingo de agosto, mas no princípio do verão acontecem ainda as concorridas *Festas do Espírito Santo*.

Chega ao *Largo do Rossio*. Com uma população de apenas 76 residentes (a segunda mais pequena do país) existem, no entanto, alguns estabelecimentos comerciais, onde é possível adquirir alguma coisa que lhe falte, e até um restaurante típico de grande fama. Muitas das casas da *Fajãzinha* têm fachadas anormalmente largas, com 1 porta e várias janelas. Por vezes, 2 moradias geminadas ainda acentuam mais esta característica.

Contorne o café pela direita, virando à esquerda por detrás dele, e chega ao *Largo do Outeiro*, junto a uma pequena ermida reedificada em 1974. Desça pela direita e, junto ao bebedouro percorra a *Rua do Engenho*. Entronca num caminho que desce para a "queijaria Tradicional", mas que deverá subir virando pela *Rua do Espinhaço*. Adiante continue a subir a vereda, para a sua direita.

Saía-se e entrava-se na *Fajãzinha* usando uma de quatro possibilidades: para Sul subindo a *Ladeira do Portal* (por onde desceu); para Norte em direção à *Aldeia da Cuada*, atravessando a ribeira e seguindo por estreitas veredas; para Leste, em direção às cascatas, subindo o *Caminho da Cruzinha*, hoje debaixo do asfalto do atual caminho principal de acesso à freguesia; ou então subia-se, tal como está a fazer, pelo *Caminho das Cabeçadas* e pelo *Caminho da Ribeira da Alagoa* com a sua escadaria empedrada.

Esta é uma zona de pomares de citrinos, araçás, bananeiras, alguma vinha e castanheiros, mas também de inhames e, claro, alguns terrenos

PR2 FLO *Lajedo - Fajã Grande*

com erva ou milho. Existem muitas torneiras de água, algumas das quais com mangueiras para encher os tanques para o gado. Já perto do final desta subida encontra uma porta para um prédio em ruínas com a data de 1951. Começa a ouvir mais forte as águas da *Ribeira Grande* a rolarem as rochas. O caudal desta ribeira, que corre abundantemente todo o ano, foi num passado recente de tal forma forte que rebentou com tudo à sua passagem, cavando numa ravina intransponível que isolou a *Fajã Grande* e os seus moradores.

Ao sair na estrada depara-se com um *moinho de água* que moía milho e centeio. Embora pertença a particulares, funciona por iniciativa da Câmara Municipal das Lajes que contratou a Sra. Maria de Fátima para mostrar aos visitantes como funciona um moinho de rodízios. Aqui cada peça tem o seu nome e cada instrumento a sua função.

Siga pelo caminho em direção à *Fajã Grande*, passando sobre a ponte da *Ribeira Grande*. Uma placa indica: *Poço da Alagoinha*. Faça esse desvio de 800 metros para apreciar uma paisagem surpreendente. A subida faz-se pela antiga vereda que possibilitava às pessoas da *Fajãzinha* o acesso a este lugar, sempre sob coberto da vegetação. Essa frescura é mais sentida com a água que em breve verá a correr numa levada que acompanha o troço final desta subida. Chega finalmente à lagoa, uma paisagem encantadora onde mais de uma dezena de pequenas cascatas deixam cair incessantemente as suas águas, do alto de uma imponente e verdejante rocha, para dentro de uma lagoa de águas calmas. Aprecie o cenário *au ralenti*, em modo lento, descansando as pernas e a mente.

Impõem-se, no entanto, clarificar que este local, é divulgado como *Poço da Alagoinha* o que é incorreto. Dizem-me moradores da *Fajãzinha* que o *Poço da Alagoinha* existe, de facto, mas a cerca de 1 km para Sul, onde outras linhas de água, que se veem a cair da mesma rocha, se reúnem noutra zona encharcada e vêm alimentar o moinho de água por onde passou. Esta lagoa que está a visitar é para a população local conhecida como o *Poço da Ribeira do Ferreiro* e, há cerca de 40 anos atrás ainda secava todos os verões, cobrindo-se de erva que era ceifada para dar ao gado. A vereda que subia possibilitava essa atividade como também a apanha de lenha para os fornos e aceder a locais onde eram cultivados os inhames. De então para cá ocorreu alguma alteração no regime hidrológico que possibilitou a esta lagoa manter água livre todo o ano.

Volte à estrada, atravesse a ponte da *Ribeira do Ferreiro* e vire logo de seguida à direita num caminho de asfalto, com 660 m de extensão e que no final, junto a uma construção agrícola para o gado, faz ligação a um dos antigos caminho que a população da *Fajã Grande* utilizava para usufruir destes terrenos mais altos e interiores. Hoje alguns mantêm a exploração agrícola enquanto outros mostram sinais de abandono. Esta vereda empedrada segue tortuosamente, subindo e descendo, por vezes escorregando um pouco. Nas suas bermas surgem algumas raridades como a planta endémica *Chaerophyllum azoricum*. Vai passar muito perto ou mesmo cruzar-se com um caminho de asfalto, mas

PR2 FLO Lajedo - Fajã Grande

nunca abandone esta vereda histórica, continue em frente e em breve avistará as primeiras casas da *Fajã Grande*.

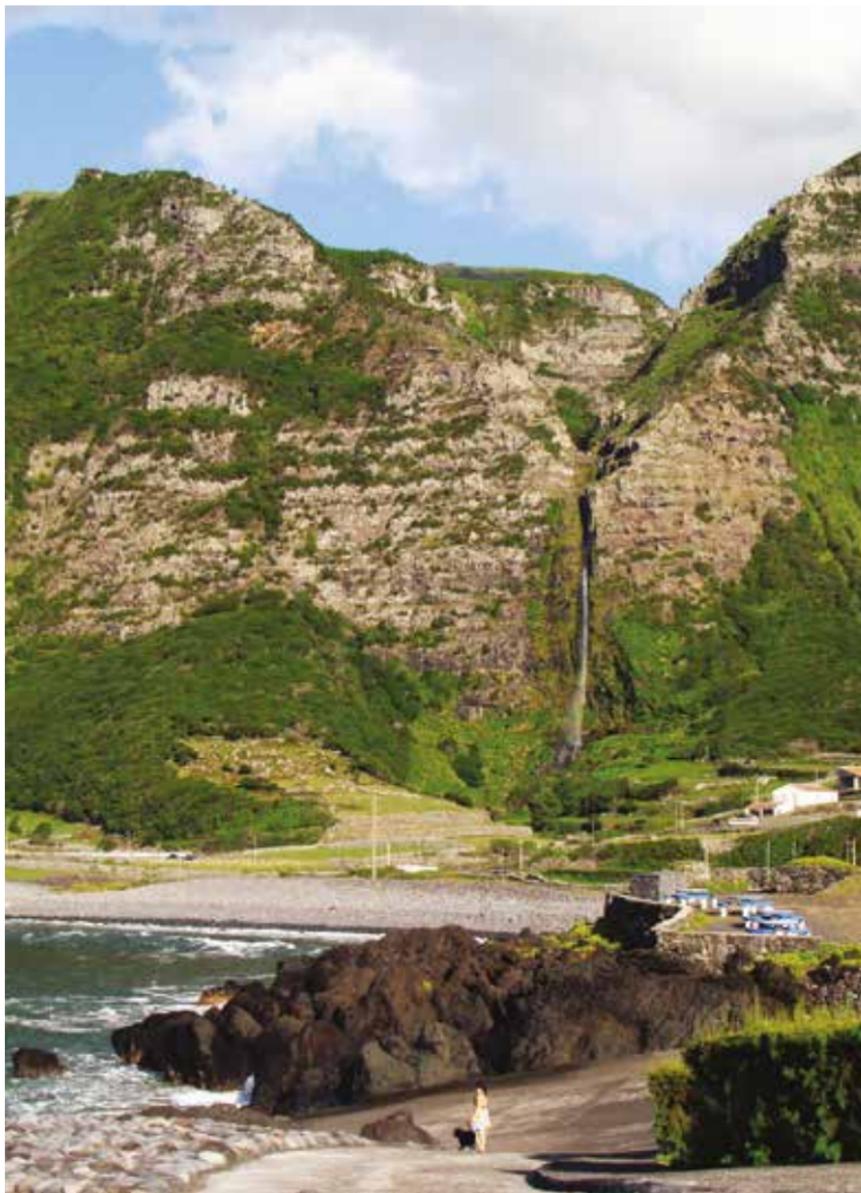
Sai, finalmente, na *Rua Padre José Luís de Fraga*. Vire à esquerda e siga até ao centro da povoação. Algumas casas e chafarizes depois, chega ao *Jardim Pe. José António Camões* e à artéria principal em calçada que atravessa uma parte antiga do núcleo habitacional da *Fajã Grande*: a *Rua Senador André de Freitas*, um político benemérito que aqui nasceu no ano de 1860.

Passa pelo *Argonauta*, um empreendimento turístico que lhe pode oferecer alojamento e outros serviços. Acima da igreja vai encontrar uma loja de conveniência (minimercado e bar), no verão ponto obrigatório de paragem de turistas estrangeiros que entram para beber algo refrescante ou então para provar a sua "*mistura*", uma bebida alcoólica adocicada preparada pelo proprietário. A vizinha *Igreja de São José*, de uma só nave e com uma porta principal pintada de forma pouco usual, realiza a sua *Festa de N^a Sra. da Saúde* no 2^o domingo de setembro.

O caminho leva-nos até ao porto, porventura o único da costa ocidental da ilha, utilizado agora principalmente por embarcações de recreio. Este percurso pedestre termina a poucos metros deste entroncamento seguindo para a direita pelo caminho que leva à *Ponta da Fajã*. No entanto continue em frente, passando por uma zona de churrasqueiras e merendas até chegar à zona balnear. Há cerca de 20 anos iniciaram-se obras junto deste porto que fizeram surgir uma zona balnear, servida por um bar com esplanada e por um restaurante que depois de outros nomes ostenta agora o de *Papadiamandis*, nome de um cargueiro



PR2 FLO *Lajedo - Fajã Grande*



liberiano que naufragou na madrugada do dia 22 de dezembro de 1965 a escassos 300 metros daqui... apenas mais um naufrágio das muitas dezenas que ocorreram no mar da ilha das Flores. Este aprazível local de banhos ajuda a tornar a *Fajã Grande*, no verão, num dos locais mais procurados deste concelho pelos visitantes. No resto do ano mantém-se como local fascinante que é, num enquadramento único entre o mar e a montanha. Aproveite para visitar o *Poço do Bacalhau* ou relaxe enquanto aprecia o magnífico pôr-do-sol que este local tem para oferecer.

TRILHOS DOS AÇORES

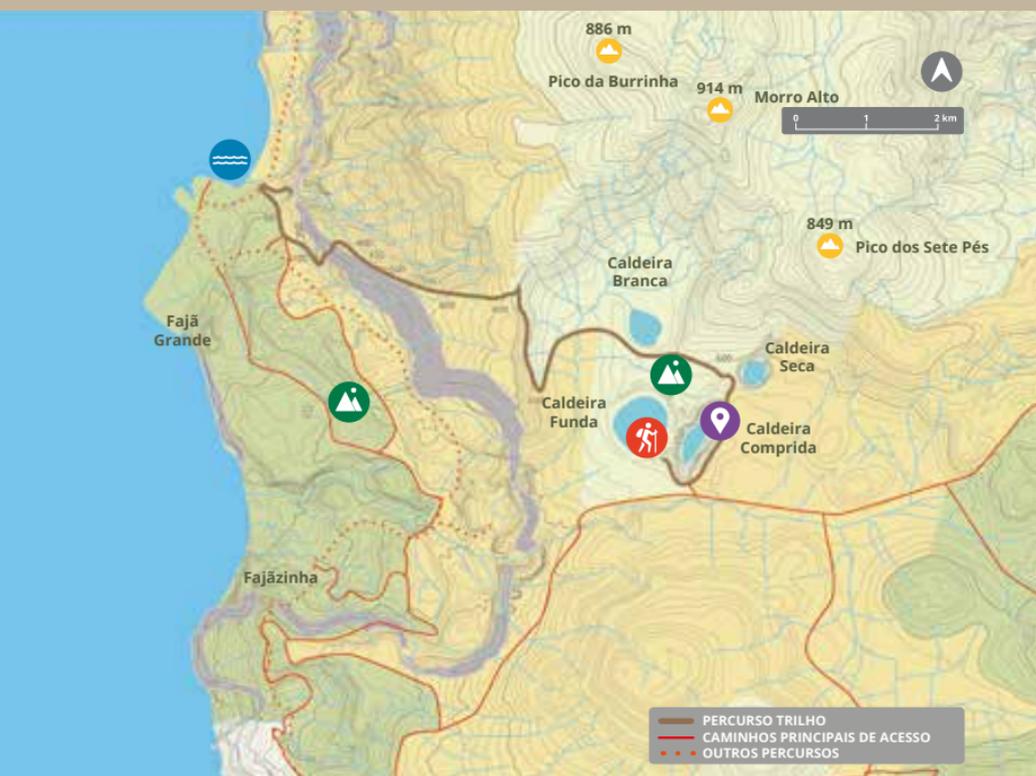


FLORES

PR3 FLO

Miradouro das Lagoas - Poço do Bacalhau

Dificuldade: Difícil Extensão: 7,3 km Duração: 3:00h Forma: Linear



Início do trilho
39° 26' 23.67" N;
31° 13' 26.89" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural das Flores



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Paisagem Protegida



PR3 FLO *Miradouro das Lagoas - Poço do Bacalhau*

A 26 de maio de 2009 a ilha das Flores foi classificada pela UNESCO como *Reserva da Biosfera*. Este percurso ajuda-o a perceber porquê. É sem dúvida o mais diversificado em termos de paisagem natural e humana que a ilha das Flores tem para oferecer. Tem início no planalto central da ilha, uma das mais vastas áreas classificadas dos Açores, entre lagoas cativantes e exuberantes comunidades naturais, descendo depois até junto ao mar, para acabar numa estupenda queda de água. Esta zona de elevado interesse ambiental apresenta diversas áreas protegidas, segundo o Parque Natural da ilha.



Comece por subir o caminho até ao *Miradouro da Lagoa Funda*, à sua esquerda, também chamada de *Lagoa Negra* (apesar das suas águas serem densamente esverdeadas). É a mais profunda dos Açores com cerca de 130 m. À sua direita está a *Lagoa Comprida* com águas de tons mais saudáveis que, apesar das suas vertentes abruptas, não terá mais de 20 m de profundidade.

A referência às bonitas lagoas da ilha das Flores é por vezes feita associando os respetivos nomes à palavra *Caldeira* em vez de *Lagoa*. Isso deve-se, evidentemente, ao facto de se encontrarem no interior de crateras muito bem definidas na paisagem.

Desça até ao painel informativo de início de percurso. À medida que contorna a *Lagoa Comprida* por um caminho de pé posto, tem possibilidade de admirar uma grande cascata que despeja incessantemente muitos metros cúbicos de água para a lagoa.

À sua volta e nas encostas mais protegidas, que descem as vertentes, encontra-se uma rica comunidade de espécies vegetais. A floresta de *Juniperus brevifolia* e *Calluna vulgaris*, própria de zonas húmidas como esta, encontra-se grandemente *contaminada* por vários endemismos. As silvas são todas da espécie endémica *Rubus hochstetterorum*, de folha

PR3 FLO *Miradouro das Lagoas - Poço do Bacalhau*

bastante maior que a comum, e que dá grandes e saborosas amoras. Numa vista rápida à paisagem, o amarelo do *Sphagnum sp.* contrasta com o verde-claro da *festuca jubata* e com o verde-escuro dos cedros.

Ao fundo, se não houver nevoeiro, avista o cume do *Morro Alto*, ponto mais elevado da ilha, com 914 m, utilizada no passado para instalação de uma antena de telecomunicações, e hoje obviamente como miradouro.

O trilho, com o piso batido pelas botas dos pedestrianistas, apresenta frequentemente escorrências de água e tapetes de musgos típicos destas zonas de montanha, quase sempre húmidas pela precipitação abundante e influência dos nevoeiros.

Esta zona planáltica da ilha oferece-nos uma paisagem onde se misturam os verdes da vegetação natural ou das criptomérias que surgem em manchas, com os amarelos nas partes mais baixas e planas ocupadas pelo incontornável *Sphagnum sp.* e pela *Juncus acutus*, por vezes formando verdadeiras armadilhas, aprisionando algum animal mais pesado que tente atravessar. As vacas que pastam sossegadamente nos baldios são muitas vezes as únicas responsáveis por conferir mais algum colorido à paisagem. Quando o sol se esconde, as águas das lagoas escurecem fortemente contrastando com a brancura das cascatas.

Após o primeiro quilómetro de marcha cruza um caminho asfaltado e do outro lado encontra a *Caldeira Seca*. Apesar do nome, no fundo existe um charco, que nunca está completamente seco, mantendo sempre água livre nalgum recanto durante todo o ano. Essa situação permite que no fundo cresça uma flora associada a esta zona húmida e certamente de alguma outra vida lacustre, que não é possível descortinar a esta distância. É facilmente perceptível a presença de *Vaccinium cylindraceum*, *Viburnum treleasei*, *Euphorbia stygiana*, *Laurus azorica* e *Ilex perado ssp. azorica*, entre outras espécies, a revestir as vertentes. Diz-se que antigamente faziam descer aqui porcos, que sem hipótese de fuga se criavam até que os viessem buscar.

Suba 30 m no caminho e desça o talude de bagacina à sua esquerda para apanhar outro atalho no meio de vegetação. Tenha atenção à sinalização, pois é fácil esta entrada passar despercebida. É um atalho onde se caminha sobre o chão pelado ou sobre pequenos afloramentos rochosos. Por ser muitas vezes a parte mais baixa das redondezas, mes-



MAAR

Têm origem em explosões freáticas ou freatomagmáticas, após ocorrer o contacto entre o magma, em ascensão, com águas superficiais ou níveis freáticos existentes nas rochas sobrejacentes. Normalmente não formam um cone vulcânico, ficando as crateras “encaixadas” ao nível da região circundante, frequentemente aplanada. São tendencialmente circulares e mais extensos do que profundos, com vertentes rochosas íngremes e um fundo plano, que está muitas vezes ocupado pelas referidas lagoas.

PR3 FLO *Miradouro das Lagoas - Poço do Bacalhau*

mo de verão fica frequentemente enlameado ou encharcado pela água, que aqui encontra o seu melhor caminho. Por isso, tenha atenção ao piso que poderá estar muito escorregadio, parando sempre que quiser apreciar a paisagem.

Após 500 m de atalho chega à *Lagoa Branca*, um sistema lagunar com uma vasta zona de turfeira associada, cujo nome tenha talvez origem na coloração envolvente, mais amarelada. Esta é a 4ª cratera a que chegou, sendo de todas elas a mais antiga. Esta lagoa é uma importante zona de paragem de aves migratórias. Faça um pequeno desvio até ao primeiro posto de observação de aves dos Açores, inaugurado em 2008. Encontrará informação sobre as aves que têm sido avistadas, algumas bastante raras e outras mais comuns, que poderá eventualmente observar enquanto passa. O *Planalto Central das Flores (Morro Alto)* é *Sítio Ramsar* desde 2008.

Continuando o percurso, saia na curva do caminho em bagacina que sobe para o *Morro Alto*, passe a *Ribeira do Ferreiro* (aqui de pequenas dimensões) e suba o caminho cerca de 1 km, até encontrar à sua esquerda um acesso a pastagens por onde deve seguir para atingir a falésia. Nesta subida, os taludes apresentam-se revestidos por uma gramínea *Deschampsia foliosa* e outras herbáceas perenes, enquanto a paisagem nos pede cada vez mais uma fotografia. Inicie a descida para a falésia, por este caminho secundário de uso estritamente agrícola, e que se apresenta cada vez mais estragado e intransitável às viaturas, o que levou a terem surgido "*caminhos alternativos*" numa tentativa vã de escapar às profundas valas.

Quando encontrar outra ramificação, siga pela direita. Chega a uma cancela *que nos pede* para ser fechada (*CLOSE ME*) e que dá acesso a nova pastagem. À sua esquerda restos do que parece uma antena marcam a aproximação da falésia sobre a qual terá sido instalada para beneficiar desta localização privilegiada. Agora sem as funções iniciais mantém-se como um marco na paisagem.

Apesar dos muitos sulcos e irregularidade do terreno siga como puder sempre em frente, mantendo o muro à sua direita como referência, pois poderá não ver quaisquer marcas até encontrar novamente uma pequena vereda no início da próxima pastagem. Não siga, no entanto, pela vereda: entre na pastagem e vá em frente até à falésia, virando um pouco à sua esquerda até à linha de água. Daqui tem uma primeira panorâmica sobre a *Fajãzinha*, uma pitoresca freguesia bem encaixada no fundo desta espécie de vale edílico. Volte atrás e vire agora para a direita em direção ao vale da *Ribeira das Casas*, do outro lado e siga novamente até se aproximar da falésia. O chão batido dá-lhe uma ideia por onde seguir, mas se tiver dúvidas não receie pois em breve verá marcas. Neste vale a água desce por entre a vegetação em cascatas múltiplas, muitas invisíveis, mas não inaudíveis. Toda esta água da *Ribeira das Casas* se concentra numa única queda com mais de 100 m: a cascata do *Poço do Bacalhau*.

Já há algum tempo que o *Ilhéu de Monchique* marca presença, afastado quase 1 milha da costa. Ali, este ressalto, ponto mais ocidental da Europa, marca o fim do *Velho Continente* em termos administrativos, mas

PR3 FLO *Miradouro das Lagoas - Poço do Bacalhau*

é preciso não esquecer que em termos geológicos a ilha está sobre a placa tectónica americana e não sobre a euroasiática.

Logo após um primeiro vislumbre sobre a zona balnear da *Fajã Grande* inicia a descida de uma antiga vereda empedrada. Este caminho pedestre foi durante séculos a melhor solução para a população da *Fajã Grande* viajar até Santa Cruz. Junto às lagoas, para atalhar caminho, passavam no meio da *Lagoa Branca*, sobre grandes camadas de lenha que lá colocavam, para não se afundarem.

Devido à lama e detritos que habitualmente se acumulam, a descida dos degraus pode inspirar algumas cautelas. Nas faces rochosas expostas crescem plantas endémicas raras: *Euphrasia azorica*, *Scabiosa nitens*, *Ammi trifoliatum*, entre outras. Acaba a escadaria e chega à beira da falésia com uma vista espetacular sobre a *Fajã Grande* e *Fajãzinha*. O reticulado dos muros de pedra lá em baixo proporciona uma vista muito característica. Desça esta última pastagem, sempre junto à falésia, onde o som do mar se sobrepõe agora ao das ribeiras. Em breve está junto a



PR3 FLO *Miradouro das Lagoas - Poço do Bacalhau*



uma cancela de madeira que dá entrada à antiga escadaria em pedra da *Rocha da Fajã*, proporcionando uma inesperada descida, surpreendentemente *suave* para uma rocha que mostra ser tão íngreme.

As raízes das árvores que formam a sebe exterior do trilho ajudam a estruturar o mesmo. Algures na descida encontra uma primeira nascente e daí para baixo surgem-nos outras que emergem entre os paleossolos avermelhados e as lavas que os soterraram. Mais abaixo cresce um conjunto apreciável de *Picconia azorica*. Os degraus ficam mais largos e entramos num túnel formado pelos *Pittosporum undulatum*. Acaba a descida entrando num atalho relvado, tendo à sua esquerda a *Ribeira dos Paus Brancos* (nome muito apropriado) que logo passa para a sua direita. Um chafariz com água potável marca a aproximação ao caminho de asfalto.

Olhando a rocha atrás de si talvez lhe custe a acreditar na existência do caminho que acabou de descer, camuflado entre a vegetação. Mais 400 m pelo caminho de asfalto em direção ao mar e chega à ponte da *Ribeira das Casas*. Suba, percorrendo o simpático passeio de cerca de 280 m, com uma formosa vedação e chão pavimentado a pedra, que acompanha o lado esquerdo da ribeira, até ao *Poço do Bacalhau*. Pelo caminho encontra as ruínas de 4 moinhos, havendo mais 2 na margem direita da ribeira. Pelo menos alguns destes datarão do final do séc. XIX. É possível descortinar o sistema de levadas uma vez que foi parcialmente restaurado, mostrando as quedas de água que alimentavam as rodas de madeira de cada moinho, hoje desaparecidas. Se o vento sopra mais forte, de um quadrante específico, a aproximação ao *Poço do Bacalhau* faz-se enquanto se toma um suave duche do *spray* que nos chega da majestosa cascata. Esta simpática e pequenina lagoa, que nunca ouviu silêncio na sua vida, esconde entre as suas pedras submersas *iroses* ou *eiroses*: uma enguia de água doce de nome *Anguilla anguilla*. Mas não se acanhe nem receie qualquer perigo: descalce as botas e refresque-se mergulhando os pés... ou algo mais, nesta água que desce da montanha em soluções de pedra em pedra.

TRILHOS DOS AÇORES

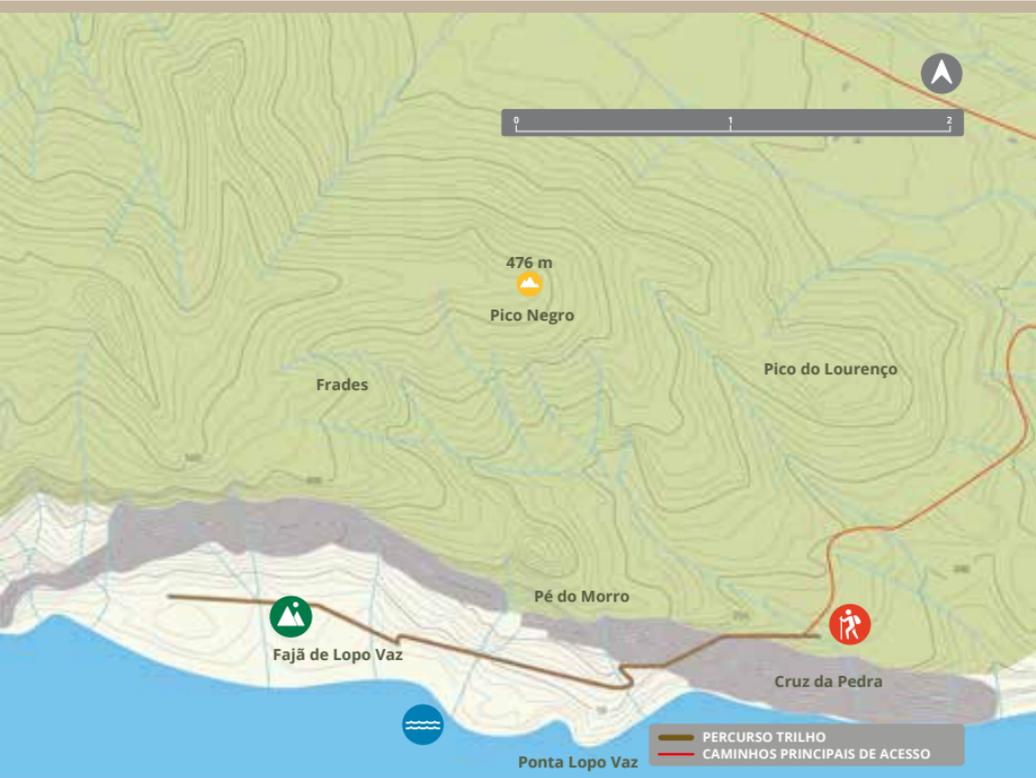


FLORES

PRC4 FLO

Fajã de Lopo Vaz

Dificuldade: Médio Extensão: 3,5 km Duração: 2:00h Forma: Circular



Início do trilho

39° 22' 29.92" N;
31° 11' 44.39" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear

Parque Natural das Flores



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PRC4 FLO *Fajã de Lopo Vaz*

Durante grande parte da descida que lhe dá acesso a *Fajã de Lopo Vaz* está à nossa frente, enquadrada na paisagem que vemos. Por esse facto, se possível faça esta caminhada de manhã com o sol pelas costas. São cerca de 2 km até chegar ao extremo oeste da fajã... e outros 2 para voltar. Este é o único acesso à fajã pelo que terá de subir usando o mesmo percurso. Esta fajã está inserida na *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies da Costa Sul e Sudoeste*.

Junto da estrada regional, à saída da Vila das Lajes, começa a encontrar algumas placas indicativas de como se dirigir ao ponto de partida deste percurso, a cerca de 1,8 km feitos por caminhos secundários. Siga, portanto, de carro até ao *Parque de Merendas* e *Miradouro da falésia*, local onde se inicia a descida até à *Fajã de Lopo Vaz*.

Ainda no início, suba até junto da cruz para uma primeira panorâmica da falésia da costa sul da ilha, revestida de vegetação que, no entanto, é incapaz de esconder totalmente o trilho por onde iremos descer. A *Fajã de Lopo Vaz* está oculta pela falésia, mas daqui pode observar uma outra fajã, mais afastada, originada por uma *quebrada* ocorrida a 22 de maio de 1980. Esta arriba denominada *Rocha Alta*, atualmente com cerca de 440 m de altura máxima em escarpa, apenas é ultrapassada nos Açores pela falésia oeste do *Caldeirão* na ilha do Corvo, com 710 m de altura. Este grande movimento de terras, que formou esta fajã detrítica, surpreendeu tudo e todos, tendo provocado um maremoto localizado com efeitos no vizinho porto da Vila das Lajes, onde a subida do mar submergiu temporariamente algumas embarcações varadas e o próprio cais. Atualmente apenas é acessível pelo lugar da Costa do Lajedo.

Por volta de 1508-1510, *Lopo Vaz* saiu da ilha Terceira para se instalar na ilha das Flores como um dos seus primeiros colonos. *Gaspar Frutuoso*, cronista quinhentista, refere nas suas *Saudades da Terra*: "... está ao pé da rocha uma fajã de Lopo Vaz, por ser sua, de até vinte alqueires de terra, que dá trigo e pastel ..." e, adiante: "... até chegar a uma fajã, chamada de Lopo Vaz, de três moios de terra e rasa com o mar... há lapas e cranguejos, e pela banda da terra tem uma rocha de penedia, de altura de um tiro de besta, pela qual a través fez Lopo Vaz um caminho, por onde vão bois abaixo". Não acredito que veja agora trigo ou pastel, talvez lapas ou caranguejos, no entanto irá certamente observar outras coisas dignas de registo.

O trilho é uma alternância de piso em terra batida com proteções em troncos de madeira, com partes lajeadas e, por vezes, escadarias de degraus em pedra para vencer mais facilmente os declives. Logo na descida encontra um nicho no talude com uma pequena estátua da *Virgem Maria* e uma cruz... noutras ilhas poderia ser a evocação a algum trágico acidente ali ocorrido, mas aqui já ninguém me soube dizer o motivo para tal facto. No entanto, esta imagem (e outro conjunto de 4 mais abaixo) vão-se mantendo no local, talvez para proteção dos visitantes. É uma vereda larga, possível de ser feita por grandes animais de 4 patas, como vacas, burros ou cavalos... o último dos quais tive oportunidade de ver nesta fajã. A descida faz-se entre *Picconia azorica*, *Pittosporum undulatum*, *Arundo donax*, *Erica azorica* e *Cryptomeria japonica*. Alguns minutos depois de ter iniciado a descida *dobra a rocha*: chega a uma escadaria que dizem foi construída pelo próprio *Lopo Vaz* na primeira década de 1500, sendo talvez a mais antiga construção humana visível na ilha, que desce em pronunciadas curvas.

Avista pela primeira vez esta fajã, que não "escorre" para o mar como muitas outras, antes se apresenta assente em cima de um *plateau* sobrelevado cerca de 30 m em relação ao mar, com um talude inacessível

virado a sul, originado pela na erosão marinha. Atrás está uma arribada das mais altas da ilha. Nesta pequena porção de terra fértil o reticulado dos muros de pedra forma pequenas parcelas agrícolas onde se instalaram pomares e áreas de pastoreio.

No início, junto às primeiras de um total que não deve exceder a meia dúzia de casas da fajã, está uma praia de areia vulcânica escura, o único acesso seguro ao mar. Chegado aqui deverá prosseguir pelo atalho, que vai dessa casa a outra adiante, continuando sempre.

O caminho passa por uma zona encharcada: pise as pedras estrategicamente colocadas para conseguir continuar. Esta água vem da única fonte da fajã, uma nascente que existe junto da falésia, a mais de 350 m de altura. Sendo potável permite a subsistência do gado e a particular fruticultura que aqui se faz. É ainda a razão para o cultivo do inhame (*Colocasia esculenta*), uma espécie subespontânea, mas que cultivada permite a colheita dos seus grossos rizomas subterrâneos para consumo humano, nomeadamente no acompanhamento de pratos típicos da cozinha açoriana à base de carnes de porco (torresmos, linguiça). As suas grandes folhas partilham muitas vezes o mesmo espaço com a invasora conhecida nesta ilha por *cana-roca* (*Hedychium gardneranum*).

Não há eletricidade na fajã, mas há várias torneiras de água. Adiante, se o atalho lhe parecer que desaparece, não se preocupe: salte para a pastagem e siga pelos portais abertos nos muros de pedra... e voltará a apanhar o atalho mais à frente. Na falésia à sua direita, escorre a água da nascente que referimos antes, que forma um pequeno riacho que irá atravessar. A fajã não tem saída pelo que terá de voltar pelo mesmo caminho.

De regresso à primeira casa da fajã, antes de iniciar a subida, pode explorar a praia. Embora pareça modesta em proporções penso que seja a maior praia de areia da ilha... mas de uma areia bastante grosseira que mais parece gravilha, com inúmeros calhaus depositados pelo mar e nalguns pontos ameaçada de invasão pelas canas. Esta praia serve para banhos como se comprova pela existência de chuveiros improvisados que podem ser encontrados junto a uma parede. Agora, para sair da fajã, restam-lhe os mesmos 1200 m até ao miradouro, que lhe podem parecer mais. Boa subida.



UM MICROCLIMA TROPICAL

A Fajã de Lopo Vaz virada a Sul, a baixa altitude, beneficia de uma exposição solar ideal, protegida dos agrestes ventos predominantes de Oeste. É local de aclimação e cultivo de algumas espécies de características mais tropicais, que aqui encontram um santuário onde vegetam, produzem e se reproduzem facilmente. Ainda na descida, mas principalmente na fajã, poderá observar espécies frutícolas como: figueiras; araçás vermelhos em plena produção durante o mês de setembro, mais comuns nesta ilha que os amarelos; groselheiras que em agosto ficam carregadinhas com as suas inúmeras bagas adstringentes; pomares de bananeiras protegidas dos ventos, com os seus grandes cachos; e ainda abacaxis no quintal de uma das casas.

TRILHOS DOS AÇORES



FLORES

GR1 FLO

Grande Rota das Flores

Dificuldade: Difícil Extensão: 47 km Duração: 18:00h Forma: Linear



Início do trilho
39° 27' 44.53" N;
31° 7' 56.52" O



Geossítio



Elevação



Zona balnear

Parque Natural das Flores



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



Reserva Natural



Paisagem Protegida



GR1 FLO *Grande Rota das Flores*



A Grande Rota das Flores percorre grande parte do litoral costeiro da ilha, efetuando a ligação entre Santa Cruz das Flores e a freguesia do Lajedo, situada na costa sudoeste da ilha, através de um percurso linear com nível de dificuldade elevado, que envolve alguns troços não aconselháveis a pessoas com vertigens, em especial a descida da Rocha do Risco. Este percurso apresenta uma grande riqueza de paisagens vulcânicas, complementadas pela existência de pequenos povoados isolados e por uma vegetação rica em espécies endémicas, nomeadamente na Costa Nordeste e nas Falésias da Costa Oeste. Sempre que possível poderá aproveitar as diversas zonas balneares que o percurso oferece, bem como aproveitar a passagem pelos centros urbanos e rurais para reabastecer de utensílios necessários à sua caminhada e retemperar forças.

Este trilha está dividido em duas etapas de aproximadamente 21 km e 26 km respetivamente. A primeira etapa liga Santa Cruz a Ponta Delgada e caracteriza-se por sucessivos extensos e profundos vales onde correm diversas ribeiras, que levou à implantação de uma Central Hidroelétrica, localizada no troço inicial. Além disso, a etapa percorre a costa nordeste, caracterizada por um relevo abrupto e amplo recorte com inúmeros ilhéus, penedos, pontas e enseadas, que constituem uma zona importante de nidificação de várias espécies de aves marinhas. Quanto à segunda etapa, que liga Ponta Delgada ao Lajedo, a baixa e linearizada falésia costeira entre Ponta Delgada e a Ponta do Albernaz dá lugar a uma das mais belas paisagens litorais dos Açores, onde as fajãs lávicas e detríticas como a Fajã Grande e a Fajãzinha encontram-se separadas do Planalto Central da ilha por uma longa arriba fósil com cerca de 300 m de altura, onde escorrem inúmeras linhas de água, formando impressionantes quedas de água na encosta, com destaque para o Poço da Alagoinha, que apresenta uma lagoa na base da arriba. Os pequenos povoados como os Mosteiros, a freguesia do país com menor população residente, confere um encanto especial à paisagem envolvente.

Uma vez que este grande trilha envolve grandes desníveis de altimetria, deverá planear o percurso, de acordo com a sua condição física, interesse e disponibilidade. Além disso, atravessa várias linhas de água, pelo que deverá ter em atenção o aumento do caudal em dias subsequentes a elevada precipitação.



CORVO



TRILHOS DOS AÇORES



CORVO

PR1 COR

Cara do Índio

Dificuldade: Médio Extensão: 4,5 km Duração: 2:30h Forma: Linear



Início do trilho

39° 41' 6.26"N;
31° 6' 39.26"O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse

Parque Natural do Corvo



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PR1 COR *Cara do Índio*

Peça a alguém que o deixe na *Cova Vermelha*, local onde se inicia esta caminhada. À sua direita, lá no alto, está o topo da encosta sul do *Caldeirão*, o grande vulcão que formou esta ilha e, mais perto de si, a *Coroinha*, nome dado a esta cumeeira em forma de meia-lua que delimita o primeiro dos dois vales mais cavados da ilha, por onde irá passar.

Ao começar o percurso, sem esquecer de fechar a cancela atrás de si, desça a vereda que serve as pastagens à sua frente. O esbranquiçado dos muros de pedra, em contraste com a vegetação, aqui e ali ponteadas de junco, fazem curiosos desenhos. Teriam certamente uma das 3 finalidades que lhes são atribuídas nos Açores: dividir a propriedade, proteger o gado e as culturas agrícolas do vento, ou arrumar a pedra excedentária dos terrenos. Salta à vista, em particular, a inesperada forma circular de um desses muros a meio da encosta.

O que parecem ser montículos isolados de pedras mais não são que uns curiosos *poços de água*. Essas construções agrícolas, frequentes nas pastagens desta ilha mas sem paralelo nas demais, são pequenas covas com fundo em terra batida, a que são acrescentadas em redor algumas pedras não muito pequenas, toscamente aparelhadas. São eficientes para reter e armazenar a água da chuva, encaminhada até aqui em sulcos traçados no terreno. Outras pedras, ou lajes, dão alguma cobertura



e sombra a estes reservatórios, mantendo a água mais fresca e potável para consumo do gado.

Após uma descida inicial de 150 m a vereda curva à esquerda e continua por mais 150 m em terreno mais plano, até uma bifurcação. Siga pela direita até entrar numa pastagem. Continue acompanhando a parede que lhe fica à direita e não estranhe se encontrar a erva demasiado crescida. Salte para a pastagem seguinte e siga na mesma direção, deixando à esquerda uma pequena elevação com afloramentos rochosos.

Continue até chegar à falésia costeira onde se observa toda a costa norte da ilha das Flores, e onde está uma placa a indicar a “*Cara do Índio*”. Aí, olhe com atenção para baixo, em direção ao mar, e deverá conseguir perceber esta curiosa forma esculpida naturalmente na escarpa, que se assemelha ao perfil da cara de um índio. Continue a descer para a vila sempre junto à falésia.

O *Canto do Pão de Açúcar* (um recorte mais cavado na arriba) mostra um pequeno vale onde as cabras selvagens passeiam sobre as pedras nuas próximas do mar. Esta é a única ilha dos Açores onde não há coelhos selvagens. Em compensação, estimam-se em várias dezenas as cabras selvagens que habitam as falésias costeiras em redor de quase toda a ilha. Por vezes sobem as falésias até às pastagens, para logo depois se refugiarem nestes locais inóspitos.

Entra numa pastagem onde um arco natural em pedra desafia a gravidade. A monotonia da biodiversidade das pastagens contrasta com a das ravinhas, onde cresce *Picconia azorica*, *Solidago sempervirens*, *Juniperus brevifolia* e muitas outras espécies.

Uns passos em frente e a *Vila do Corvo* revela-se aos nossos olhos. A sinalização do percurso fá-lo cruzar algumas pastagens, virando à sua esquerda sem descer demasiado, até encontrar a antiga vereda que dava acesso a estes terrenos mais altos do *Morro da Fonte*, e que terá agora de descer. Este local é um dos principais refúgios do *Juniperus brevifolia*, espécie que durante séculos foi sujeita ao abate devido à boa qualidade da sua madeira. Para além dos utensílios, alfaias e outros usos, tornou-se depois matéria-prima para artesanato.

Passa junto a uma rocha desgastada pelo Homem para servir de abrigo temporário a algum aguaceiro inesperado, e chega por fim à estrada, junto a uma captação de água. Suba 50 m até ao *Miradouro do Sítio do Portão* para ver e apreciar novamente a *Vila do Corvo*.

Com uma cintura litoral de arribas altíssimas em redor de quase toda a ilha, cercados no inverno por um mar frequentemente enfurecido, os corvinos ficavam, no passado, privados durante semanas do contacto



ARTESANATO E GASTRONOMIA

Do artesanato da ilha do Corvo faz parte: os bonés e boinas em lã típica, sendo a cor mais tradicional o azul-escuro com uma faixa em branco; os trabalhos em tear, com diversos artigos feitos em lã, memória de uma tradição de lanifícios quase perdida; os bordados e rendas. Merecem destaque as fechaduras típicas do Corvo, toda ela feita em madeira, incluindo as próprias chaves. As Couves da Barça, as Tortas de Erva do Calhau, o Molho de Fígado e as Couves Fritas são exemplos da gastronomia tradicional, mas que não terá facilidade em encontrar. O queijo, quando de fabrico artesanal, será algo a não perder.

PR1 COR *Cara do Índio*

com o exterior. Apesar da realidade ultraperiférica de todas as ilhas dos Açores é aqui que se continua a sentir mais a *insularidade*. *Vila do Corvo* é o único povoado da ilha. Desenvolvido numa pequena plataforma de uma planura que contrasta fortemente com o resto da ilha, e que a prolonga para Sul, tinha na segunda metade do séc. XIX mais de 850 moradores e hoje pouco mais de 400. Neste aglomerado de casas de dois pisos, onde por baixo se criava o porco, aconchegadas à encosta, umas sobre as outras, apenas com estreitas e tortuosas ruelas a dividi-las, a que chamam de *canadas* ou *canadinhas*, poucas são as que hoje mantêm as características da típica casa corvina. A telha regional dá origem à telha “*de fora*”, as paredes de pedra à vista estão agora rebocadas e caiadas, e desaparecem outros pormenores arquitetónicos sempre que se restaura ou se amplia alguma dessas casas. A parte mais antiga do povoado mantém ainda assim o aspeto nuclear que caracterizava a vila até há 50 anos atrás, agora mais diluído por um conjunto de novas construções que foi avançando para ocidente.

Desça a estrada cerca de 30 m e entre no *Caminho da Fonte Velha* (ou *Caminho da Central*), antiga via que ligava a vila às *Quintas* e *Terras Altas* na parte mais elevada da ilha, onde se mantinham alguns pomares, se criavam animais e onde estão edificados os *palheiros* que guardam as forragens e alfaias. Uns metros abaixo, chega à estrada para logo voltar ao caminho antigo, junto a uma placa de sinalização que indica onde termina este percurso: “*Praia 2 km*”. Passa por algumas pequenas hortas abandonadas, entra num troço de cimento e chega a um local com 3 possibilidades de continuação: desça pela *Ladeira do Maranhão* à sua direita, uma ladeira calcetada com um eixo central constituído por pedras de maiores dimensões próprias para suavizar o andamento de quem sobe ou desce. Irá agora serpentear pelas vielas estreitas da vila. Não esqueça de visitar o *Centro de Interpretação Ambiental e Cultural do Corvo* que acumula as funções de *Delegação de ilha do Geoparque Açores*. Além da sua componente museológica encontra aqui um espaço expositivo onde, com recurso a uma maquete da ilha, poderá receber uma elucidativa explicação sobre o que de mais interessante e importante há a saber sobre a flora, fauna e paisagem humanizada desta ilha *Reserva da Biosfera*. Desça até ao *Largo do Outeiro*, aquele que era o centro social/religioso da vila, onde está a *Casa do Povo* e a *Casa do Espírito Santo* fundada em 1871, com a emblemática coroa na fachada e um campanário com sino no telhado. Siga para a direita e depois à esquerda descendo a *Rua da Matriz*. Chega à *igreja de Nossa Senhora dos Milagres* onde se venera a sua imagem, uma valiosa escultura flamenga do princípio do séc. XVI. Era hábito as pessoas de mais idade se reunirem junto desta igreja de 1795, que veio ocupar o lugar da primitiva ermida, para conversarem e conviverem.

Continue o seu périplo, tomando a liberdade de fazer um ou outro pequeno desvio para apreciar melhor o que o rodeia. Passa pelo *Largo das Forças Armadas* e chega à rotunda implantada junto à cabeceira da pista do aeródromo inaugurado a 28 de setembro de 1983, e da descida para o *Porto da Casa* construído nos anos 60 do século passado, atualmente o único que é utilizado na ilha para fins comerciais e de recreio. Tem

aqui um dos 3 estabelecimentos do tipo café/restaurante, que a ilha possui. Apesar de publicitados alguns pratos como típicos da ilha, será muito difícil prová-los. Poderá, no entanto, encontrar um bom peixe, no qual o mar em redor é fértil: abrótea, veja, mero, boca negra, cherne, goraz, rocaz, chicharro ou garoupa.

Continue seguindo para Oeste, pelo lado sul da pista do aeródromo. Passa por outra enseada onde está o *Porto do Boqueirão*, onde também se arreavam barcos, e pela *Casa do Bote*, onde está instalado o *Posto de Turismo* e onde pode apreciar o bote baleeiro "Corvino" idêntico às demais embarcações açorianas do género, pois também aqui se caçavam baleias, e uma expressiva exposição fotográfica do Príncipe Alberto de Mónaco.

Siga pelo *Caminho dos Moinhos*, apreciando os típicos moinhos de vento da ilha do Corvo que animam a paisagem. Chegaram a ser sete em toda a ilha. Hoje restam estes três, classificados como *Imóveis de Interesse Público*. Um mantém-se vestido de pedra negra, enquanto outros dois, um pouco mais afastados, foram rebocados e caiados de branco. Distinguem-se de quaisquer outros dos Açores, aproximando-se daqueles que os mouros deixaram em Portugal continental. No seu interior



PR1 COR *Cara do Índio*

um engenhoso mecanismo fazia rodar a cúpula para que as velas de pano acompanhassem os ventos. Com a construção do aeródromo desapareceram moinhos e boa parte das terras aráveis da vila onde se cultivavam os cereais, que alimentavam estes moinhos, as atafonas e o moinho do *Caldeirão*. A seguir ao último desses moinhos pode apreciar junto ao mar o antigo molhe do chamado *Porto Novo*, o porto marítimo que servia antigamente a ilha e onde se rebocavam as baleias que forneciam a gordura que transformada em óleo alimentava as candeias.

Depois de passar a última casa o caminho vira à esquerda, em direção ao mar, por entre as *terras da Praia*. Estes terrenos agrícolas já não dão trigo nem centeio, mas milho e bastantes abóboras. Junto ao mar vire à direita e siga pelo litoral onde a rocha negra se mistura com a típica vegetação de beira-mar, com destaque para o *Crithmum maritimum*, *Solidago sempervirens* e muita *Azorina vidalii*, espécie endémica muito comum nesta ilha, onde inclusive coloniza os telhados das casas. O percurso acaba na *Praia* ou *Portinho da Areia*, no extremo Oeste da pista do aeroporto, o único areal da ilha e a sua principal zona de banhos.

A terminar este passeio aproveite para conhecer melhor a *Vila do Corvo*, o local habitado mais isolado do país. Se visitar a *Casa de Artesanato do Corvo* ficará a saber a história dos típicos *barretes de pompons* que resguardavam as cabeças daqueles que embarcavam nas baleeiras americanas rumo a um destino duro e de saudade. Aqui, para além dos típicos bonés e boinas em lã, sendo a cor mais tradicional o azul-escuro com uma faixa em branco, encontra ainda, bordados, rendas e miniaturas das típicas *fechaduras* do Corvo, provavelmente a mais emblemática peça de artesanato da ilha, totalmente feita em madeira de cedro-do-mato incluindo as próprias chaves.



TRILHOS DOS AÇORES



CORVO

PRC2 COR

Caldeirão

Dificuldade: Médio Extensão: 4,8 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho

39° 42' 24.49" N;
31° 5' 52.92" O



Geossítio



Ponto de interesse

Parque Natural do Corvo



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PRC2 COR *Caldeirão*

Há quem diga que o Corvo não é mais que um grande vulcão (*Monte Gordo*) cujo cimo abateu formando uma caldeira de dimensões consideráveis a que deram o nome de *Caldeirão*. Não se deixem enganar por essa visão redutora pois, mesmo ao nível das paisagens naturais, esta ilha tem mais para oferecer. Mas sem dúvida que este *Caldeirão*, frequentemente sombreado pelas nuvens que passam ou pelos nevoeiros que se instalam, tem um encanto especial e é o orgulho de todos os corvinos.

Esta ilha, construída no mar há cerca de 750 mil anos, foi inicialmente batizada de *Insula Corvi Marini*, que numa tradução aproximada seria algo como *Ilha dos corvos marinhos*, evoluindo depois para *Ilha do Corvo*. Uma possibilidade para a origem do nome foi terem os primeiros navegadores encontrado a planar sobre estas águas ou ilha alguma ave que confundiram com corvos-marinhos (*Phalacrocorax carbo*) cujos avistamentos são raros por estas paragens.

À exceção do local onde se desenvolveu a *Vila do Corvo* toda a ilha é uma redonda cintura de arribas descomunais. Os agentes erosivos (vento, chuva e mar) foram lentamente quebrando a rocha e abrasando as es-



córias pouco resistentes dos flancos externos, progredindo acentuadamente no flanco ocidental, em direção ao interior do *Caldeirão*. Cerca de 6 km de estrada de asfalto ligam a vila ao miradouro onde começa este percurso. Os automóveis levam-no até aos 560 m de altitude na parte Leste da cumeeira desta cratera com cerca de 6,5 km de perímetro. A Sul a cumeeira eleva-se até aos 718 m, altitude máxima da ilha.

Se a visibilidade for reduzida pode ter problemas de orientação, ape-

sar da abundante marcação com estacas que sinalizam o percurso. No entanto, mesmo com nevoeiro na estrada, a parte mais baixa da caldeira pode estar suficientemente clara para justificar o passeio e permitir uma aconchegante caminhada, com a sensação de estarmos fechados dentro de uma enorme taça.

A descida até às 2 lagoas que se encontram no fundo do *Caldeirão* faz-se por um atalho em ziguezague, por vezes um pouco estragado, enlameado e escorregadio devido à água que nele escorre e que mesmo no verão forma pequeninos riachos nalguns locais. Noutros tempos este acesso era alvo de uma manutenção mais cuidada, de forma a servir as muitas pessoas que levavam e traziam animais para o interior do *Caldeirão*, não só vacas como também ovelhas e porcos.

No *Caldeirão* vai encontrar muitas pastagens permanentes, mas também habitats naturais importantes como *turfeiras*, *charnecas macaronésicas* e *lagoas*. Aqui em baixo o assobio do vento faz-se sentir de forma menos intensa, permitindo o voo da *Hipparchia azorina*, uma borboleta endémica de cor acastanhada e manchas pretas, que aparece a voar em pleno verão na companhia das aves. No entanto, é no outono que se regista uma afluência de *birdwatchers* com intentos de fotografar as aves migratórias que aqui vem retemperar as forças com descanso e alimento, ou mesmo nidificar, após as agruras das turbulentas viagens sobre o Atlântico Norte. É possível ouvir e observar a *Gallinago gallinago* que é aqui frequente, o *Sterna hirundo* ou o *Anas platyrhynchos*, além de muitas outras *raridades*. Entre estas, pela importância histórica nesta ilha, destacamos os *Puffinus puffinus* que eram caçados pela sua carne, penas e "*graxa*" usada em lamparinas para iluminação dos lares. Atualmente esta espécie do Atlântico Norte, com apenas cerca de 200 casais, nidifica exclusivamente nas Flores e Corvo, o seu limite sul no planeta. O *Caldeirão* é *Sítio RAMSAR* desde 2008 e *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies da Costa e Caldeirão do Corvo*.



CALDEIRÃO

É considerado um verdadeiro paraíso para os observadores de aves, que chegam com maior afluência à ilha nos meses de outubro e novembro. Após o verão é possível apreciar mais de perto as diversas aves migratórias que, em trânsito sobre o Atlântico, insistem em fazer escala neste oásis, onde retemperam as forças e garantem alimento e/ou conseguem procriar.

Curioso e único nos Açores era também o moinho entre as duas lagoas. Ao passar pelas suas ruínas poderá entender o seu curioso funcionamento, que tinha como força motriz a água que, por gravidade e devido à construção de uma represa, passava lentamente da lagoa de cota mais alta para a outra. No entanto, moer aqui era uma solução de recurso pelo trabalho que implicava levar o cereal até lá e pelo tempo que levava a moer uma saca do mesmo.

PRC2 COR *Caldeirão*

Em baixo tome a decisão de circundar as lagoas pelo lado que melhor lhe aprouver, pois irá acabar regressando a este mesmo lugar para poder sair do *Caldeirão*. Recomenda-se, no entanto, que siga no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, mantendo as lagoas sempre à sua esquerda.

Este vulcão extinto, com vertentes a pique, mantém 2 lagoas que medram com a água direta das chuvas ou com aquela que escorre pelas encostas, alimentadas por sua vez pelos tapetes de *Sphagnum sp.* que revestem as partes altas. Estes espelhos de água refletem todas as cores e orografias desta cratera salpicada de pequenos cones de erupções tardias. Todos estes contornos mudam do verão para o inverno à medida que as chuvadas enchem as lagoas. Os muros em pedra chamados de *abrigadas*, predominantemente em "L", protegem as ovelhas dos ventos vindos de qualquer quadrante. Outros, na encosta ocidental, compartimentam geometricamente os terrenos, parte deles de proprietários particulares e outra parte, baldio municipal. São indícios que mostram que nestas terras sempre houve forte atividade humana.

Aqui e nos restantes baldios da ilha havia também muita criação de gado ovino, lançado antes mesmo do início do povoamento. A atividade da pastorícia exemplificava na perfeição a vida comunitária que os corvinos mantinham. Num único dia no ano, na segunda-feira imediatamente a seguir ao domingo de Pentecostes, procedia-se à tosquia de todas as ovelhas da ilha... era o chamado "*dia do fio*" ou "*dia da lã*". Na década 1960 houve uma tentativa de estabelecer um novo regime de exploração dos baldios da ilha, que encontrou forte oposição por parte da população, e que fez chegar mais cedo o fim da ovinocultura, da produção da lã e das atividades tradicionais (económicas e sociais) relacionadas, identitárias da cultura corvina. Hoje praticamente não há ovelhas. Também aqui se criavam porcos, para os quais foram escavadas pequenas grutas dentro do *Caldeirão* para sua proteção e, imagine-se, até se cultivavam batatas no interior desta caldeira. Já nada disso se vê. Só algumas dezenas de vacas multicoloridas que pastam no interior, quebrando ocasionalmente o silêncio com o seu mugir acompanhado pelo canto das aves.

Em redor das lagoas não são as botas dos pedestrianistas a marcar o trilho, mas os cascos das vacas, que tornam o piso frequentemente enlameado e irregular. Continue tranquilamente a sua caminhada. As lagoas possuem peixes, alguns com cerca de 30 cm de comprimento, embora não seja fácil ter a perceção desse facto. Também no fundo dessas águas existem locais onde um raro feto aquático, endémico dos Açores, o *Isoetes azorica*, cria vastos e densos tapetes, a mais de 2 m de profundidade. Também raros são os indivíduos de *Euphorbia stygiana*, uma espécie arborescente também endémica da região, que surge na pequenita ilhota que vai observar no meio da segunda lagoa.

Quando contornar a segunda lagoa vai encontrar uma pequena mata de criptoméria, a única em toda a caldeira, e algumas zonas pantanosas, pelo que se recomenda atenção redobrada onde coloca os pés. Continue até encontrar o acesso que o levou ao interior do *Caldeirão* e faça-o no sentido inverso, até chegar ao ponto de onde partiu.

Espécies de Plantas Vasculares Endêmicas

Nome Científico	Nome Comum	Common Name	Protegida	P	Estatuto de Colonização
<i>Agrostis azorica</i>	-	-	Sim	X	END
<i>Agrostis congestiflora</i>	-	-	-	-	END
<i>Ammi trifoliatum</i>	-	-	Sim	X	END
<i>Angelica lignescens</i>	Angelica	Azorean Angelica	Sim	X	END
<i>Arceuthobium azoricum</i>	-	Azorean dwarf mistletoe	Sim	X	END
<i>Asplenium azoricum</i>	-	-	Sim	-	END
<i>Azorina vidalii</i>	Vidalia	Azores Bellflower	Sim	X	END
<i>Bellis azorica</i>	Margaridas	-	Sim	X	END
<i>Cardamine caldeirarum</i>	-	Azorean bittercress	-	-	END
<i>Carex hochsteteriana</i>	-	-	-	-	END
<i>Carex peregrina</i>	-	-	-	-	MAC
<i>Carex viridula</i>	-	Yellow sedge	-	-	MAC
<i>Carex vulcani</i>	-	-	-	-	END
<i>Chaerophyllum azoricum</i>	-	-	Sim	X	END
<i>Corema album</i>	Camarinha	Portuguese crowberry	Sim	X	END
<i>Daboecia azorica</i>	Queiró	-	Sim	X	END
<i>Daucus carota</i>	Salsa-burra	Wild carrot	-	-	END
<i>Deschampsia foliosa</i>	Feno	-	-	-	END
<i>Dryopteris azorica</i>	-	-	-	-	END
<i>Dryopteris crispifolia</i>	-	-	-	-	END
<i>Elaphoglossum semicylindricum</i>	Língua-de-vaca	-	-	-	MAC
<i>Erica azorica</i>	Urze, Vassoura	Azorean heather	Sim	-	END
<i>Euphorbia azorica</i>	Erva-leiteira	Azorean spurge	-	-	END
<i>Euphorbia stygiana</i>	Travisco-macho	-	Sim	X	END
<i>Euphrasia azorica</i>	-	-	Sim	X	END
<i>Euphrasia grandiflora</i>	-	-	Sim	X	END
<i>Festuca jubata</i>	Brasel-do-mato	Fescue	-	-	MAC
<i>Festuca petraea</i>	Brasel-da-rocha	Azorean fescue	-	-	END
<i>Frangula azorica</i>	Sanguinho	Azorean Buckthorn	Sim	X	END
<i>Gaudinia coarctata</i>	-	-	-	-	END
<i>Hedera azorica</i>	Hera	Azorean Ivy	-	-	END
<i>Holcus rigidus</i>	-	-	-	-	END
<i>Huperzia dentata</i>	-	-	-	-	MAC
<i>Hypericum foliosum</i>	Malfurada, Milfurada	Hypericum	-	-	END
<i>Ilex perado subsp. azorica</i>	Azevinho	Azorean holly	Sim	-	END
<i>Isoetes azorica</i>	-	-	-	-	END
<i>Juniperus brevifolia</i>	Cedro do mato, zimbro	Azorean juniper	Sim	X	END
<i>Lactuca watsoniana</i>	Alfacinha	-	Sim	X	END
<i>Laurus azorica</i>	Louro da terra, louro de cheiro	Azorean laurel	Sim	X	END
<i>Leontodon filii</i>	Alfacinha, Patalugo-maior	-	Sim	X	END
<i>Leontodon rigens</i>	Alfacinha, Patalugo-menor	Hawkbit	-	-	END
<i>Lotus azoricus</i>	-	-	Sim	X	END
<i>Luzula purpureosplendens</i>	Saragasso	Wood rush sp	-	-	END
<i>Lysimachia azorica</i>	-	Yellow pimpernel	-	-	END
<i>Myosotis azorica</i>	Não-me-esqueças	Azorean mouse ear	Sim	X	END
<i>Myosotis maritima</i>	Não-me-esqueças	Forget-me-not	Sim	X	END
<i>Ophioglossum azoricum</i>	Língua-de-cobra	Small adder's tongue	Sim	-	END
<i>Pericallis malvifolia</i>	Cabaceira	Azorean pericallis	Sim	X	END
<i>Picconia azorica</i>	Pau-branco	Azorean picconia	Sim	X	END
<i>Platanthera micrantha</i>	Orquídea selvagem	Azores butterfly orchid	Sim	X	END
<i>Platanthera azorica</i>	-	Azorean small orchid	Sim	X	END
<i>Polypodium azoricum</i>	Polipódio	Azorean polypody	-	-	END
<i>Prunus azorica</i>	Ginjeira, Ginja-do-mato	Azorean cherry	Sim	X	END
<i>Rubus hochstetterorum</i>	Silva-mansa	Azorean blackberry	Sim	X	END
<i>Rumex azoricus</i>	Labaça-das-ilhas	-	Sim	X	END
<i>Rumex bucephalophorus</i>	-	Red dock	-	-	MAC
<i>Sanicula azorica</i>	Erva-do-capitão	-	Sim	X	END
<i>Scabiosa nitens</i>	-	-	Sim	-	END
<i>Silene uniflora</i>	Bremim, Abremim	Sea campion	Sim	X	END
<i>Smilax azorica</i>	-	Azorean greenbrier	-	-	END
<i>Spergularia azorica</i>	-	-	Sim	-	END
<i>Tolpis azorica</i>	-	Tolpis sp	Sim	-	END
<i>Tolpis succulenta</i>	-	-	-	-	MAC
<i>Vaccinium cylindraceum</i>	Uva-da-serra, Uva do mato, Romania	Azorean blueberry	Sim	X	END
<i>Viburnum treleasei</i>	Folhado	Lauristinus	Sim	X	END

Espécies de Plantas Vasculares Introduzidas

Nome Científico	Nome Comum	Common Name	Estatuto de Colonização
<i>Acacia melanoxylon</i>	Acácia	Australian blackwood	i
<i>Adiantum hispidulum</i>	Feto-pata-de-galinha	Rough maidenhair fern	i
<i>Agave americana</i>	Piteira, Pita	Century plant, American aloe	i
<i>Aptenia cordifolia</i>	Rosinha-de-sol	Baby sun rose	i
<i>Araucaria heterophylla</i>	Araucária	Norfolk island pine	i
<i>Arundo donax</i>	Cana	Giant reed	i
<i>Banksia integrifolia</i>	Bânccia, Cigarilha	Coast Banksia	i
<i>Buxus sempervirens</i>	Buxo	Boxwood, common box	i
<i>Canna indica</i>	Conteira	Canna lilly	i
<i>Carpobrotus edulis</i>	Bálsamo, Chorões	Ice plant, Hottentot fig	i
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	Cedro-fino	Lawson's cypress	i
<i>Chelidonium majus</i>	Erva-das-verrugas	Greater celandine	i
<i>Chrysanthemum segetum</i>	Malmequer bravo	Corn marigold	i
<i>Colocasia esculenta</i>	Inhame	Taro	i
<i>Corynocarpus laevigatus</i>	Loureiro-da-Nova-Zelândia	Karaka	i
<i>Cryptomeria japonica</i>	Criptoméria	Cryptomeria	i
<i>Cyrtomium falcatum</i>	Feto-azevinho	Japanese Holly-fern	i
<i>Doodia caudata</i>	-	Small rasp fern	i
<i>Eucalyptus globulus</i>	Eucalipto	Tasmanian bluegum	i
<i>Fagus sylvatica</i>	Faia europeia	European beech	i
<i>Ficus carica</i>	Figueira	Common fig	i
<i>Gunnera tinctoria</i>	Gigante	Chilean rhubarb, dinosaur food	i
<i>Hedychium gardnerarum</i>	Roca-da-velha, Conteira	Yellow-ginger-lilly	i
<i>Hydrangea macrophylla</i>	Hortênsia	Hydrangea	i
<i>Ipomoea indica</i>	Glória-da-manhã	Blue morning glory	i
<i>Lantana camara</i>	Lantana, Camará	Lantana	i
<i>Lavatera arborea</i>	Malvão	Tree mallow	i
<i>Malus domestica</i>	Macieira	Apple tree	i
<i>Metrosideros excelsa</i>	Árvore-de-fogo	Metrosideros	i
<i>Opuntia ficus indica</i>	-	Barbary fig, prickly pear	i
<i>Phormium tenax</i>	Espadana	New Zealand flax	i
<i>Physalis peruviana</i>	Tomate-de-capucho	Cape gooseberry, goldenberry	i
<i>Pinus pinaster</i>	Pinheiro-bravo	Cluster pine	i
<i>Pittosporum undulatum</i>	Incenso, Faia	Australian cheesewood	i
<i>Platanus acerifolia</i>	Plátano	London plane	i
<i>Polygonum capitatum</i>	Erva-do-capitão	Pinkhead smartweed	i
<i>Populus nigra</i>	Choupo	Black poplar	i
<i>Psidium littorale</i>	Araçaleiro	Strawberry guava	i
<i>Quercus sp</i>	Carvalho	Oak	i
<i>Rubus ulmifolius</i>	Silva	Thornless blackberry	i
<i>Sequoias sempervirens</i>	Sequoia	Coast redwood	i
<i>Solanum mauritianum</i>	Fona-de-porca	Solanum	i
<i>Spartina versicolor</i>	-	Cord grass	d
<i>Tetragonia tetragonioides</i>	Espinafre da Nova Zelândia	New Zealand spinach	i
<i>Trandescantia fluminensis</i>	Erva-galinha	River spiderwort	i

Espécies de Plantas Vasculares Nativas

Nome científico	Nome comum	Common Name	Protegida	Estatuto de colonização
<i>Asplenium heminiotis</i>	Feto de 3 bicos	-	-	n
<i>Calluna vulgaris</i>	Rapa, Queiró	Common heather	-	n
<i>Centaureum sciloides</i>	-	Perennial centaury	-	n
<i>Crithmum maritimum</i>	Perrexil	Rock samphire	-	n
<i>Culcita macrocarpa</i>	Feto-cabelinho	Tree fern	Sim	n
<i>Diplazium caudatum</i>	-	-	-	n
<i>Equisetum telmateia</i>	Cavalinha	Horsetail	-	n
<i>Morella faya</i>	Faia-da-terra	Candleberry tree	-	n
<i>Myrsine africana</i>	Tamujo	Cape myrtle	-	n
<i>Osmunda regalis</i>	Feto-real	Royal fern	-	n
<i>Parentucellia viscosa</i>	Erva-peganhenta	Yellow bartsia	-	n
<i>Potentilla erecta</i>	Tomentilha	Tormentil, erect cinquefoil	-	n
<i>Pteris incompleta</i>	-	-	-	n
<i>Ranunculus cortusifolius</i>	Bafo-de-boi	Buttercup sp	-	n
<i>Solidago sempervirens</i>	Cubres	Seaside goldenrod	-	n
<i>Trichomanes speciosum</i>	-	Killarney Fern	-	n
<i>Woodwardia radicans</i>	Feto-do-botão	Rooting chainfern	Sim	n

Espécies de Fauna Endémica dos Açores

Artrópodes Terrestres

Nome Científico	Nome Comum	Common Name	Protegida	P	Estatuto
<i>Argyresthia atlanticella</i>	Traça-da-urze	-	-	-	END
<i>Pisaura açorensis</i>	Aranha-creche	<i>Nursery-web spider</i>	-	-	END
<i>Pieris brassicae açorensis</i>	Borboleta-da-couve-dos-Açores	<i>Azorean large white</i>	-	-	END
<i>Savigniorhipis açorensis</i>	Aranha-do-cedro-do-mato	-	-	-	END
<i>Tarphius azoricus</i>	Escaravelho-dos-fungos	<i>Ironclad beetle</i>	Sim	-	END
<i>Trechus isabellae</i>	Carocho cavernícola	-	Sim	-	END
<i>Trechus terreiranus</i>	Escaravelho cavernícola	<i>Ground-beetle</i>	Sim	-	END
<i>Turinyphia cavernicola</i>	Aranha-cavernícola	-	Sim	-	END

Vertebrados (Aves, Mamíferos)

Nome Científico	Nome Comum	Common Name	Protegida	P	Estatuto
<i>Buteo buteo rathschildi</i>	Milhafre, Queimado	<i>Buzzard</i>	Sim	X	END
<i>Columba livia atlantis</i>	Pombo das rochas	<i>Rock dove</i>	Sim	-	END
<i>Columba palumbus azorica</i>	Pombo Torcaz dos Açores	<i>Azores wood pigeon</i>	Sim	X	END
<i>Fringilla coelebs moreletti</i>	Tentilhão-comum	<i>Chaffinch</i>	Sim	X	END
<i>Larus michahellis atlantis</i>	Gaivota-de-pernas-amarelas	<i>Yellow legged gull</i>	Sim	-	END
<i>Motacilla cinerea patriciae</i>	Alvéola-cinzenta, Lavandeira	<i>Grey wagtail</i>	Sim	-	END
<i>Nyctalus azoreum</i>	Morcego dos Açores	<i>Azorean bat</i>	Sim	-	END
<i>Oceanodroma monteiroi</i>	Painho-de-monteiro	<i>Monteiro's storm-petrel</i>	Sim	X	END
<i>Pyrrhula murina</i>	Priôlo	<i>Azores bullfinch</i>	Sim	X	END
<i>Regulus regulus inermis</i>	Estrelinha	<i>Goldcrest</i>	Sim	X	END
<i>Regulus regulus santae-mariae</i>	Estrelinha	<i>Goldcrest</i>	Sim	X	END
<i>Sturnus vulgaris granti</i>	Estorninho-malhado	<i>Starling</i>	Sim	-	MAC, END
<i>Sylvia atricapilla gularis</i>	Toutinegra, Avinagreira	<i>Blackcap</i>	Sim	-	END
<i>Turdus merula azorensis</i>	Melro-preto	<i>Black bird</i>	Sim	-	END

Espécies de Aves Migradoras nos Açores

Espécies Aquáticas

Nome Científico	Nome Comum	Common Name	Protegida	P	Estatuto
<i>Anas acuta</i>	Arrábio	<i>Northern Pintail</i>	Sim	-	i
<i>Anas americana</i>	Piadeira-americana	<i>American Wigeon</i>	-	-	ir
<i>Anas crecca</i>	Marrequinha	<i>Eurasian Teal</i>	Sim	-	ir
<i>Anas discors</i>	Marreca d'asa azul	<i>Blue-winged Teal</i>	-	-	ir
<i>Anas penelope</i>	Piadeira	<i>Eurasian Wigeon</i>	Sim	-	ir
<i>Arenaria interpres</i>	Rola-do-mar	<i>Ruddy turnstone</i>	Sim	-	mr
<i>Aythya collaris</i>	Zarro-de-colar	<i>Ring-necked duck</i>	Sim	-	i
<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-boieira	<i>Cattle egret</i>	Sim	-	i
<i>Calidris alba</i>	Pilrito-das-praias	<i>Sanderling</i>	Sim	-	mr
<i>Calidris alpina</i>	Pilrito-de-peito-preto	<i>Dunlin</i>	Sim	X	mo
<i>Calidris canutus</i>	Seixoeiro	<i>Red Knot</i>	Sim	-	mr
<i>Calidris fuscicollis</i>	Pilrito de Bonaparte	<i>White-rumped Sandpiper</i>	Sim	-	mr
<i>Charadrius hiaticula</i>	Borrelho-grande-de-coleira	<i>Common ringed plover</i>	Sim	-	mr
<i>Charadrius semipalmatus</i>	Borrelho-semipalmado	<i>Semipalmated plover</i>	Sim	-	mr
<i>Egretta garzetta</i>	Garça-branca-pequena	<i>Little Egret</i>	Sim	X	mr
<i>Gallinago delicata</i>	Narceja de Wilson	<i>Wilson's snipe</i>	-	-	mr
<i>Limosa lapponica</i>	Fuselo	<i>Bar-tailed Godwit</i>	-	-	mr
<i>Limosa limosa</i>	Maçarico-de-bico-direito	<i>Black-tailed Godwit</i>	Sim	-	mr
<i>Numenius phaeopus</i>	Maçarico-galego	<i>Whimbrel</i>	Sim	-	io
<i>Plegadis falcinellus</i>	Íbis-preta	<i>Glossy ibis</i>	-	-	mo
<i>Pluvialis squatarola</i>	Tarambola-cinzenta	<i>Black-bellied Plover</i>	Sim	-	mr
<i>Tringa flavipes</i>	Perna-amarela-pequena	<i>Lesser Yellowlegs</i>	-	-	mr
<i>Tringa nebularia</i>	Perna-verde	<i>Common greenshank</i>	Sim	-	mr
<i>Vanellus vanellus</i>	Abibe	<i>Northern lapwing</i>	Sim	-	io

Espécies Marinhas

<i>Larus delawarensis</i>	Gaivota-de-bico-rosado	<i>Ring-billed gull</i>	Sim	-	ir
<i>Larus ridibundus</i>	Guincho-comum	<i>Black-headed gull</i>	Sim	-	ir
<i>Morus bassanus</i>	Ganso-patola, Albatroz	<i>Northern gannet</i>	-	-	mo

Espécies de Aves Nidificantes nos Açores

Espécies Terrestres/Passeriformes

Nome Científico	Nome Comum	Common Name	Protegida	P	Estatuto
<i>Carduelis carduelis</i>	Pintassilgo	Goldfinch	Sim	-	N
<i>Carduelis chloris</i>	Verdilhão	Common Greenfinch	Sim	-	N
<i>Erythacus rubecula</i>	Vinagreira	European robin	Sim	-	N
<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	Common waxbill	-	-	N
<i>Oenanthe oenanthe</i>	Chasco-cinzento	European wheatear	Sim	-	N
<i>Passer domesticus</i>	Pardal	House sparrow	Sim	-	N
<i>Serinus canaria</i>	Canário-da-terra	Canary	Sim	-	MAC

Espécies Terrestres/Não Passeriformes

<i>Alectoris rufa</i>	Perdiz-vermelha	Red-legged partridge	-	-	N
<i>Asio otus</i>	Mocho	Long-eared owl	Sim	-	N
<i>Coturnix coturnix</i>	Codorniz dos Açores	Common quail	Sim	-	N
<i>Psittacula krameri</i>	Periquito-rabjunco	Rose-ringed parakeet	-	-	N
<i>Streptopelia decaocto</i>	Rola-turca	Eurasian collared dove	-	-	N

Espécies de Zonas Húmidas

<i>Anas rubripes</i>	Pato-escuro	American black duck	-	-	N
<i>Anas platyrhynchos</i>	Pato-real	Mallard	Sim	-	N
<i>Ardea cinerea</i>	Garça-real	Grey heron	Sim	-	N
<i>Charadrius alexandrinus</i>	Borrelho-de-coleira-interrompida	Kentish plover	Sim	X	N
<i>Charadrius vociferus</i>	Borrelho-de-coleira-dupla	Killdeer	-	-	N
<i>Fulica atra</i>	Galeirão-comum	Eurasian coot	Sim	-	N
<i>Gallinago gallinago</i>	Narceja-comum	Common snipe	Sim	-	N
<i>Gallinula chloropus</i>	Galinha d'água	Common moorhen	Sim	-	N
<i>Scolopax rusticola</i>	Galinholá	Woodcock	Sim	-	N

Espécies Marinhas

<i>Bulweria bulwerii</i>	Alma-negra	Bulwer's petrel	Sim	X	N
<i>Calonectris diomedea borealis</i>	Cagarro	Cory's shearwater	Sim	X	N
<i>Oceanodroma castro</i>	Angelito, Painho da madeira	Madeiran storm-petrel	Sim	X	N
<i>Onychoprion fuscatus</i>	Garajau-de-dorso-preto	Sooty tern	Sim	-	N
<i>Puffinus baroli</i>	Fulho	Barolo shearwater	Sim	X	MAC
<i>Puffinus puffinus</i>	Estapagado	Manx shearwater	Sim	X	N
<i>Sterna hirundo</i>	Garajau comum	Common tern	Sim	X	N
<i>Sterna dougallii</i>	Garajau rosado	Roseate tern	Sim	X	N

Espécies de Briófitos

Nome Científico	Nome Comum	Common Name	Protegida	Estatuto de Colonização
<i>Bretulia azorica</i>	-	-	-	n
<i>Neckera intermedia</i>	-	-	-	n
<i>Polytrichum commune</i>	Musgo pinheirinho	Haircap moss	-	n
<i>Sphagnum spp.</i>	Musgão, Leiva	Peat moss	Sim	END

END	Espécie endémica dos Açores
MAC	Espécie endémica da Macaronésia
mr	Espécie migrante regular
mo	Espécie migrante ocasional
ir	Espécie invernante regular
io	Espécie invernante ocasional
N	Espécie nidificante
n	Espécie nativa
i	Espécie introduzida
d	Espécie de origem duvidosa

P Taxon prioritário para a conservação



AÇORES
2020

PROGRAMA OPERACIONAL
FEDER FSE



GOVERNO
DOS AÇORES

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

trilhos.visitazores.com